

AMÉRICA SOCIALISTA

REVISTA TEÓRICA MARXISTA - Nº 16 - MAIO 2020 - CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL

**CIÊNCIA CONTRA O MISTICISMO
REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO**



Editor: Serge Goulart

Editora Assistente: Maritania Camargo

Tradução: Fabiano Leite , Felipe Libório, Leslie Loreto e Nathan Belcavello

Revisão: Bruna dos Reis, Felipe Libório, Francine Hellmann e Tiago de Carvalho

Diagramação e capa: Evandro Colzani

**Revista América Socialista
edição em português nº 16**

Livraria e Editora Marxista
Rua Tabatinguera, 318
Praça da Sé, São Paulo/SP
CEP: 01020 000
Telefone: (11) 3104 0111

www.livrariamarxista.com.br
www.marxismo.org.br
contato@marxismo.org.br
Tiragem: 1.000

A APRESENTAÇÃO

No momento em que publicamos a 16ª edição da revista teórica América Socialista o mundo passa por uma situação inédita para humanidade, o brutal aprofundamento da crise provocado pelo coronavírus. Diante de mais de 200 mil mortos a classe trabalhadora se questiona que mundo é este e recebe impactos brutais em sua consciência, se espanta com a tragédia, percebe mais claramente que sociedade é esta e começa a se interrogar qual o caminho.

Nossos leitores têm aqui uma seleção de textos especialmente organizados para ajudar na compreensão do momento e para dar suporte teórico às nossas tarefas práticas na construção de outro mundo.

Na primeira parte da revista, disponibilizamos um dossiê de textos que explicam a situação no Brasil e no mundo antes e durante a pandemia, assim como se organizam os marxistas para continuar sua luta:

- O Informe Político ao 7º Congresso da Esquerda Marxista, que apontava a profundidade da crise muito antes da chegada do novo coronavírus. A instabilidade econômica e política já era o traço marcante da situação mundial, a burguesia já sabia para onde caminhava e tinha consciência de que os trabalhadores estavam varrendo o mundo em ondas revolucionárias, dos países mais empobrecidos, como o Haiti, até os ricos e “estáveis”, como a Inglaterra. O Informe Político também fala sobre a crise das direções e, no Brasil, a necessidade de organizar os Comitês de Ação Fora Bolsonaro;

- As duas primeiras orientações da Esquerda Marxista diante da crise, que discutem a importância da manutenção dos nossos métodos e da nossa independência, mesmo na situação mais adversa;

- Um documento que aprofunda o significado da crise e suas consequências: *“Uma nova situação se criou. O mundo nunca mais vai ser o mesmo após essa pandemia do coronavírus e suas consequências. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo que era certeza se transforma em incerteza e tudo o que era acomodamento e adaptação se transforma em espanto, e medo, em impotência num primeiro momento para depois transformar-se em raiva e disposição para mudar o mundo de verdade.”*;

- E, na mais revolucionária tradição trotskista, um Programa Emergencial para a Crise no Brasil. Esse documento faz um paralelo histórico entre a situação em que foi escrito O Programa de Transição, de Trotsky, e o momento atual. Demonstra que o capitalismo há muito já não permite que a humanidade evolua e que há a necessidade de derrubar esse sistema, que nos impede acesso às mais elementares necessidades e que joga o proletariado e a juventude em direção à barbárie. Nessa perspectiva, aponta um programa de palavras de ordem que partem das necessidades imediatas dos trabalhadores e vai em direção ao rompimento com o capital, abrindo caminho para a revolução.

Para fechar o dossiê, há uma atualização dos textos em meio ao aprofundamento da crise e de nossas tarefas. Nela, a EM apresenta um calendário público de formações para ajudar no desenvolvimento de uma vanguarda que possa levar os trabalhadores à vitória.

Os documentos que compõem esse dossiê certamente

serão parte importante da história da Esquerda Marxista.

O texto seguinte é um relato da exitosa Escola Pan-americana Marxista de Quadros, da Corrente Marxista Internacional, que foi celebrada no México, no final de novembro de 2019.

A abertura das atividades aconteceu no Museu Casa Leon Trotsky. Gabriela Pérez, a diretora do Museu, saudou o acontecimento. Os demais dias da Escola foram marcados por intensos debates de temas como “Marxismo versus políticas de identidade”, a situação de Cuba e a primeira conferência sobre Trotsk na ilha, a questão da Frente Única, entre outros. A Escola contou com representantes de diversos países das Américas e, diante da convulsão que vive a América Latina, deu impulso teórico em nossa construção por todo o continente.

A onda revolucionária que varreu a América Latina, suas causas e consequência são apresentadas em um texto de Jorge Martin. Apesar das especificidades, cada movimento na América Latina faz parte do contexto mundial de instabilidade do sistema. A relação com Hong Kong, Líbano, Iraque e outros tantos países está muito demarcada. Jorge Martin explica as características revolucionárias de cada movimento e desmonta o mito professado pelos reformistas de onda conservadora.

O Chile, dando continuidade às explosões na América Latina, é analisado num texto de Carlos Cerpa, que explica o dia 18 de outubro de 2019 como um marco do que demonstra ser a maior rebelião da história do país. Nessa data, os estudantes destruíram 41 das 136 estações de metrô e foram a faísca que incendiou os trabalhadores, que trazem frescos na memória 30 anos de uma dura ditadura, transitando para a “democracia” com o mesmo plano econômico que

Paulo Guedes quer aplicar no Brasil. A menina dos olhos do imperialismo na América do Sul colapsou.

Jorge Martin escreve também sobre o Equador. O anúncio pelo presidente Lenin Moreno de contrarreformas econômicas e a brutal repressão ao movimento, com o avanço de veículos blindados sobre os manifestantes e a prisão de 200 pessoas na capital, impulsionou o “Fora Moreno”, assim como no Chile a derrubada de Piñera também era o desejo da massa dos trabalhadores.

O beco sem saída em que se encontra o capitalismo pode ser visto no excelente texto de John Peterson sobre os EUA, que mostra o quanto o império, assim como todo o planeta, encontra-se convulsionado. O autor retoma a história das duas grandes revoluções americanas, a Guerra da Independência e a Guerra Civil Americana, e afirma que, como marxistas, sabemos muito bem que os EUA não são um bloco reacionário, mas onde duas classes poderosas se enfrentam, burguesia e proletariado.

O texto traça uma linha do tempo mostrando a magnífica história de luta dos EUA e, inclusive, os equívocos de grande parte da esquerda, que nega que a luta pela independência tenha sido verdadeiramente revolucionária.

A Guerra Civil Americana é mostrada como um dos mais dramáticos momentos vividos

pela humanidade. Da posição de Marx e Engels sobre a guerra civil ao quão longe foi Abraham Lincoln, Peterson nos leva a uma agradável narrativa da história dos Estados Unidos, concluindo com o potencial revolucionário que a atualidade desperta nos jovens e trabalhadores norte-americanos.

Na segunda parte do clássico “Uma escola de estratégia revolucionária”, Leon Trotsky explica o centrismo e a capitulação do Partido Socialista Italiano, o papel da Internacional Comunista, as dificuldades de construção na Itália, as relações com os demais países da Europa, um panorama dos principais países que constituíam a Internacional, especialmente com destaque para Alemanha e França. Trotsky encerra o texto com um chamado à organização e à revolução que, nos parece, vem muito a calhar: *“aproveitem cada minuto para preparar a revolução! A época nos ajuda. Não temam que a revolução lhes escape. Organizem-se, reafirmem-se e então se aproximará a hora do ataque decisivo, verdadeiro, e então o partido lhes dirá não somente ‘à frente’, como também levará a ofensiva até a vitória.”*

Por fim, publicamos a Introdução à Dialética da Natureza, de Friedrich Engels. O texto é um brilhante resumo do desenvolvimento da ciência nos três primeiros séculos da Idade Moderna em luta contra o

obscurantismo e o misticismo. Nele, Engels aponta a grandeza revolucionária dos homens e dos acontecimentos nesta época em que as ciências naturais deram um salto para o futuro. É possível traçar um paralelo com a total decadência da burguesia na atualidade com seus dirigentes criacionistas ou terraplanistas, ignorantes e reacionários em toda linha.

O florescimento da arte e o abatimento da ditadura espiritual da Igreja durante o Renascimento, sem nenhuma dúvida, davam a dimensão da grandeza dos acontecimentos. O brilhantismo de homens como Leonardo da Vinci, Lutero, Maquiavel e outros é exemplo do nível elevado que marcou esse período. Ao mesmo tempo, vemos o quão alto a humanidade pode chegar quando existem as condições para isso. O auge atingido com homens como Newton e Descartes nos inspira a construir.

A introdução desse texto é um chamado ao conhecimento. Nela, Engels trata da dialética, do eterno movimento e transformação da matéria, joga luz sobre as necessidades dos revolucionários, explicando que grandes homens buscaram incansavelmente a ciência. Engels é um visionário, à altura daqueles que ele mesmo caracteriza como os grandes homens. Boa leitura!



Sem teoria revolucionária
não há movimento revolucionário

- 06 **A situação política antes e depois da pandemia. Como construir a organização revolucionária nestas condições**
Esquerda Marxista
- 06 Informe Político ao 7º Congresso da Esquerda Marxista
- 09 O impacto da crise do coronavírus sobre nossa atividade: Primeiras orientações da CE para a coesão organizativa em meio à emergência sanitária
- 12 Uma nova situação mundial se desenvolve e a organização revolucionária deve enfrentá-la com base nos princípios, com flexibilidade e com determinação
- 16 Programa Emergencial para a Crise no Brasil
- 21 As tarefas imediatas dos marxistas frente à tragédia organizada pelo capitalismo e os Estados nacionais
- 27 **4ª Escola Pan-americana da CMI é celebrada no México**
Corrente Marxista Internacional
- 29 **América Latina em revolução**
Jorge Martín
- 39 **Outubro vermelho no Equador**
Jorge Martín
- 47 **A eclosão do outubro chileno e o fim da transição**
Carlos Cerpa
- 60 **As tradições revolucionárias dos EUA**
John Peterson
- 71 **Uma escola de estratégia revolucionária (2ª parte)**
Leon Trotsky
- 87 **Ciência contra o misticismo: Introdução à “Dialética da Natureza”**
Friedrich Engels

Contato com a Corrente Marxista Internacional (CMI) nas Américas

CANADÁ

Fightback
fightback@marxist.ca
www.marxist.ca

Quebec
La Riposte
lariposte@marxiste.qc.ca

ESTADOS UNIDOS

Workers International League
www.socialistappeal.org

MÉXICO

La Izquierda Socialista
www.laizquierdasocialista.org
laizquierdasocialista.org@gmail.com
facebook.com/laizquierdasocialista

EL SALVADOR

Bloque Popular Juvenil
www.bloquepopularjuvenil.org
redaccion@bloquepopularjuvenil.org

REPÚBLICA DOMINICANA

cmi.dominicana@gmail.com

NICARÁGUA

vanguardiamarxistanicaraguense@gmail.com

HONDURAS

izquierdamarxista.hn@gmail.com

VENEZUELA

Lucha de Clases
www.luchadeclasses.org.ve
cmi.venezuela@gmail.com

COLÔMBIA

colombiamarxista@gmail.com

ARGENTINA

Corriente Socialista El Militante
www.argentina.elmilitante.org
elmilitante.argentina@gmail.com

BRASIL

Esquerda Marxista
www.marxismo.org.br
contato@marxismo.org.br
facebook.com/EsquerdaMarxista

INTERNACIONAL

www.marxist.com/es
contacto@marxist.com



A situação política antes e depois da pandemia. Como construir a organização revolucionária nestas condições

(Dossiê da luta nas condições da pandemia de corona vírus)

Apresentação

Publicamos a seguir uma série de documentos apresentando a atividade política e de elaboração da Esquerda Marxista desde o início deste ano trágico. Uma nova situação, inédita se abriu no mundo. Isto exige dos marxistas uma mudança de métodos de trabalho público, ao mesmo tempo que mantém, sob novas formas, sua organização, sua estrutura e sua atividade política.

Este dossiê põe à disposição dos nossos leitores como a Esquerda Marxista prosseguiu seu combate contra o governo Bolsonaro e contra a regime capitalista na situação desta pandemia. Esperamos que seja útil a todos os leitores da revista América Socialista, ajudando a compreender a situação, manter a moral revolucionária, a firmeza de ânimo e de perspectivas que são características dos verdadeiros comunistas.

Após a leitura convidamos você a entrar em contato conosco. Venha colaborar com nossa batalha de alguma forma. Vamos juntos construir o instrumento para derrotar Bolsonaro e seu governo, colocar abaixo as instituições burguesas apodrecidas e inimigas do povo, derrotar o capitalismo e abrir caminho para a humanidade se emancipar, construir o socialismo internacional.

Serge Goulart
Editor

Informe Político ao 7º Congresso da Esquerda Marxista

A ONDA REVOLUCIONÁRIA E O MEDO DA BURGUESIA

A marca determinante da situação mundial é uma total instabilidade social como resultado direto da crise econômica capitalista mundial e da crise de direção do proletariado.

Na era do capital financeiro, em que a acumulação e concentração de capital atingiram volumes sem precedentes, as forças produtivas da humanidade se debatem confinadas sob o peso colossal das já há muito obsoletas relações de produção capitalistas.

As traições das direções das organizações tradicionais da classe operária a impediram de desferir

os golpes contra o capital e tomar o poder em suas mãos. Agora, as novas gerações de proletários de todo o mundo, completamente incrédulas de que possam usar as organizações tradicionais de classe para resistir aos ataques e passar à ofensiva contra o sistema, se lançam em movimento de maneira espontânea e confusa, na sua busca histórica por um eixo de independência de classe.

Segundo a Verisk Maplecroft, uma empresa de análises políticas e socioeconômicas contratada como consultora pelo governo britânico, no ano de 2019, foi registrado um aumento sensível no nível de “agitação civil” em 47 países. O estudo intitulado “Panorama

do Risco Político de 2020” aponta que os picos de crescimento mais relevantes deste nível se deram em Hong Kong e no Chile no ano de 2019. Mas também registram elevações críticas em países como Nigéria, Líbano e Bolívia.

O relatório deste estudo, divulgado no início de janeiro de 2020, declara que o ano de 2019 está longe de ser um “raio em céu azul” e alerta que corporações e investidores deverão se adaptar a um mundo em “crescente agitação”. O relatório afirma que 2019 deve ser considerado o “novo normal”. O estudo prevê que nos primeiros 6 meses de 2020 o número de países a ver “deterioração da estabilidade” chegará a 75 – isso significa



Foto: Colectivo 2+ / Carlos Vera M.

praticamente 40% dos 198 Estados nacionais existentes no mundo.

O que eles chamam de “agitação civil” e “deterioração da estabilidade”, nós sabemos que é luta de classes expressando-se de maneira aberta nas ruas, através de manifestações de protesto, movimentos grevistas, ocupações, enfrentamentos com as forças de repressão, etc. Ou seja, tudo o que vimos e analisamos no final de 2019 como a “onda revolucionária que varre o mundo”, passando por Hong Kong, Líbano, Índia, Sudão, Argélia, Iraque, Catalunha, França, Haiti, Panamá, Honduras, Equador, Chile, Bolívia, Colômbia e muitos outros países.

A corporação da família Edelman (uma importante família burguesa norte-americana), que conta com mais de 6 mil funcionários espalhados em 60 filiais pelo mundo, divulgou um relatório intitulado “Barômetro de Confiança Edelman 2020”. A pesquisa que entrevistou mais de 34 mil pessoas ao redor do mundo entre outubro e novembro de 2019 conclui que nenhuma instituição hoje goza de confiança da população em geral. Dentre alguns dos resultados, podemos destacar que 56% da população mundial acredita que o capitalismo tal como existe hoje é mais maléfico do que benéfico para o mundo. Dentre os entrevistados nos chamados “mercados desenvolvidos”, apenas 1 terço acredita que a sua vida e de sua família irá melhorar nos próxi-

mos 5 anos. E, em todo o mundo, apenas 1 quinto dos entrevistados acredita que “o sistema trabalha para as pessoas”. O estudo indica ainda que 66% das pessoas não tem confiança de que seus atuais governantes sejam capazes de lidar com os desafios de seus países e que 83% dos empregados temem perder seus empregos.

Isso demonstra uma total falta de confiança das massas no sistema capitalista e suas instituições. Isso pode explicar os impressionantes resultados de diversas pesquisas de opinião realizadas nos EUA por diversos institutos ligados à grande imprensa e partidos políticos, divulgados amplamente. Alguns dos resultados são:

- (2019) 70% dos cidadãos dos EUA entre 18 e 29 anos de idade (a chamada geração Millenium) declaram que votariam em um candidato socialista;

- Destes, quase a metade (47%) afirmam que ações violentas contra os ricos são “às vezes justificadas”;

- (2019) 36% da geração Millenium aprova o Comunismo (um aumento em comparação com os 28% da mesma pesquisa feita em 2018).

Até uma fundação de extrema-direita nos EUA, chamada “Fundação em Memória às Vítimas do Comunismo” foi obrigada a admitir publicamente que os jovens cidadãos dos EUA preferem o socialismo ao capitalismo. A pesquisa que

realizaram entre os jovens da chamada geração Millenium, quando pergunta em qual sistema social prefeririam viver, obteve os seguintes resultados: 52% em um sistema socialista ou comunista; 40% em um sistema capitalista; 8% em um sistema fascista.

E, como previmos, e a burguesia também prevê, esta onda vai continuar e se intensificar. Longe de uma “onda conservadora”, “avanço do fascismo” ou “crescimento da direita”, o que ocorre é uma intensificação da luta de classes, acompanhada de um aumento da polarização social enquanto os imperialistas estão obrigados a atacar cada vez mais as conquistas e direitos da classe trabalhadora, na sua sanha por destruir forças produtivas para superar a crise e voltar a experimentar um período de crescimento econômico, que só será a antessala de uma crise subsequente ainda maior.

As divisões entre a burguesia sobre como conduzir esses ataques é que explicam os governos de extrema direita e seus conflitos com o “centro”, com os “democratas”. Os partidos que têm origem na classe operária (socialdemocratas, “comunistas”, e novas formações como Syriza) desmoralizam-se mais ainda ao se juntar com estes “democratas” e aplicar a política burguesa de ataques cada vez maiores. Mesmo as novas formações que ainda não chegaram ao poder, mas já se adaptam à linha em defesa da democracia contra a extrema-direita (PODEMOS, França Insubmissa, Jeremy Corbyn, etc.) também vão perdendo apoio à medida em que cada vez mais as massas, em particular sua juventude, não confiam mais na “democracia”.

Cabe a nós desenvolver as forças da Corrente Marxista Internacional enquanto intervimos com nossas seções nacionais em cada país buscando ajudar os trabalhadores e a juventude a conectar suas demandas mais imediatas e concretas à necessidade da derrubada e superação do capitalismo por uma sociedade socialista.

NO BRASIL: PASSAR PARA A PRÓXIMA FASE DO "FORA BOLSONARO"!

Confirmando nossas perspectivas desde 2018, o governo Bolsonaro se mostra cada vez mais como um governo de crise, frágil e instável. A aprovação do governo caiu vertiginosamente já no primeiro ano. Além disso, Bolsonaro está em permanente conflito com importantes setores da classe dominante, o que também se expressa no embate com órgãos da grande mídia (Globo, Folha de SP, Estadão, etc.). Ele só se mantém no poder basicamente por duas razões:

- A unidade da classe dominante em torno do programa econômico levado a cabo por Paulo Guedes. As contrarreformas e privatizações unem os capitalistas em apoio ao governo, mesmo este estando longe de ser o que eles gostariam que fosse;

- A traição em todas as frentes por parte das direções das organizações tradicionais dos trabalhadores, a começar por Lula e a direção do PT, passando pelo aparato sindical cutista, incluindo as variantes sindicais mais à esquerda, a UNE, a UBES e as direções do PCdoB, PSOL etc.

Vimos, desde o carnaval de 2019, como a consigna "Ele Não" que havia tido adesão massiva nas eleições de 2018 foi evoluindo espontaneamente de uma consigna eleitoral para uma consigna política "Fora Bolsonaro". Desde o carnaval em março, nós agitamos essa consigna sozinhos em toda a esquerda (com exceção do PCO, que entretanto atrelava esta consigna à "Lula Livre", conferindo-lhe assim um caráter diverso – determinando que a negação ao Bolsonaro passasse necessariamente pela afirmação/apoio ao Lula).

E foi nas grandes manifestações de maio/2019 contra os cortes na educação que vimos emergir espontaneamente na boca dos jovens nossa consigna em vários cantos do país, bem como constatamos que quando propúnhamos, a adesão era massiva. Em um primeiro

momento vimos os burocratas do alto dos carros de som reproduzindo o grito que vinha das massas, mas logo Lula dentro da prisão, a direção do PT, junto às direções do PSOL, PCdoB, PDT e PSB organizaram o bloqueio ao desenvolvimento desta consigna.



Com a sua linha de defesa da democracia (burguesa, evidentemente) e de resistência a uma suposta ascensão fascista, as direções dos aparatos burocráticos bloquearam o "Fora Bolsonaro" e impediram um combate sério e uma verdadeira greve geral contra a reforma da previdência de Bolsonaro-Guedes em junho. Como consequência, as mobilizações massivas do 1º semestre não se repetiram no 2º semestre – não só por este bloqueio das direções, mas também porque o governo foi obrigado a realizar recuos parciais (o regime de capitalização para a previdência ficou de fora da versão aprovada pelo Congresso, parte da verba cortada da educação foi "descontingenciada", novos ataques, como as reformas administrativa e tributária, foram postergados). Isso permitiu que o governo experimentasse uma débil recuperação de popularidade na virada do ano.

Mas, o contexto internacional revolucionário que atingiu nossa vizinhança latino-americana principalmente a partir de outubro, com consignas como "Fuera Moreno" no Equador, "Fuera Piñera" no Chile, "Fuera Duque" na Colômbia, influenciaram de maneira importante essa correlação de

forças que permite a sustentação do governo.

Foram os ventos equatorianos e chilenos que pressionaram os dirigentes do PSOL a ceder à pressão de suas bases para que aderissem ao "Fora Bolsonaro". No final de outubro, vimos várias correntes do partido, que durante meses a fio ignoravam ou combatiam abertamente nossa linha política, votar junto conosco no Diretório Nacional do PSOL uma proposta de resolução que faria o partido adotar o "Fora Bolsonaro" como sua consigna. Uma votação que dividiu a direção do PSOL literalmente ao meio. E, a maioria do DN-PSOL, agora chamada "Aliança", viu o dirigente de sua principal corrente, o Deputado Federal Ivan Valente, dizer "Fora Bolsonaro" na tribuna do Congresso Nacional apenas 2 dias depois de ter impedido nossa consigna de ser aprovada por 31 votos dos 60 membros presentes na reunião do Diretório Nacional. Nossa linha política encontrava na luta de classes as forças para mover e demover as demais posições no tabuleiro do jogo político.

Alguns dias depois, Guilherme Boulos, num ato de rua com milhares de pessoas na Avenida Paulista, se viu obrigado a gritar junto com os manifestantes "Fora Bolsonaro", evidentemente a contragosto. As manifestações públicas de Ivan Valente e Guilherme Boulos demonstram que no Diretório Nacional do PSOL eles "ganham, mas não levaram". Isso demonstra o que é possível ser feito, apesar de nossas poucas forças, com uma linha política acertada, nos utilizando da tática da frente única. Na semana seguinte, Lula é solto da cadeia e em seu primeiro discurso em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, se vê obrigado a nos responder, mesmo sem nos citar, argumentando que "alguns querem tirar o Bolsonaro, mas nós devemos respeitar os 4 anos do mandato democrático".

No final de novembro, Paulo Guedes em uma coletiva de im-

prensa nos EUA, declarou que seria necessário pisar no freio em relação às reformas, pois o Brasil poderia virar um Chile (onde havia mais de um mês a consigna nas ruas revoltosas de Santiago era “Fuera Piñera”).

A consigna política “Fora Bolsonaro” é uma consigna de frente única. Tem o potencial de expressar, ainda que pela negativa, a palavra de ordem de poder que unifica as lutas contra todos os ataques e ameaças realizados por este governo. Por isso em todos os lugares em que propomos a consigna, ela é bem aceita pela base e combatida pelos dirigentes “de esquerda”. Mas a linha política de “defesa da democracia” que permite a eles nos combater está se deteriorando a cada dia. Isso explica por que conseguimos fazer aprovar a consigna “Fora Bolsonaro” no congresso da APP no Paraná no início de fevereiro deste ano. E devemos levar este combate em todas as nossas frentes de intervenção, como o fizemos no congresso dos professores municipais de São Paulo, no congresso da Apeoesp, na greve dos trabalhadores da

Casa da Moeda, etc. Também isso nos permite deduzir que uma série de agrupamentos, correntes e partidos (como a Unidade Popular, impulsionada pelo PCR) poderão assumir publicamente o “Fora Bolsonaro”. Assim, “comitês populares”, “frentes”, “uniões”, em cidades, estados, categorias, podem surgir tendo como eixo o “Fora Bolsonaro”. Devemos participar destas iniciativas, sem querer que eles assumam nossa política toda e também sem ilusões que conseguirão reunir as massas.

Mas é preciso dar mais um passo. É preciso converter o enorme potencial contido em nossa linha política em organização. É preciso agrupar todos os que simpatizam com nossa linha política, todos os que estão de acordo nas bases de cada frente de intervenção que é necessário agitar “Fora Bolsonaro”. É preciso passar à ofensiva, colocando os burocratas “de esquerda” em situação ainda mais constrangedora e ganhar os melhores ativistas para as fileiras da Esquerda Marxista.

Chegou a hora de propor a formação de Comitês de Ação por

um movimento “Fora Bolsonaro”. Em cada escola, em cada faculdade, em cada local de moradia, de trabalho, categoria, propomos que todos que estão de acordo com essa consigna e com uma plataforma de transição (que parte da palavra de ordem “Por um Governo dos Trabalhadores sem patões nem generais”) construam Comitês de Ação conosco.

Esses comitês devem ser atrativos para a juventude, comitês de base que possam agir rapidamente posicionando-se contra todos os ataques do governo e ridicularizando cada declaração de Bolsonaro e seus asseclas. Os comitês de Ação devem buscar se fazer presentes em cada luta local pelas demandas concretas, fazendo a ligação dessas lutas com o combate maior pela derrubada do governo. O objetivo da Esquerda Marxista é reunir nesses comitês os melhores ativistas de cada local de trabalho e estudo, selecionando dentre estes os melhores para formá-los como quadros em suas fileiras.

*Comitê Central,
15 e 16 de fevereiro de 2020*

O impacto da crise do coronavírus sobre nossa atividade: Primeiras orientações da CE para a coesão organizativa em meio à emergência sanitária

É notório que as pessoas estão se sentindo preocupadas e alarmadas pela situação gerada pelo aumento dos casos de COVID-19 no Brasil. As notícias que chegam de outros países, principalmente da Itália, levam as pessoas a pensar (não sem razão) que aqui a situação pode ser ainda pior devido ao maior nível de desemprego, pobreza e ao sucateamento dos serviços públicos de saúde e saneamento.

Soma-se a isso o anúncio de Paulo Guedes sobre uma MP que permitiria aos empresários negociar individualmente com cada trabalhador a redução de jornada e salário pela metade. Isso pode levar a consequências econômicas e sociais ainda mais graves que se somarão aos problemas trazidos diretamente pela epidemia.

Ao mesmo tempo, a epidemia está gerando um debate público que pode propiciar saltos de cons-

ciência entre os trabalhadores e a juventude. Em todos os locais físicos e virtuais, pessoas estão falando sobre o novo vírus, estão muito mais atentas às notícias que chegam de outros países, estão se questionando sobre a necessidade de um sistema de saúde público, estão questionando se é melhor ou não privatizar, de onde deve vir o orçamento para a saúde, as ações contraditórias do governo etc. Isso nos permite discutir com toda uma

nova camada de pessoas questões políticas centrais como o pagamento da dívida pública, a Emenda Constitucional 95 do Teto dos Gastos, as privatizações e questionar o próprio sistema capitalista, abrindo espaço para discutir medidas que só poderiam ser tomadas com a planificação da economia sob controle dos trabalhadores, portanto para discutir a necessidade da revolução socialista.

Mesmo agora, sob essa intensa pressão para que as pessoas não se organizem, com as direções sindicais, do PT e do PSOL, buscando recuar de qualquer combate, podemos ver a disposição de luta e o “Fora Bolsonaro” ganhando as sacadas dos prédios, janelas das casas, com moradores em protesto contra o governo nos dias 15, 17 e 18/03. Essa pandemia trará profundas implicações políticas para o mundo todo. As ilusões e a confiança no sistema capitalista tendem a declinar ainda mais. Essas primeiras manifestações de protesto aqui demonstram que a tentativa das direções tradicionais da classe trabalhadora de conduzir as massas para um sentimento de “unidade nacional” junto com o governo para enfrentar a crise esbarra num sentimento muito forte cada vez mais de unidade contra Bolsonaro. Num primeiro momento, não deveremos ver uma clara radicalização generalizada – apesar de que em setores que continuarem funcionando poderá ocorrer greves e protestos bastante radicalizados de autodefesa dos trabalhadores (como vimos ocorrer local e isoladamente em fábricas da Itália, Espanha e agora se preparando aqui entre os trabalhadores do Porto de Santos). O mais provável é que diante do agravamento da crise, do medo, da confusão e das medidas cada vez mais restritivas dos governos, num primeiro momento haja uma queda drástica na atividade política. Mas, em uma segunda fase, quando a emergência sanitária for superada, poderemos testemunhar



Foto: Roberto Parizotti

um processo de radicalização política crescente ao qual buscaremos nos conectar adequadamente.

É importante que os camaradas estejam preparados para lidar com essa nova situação e saibam que ela implica modificações em nosso funcionamento. Em nosso estatuto está colocado: “A aplicação dos princípios do centralismo democrático passa por métodos organizativos que não poderão ser idênticos em cada etapa do desenvolvimento da organização. Estes métodos dependem do estado de desenvolvimento que se encontra a organização, da situação da luta de classes, da forma de dominação da burguesia, de suas relações com a classe operária, de suas tarefas. Mas em qualquer caso, estes princípios se encarnam nas formas organizativas fundamentais de uma corrente revolucionária que é necessário preservar e reforçar.”

A pressão para a dissolução da organização revolucionária agora se torna muito maior que em tempos normais. Armar política e teoricamente nossos militantes para que estes possam combater o pânico entre os nossos contatos é o que pode nos fortalecer. Diante do medo e da tendência à fuga individual, nossos militantes devem combater com ânimo e, mesmo que em condições adversas (conexões virtuais, etc.) “explicar pacientemente” com a perspectiva

da única saída possível que é coletiva: a luta de classes. Mas sempre o nível e a forma da nossa atividade devem ser definidos de acordo com a situação concreta. Por isso, a Comissão Executiva orienta as seguintes medidas para adequar o funcionamento da organização à nova situação política:

1. Reuniões dos organismos: É imprescindível manter a frequência semanal das reuniões das células e CRs neste período, mas se estas devem ocorrer com a presença física dos militantes ou por conexão remota, é algo que cada secretário de célula, responsável político e cada célula deve avaliar. Se algum militante não se sentir confortável em participar presencialmente de uma reunião, deve ser dado a ele o direito de participar remotamente e fazer a discussão coletivamente no organismo. Todos os camaradas com mais de 60 anos, ou que tem menos de 60 e fazem parte do grupo de risco, estão dispensados de participar presencialmente das reuniões, e devem participar remotamente.

2. Atividades públicas: Devemos avaliar caso a caso e sentir o estado de ânimo dos contatos, buscando sempre combater o pânico geral, mas sempre com base numa discussão política.

3...

4. Jornal: Dado que a maior parte das frentes de intervenção

está “esvaziada”, naturalmente, teríamos uma redução da venda do jornal impresso. A medida imediata tomada pela CE é a suspensão da impressão do jornal. Uma versão digital será preparada pelo comitê editorial. A edição desta semana está “aberta” (acessível a qualquer um) e está disponível no link (<https://www.marxismo.org.br/foice-martelo-edicao-especial-01/>). As próximas serão abertas somente para os assinantes. Nossa discussão política com os contatos se dará através dos artigos do site e dos meios de comunicação digitais como envio de artigos por E-mail, WhatsApp, Instagram e compartilhamentos via Facebook. A CE detalhará melhor o funcionamento da nossa imprensa na próxima semana.

5. Trabalho de contatos: Devemos procurar os contatos individualmente, saber como estão suas condições concretas e suas impressões da situação política. A partir disso, devemos indicar a leitura de nossos artigos e buscar aproximá-los da nossa análise nesse período imediato. A tática de recrutamento direto pode e deve ser utilizada nessa situação, avaliando caso a caso, o momento é perfeito para realizar conversas individuais de apresentação da Esquerda Marxista, realizando o recrutamento para nossas fileiras ante uma situação de ausência das aulas, home-office etc. Ao mesmo tempo, devemos ser sensíveis e cautelosos na

proposição, compreendendo as condições e impressões de cada contato e ser flexíveis.

6. Formação: O momento também favorece avançar a formação teórica dos camaradas à medida em que com aulas suspensas e trabalho parcialmente suspenso ou deslocado para casa, há mais tempo disponível. Um levantamento dos camaradas que ainda não tem a formação básica da Universidade Vermelha deve ser feito e posto em andamento. A situação de suspensão das aulas está prevista para até a metade de abril, em alguns casos, e até o final de março em outros. Os CRs e células devem orientar a leitura de pelo menos um livro para cada militante neste período e que posteriormente organizem informes nas reuniões de célula sobre seus aprendizados.

7. Finanças: Certamente as dificuldades se ampliarão neste período devido à redução da atividade política e cancelamento ou adiamento de eventos de arrecadação, por exemplo. Por isso, apelamos para que todos os camaradas cumpram o quanto antes o pagamento das taxas da Escola de Quadros e Congresso, bem como avaliem a possibilidade de aumentar suas cotas mensais e a possibilidade de contribuições extras em abril. Também a possibilidade de pedir mais contribuições aos contatos. Este é um momento onde a consciência

crece e o espírito de solidariedade se multiplica. Adequações e medidas sobre a arrecadação financeira serão definidas pelo CC.

8. Juventude: Com a suspensão das aulas, nossas atividades se reduzirão drasticamente nas escolas e universidades, onde temos nossa atuação de juventude concentrada. Mas, nossos contatos jovens terão dificuldades para ficar confinados em casa. É preciso que sejamos propositivos de como eles podem ocupar o tempo discutindo e planejando política conosco. Dessa maneira e com o maior tempo livre dos militantes, orientamos que sejam escritos artigos de agitação sobre a situação de cada universidade e escola em que estamos inseridos frente aos cortes e ataques do governo e das mantenedoras e o despreparo desses locais para lidar com a higienização, grupo de risco, etc. Devemos e podemos aplicar a tática de recrutamento direto com os contatos mais próximos, e propor a formação de Comitês de Ação por um movimento “Fora Bolsonaro” mesmo que virtualmente por enquanto.

9. Congresso e Escola de Quadros: O Comitê Central se reunirá em 23/04/2020 e avaliará como proceder em relação ao nosso Congresso e Escola de Quadros. Por enquanto, o calendário de Boletins Internos está mantido e, como dito no ponto 6 de finanças, o calendário para pagamento das taxas também.

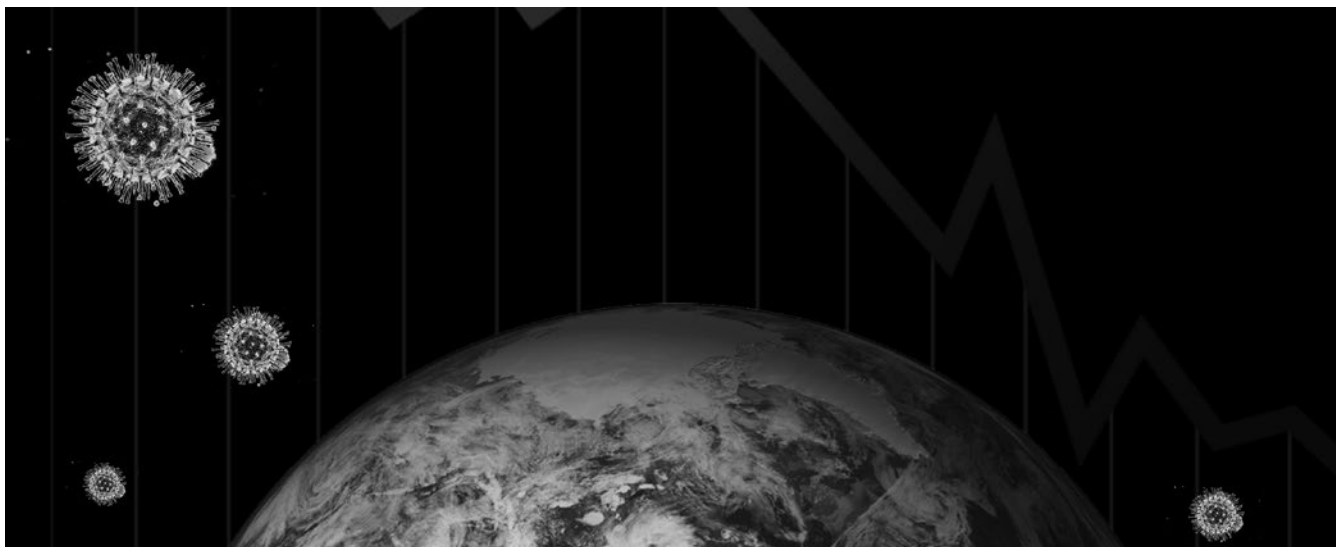
Esperamos que todos os camaradas tenham em conta a elaboração política coletiva minimizando as publicações pessoais nas redes sociais. Essa crise abre uma grande oportunidade para o futuro se formos capazes de manter nossas fileiras unidas e compactas. Para isso, contamos com a contribuição consciente e disciplinada de cada militante da nossa organização.

Saudações comunistas,

*Comissão Executiva,
19 de março 2020*



Edições online do jornal Foice & Martelo



Uma nova situação mundial se desenvolve e a organização revolucionária deve enfrentá-la com base nos princípios, com flexibilidade e com determinação

É preciso imediatamente adotar medidas de defesa da organização, de garantia de continuidade de nosso funcionamento e de nossa batalha política para construir a Esquerda Marxista e a CMI. Isto significa adaptar nosso funcionamento para um funcionamento regular virtual e suspender, neste momento, a Escola de Quadros e Congresso da EM.

A epidemia do novo coronavírus se converteu em um elemento central da situação econômica e política mundial. Nunca antes a humanidade viveu uma situação como esta. A sobrevivência do capitalismo em sua fase de apodrecimento, a continuidade da pobreza, da miséria, do sofrimento, da super exploração e da acumulação privada da riqueza que o trabalho da humanidade produz, a continuidade da ignorância, mantidas pelo sistema capitalista é que conduziu a essa situação planetária de catástrofe.

A humanidade se encontra em uma nova situação, onde a encru-

zilhada histórica entre Socialismo ou Barbárie é cada vez mais clara. A responsabilidade total pela pandemia e o caos e o medo disseminado em escala planetária é inteiramente do sistema podre da propriedade privada dos grandes meios de produção e de seus governos reacionários, que sobre a base da repressão, da mentira e do sofrimento, mantém a humanidade encadeada.

Uma nova situação se criou. O mundo nunca mais vai ser o mesmo após essa pandemia do coronavírus e suas consequências. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo que era certeza se transforma em incerteza e tudo o que era acomodamento e adaptação se transforma em espanto, e medo, em impotência num primeiro momento para depois transformar-se em raiva e disposição para mudar o mundo de verdade. Uma nova consciência vai se formar entre as massas de que esse sistema não tem o direito e não deve continuar existindo. Essa situação interna-

cional extremamente difícil exige da organização revolucionária um novo esforço para se colocar num patamar mais alto que lhe permita prosseguir o combate revolucionário para varrer o regime capitalista.

A pandemia de coronavírus acelerou as contradições do sistema capitalista. Em setores como de serviços, comércio, turismo, de companhias aéreas, o impacto tem sido maior, mas também em outras áreas, incluindo a indústria. As sucessivas quedas nas bolsas de valores de todo o mundo anunciam uma nova recessão, que, aliás, já apontávamos como inevitável antes mesmo desta pandemia. O regime capitalista e suas instituições se encaminhavam já para uma crise de proporções inéditas e o coronavírus foi o catalizador do que se passa agora.

O governo e os empresários estão evidentemente tomando todas as medidas para se aproveitar da pandemia de coronavírus e atacar ainda mais as condições de vida e trabalho da população. Como se vê

na medida de Bolsonaro de propor aos capitalistas a redução de 50% das horas de trabalho com redução de 50% do salário. Isso é uma demonstração inequívoca da tentativa de garantir o lucro dos patrões à custa dos trabalhadores. Na situação de hoje a maioria das empresas operam com 60 a 70% da sua capacidade de produção, o que significa que uma redução de 50% das horas de trabalho vai implicar numa pressão patronal para manter, ou diminuir pouco, a produção atual levando os trabalhadores a exaustão pelo aceleramento do trabalho na jornada reduzida. Sem falar do golpe profundo que é um corte de 50% no salário. Nas épocas de crescimento econômico, o patrão enriquece, nas épocas de crise, o trabalhador empobrece e os patrões mantem a riqueza acumulada.

O impacto entre a população tem sido de espanto, de incompreensão, de ansiedade e de medo diante da ameaça do novo vírus e das incertezas sobre o futuro. É preciso compreender o impacto que essa nova situação causa na consciência das massas num primeiro momento. A reação é de expectativa frente às ações dos governantes, e de certa forma, mas não exatamente, é um sentimento semelhante ao de unidade nacional, de patriotismo das massas, no início de uma guerra. A primeira reação, natural e correta, é buscar a proteção de sua vida, da sua família, de sua casa. Mas, na atual situação a reação contra os governantes e suas medidas rapidamente se transformará em um justificado ódio. Os painéis, suas palavras de ordem e a adesão de novos setores da esquerda à palavra de ordem “Fora Bolsonaro” são sinais de que esta transformação já começa. E Bolsonaro colabora intensamente para isso com suas atitudes demenciais, seu desequilíbrio, suas mentiras descaradas e sua política em relação à pandemia.

Medidas como fechamento de fronteiras, fechamento de escolas, de comércios, cinemas, etc., inter-



Foto: Fernando Zhiminaicela, Pixabay

rupção de campeonatos esportivos, paralisação do transporte público, proibição de aglomerações, proibição de circulação de pessoas, etc., nesta escala, são inéditas em tempos de paz. A pandemia do novo coronavírus é uma ameaça real, e os governos da maioria dos países atingidos estão desesperados para conter uma crise que está ameaçando de falência generalizada o sistema capitalista.

Nesta situação, em que paira um sentimento de medo nas massas, manifestações de rua estão descartadas no próximo período, todos evitando aglomerações. A convocação de atos e manifestações seria encarada como provocação e irresponsabilidade total. E este foi um elemento do que ocorreu com as fracassadas manifestações dos bolsonaristas em 15 de março. Isto nos levou a analisar que, além obviamente da vontade traidora das direções sindicais, não haveria manifestações de rua no 18 de março.

Não podemos deixar de chamar a atenção ao fato de que, se era correto suspender as manifestações de rua, outras formas de protesto (como os painéis e ações virtuais), bem como uma ampla campanha de denúncia da situação por parte dos dirigentes, deveriam ter sido organizadas, sem o que os trabalhadores são deixados à mercê das orientações (ou falta de) do governo e da mídia burguesa, seu sensacionalismo e sua manipulação.

O Comitê Central da Esquerda Marxista considera que enquanto se mantiver a atual situação de disseminação do coronavírus e as medidas de fechamento de escolas, comércio, empresas e de circulação de pessoas, não haverá manifestações, sejam elas convocadas por quem for. A medida que essa situação avançar, e a situação ficará ainda mais grave, especialmente pela quantidade de cortes na área dos serviços públicos e na saúde,

em particular nas últimas décadas e que continuam no governo burguês reacionário degenerado de Bolsonaro, começará a haver uma reação entre as massas que, passo a passo, caminhará em direção à uma explosão revolucionária. A disposição de lutar se amplia como se pode ver pelas manifestações noturnas (panelaços) de 17 e 18 de março.

A situação ressalta a necessidade de mais Serviços Públicos e mais verbas para estes serviços. É preciso denunciar amplamente que, em 2019, o governo reduziu ainda mais as verbas da Saúde, gastando apenas 100 bilhões no setor, mas que pagou R\$1 Trilhão de Reais para os bancos e especuladores através da Dívida Interna e Externa. É um escândalo que nenhum dirigente das Centrais Sindicais, ou dos Partidos de esquerda, denunciem que a única coisa intocável no Orçamento Federal é o dinheiro para os vampiros especuladores.

O que atualiza com força explosiva a bandeira de Não Pagamento da Dívida Interna e Externa, de destinação de todo o Fundo Eleitoral e Fundo Partidário para a Saúde, imediatamente, etc. Mas, neste momento é preciso entender que greves e mobilizações não são a perspectiva para o próximo período. Ao mesmo tempo, assim como na guerra, a elevação da penúria e da crise, a incapacidade dos governos de resolver os problemas básicos

da classe trabalhadora, tende a preparar a explosão de grandes revoltas em um segundo momento.

A palavra de ordem que lançamos em março do ano passado tomou as ruas e as massas, apesar e contra toda a esquerda, seja ela “revolucionária” ou reformista. Lula e PT, servis às instituições burguesas, seguem se recusando a combater pelo “Fora Bolsonaro”, apesar da crescente desmoralização do governo. Já a direção majoritária do PSOL lançou nota contra o pedido de impeachment de Bolsonaro apresentado por parte dos deputados do próprio partido, o argumento é que “o foco do PSOL e da oposição deve ser a defesa de ações enérgicas do Estado para a proteção dos mais pobres, a economia e o emprego, salvar vidas e superar a epidemia”. Ou seja, unidade nacional para combater a epidemia e depois, quem sabe, lutar contra o governo. Diante da reação negativa à nota, a Executiva Nacional do partido foi obrigada a lançar outra declaração, dois dias depois, afirmando que é preciso incluir entre as demandas atuais a “palavra de ordem ‘Fora Bolsonaro e Mourão’”. Tomam esta posição sob pressão, foram contra o “Fora Bolsonaro” até a véspera e, para deixar em aberto qualquer ação prática, completam em seguida: “ao mesmo tempo em que acumulamos nas instâncias partidárias e junto aos demais setores da oposi-

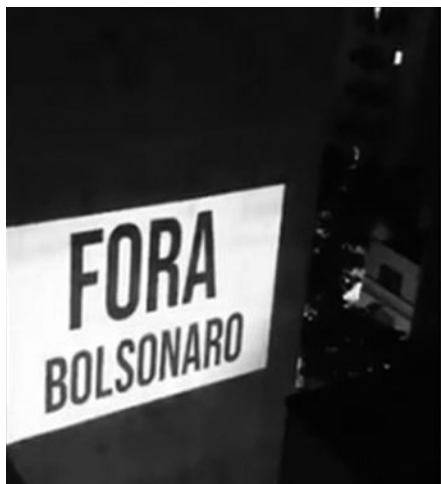
ção uma saída política mais geral”. Enquanto as direções conciliadoras e reformistas buscam bloquear o combate para pôr abaixo o governo, das janelas, nos painéis, a palavra de ordem mais popular é justamente o “Fora Bolsonaro”.

É hora de impulsionar este sentimento e este é o sentido dos Comitês de Ação Fora Bolsonaro que, por enquanto, devem ser trabalhados e preparados virtualmente. É hora de propagandear a necessidade de um Governo dos Trabalhadores, sem patrões nem generais, capaz de resolver as necessidades mais sentidas da população trabalhadora.

Nossa tática deve se adequar a este momento, o que significa compreender o sentimento entre as massas e levar isso em consideração.

Grandes revoltas se preparam para o momento seguinte. Isto significa que a organização deve adaptar seu funcionamento ao momento atual, mantendo a sua discussão política, ampliando sua formação e, mais que isso, mantendo-se conectada aos contatos, por WhatsApp, telefone, reuniões virtuais, divulgando nossa página, organizando discussões e debates on-line, fazendo vídeos e elaborando textos, organizando discussões sobre textos clássicos, e, principalmente, recrutando novos militantes.

Toda esta atividade também deve ter uma consequência econômica, pedindo contribuições, assinaturas on-line, vendas de material on-line, etc. Os contatos continuam a existir, novos contatos podem ser feitos e desta maneira permitir a realização de nossos objetivos financeiros como a Campanha Financeira com a revista América Socialista (que terá apenas uma edição virtual, neste momento), as contribuições e a Coleta Financeira programada para o Congresso. A grande batalha da Esquerda Marxista é manter suas finanças e seus objetivos na atual situação. E isso é plenamente realizável se o conjunto se lança na batalha. Neste momento, mais que



“Fora Bolsonaro” foi a principal palavra de ordem dos panelaços que ocorreram por todo o país

nunca, a Esquerda Marxista depende da iniciativa, do impulso e da determinação disciplinada de seus militantes comunistas.

O CC reafirma que todas as instâncias devem manter o seu funcionamento regular, com a reunião semanal da Comissão Executiva, Comitês Regionais, setores e células. É isto que permitirá manter a organização coesa, discutindo política, a aplicação das decisões e as tarefas para atingirmos nossos objetivos.

Todos os organismos, a partir da CE devem organizar áudios e vídeos on-line explicando a situação geral, mas também discutindo e explicando a situação local ou regional. Mas, principalmente, os militantes estão todos chamados a se engajar nas tarefas de discussão, propaganda e agitação on-line, sempre reproduzindo tudo em nossas páginas, em nossos canais nos meios sociais, etc. A iniciativa dos organismos e militantes mostrará uma organização viva e combatente, conectada às necessidades e aos sentimentos da massa.

É preciso um enorme esforço para adaptar nosso funcionamento e nossa militância para ser praticamente virtual no próximo período. Isso exigirá disciplina e determinação para impedir a pressão pela dissolução da organização revolucionária. A Esquerda Marxista pode e deve sair mais forte, com mais formação, mais contatos, com mais firmeza e convicção comunista desta situação inédita de desastre mundial.

SUSPENSÃO DO CONGRESSO E DA ESCOLA DE QUADROS

Nesta situação o CC decide suspender a realização da Escola de Quadros e do Congresso Nacional da EM, que deveriam ocorrer entre os dias 18 e 21 de abril de 2020. Não há condições políticas, sanitárias, de transporte e alojamento para realizar estas atividades. E para a organização está acima de tudo buscar garantir a segurança e

a integridade física e intelectual de seus militantes.

A cada dia novos estados decidem decretar a proibição de eventos em locais fechados com mais de 100 pessoas, alguns estados começam a impedir a chegada de voos e ônibus de outros Estados do país. Vamos em direção ao fechamento total da fronteira e voos internacionais tem sido cancelados, assim como voos nacionais. É imprevisível a evolução desta situação com a elevação da crise e o endurecimento de medidas de contenção de circulação de pessoas e de reunião. Desta forma, é praticamente impossível realizar a atividade. A decisão que se impõe é a suspensão da realização do Congresso e da Escola de Quadros.

Ao mesmo tempo, a discussão preparatória do Congresso deve ser mantida. Todo o giro que temos discutido em nossa organização com o Informe preparatório segue vigente e é mais necessário do que nunca. Os Boletins Internos seguirão sendo publicados nas datas previstas.

Como, ainda mais nessa nova situação, é preciso manter e aprofundar a discussão e compreensão política e nossas tarefas o Comitê Central se engaja para organizar formas de discussão virtual com o conjunto dos militantes, especialmente sobre o ponto central do Congresso: situação política e tarefas de construção e sobre temas de formação.

A CE tem um mandato do CC para avaliar a evolução da situação, até o momento em que se possa definir nova data para a realização de um Congresso em que se elegerá o Comitê Central. Até lá o Comitê Central atual mantém toda sua atividade e suas responsabilidades conforme determina o Estatuto da Esquerda Marxista.

Nossa atividade, nossos gastos e nossos compromissos continuam existindo e, portanto, as taxas dos CRs para a realização do Congresso e da Escola precisam continuar sendo pagas conforme o prazo es-

tabelecido anteriormente. Há enormes gastos já feitos que podem ser transformados simplesmente em prejuízos apesar dos esforços feitos para reverter estes pagamentos, como passagens, reserva do auditório, etc. Nem é preciso dizer que as cotas devem ser pagas em dia para não ampliar as dificuldades.

Toda esta situação exige adequações em nosso funcionamento (conforme as orientações elaboradas e enviadas pela CE durante a semana, referendadas por este CC), mudanças no jornal e na revista, que passam a ser virtuais, assim como medidas e esforços para manter toda arrecadação financeira necessária.

Reforçamos: é preciso manter o funcionamento regular dos organismos com as adequações necessárias para o momento. Os organismos e militantes devem dedicar-se à formação e à elaboração política e teórica, além de aprofundar a aproximação e discussão com os contatos.

Neste momento tumultuado, os marxistas devem manter a serenidade e explicar pacientemente o que se passa no mundo e aqui, apresentar nossas análises e posições, seguir fazendo contatos e recrutando, preparando nossa organização para o período seguinte de retomada das grandes lutas e mobilizações contra o governo, os patrões e o capitalismo, este sistema que cada vez mais dissemina o caos e a barbárie na sociedade.

Não pagamento da Dívida Pública!

Todo dinheiro necessário para Saúde e Serviços Públicos!

Anulação das Privatizações e das Reformas Trabalhistas e Previdenciárias!

Fora Bolsonaro! Por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais!

Abaixo o capitalismo!

Revolução e Socialismo!

***Comitê Central da Esquerda Marxista,
22 de março de 2020***

Programa Emergencial para a Crise no Brasil

Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam “maduras” para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária.

Leon Trotsky, Programa de Transição, 1938

I – INTRODUÇÃO

Em 24 de março de 2020 o número de infectados com a Covid-19 (“coronavírus”) no mundo chega a mais de 200 mil e o número de mortos está ultrapassando 20 mil pessoas. As previsões são que o número de infectados cheguem à casa dos milhões em pouco tempo e não se tem previsão segura de mortes. A chegada do vírus no Brasil é catastrófica, com previsão de centenas de milhares de infectados. Na maior parte da África, Oriente Médio e uma boa parte da Ásia, simplesmente não haverá contagem de infectados ou de mortes por falta da mínima estrutura de saúde nacional. Se hoje as notícias de “celebridades” que contraíram o vírus ocupam páginas do jornal, o proletariado, que não terá seus nomes estampados em jornais e TVs pagará o seu preço em sangue e dor muito mais que a burguesia e a pequena burguesia.

Bolsonaro falou que é preciso retomar a economia e que as medidas de isolamento devem ser suspensas, contrariando todas as opiniões médicas e científicas disponíveis. Mas não é o único. O Presidente do México, López Obrador, disse que sua fé o salvará, e aparece de forma frequente na TV beijando crianças. Trump declarou que as medidas de isolamento nos EUA deveriam terminar na Páscoa. O jornal da grande burguesia, The Wall Street Journal, escreveu em seu editorial:



“Mas nenhuma sociedade pode proteger a saúde pública durante muito tempo ao custo de sua saúde econômica geral. Até os recursos americanos para combater uma praga viral não são ilimitados e se tornarão mais limitados dia a dia conforme os indivíduos perderem os empregos, as empresas fecharem e a prosperidade americana der lugar à pobreza. Os EUA precisam urgentemente de uma estratégia pandêmica que seja mais sustentável econômica e socialmente do que o isolamento nacional atual.”

Isso é todo um programa. Na perspectiva dos capitalistas, para debelar a crise, é preciso que a produção volte a existir, que o proletariado trabalhe e que os lucros continuem a entrar no bolso dos capitalistas, da burguesia. Para os burgueses, não faltarão hospitais de elite, leitos e respiradores. Para

o proletariado, trabalhar em dobro para impedir as empresas de fecharem e garantir a “prosperidade americana”, onde os ricos se tornam mais ricos, e os pobres, mais pobres.

O mundo, hoje, vive de crise em crise. Após a crise econômica de 2007/2008, guerras sem fim devastam países inteiros – a guerra da Síria é o maior exemplo. Estima-se em mais de 70 milhões o número de “refugiados” em todo o mundo, pessoas que foram forçadas a abandonar suas casas e suas vidas, em decorrências de guerras, criminalidade desenfreada, ou simplesmente fome. As imagens dos barcos afundando, tentando chegar na Europa, e do muro nos EUA, são famosas. A crise climática e o aumento da poluição ameaçam a vida humana em todo o planeta. Vinte e seis famílias concentram

tanta riqueza quanto a metade mais pobre do mundo, e o número de bilionários e de pobres cresce.

Esse é o mundo desigual, onde o proletariado sofre e a burguesia vive de forma cada vez mais parasitária, onde o equilíbrio econômico é instável e prenuncia uma nova crise a cada momento, onde o surgimento da Covid-19 (“coronavírus”) impactou a produção, as relações comerciais e coloca em perigo a vida de milhões de pessoas no planeta. Como chegamos a isto? Nós apresentamos uma breve explicação sobre esta situação (parte II) e uma plataforma para a crise (parte III).

II – UMA BREVE EXPLICAÇÃO HISTÓRICA

Quando Trotsky escreveu o Programa de Transição, a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) estava no horizonte de todos. Trotsky escrevia que as condições objetivas para a revolução proletária começavam a apodrecer.

A 2ª Guerra destruiu, como nunca antes, as forças produtivas, principalmente o proletariado. E inaugurou, logo depois, uma onda revolucionária que percorreu o globo terrestre (independência das colônias na Ásia e África, expropriação do capital na Europa do Leste, na China, em Cuba, revoluções contra a burocracia soviética na Hungria, Berlim Oriental) que encontrou o seu ápice em 1968, quando a onda se espalhou pelo mundo (Primavera de Praga, Maio Francês, revoltas estudantis nos EUA, México e dezenas de outros países).

Mas, na ausência de uma direção revolucionária, essas revoluções não foram até o final e não conseguiram derrubar o domínio da burguesia. A queda da URSS (1989) encerrou esse período de avanço revolucionário e levou a uma ofensiva política e ideológica da burguesia.

A evolução da técnica e da ciência, após a 2ª Guerra, em vez de

conduzir a um novo patamar de melhoria geral da vida, levava a desigualdades crescentes e a uma concentração de capital nunca vista antes. Poucas famílias concentram, hoje, mais da metade das propriedades do planeta.

Mais de 90% do conteúdo da internet concentra-se na “deep web”, o que significa que não são acessíveis através de sites de busca. Dentro da “deep web” existe uma parte criptografada, não acessível aos navegadores comuns, chamada “dark web”, onde se acertam e se concretizam negócios de drogas, prostituição, tráfico de escravos (sexuais ou não), assassinatos, tráfico de armas, contratação de grupos de mercenários e mais negócios “edificantes” que a moral capitalista formalmente condena. Da internet “normal”, mais da metade do conteúdo é de teor pornográfico, onde crianças e adolescentes aprendem que sexo é uma relação de domínio dos homens sobre as mulheres, enquanto se questiona a educação sexual nas escolas públicas e privadas. Este é o “maior” avanço tecnológico que temos nos tempos atuais, quando a internet é acessível a boa parte da população, principalmente via celular.

De tempos em tempos as crises explodem. E, cada vez que isso acontece, o domínio burguês é colocado em xeque. A última crise, decorrente da superprodução capitalista, aconteceu em 2007/2008, e as medidas tomadas pela burguesia não conseguiram debelá-la. O capitalismo consegue retomar o crescimento e a manutenção do funcionamento “normal” do mundo – as recessões, quebras de empresas, destruição de direitos dos trabalhadores e jovens, guerras e imigrações forçadas etc. – porém não consegue enfrentar de forma coerente uma doença nova que apareceu.

Desde então, o que se viu foi o aumento da concentração das riquezas, ataques aos direitos da classe trabalhadora e, mesmo os pífios resultados de crescimento

econômico, não significaram melhorias nas condições de vida da população, e sim maior exploração. Sem falar no crescimento das guerras localizadas, que fazem girar a indústria armamentista.

A bolsa, depois do crash de 2008, entrou numa espiral de crescimento e especulação não correspondentes à produção real. O capital fictício, estimado em 10 vezes o PIB mundial em 2008, aumentou. Preços de produtos mantinham-se artificialmente altos, como petróleo e demais minerais. A “indústria” do turismo explodiu e nunca antes houve tantos voos e cruzeiros pelo mundo. E, depois de vários alertas (SARS, Ebola, gripe suína etc.), um “simples” vírus detona uma crise mundial.

Historicamente, os vírus e bactérias são resultados da interação de animais com a humanidade. Variola, peste negra, resfriados, gripes tiveram aí sua origem. O número de novos vírus e de novas bactérias que se proliferam atualmente tem sua origem no aumento dessas interações no século 21, ao aumentar brutalmente o desmatamento, levando a ter novas espécies em contatos com a humanidade. Também ocupa um lugar de destaque, a miséria que faz com que todo animal se torne alimento, assim como a manutenção de “tradições antigas” de consumo de animais como macacos e morcegos (dentre outros), em um mundo aonde educação e ciência não são acessíveis para todos. Movimentos e organizações reacionárias como as que promovem o questionamento de vacinas e da medicina moderna fazem parte disso. Junto com o questionamento da ciência, segue-se a brutalidade da fome e da miséria que campeia.

O novo coronavírus fez mais que detonar uma crise “econômica”. Ao fazer saltar aos olhos de todos as contradições inerentes ao sistema capitalista, ele colocou em xeque a dominação da burguesia sobre o mundo. Uma classe social quando é totalmente improdutiva,

só mantém a sua justificativa social pela sua capacidade de “organizar a vida” e garantir condições, ainda que mínimas, de sobrevivência. Mas a pandemia mostrou que nem “condições mínimas” de existência a burguesia pode garantir à humanidade. A explosão na China e agora as terríveis condições da Itália, que começam se espalhar para Espanha e EUA rapidamente, mostram isso. A explosão de casos no Brasil, onde as condições de saneamento e saúde pública são ainda piores que nos países imperialistas, vai mostrar isso de forma dramática.



Imagem: Pixabay

Se a Alemanha é a exceção que confirma a regra (os casos aumentam, mas o sistema de saúde não colapsou), a regra geral é que os sistemas de saúde estão colapsando. Recomendações mínimas da Organização Mundial de Saúde (OMS), como testar todos os possíveis casos, são abertamente descumpridas pelas autoridades brasileiras que não têm os testes disponíveis e não têm como consegui-los no mercado mundial. A barreira das fronteiras nacionais e da propriedade privada dos meios de produção mostra seu lado ineficiente de forma espetacularmente brutal. Ao invés da cooperação para o estudo de remédios e para a fabricação de vacinas, o que se vê são disputas entre grandes empresas para ver quem tem um remédio primeiro, quem consegue primeiro uma vacina e vai sobreviver dos

lucros fantásticos obtidos da exploração dessa cura. No lugar de cooperação internacional entre países para fabricação de equipamentos, para treinamento de pessoal médico, surgem até casos de pirataria internacional, com países retendo equipamentos destinados a outros que estão em pior situação. O único direito existente é o do dinheiro ou da força.

Vários países proíbem exportação de itens essenciais para a saúde (álcool gel, máscaras, uniformes hospitalares, respiradores, testes de vírus), e quem não consegue produzir internamente tem o sistema em colapso. O caso do Irã é excepcional neste sentido, mas a situação do Brasil que tem somente dois laboratórios estatais que dependem de suprimentos externos, também o mostra. O teste feito pela Coreia do Sul demora de 15 minutos a uma hora para dar o resultado. No Brasil, o tempo mais rápido de resposta é de 3 dias. E aqui só se produzem 20 mil testes semanais, com previsão de aumento de produção em abril de 2020. Todo o sistema de patentes que gere a produção tecnológica, inclusive de remédios e testes laboratoriais, atrapalha decisivamente nesta situação (é a propriedade privada bloqueando o desenvolvimento das forças produtivas).

Junta-se a isto governantes que professam ideologias anticientíficas para defender os interesses da burguesia (Bolsonaro e Trump são os casos mais flagrantes). Desde um que fala que “enfrenta qualquer gripezinha” a outro que propaga em entrevista um remédio que não tem testes suficientes para determinar a eficácia e que, se administrado sem controle, é letal. O ministro da Saúde do Brasil (Mandetta), supostamente um técnico, diz que o sistema de saúde vai colapsar em um mês e que a doença vai continuar crescendo até setembro! E as medidas tomadas por governadores para tentar o “isolamento social” são desmontadas por Bolsonaro.

Na sociedade de classes, o Estado burguês tem lado e defende os patrões. Aos trabalhadores, cortes de salário, retirada de direitos, desemprego e condições materiais ainda piores para enfrentar a pandemia.

III – PLATAFORMA DE COMBATE EM DEFESA DOS TRABALHADORES E DA JUVENTUDE

O Brasil está às portas da mais grave crise humanitária da sua história. Um programa emergencial contra a crise é necessário para enfrentar a situação e abrir caminho para a sobrevivência da classe trabalhadora.

1. NÃO PAGAMENTO DA DÍVIDA INTERNA E EXTERNA! ANULAR A DÍVIDA PÚBLICA!

Os juros da dívida pública (interna e externa) chegam a mais de R\$ 700 bilhões no orçamento federal anual (sem contar os pagamentos de estados e municípios). Esse montante também não inclui os custos de rolagem da dívida que, segundo estudo da Auditoria Cidadã da Dívida, elevaria esse valor a R\$ 1,6 trilhão para o ano de 2020. Essa dívida já foi paga várias vezes, e mesmo do ponto de vista do direito burguês, é fraudulenta. Também não inclui o pagamento das dívidas dos estados e municípios – para o governo federal, bancos públicos e privados nacionais e bancos e organismos internacionais. A sangria é imensa!

Além destes valores, que são possíveis de serem contabilizados, existe um outro. A dívida externa das empresas brasileiras (e das filiais das empresas estrangeiras no Brasil) é garantida por um aval do Banco Central ou do próprio governo federal. Em outras palavras, se empresas param de funcionar, quebram ou simplesmente param de ter lucro neste momento, é o governo que vai bancar o custo disso!

É um verdadeiro saque da riqueza produzida pelo povo brasi-

leiro que enche os bolsos de grandes banqueiros e especuladores nacionais e internacionais. Todo este dinheiro deveria ser usado imediatamente para obras e medidas de emergência para conter a pandemia e sanar os problemas de saúde e saneamento no país. Com parte deste dinheiro seria possível montar rapidamente hospitais de campanha, usando pessoal militar, nos estádios de futebol, grandes hotéis, ginásios poliesportivos para a criação ágil de dezenas de milhares de leitos.

2. ESTATIZAR OS BANCOS E O SISTEMA FINANCEIRO!

Os maiores bancos brasileiros (Bradesco, Itaú, Caixa Econômica, Banco do Brasil e Santander) tiveram, somados, um lucro líquido no ano de 2019 de mais de R\$ 105 bilhões. Todas as medidas anteriores desse programa só funcionariam plenamente se todo o sistema financeiro, a começar pelos grandes bancos, fosse estatizado sob controle dos trabalhadores: suas contas abertas e todo o controle da produção e comercialização que os bancos exercem via crédito fossem imediatamente colocados a público e os trabalhadores pudessem controlar isso em benefício da maioria.

3. SUSPENDER A REMESSA DE LUCROS PARA O EXTERIOR, CONTROLE DE CÂMBIO E DO COMÉRCIO EXTERIOR!

O dólar foi a mais de R\$ 5 e isso vai ter consequências práticas sobre a vida das pessoas comuns. Itens essenciais como pão (que depende de trigo importado) aumentarão de preço. Os preços dos remédios aumentarão. E isto em plena pandemia. Os “estrangeiros” retiraram mais de R\$ 20 bilhões da bolsa do Brasil nos últimos meses (US\$ 4 bilhões). A remessa de lucros continua livre (e sem impostos). Somente a centralização do câmbio, o controle do comércio exterior somados à estatização do

sistema financeiro poderá estancar essa fuga de capitais e a queda desordenada e contínua do valor da moeda no Brasil.

4. ESTATIZAR TODO O SISTEMA DE SAÚDE – PLANOS, LABORATÓRIOS, HOSPITAIS! QUEBRAR A PATENTE DE TODOS OS REMÉDIOS, TESTES CLÍNICOS E OUTROS NECESSÁRIOS PARA A SAÚDE.

Os planos de saúde, segundo o próprio ministério, têm fundos de reserva que somam quase US\$ 100 bilhões. O lucro de hospitais, casas de saúde particulares e laboratórios de exame são exorbitantes. Dois grupos controlam a maioria dos laboratórios privados do país: grupo DASA e grupo Fleury. Os hospitais têm ainda uma maior diversidade, mas o grupo São Luiz, que incorporou a rede D’Or, e o grupo Fleury são os maiores.

Um quarto da população do Brasil possui algum plano de saúde (alguns bem básicos, a maioria exigindo coparticipação do usuário na hora de pagamento). Os outros três quartos dependem do SUS. Mas o número de leitos é 50% privado e 50% da rede SUS (incluídos aí os hospitais privados conveniados). A situação do Rio de Janeiro é das mais marcantes – mais de 8 mil leitos privados e um pouco mais de mil na rede pública.

Na situação atual de crise, estatizar todo o sistema sob controle dos trabalhadores, com plena publicidade da situação real de ocupação de leitos, UTI, número de médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e pessoal de suporte é essencial.

É necessário lembrar que, nos locais que foram mais gravemente atingidos pela pandemia até agora (China, Itália, Espanha), mais de 30% dos trabalhadores da saúde contraíram a doença. Ou seja, a contratação e treinamento de mais pessoal qualificado é urgente! Convocação de todos os aprovados em concursos públicos na área da saúde. Não basta ter mais 5 mil mé-

dicos como anuncia o ministro da Saúde. O número provavelmente é bem maior, e isto só será possível com a estatização e controle público da situação.

5. COMITÊS DE SAÚDE E DEFESA COMUNITÁRIA EM CADA BAIRRO E LOCAL DE PRODUÇÃO E TRABALHO!

Em alguns locais, organizações de moradores de favelas estão tomando a frente para pedir que as pessoas respeitem o isolamento, para garantir a entrega de bens aos mais idosos. Mas não contam com nenhum suporte.

É necessário incentivar a proliferação destes comitês que devem garantir o funcionamento dos bairros proletários, ter à sua disposição caminhões pipas de água para abastecimento emergencial, obras públicas emergenciais para garantir água em todos os locais, esgoto encanado etc. Assim como garantir o abastecimento, a chegada de atendimento médico, a circulação de quem necessita e a interdição dos que precisam ficar em casa para se protegerem.

Nos locais de trabalho os comitês devem organizar a vigilância sanitária, ter pessoal de saúde disponível para testes e exames, colocar em quarentena com salário integral os casos suspeitos, colocar pessoas que tenham contato com infectados em quarentena, desinfetar todos os locais e, se necessário, todo o prédio com suspensão de trabalho caso alguma suspeita se confirme etc.

6. ESTATIZAR TODO O SISTEMA DE TRANSPORTE!

Entre as medidas de “isolamento social” para evitar a disseminação do vírus, existe a necessidade de reduzir a superlotação dos transportes públicos. O governador do Rio de Janeiro decretou que todos os ônibus, barcas, trens e metrô só poderiam andar com passageiros sentados. A medida está correta, mas não encontra sustentação

na realidade, pois falta transporte e a superlotação permanece, só que nas plataformas das estações e pontos de ônibus. Enquanto isso, as restrições de transporte estadual e intermunicipal aumentam. E estes ônibus ficam parados. Por que não se pode dirigir imediatamente estes ônibus para as grandes cidades para suprir a demanda por mais ônibus?

Somente a planificação estatal sob controle dos trabalhadores de todo o sistema de transporte, pode trazer uma solução viável para a questão.

7. ESTATIZAR OS GRANDES GRUPOS INDUSTRIAIS, LATIFÚNDIOS E O "AGRO-NEGÓCIO"!

Durante toda esta crise a ministra da Agricultura encontrou tempo para uma reunião com o setor de supermercados para garantir o abastecimento das cidades. Uma só reunião? E os caminhoneiros que não querem sair de casa com medo da pandemia? E a produção que tende a ser sugada para o exterior por causa do alto preço do dólar? E determinados itens como trigo que são importados? Nada disso parece preocupar a nossa ministra.

Ao mesmo tempo a maioria dos governadores manda suspender o trabalho não essencial. Mas, quem está controlando isso?

Elon Musk declarou recentemente, antes que sua fábrica de foguetes e a de carros sem motorista fossem fechadas, que para construir um carro são necessárias 3 mil peças. Para não construí-lo, basta faltar uma peça. Este é todo o dilema da produção altamente tecnológica de hoje. Somente um plano centralizado de produção, que identifique tudo o que é necessário para o funcionamento real da economia, poderá manter as pessoas vivas durante a crise. Estatizar todo o sistema das grandes fábricas e grandes fazendas, com controle dos trabalhadores e com plena publicidade dos atos, é a única medida que pode avançar na solução desse problema.

8. ANULAR AS REFORMAS TRABALHISTA E DA PREVIDÊNCIA! ESTATIZAR TODO GRUPO OU EMPRESA QUE DEMITIR OU REDUZIR SALÁRIO DURANTE A CRISE! LIBERAR TODAS AS APOSENTADORIAS, LICENÇAS MÉDICAS E BENEFÍCIOS QUE ESTÃO REPRESADOS À ESPERA DE "ANÁLISE" OU "PERÍCIA"! SEGURO DESEMPREGO A TODO TRABALHADOR DESEMPREGADO OU "INFORMAL" JÁ!

É preciso decretar a proibição de qualquer demissão de qualquer trabalhador e a proibição de redução de salários ou retirada de direitos. Todos os trabalhos não essenciais, devem ter licença remunerada enquanto a emergência sanitária assim exigir, com os trabalhadores permanecendo em casa, recebendo sua remuneração integral. E isso nada pode ter a ver com as medidas atuais do governo (redução de salários, R\$ 200 de "bolsa esmola", adiantamento de férias e feriados etc.) que só servem para os capitalistas. Trata-se de inverter esta lógica.

Aplicativos como Uber, Rappi etc. devem ter todos os seus trabalhadores convertidos em contratos de trabalho e não como "parceiros" que nada controlam e hoje são superexplorados. Todo o sistema montado deve ser estatizado e utilizado para proteger os mais vulneráveis durante a crise.

Além disso, é necessário o perdão de todos os endividamentos das famílias trabalhadoras com bancos e instituições financeiras, e a suspensão de pelo menos 6 meses de tarifas de energia elétrica, fornecimento de água e esgoto, gás de cozinha e dos aluguéis a todos os moradores desempregados.

9. FORA BOLSONARO! POR UM GOVERNO DOS TRABALHADORES SEM PATRÕES NEM GENERAIS!

Bolsonaro já deixou claro de que lado está. Com este governo capacho do capital financeiro e do imperialismo americano, nenhum direito da classe trabalhadora será priorizado. Só veremos mais ataques e cortes. Aqueles que defendem a tese de que neste momento devemos nos unir para enfrentar o mal maior, que é a

pandemia, não compreenderam, ou não querem que compreendamos, que com Bolsonaro não é possível unidade para defender a vida dos trabalhadores. Não é possível unir capital e trabalho. A luta de classes segue em meio à pandemia, e as classes dominantes farão de tudo ao seu alcance para usar o momento da pandemia e atacar ainda mais as classes exploradas, aumentar seu poder de exploração sobre a imensa maioria de pobres que há no mundo, entregando uma grande parcela deles à morte – para satisfazer sua necessidade de destruição das forças produtivas na sua busca de voltar a experimentar um período de crescimento econômico. Bolsonaro representa os interesses destes, portanto, se faz como uma das medidas mais cruciais e urgentes para enfrentar essa crise, derrubar o governo Bolsonaro.

10. INTERNACIONALISMO

A produção capitalista é mundial. É impossível regredir a uma produção local. Somente a solidariedade ativa dos trabalhadores em nível mundial, poderá interromper a crise atual. As medidas a serem tomadas no Brasil, por um governo de trabalhadores sem patrões nem generais, incluem um apelo mundial à solidariedade ativa. Pesquisas médicas, suprimentos, respiradores, equipamentos de proteção, testes clínicos e outros, devem ser compartilhados mundialmente, a partir de um plano global. Este é o combate que é necessário travar para mudar o mundo e abrir a perspectiva de um futuro radioso para toda a humanidade.

Neste momento, o nosso trabalho central, no Brasil e no mundo, é construir uma verdadeira Internacional Revolucionária, que organize milhões de trabalhadores como foram, a seu tempo, a 2ª e a 3ª Internacionais. Este é o combate da Esquerda Marxista no Brasil e da Corrente Marxista Internacional (CMI) no mundo. Junte-se a nós nessa luta!

*Comitê Central da Esquerda
Marxista,
26 de março de 2020*

As tarefas imediatas dos marxistas frente à tragédia organizada pelo capitalismo e os Estados nacionais

(Atualização do Informe Político do CC ao 7º Congresso)

O Comitê Central (CC) da Esquerda Marxista (EM) reuniu-se no dia 18 de abril de 2020. Esta foi a segunda reunião da direção da organização após o início da pandemia (ver aqui a resolução do CC de 22 de março). Esta reunião ratou e discutiu os desenvolvimentos desta situação política inédita que estamos atravessando e as tarefas de construção da organização revolucionária reafirmando os princípios do bolchevismo.

O texto que segue é a resolução política da reunião que atualiza o Informe apresentado pelo CC ao 7º Congresso da EM, em 15 de fevereiro. Convidamos todos a ler o documento e, mais que isso, a juntarem-se aos comitês de ação “Fora Bolsonaro”, que estamos impulsionando em diferentes regiões, e que preparam a próxima etapa de combate quando as massas ganharem as ruas.

A onda revolucionária que percorria o mundo em 2019 foi momentaneamente interrompida, represada, pela emergência da pandemia. Mas, se a vida já era insuportável para as massas antes, com o aceleramento e aprofundamento da crise e da tragédia do corona vírus a raiva contra um sistema, já desacreditado, vai se aprofundar e o ódio de classe vai subir à alturas poucas vezes atingida.

Se, hoje, a tarefa principal é defender cada conquista, cada reivindicação, cada centímetro de terreno, superados os primeiros momentos após a pandemia os trabalhadores terão que lutar para reconquistar o que os capitalistas lhes estão retirando hoje. A burguesia e seus serviços estão utilizando inclusive a horrorosa crise atual para tentar lançar a classe trabalhadora de volta ao século 19. As massas serão forçadas a lutar pela sua sobrevivência contra uma classe exploradora cada vez mais rica, cada vez mais cínica e hipócrita, que demonstra todos os dias sua total indiferença com a vida ou a morte de bilhões de explorados e oprimidos.

Nos próximos anos viveremos uma situação extraordinariamente convulsiva, como nunca se viu antes na história. Será um período em que revolução e contrarrevolução se enfrentarão cotidianamente e a classe trabalhadora e todas suas organizações serão postos à prova. Aqueles que pretendem falar em nome da classe trabalhadora terão que provar estar à altura da tarefa, do desafio, para sobreviver como organização e realizar seus objetivos ajudando a classe trabalhadora a derrotar a classe que faz o planeta e a humanidade chorar sangue todos os dias.

É preciso agir desde já para defender a vida da classe trabalhadora e enterrar o principal responsável por esta tragédia que atravessa o mundo, o sistema capitalista. E isso ressalta a necessidade, como nunca antes, da construção de uma verdadeira Internacional dos Trabalhadores, tarefa de que participa a CMI e sua seção brasileira, a Esquerda Marxista, como uma corrente legítima do movimento operário internacional.

Agitar, propagandear, organizar!

Comissão Executiva da Esquerda Marxista

UMA NOVA SITUAÇÃO MUNDIAL

Se no informe político aprovado pelo Comitê Central em fevereiro, ainda antes do advento da Pandemia do novo coronavírus, já estava correto afirmar que a crise econômica mundial levava a uma instabilidade social sem precedentes no mundo, hoje, apenas pouco mais de 1 mês desde que a OMS caracterizou a epidemia como “pandemia” (11/03/2020), podemos dizer que a crise se acelera e se aprofunda de maneira inédita. E essa velocidade e profundidade levam a um salto

de qualidade: o mundo não é e não será mais o mesmo.

A incapacidade do sistema capitalista de lançar mão das forças produtivas que a humanidade acumulou se revela de maneira dramática aos olhos de todos. A continuidade da existência da propriedade privada dos meios de produção e dos Estados nacionais impede de salvar vidas e acarreta sofrimentos horroresos para as classes exploradas e oprimidas em escala planetária.

A imprensa burguesa notícia que na África Central, os países dis-

põem de 3 respiradores em média para cada 5 milhões de habitantes. Sobre a base de uma economia planificada mundialmente isso jamais ocorreria. E caso acidentalmente ocorresse, poderia ser rapidamente remediado com uma simples realocação de recursos. Somente a planificação da economia sobre a base da propriedade social dos meios de produção coletivamente controlada seria capaz de readequar a produção e a distribuição de maneira ágil a ponto de lidar de maneira eficaz com problemas de tal envergadura.



Em todos os países, os governos devem ser responsabilizados diretamente pelo caos e a tragédia. Nos EUA, cuja economia é a reguladora da economia mundial, onde o sistema da propriedade privada dos meios de produção foi cantado em glória e versos, a epidemia cobra seu preço em sangue. O número de mortes nos EUA, hoje, já é a metade do número de americanos mortos em toda a guerra do Vietnã. A responsabilidade de Trump nisso é inegável, como a de Boris Johnson no Reino Unido ou Giuseppe Conte na Itália, assim como a de Bolsonaro no Brasil.

Em todos os países, provavelmente muito pior nos países dominados, o resultado desta pandemia será uma tragédia sem precedentes. Uma tragédia em vidas e em desemprego e sofrimento. Mas, diferente de uma guerra mundial, esta pandemia não destrói cidades e indústrias. Por isso, além da inexistência de um país capaz de reconstruir a Europa, como foi o caso dos EUA depois da 2ª Guerra Mundial, está descartada a hipótese de um pujante boom econômico através de um novo plano Marshall. Ela ataca diretamente e

ameaça destruir apenas a principal força produtiva da humanidade – a classe trabalhadora – deixando intactos as instalações fabris e os meios de circulação. A preservação do Capital Constante é assim a preocupação central dos capitalistas que não hesitam em demitir, cortar salários, direitos e conquistas de dois séculos de luta da classe trabalhadora.

Ao final, com um custo imenso para a classe trabalhadora, os ricos estarão prontos para “reiniciar” os negócios contratando trabalhadores miserabilizados, permitindo assim um restabelecimento da taxa de lucro e do próprio lucro. A pequena burguesia e os pequenos e médios empresários sairão desta situação falidos ou proletarizados. A concentração de capital conhecerá uma aceleração brutal.

É contra essa perspectiva que a Esquerda Marxista e a CMI lutam. A tarefa dos revolucionários é denunciar incessantemente esta tragédia como fruto da sociedade capitalista e seus governos, educar e ajudar a organizar e mobilizar os trabalhadores em todo o mundo para varrer este sistema. Cada conquista, cada direito, cada centíme-

tro de terreno já conquistado pela classe trabalhadora tem que ser defendido com todas as forças pela Esquerda Marxista. E cada batalha perdida apenas deve incrementar a lista das coisas a reconquistar. Mas, em cada batalha, é dever dos marxistas colocar a perspectiva da resolução definitiva deste mar de tragédias – a necessidade da organização revolucionária e da revolução socialista. Essa é a verdadeira luta por uma verdadeira Internacional dos Trabalhadores, que nunca foi tão urgente e tão claramente percebida. Esta é a tarefa da CMI e sua seção brasileira, a Esquerda Marxista.

DEPRESSÃO ECONÔMICA

A perspectiva para os próximos meses é de depressão econômica mundial e destruição de milhões de postos de trabalho.

A OMC projeta queda de até 32% do comércio mundial para o ano de 2020. Isso significa um terço menos de circulação de mercadorias em relação ao ano anterior. E, ao passo em que as medidas de isolamento tenham que ser postergadas para além do previsto ini-

cialmente, essas projeções podem ser ainda revistas para pior.

O FMI projeta uma retração de 3% do PIB mundial para este ano. Há apenas 6 meses, no final de 2019, o FMI previa um crescimento de 3,4% do PIB mundial para 2020. E, da mesma maneira, com a extensão das medidas de isolamento por mais meses, essa estimativa também pode ser revista para pior até o final do ano.

Para os EUA, o FMI prevê retração de 5,9% do PIB. Na zona do Euro a previsão é de -7,5%. Para a América Latina, o Banco Mundial prevê cenário parecido: -5% do PIB para o Brasil, -6% para o México, -5,2% para a Argentina.

Esses números (que ainda podem piorar muito) indicam que haverá fechamento massivo de empresas e uma pressão enorme dos capitalistas para que os Estados os socorram. Isso já está acontecendo. E levará a um endividamento ainda maior dos Estados nacionais. As empresas menores serão as primeiras a quebrar e o resultado deste processo será uma concentração de capital ainda maior, como nunca antes vivida pela humanidade.

O desemprego tende a atingir níveis históricos. Nos EUA passou rapidamente de 3% (fevereiro) para 10% (março) segundo dados oficiais. A JPMorgan prevê que chegue a 20% no final de abril! No Brasil, o nível oficial de desemprego que já estava em subestimados 13% antes da pandemia, agora ameaça atingir níveis explosivos. Para e tentar evitar uma situação social absolutamente caótica, o governo Bolsonaro editou a MP 927 que permite a redução de salários em até 70% com o governo complementando com 70% do seguro-desemprego. Em apenas duas semanas de vigência, os dados oficiais apontam que mais de 1 milhão de trabalhadores formais tiveram seus salários reduzidos. Segundo as contas do próprio governo, a redução de salários pode atingir até 24,5 milhões de trabalhadores com carteira assinada (de um total de 33,6 milhões).

Se somarmos os mais de 40 milhões de trabalhadores informais, autônomos, etc. (para os quais o auxílio de R\$ 600 mensais é só um paliativo), isto significa que praticamente toda a classe trabalhadora brasileira verá sua renda mensal imediatamente afetada de maneira direta. Uma enorme pressão recairá sobre o serviço público para que os servidores tenham também seus salários reduzidos e para que se torne possível demiti-los.

PARTIDOS, SINDICATOS E LUTA DE CLASSES NO PRÓXIMO PERÍODO

Se para mais da metade da população mundial o capitalismo já era visto como prejudicial à humanidade antes da pandemia, agora o aprofundamento da crise desnuda o sistema. O papel da burguesia como classe dominante está em xeque como nunca antes. Isso tem um impacto importante na consciência das atuais gerações da classe trabalhadora em todo o mundo.

O desenvolvimento do cenário internacional convulsivo de 2019 com “agitação civil” e “deterioração da estabilidade” em 47 países foi interrompido pela emergência sanitária mundial, mas apenas para retornar com força explosiva quando as condições permitirem que haja luta de classes aberta nas ruas.

Mas, atenção! Isso não quer dizer que ocorram grandes movimentos políticos do proletariado como classe assim que termine a quarentena social. O mais provável é que nos primeiros momentos após um relativo retorno à “normalidade”, atordoado pelo sofrimento que lhe foi imposto, o proletariado buscará respirar e agarrar-se a qualquer tábua de salvação. Os trabalhadores tenderão a buscar condições materiais melhores, emprego, renda. O mais provável é que será necessário um certo tempo para a poeira baixar e permitir que os trabalhadores se olhem nos olhos uns dos outros e possam dar as mãos para se lançar em grandes combates po-

líticos. E contra isso encontrarão a barreira de sempre no combate ao capital e seus governos: principalmente os dirigentes do PT, da CUT e dos sindicatos. Mas, lá estarão também os dirigentes do PSOL que desenvolvem a linha política de “defesa da democracia”, ou seja, de defesa das instituições burguesas apodrecidas.

No próximo período imediato é bastante provável que haja explosões espontâneas e semi-espontâneas por questões de sobrevivência imediata, como saques a supermercados, farmácias, lojas, etc. E também em defesa da própria vida como já vimos por parte de trabalhadores italianos em greve lutando pelo direito de realizar o isolamento social, ou mesmo em alguns setores do Brasil, como as manifestações dos trabalhadores de call centers em São Paulo.

A paralisia das centrais sindicais combinada com a capitulação das direções políticas da esquerda em direção à Unidade Nacional com a burguesia bloqueiam hoje o desenvolvimento de um movimento político capaz de paralisar todos os setores não essenciais e exigir as medidas necessárias para defender a vida, os salários, os direitos e as conquistas que estão sendo profundamente atacados pelos governos federal, estaduais e municipais e pelo patronato. Enquanto os dirigentes de esquerda apagam a linha de classe e embelezam até mesmo parte da escória bolsonarista, como se viu com Freixo defendendo Mandetta e Lula acenando para Dória, a maioria dos dirigentes sindicais se dedica a assinar acordos com os patrões cortando salários dos trabalhadores.

A produção fabril não essencial no Brasil segue a todo vapor e não se vê nenhuma iniciativa da CUT e das outras centrais, qualquer orientação de classe, para exigir suspensão das atividades não essenciais. Os principais sindicatos operários do Brasil não apresentam qualquer iniciativa real.

E isto envolve todos os setores sindicais, dos metalúrgicos do ABC

(PT) aos metalúrgicos de São José dos Campos (PSTU).

Segundo o lulista presidente da CUT, Sergio Nobre, a tarefa atual é “se concentrar nas próximas três semanas, que especialistas apontam como “pico” da pandemia do coronavírus, proporcionando segurança para que as famílias possam ficar em casa, garantindo empregos e fazendo o maior número possível de acordos que preservem a renda do trabalho”. fazer “o maior número possível de acordos que preservem a renda do trabalho”, (Página da CUT).

Em São José dos Campos, o PSTU se manifesta contra a redução salarial, mas não toma nenhuma medida, não faz absolutamente nada para organizar a luta contra os cortes, apenas organiza assembleias virtuais e põe a proposta patronal em votação: “Os metalúrgicos da General Motors de São José dos Campos aprovaram a proposta de acordo para suspensão de contratos de trabalho com redução de salários, neste período de crise do coronavírus. A votação foi feita por meio de assembleia virtual...

“Este, certamente, não é o melhor acordo, mas estamos num cenário em que os patrões saíram fortalecidos por conta da MP do governo Bolsonaro. O Sindicato defende a adoção de licença remunerada para todos, sem redução de salário, mas quem decide é o trabalhador”, afirma o vice-presidente do Sindicato, Renato Almeida”. (Fonte Sindicato Metalúrgicos de SJC). E assinam um acordo de redução salarial atrás do outro.

O que ambos têm em comum é formalmente estar contra, não fazer absolutamente nada para mobilizar para derrotar as propostas patronais e deixar que sejam aprovadas por trabalhadores que encurralados não tem outra saída.

A “Frente Brasil Popular” e a “Frente Povo Sem Medo” lançam uma campanha para “taxar as grandes fortunas” como se o problema fosse uma reorganização tributária e não a necessidade de re-

mover este governo e acabar com o regime da propriedade privada dos grandes meios de produção.

Com o bloqueio dessas direções, o proletariado não tem quase nenhuma possibilidade de lutar neste momento.

Quando a classe trabalhadora puder voltar a se expressar como classe novamente, ela vai contabilizar o quanto perdeu e como os patrões se safaram através de demissões, cortes salariais e montanhas de dinheiro público. A situação atual vai levar a uma radical modificação na consciência das massas e quando ela puder se expressar terá que lutar para reconquistar tudo o que está perdendo. Haverá no interior da classe e dos sindicatos uma enorme pressão da base para se defender e reconquistar.

Essa situação vai se expressar em greves e manifestações no interior das quais vão surgir novos ativistas sindicais e novas direções representando essas lutas e suas reivindicações. O movimento operário brasileiro entrará em uma nova fase de transformação, onde as velhas direções burocráticas e passadas para o lado do capital serão severamente questionadas e se chocarão com a classe de diferentes formas.

QUANTO MAIS CRISE, MAIS OS REFORMISTAS VÃO À DIREITA

A situação do governo Bolsonaro e a crise das instituições continuam se aprofundando ainda mais nesta situação de crise. O choque entre o presidente e seu próprio ministro da saúde, entre o presidente e governadores e prefeitos, é um quadro surreal num mundo “normal” e mostra uma crise profunda e uma total incapacidade das classes dominantes em resolver a situação. O governo sobrevive só porque não há nenhuma oposição real.

Pesquisa do Datafolha mostra que até mesmo dentre os que votaram em Bolsonaro, 17% estão arrependidos (10 milhões de pessoas).

Em pesquisa recente da XP/Ipespe 42% dos entrevistados considera o governo Bolsonaro ruim ou péssimo. No momento em que a consigna “Fora Bolsonaro” é assumida pelas amplas massas de todo o país, Lula e a direção do PT se apresentam para sustentar a continuidade do governo. Após terem combatido publicamente a palavra de ordem lançada pela Esquerda Marxista, agora lançam um manifesto (com PCdoB, PSOL, PDT e PSB) que “aconselha” Bolsonaro a renunciar. Em seguida, decidem que não adotam a consigna “Fora Bolsonaro”. O PSOL, apesar de tardia e formalmente adotar o “Fora Bolsonaro”, restringe sua ação política à via institucional com um pedido de Impeachment no Congresso que foi “forçado” pelos parlamentares do MES, contra a direção majoritária do partido.

Os trabalhadores e a juventude não podem se apoiar no PT e no PSOL para levar a cabo uma luta consequente contra o governo Bolsonaro e compreenderão cada vez mais que as burocracias que dirigem esses partidos são um obstáculo para esta luta. E com o desenvolvimento desta consciência, trabalhamos para que nos encontrem.

DEFENDER A ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVER NOSSO TRABALHO

Nossa orientação anterior à pandemia segue vigente: priorizar a juventude e construir os Comitês de Ação “Fora Bolsonaro”, qualquer que seja o nome que adotem. Entretanto, a forma com que isso deve ser aplicado foi modificada pela situação objetiva. Agora, isso deve ser feito principalmente através de um trabalho virtual de agitação e propaganda. Devemos ter claro que isso pode se prolongar por muito mais tempo do que se podia prever inicialmente. Devemos nos preparar para um longo período de trabalho fundamentalmente virtual. Isso exige de todos os militantes uma dedicação maior

à produção e divulgação de conteúdos virtuais (textos, vídeos, podcasts, etc.). A formação teórica dos militantes também deve ser intensificada e acompanhada de maneira disciplinada pelos Comitês Regionais da Esquerda Marxista.

É preciso compreender também que em situações de crise calamitosa como a que estamos entrando, as pressões para a dissolução da organização revolucionária se acentuam enormemente. Uma pressão da burguesia e dos aparatos para que se abandone a luta pelo programa revolucionário em nome da “emergência que todos vivemos” e outra pressão através de todos os meios para destruir a maior conquista organizativa do proletariado em sua luta contra a burguesia: o método do centralismo democrático.

Nosso funcionamento virtual em tempos de pandemia exige a reafirmação e o reforço da Esquerda Marxista como organização democraticamente centralizada. A pressão para a dissolução da organização revolucionária é permanente na sociedade em decomposição.

UMA NOVA SITUAÇÃO SE PREPARA NA CLASSE TRABALHADORA

Entretanto, é preciso ter claro que a mudança drástica na situação, o choque dos trabalhadores com sua própria situação, as ameaças que sofrem, obrigam os trabalhadores a se interrogar sobre tudo o que se passa de maneira muito mais aguda que o normal. A atuação das direções burocráticas do proletariado terá consequências drásticas diretas e imediatas na vida de milhões de trabalhadores. A efervescência que começa agora de forma atomizada vai se transformar com o tempo em revolta, mobilização e organização. Isto exige da Esquerda Marxista um novo tipo audaz, regular e determinado de trabalho e iniciativas buscando estabelecer laços e contatos com esta franja de trabalhadores que, hoje, se interrogam e querem entender a catástrofe que se desenvolve, mas

que amanhã será a vanguarda da classe. Sem deixar de acompanhar todos nossos contatos e nosso trabalho central na juventude, cada organismo, cada militante deve se colocar a questão de como estabelecer contato com trabalhadores de todas as categorias, como discutir com eles e como ajudá-los a compreender o que se passa.

NOSSA IMPRENSA CONTINUA SENDO O ANDAIME EM TORNO DO QUAL CONSTRUÍMOS A ORGANIZAÇÃO

A conversão do nosso órgão de imprensa, o jornal Foice&Martelo, em um jornal eletrônico, bem como do nosso órgão teórico, a revista América Socialista, em uma revista eletrônica são fundamentais neste momento e importantes acertos em relação à modificação da conjuntura. O tempo que isto deve durar será ditado pela situação social e política. A Esquerda Marxista se dá o objetivo de conquistar mais 300 assinaturas do F&M até 30/06/2020 e de realizar 100% dos objetivos de sua Campanha Financeira do primeiro semestre com a revista América Socialista eletrônica e contribuições de contatos e simpatizantes.

OBJETIVO E RESULTADO, EXPLICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Lênin disse que a ditadura do proletariado podia ser resumida através da fórmula “Controle + Sovietes”, ou seja, estabelecimento de objetivos claros e de análise realista dos resultados mais democracia operária. Esta é a nossa tarefa mais importante nesta época atual.

O acompanhamento e controle político do trabalho virtual de cada militante junto aos contatos deve ser a preocupação central dos secretários de célula. As células devem ter no centro de suas discussões as táticas para melhor impulsionar os Comitês de Ação “Fora Bolsonaro”, como recrutar os melhores ativistas atraídos por eles e como amplificar nossa audi-

ência. Cada CR, cada célula, cada militante deve ter na mão sua lista de contatos, de simpatizantes e das discussões que deve fazer com cada um.

A PERSPECTIVA DE UM ENCONTRO NACIONAL DE MILITANTES DOS COMITÊS “FORA BOLSONARO”

Inevitavelmente, com o tempo, o trabalho dos Comitês de Ação, de denúncia das contradições do capitalismo e do governo em suas frentes de intervenção locais, demandará cada vez mais que se conforme um instrumento político superior, de ligação entre os Comitês de Ação, que se apresente como instrumento viável para o combate contra o governo Bolsonaro. Mas, deve ser um desenvolvimento lógico e natural promovermos em determinado momento um encontro nacional de militantes dos Comitês de Ação, inclusive para lançar iniciativas de abrangência mais ampla. Isso está em nosso horizonte e deve ser objeto de discussão do Comitê Central nos próximos meses, com um objetivo de participantes ativistas do movimento sindical e da juventude que supere amplamente nossa franja de contatos atuais.

Desde já, o Encontro Nacional Online da Juventude por Fora Bolsonaro, impulsionado pela Liberdade e Luta, pode e deve ocupar esse espaço. Devemos combater para que todos os ativistas jovens dos Comitês de Ação “Fora Bolsonaro” se inscrevam e participem do Encontro em 31/05.

ATIVIDADES NACIONAIS DE FORMAÇÃO E DE ORGANIZAÇÃO

No próximo período, temos como tarefa desenvolver a formação dos militantes e junto com isso atrair contatos para a militância organizada. Para nós, este período de quarentena social deve ser encarado como uma possibilidade de ampliar nosso trabalho de propaganda e agitação, de difusão de

nossas ideias e de aproximação de contatos. Uma tarefa central passa a ser o controle semanal dos contatos feitos, das discussões realizadas, das ações decididas. Uma excelente forma de desenvolver este trabalho é começar oferecendo uma assinatura de seis meses do Foice&Martelo eletrônico e pedindo que o contato decida quanto quer pagar por ela.

Mas, a tarefa central e primeira do Comitê Central é educar, impulsionar e organizar os militantes da Esquerda Marxista e os contatos. E isso exige uma atividade regular teórica e política que permita a todos elevar-se ao nível da situação e das tarefas que seremos chamados a cumprir no próximo período. Uma nova situação mundial se abriu e aqueles que pretendem falar em nome da classe trabalhadora, se não se colocarem à altura desta situação inédita e convulsiva, não terão direito a sobreviver como organização. Esta será uma prova gigantesca para todas as organizações do movimento operário. A Es-

querda Marxista pretende cumprir com seu destino e combaterá com todas suas forças para estar à altura das necessidades de nossa classe e do futuro da humanidade.

Para isso, é preciso ajudar o conjunto da organização a se desenvolver em meses como se fossem décadas. Assim, o CC decide realizar as seguintes atividades nacionais, e encarrega a CE de organizá-las detalhadamente:

16/05/2020: Formação: A Frente Única Operária e a Frente Única Anti-imperialista hoje

31/05/2020: Encontro Nacional Online da Juventude Liberdade e Luta por Fora Bolsonaro

27/06/2020: Seminário Nacional Online sobre Educação Pública e Gratuita e em defesa dos direitos dos trabalhadores e dos estudantes

11/07/2020: Encontro Nacional Online: Perspectivas mundiais e a luta de classes

25/07/2020: Encontro Sindical Online: Como defender os trabalhadores contra o governo e os patrões durante a crise e lutar pela

liberdade e independência sindical e de classe

08/08/2020: Formação: O Estado e a revolução proletária

22/08/2020: Formação: Introdução ao Programa de Transição - Homenagem a Leon Trotsky no 80º aniversário de seu assassinato

05/09/2020: Formação: Bases econômicas do marxismo

26/09/2020: Formação: O imperialismo e as organizações operário-burguesas no movimento operário

17/10/2020: Formação: A necessidade imperiosa da Internacional dos Trabalhadores

NOSSO OBJETIVO

Realizando essas tarefas e agindo na luta de classes nas circunstâncias dadas, é que a Esquerda Marxista se construirá no próximo período.

*Comitê Central da Esquerda
Marxista,
18 de abril de 2020*



4ª Escola Pan-americana da CMI é celebrada no México

Corrente Marxista Internacional (CMI)

Mais de 90 companheiros de nove países do continente americano participaram da 4ª Escola Pan-americana Marxista de Quadros da Corrente Marxista Internacional, que foi celebrada no México de 28 de novembro a 1º de dezembro de 2019. A reunião, que ocorreu em um momento de turbulência e levantamentos de massas na América Latina, foi um êxito, a maior Escola Pan-americana que já organizamos, revelando os avanços da CMI no continente.

A abertura da escola deu-se com um ato público no Museu Casa Leon Trotsky, na Cidade do México. Gabriela Pérez, a diretora do museu, deu as boas-vindas aos participantes e destacou a importância da reunião. Estamos muito gratos ao museu por ter hospedado a sessão e pela acolhida tão calorosa proporcionada à escola. Giardello, dirigente de Sinistra, Classe, Rivoluzione, a

seção italiana da CMI, falou da importância e das lições que devem ser tiradas do centenário da fundação da Terceira Internacional Comunista, que foi o tema principal da Escola.

Depois do ato de inauguração, os participantes foram levados a Hidalgo, onde foi realizado o restante das sessões, em três dias de intensa discussão política e grande camaradagem. Participaram companheiros do Canadá, EUA, México (da Cidade e do estado do México, Querétaro, Quintana Roo e Puebla), Honduras, El Salvador, Cuba, Venezuela, Colômbia, Brasil, Argentina, Chile e convidados da Suécia e da Suíça. A escola discutiu um amplo rol de temas, começando por uma discussão sobre “Populismo e bonapartismo na América Latina”, apresentada por Ubaldo Oropeza, da Esquerda Socialista do México.

A essa discussão seguiu-se outra sobre “Marxismo versus políticas de identidade”, introduzida pela companheira Sharon Mayren, que também participa da seção mexicana e é organizadora da Liga de Mulheres Revolucionárias. A discussão ressaltou a importância dos movimentos de massas pelos direitos da mulher, pelo matrimônio igualitário e contra a violência contra a mulher, que levaram milhões de pessoas às ruas em um país depois do outro. Esses movimentos têm um enorme potencial revolucionário. Nós, marxistas, temos o dever de participar de forma ativa e enérgica, assim como de apoiá-los com todas as nossas forças. Porém, ao mesmo tempo, devemos fazê-lo sobre a base de uma política de classe e combater todas as ideias pequeno-burguesas e burguesas que desempenham um papel negativo.





Durante a noite tivemos uma sessão muito interessante sobre Cuba, na qual Frank Garcia, marxista cubano e coordenador da primeira conferência sobre Trotsky na ilha, explicou o seu ponto de vista sobre a situação atual e os desafios da revolução, que já tem 60 anos. Frank detalhou os debates sobre a reforma constitucional e os riscos que representa uma burguesia emergente.

O sábado foi iniciado com uma discussão sobre a construção da Corrente Marxista Internacional nas Américas e companheiros de diferentes países deram um informe detalhado de seus respectivos trabalhos. Há 20 anos, a CMI tinha apenas uma seção em todo o continente, no México. Agora, temos seções estabelecidas em oito países (Canadá, EUA, México, El Salvador, Venezuela, Brasil, Bolívia e Argentina), bem como companheiros começando o trabalho de construção da organização em outros três (Honduras, Colômbia e Chile). Há ainda simpatizantes e contatos em mais países.

A esta discussão seguiu-se outra sobre a situação atual na América Latina, introduzida por Jorge Martin, que explicou a onda de levantamentos no conti-

nente, começando por Porto Rico e continuando no Haiti, Equador, Chile e, agora, Colômbia. Não se tratam simplesmente de movimentos de protesto, levantando reivindicações aos governos, mas de autênticos levantamentos que põem em questão todo o sistema e o poder. A discussão também cobriu o recente golpe de Estado reacionário contra Evo Morales, na Bolívia, e os companheiros analisaram como as políticas do MAS no poder – de fazer concessões e alianças com a agroindústria, capitalistas e multinacionais – fracassaram. Por um lado, essas políticas alienaram a base social do governo. Por outro, a própria oligarquia, que Evo Morales havia tratado de aplacar com pactos e concessões, foi quem agora realizou o golpe.

No domingo, começamos com uma discussão sobre as tradições revolucionárias nos EUA. John Peterson, de Socialist Revolution – IMT, explicou o verdadeiro significado revolucionário da Guerra da Independência e da Guerra Civil, além de explicar o desenvolvimento do movimento dos trabalhadores e a situação atual, onde há um interesse muito grande pelas ideias do socialismo, particularmente entre a juventude.

Serge Goulart, da Esquerda Marxista do Brasil, introduziu a discussão sobre a frente única e a política colonial da Internacional Comunista. Explicou como a frente única é uma tática que remonta a Marx e Engels, cujo objetivo é o de conseguir a necessária unidade da classe trabalhadora para a tomada do poder.

A Escola Pan-americana da CMI enviou mensagens de apoio aos dois camaradas no Canadá que estão sofrendo assédio policial por sua participação em um protesto contra a extrema-direita, às duas companheiras do Brasil que sofrem assédio policial e ameaças de morte e também aos nove comuneiros venezuelanos do Eixo Socialista de Barinas, que estão detidos há mais de um ano por sua luta pela revolução agrária.

A escola finalizou com os hinos internacionais do proletariado, a Internacional e Bandeira Rossa, cantados a plenos pulmões em diferentes idiomas e com a confiança de que construiremos as forças da CMI em todo o continente para estar à altura dos desafios que colocam os movimentos de massas dos trabalhadores, camponeses e da juventude.

América Latina em revolução

Jorge Martín

O mês de outubro de 2019 foi marcado por uma onda insurrecional na América Latina. De 2 a 14 daquele mês, desenvolveu-se um extraordinário levante operário e indígena no Equador contra o pacote econômico do FMI que o governo de Lenín Moreno queria impor. Quase ao mesmo tempo seguiu-se a explosão insurrecional no Chile, cujo início é possível estabelecer na jornada de 18 de outubro e que continua acontecendo, ainda que em menor intensidade, no momento da escrita destas linhas, em janeiro de 2020.

Não estamos falando simplesmente de movimentos de protesto que exigem uma série de reivindicações, mas de algo mais. Trata-se de movimentos que tomam ação direta para conseguir seus objetivos, não se assustam diante da repressão, desafiam não somente a uma decisão do governo, mas ao próprio governo e, na realidade, a todo o status quo, que começa a construir organismos embrionários de poder operário e, inclusive, organizações de autodefesa das mas-

sas diante da repressão. Estamos falando, pois, de insurreições com características revolucionárias.

Além disso, esses movimentos não se limitaram a um só país, mas em um curto período de tempo se estenderam de um país a outro. Podemos citar o enorme movimento em Porto Rico, que durante dez dias em julho de 2019 colocou centenas de milhares nas ruas e finalmente forçou a demissão do odiado governador Rosselló. O fato é ainda mais significativo tendo em conta que, oficialmente, Porto Rico é território dos Estados Unidos.

Menção a parte merece o movimento revolucionário no Haiti, que durante praticamente onze meses sacudiu o país caribenho. Começando em fevereiro, centenas de milhares saíram às ruas em manifestações massivas, greves gerais, boicotes e enfrentamentos com a polícia em protesto contra a corrupção do governo fantoche de Jovenel Moïse, contra a repressão, a miséria e a ingerência imperialista. O número de mortos não é certo, porém mais de 40 pessoas foram

assassinadas pela repressão do Estado entre setembro e novembro.

É necessário destacar que a explosão no Chile foi seguida pela greve nacional de 21 de novembro na Colômbia, uma mobilização que, apesar de ter sido convocada somente para um dia, prolongou-se pelos dias seguintes e que é um marco na luta operária e social desse país. No caso da Colômbia também não se trata de um simples movimento de protesto, mas de um desafio geral ao regime que continua até hoje.

Estes movimentos na América Latina, mesmo tendo suas próprias características, também formam parte de um processo mais amplo a nível internacional, que inclui as revoluções no Sudão e na Argélia, os movimentos revolucionários e de massas em Hong Kong, Líbano, Iraque e mesmo no Irã ao longo de 2019. Também os protestos na Catalunha em outubro formam parte da mesma onda. Em todos esses casos vimos algumas características comuns: a brutal repressão do Estado, a resiliência das massas que



não retrocedem, o questionamento de todo o regime, o descrédito das organizações tradicionais e um forte elemento de espontaneísmo.

A esses fatores devemos somar também, e de maneira muito destacada, o papel da juventude que esteve à frente da luta e, sobretudo, dos enfrentamentos com as forças de ordem. Trata-se de uma geração de jovens que entraram na vida política consciente no calor da grande recessão capitalista de 2008, aos quais o capitalismo não oferece perspectiva alguma, condenados à precariedade no emprego e que reagiram com fúria diante da rua sem saída em que se encontram.

O MITO DA "ONDA CONSERVADORA"

No caso da América Latina, o outubro vermelho de 2019 vem enterrar definitivamente o cadáver insepulcro da "onda conservadora" e da "morte da esquerda" que comentaristas burgueses, mas também acadêmicos e organizações de esquerda, haviam anunciado com rufar de tambores.

Em março de 2016, o político mexicano Jorge Castañeda, que passou de militante do Partido Comunista a ministro do governo reacionário de Vicente Fox Quesada, publicou uma coluna no New York Times com o título "A morte da esquerda latino-americana". Apoiando-se nas derrotas eleitorais do kirchnerismo na Argentina e do PSUV¹ na Venezuela, Castañeda decretava "a morte" – note bem: não o declínio nem o retrocesso, mas a morte – da esquerda latino-americana.

No Brasil, já em outubro de 2014, o líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Guilherme Boulos, falava em uma "onda conservadora" em sua coluna de opinião na Folha de São Paulo. A ideia desse e de outros comentaristas de esquerda era a de que se produzia na América Latina uma corrida do eleitorado para a direita. Alguns chegaram

a assinalar que o motivo era o seguinte: "governos progressistas" haviam aumentado o nível de vida das massas, tirado a população da pobreza e, agora que estas eram de "classe média", sua consciência havia mudado e votavam na direita. Uma teoria tanto simples quanto errada que, além disso, tinha o valor de culpar as massas e eximir os líderes de toda responsabilidade.

Como já explicamos naquele momento em várias ocasiões, não estávamos diante de uma onda conservadora na América Latina e o anúncio da morte da esquerda era muito precipitado. Certo é que, em um período curto de tempo, vimos a derrota do kirchnerismo nas eleições de novembro de 2015, a derrota do PSUV nas eleições para a Assembleia Nacional em dezembro de 2015, a derrota de Evo Morales no referendo constitucional na Bolívia em fevereiro de 2016, o impeachment de uma Dilma extremamente impopular em 2016, entre outros acontecimentos. Todos estes fenômenos não são causais e é necessário explicá-los.

OS "GOVERNOS PROGRESSISTAS"

Em primeiro lugar devemos destacar que não é possível colocar todos os governos que se agrupam genericamente sob o título de "governos progressistas" no mesmo saco. Evo Morales chegou ao poder como produto secundário de dois levantes revolucionários (em 2003 e 2005), nos quais a classe operária podia ter tomado o poder, mas não o fez por falta de direção. O MAS² se beneficiou dessa situação e, no poder, trabalhou para recuperar a legitimidade das instituições burguesas.

Algo parecido se pode dizer sobre o kirchnerismo na Argentina, que chegou ao poder depois da explosão revolucionária em dezembro de 2001. O argentino³ pôs na berlinda todas as instituições da democracia burguesa com o seu "que se vão todos" e a sucessiva derrubada de governos.

O kirchnerismo estancou essa crise revolucionária aberta e devolveu a legitimidade a essas mesmas instituições.

O mesmo aconteceu no Equador, onde a revolução cidadã de Correa ganhou as eleições depois de uma série de levantes insurrecionais que derrubaram os governos do "louco" Bucaran (1997), de Jamil Mahuad (2000) e de Lucio Gutiérrez (2005). Novamente, a crise revolucionária foi estancada pela via do parlamentarismo burguês.

A revolução bolivariana na Venezuela foi distinta desses processos no sentido de que, entre todos eles, foi o que mais avançou justamente em romper com o regime capitalista, ainda que nunca tenha chegado até o fim. A eleição de Chávez em 1998 e a derrota do golpe de Estado de 2002, radicalizaram um processo revolucionário que já vinha anteriormente e o levaram a se chocar com os limites do sistema capitalista. As ocupações de fábricas, as experiências do controle operário, a reforma agrária e a criação das comunas, todas tiveram o apoio de Chávez. Existia um processo recíproco de radicalização entre as massas e o presidente, um processo que lutava contra a feroz resistência da burocracia e dos reformistas, que levou o próprio Chávez a considerar a necessidade do socialismo e a abolição do Estado burguês.

Entretanto, é certo que todos esses governos tinham algo em comum. Beneficiaram-se de um prolongado ciclo de elevação dos preços das matérias-primas, do petróleo, dos minerais, das exportações agrícolas, pelos quais puderam custear importantes gastos sociais que tiveram um impacto concreto sobre as condições de vida das massas.

Empurrados, sobretudo, pelo crescimento econômico na China, os preços das matérias-primas cresceram de maneira sustentável entre 2003 e 2010. O preço do petróleo subiu de menos de US\$ 30 o barril para mais de US\$ 100. O

preço do gás natural esteve ao redor de US\$ 3 por MMBtu (milhões de unidades térmicas britânicas) e aumentou para entre US\$ 8 e US\$ 18 por MMBtu. O preço da soja subiu de um mínimo de US\$ 4 a saca para um máximo de mais de US\$ 17 dólares. O zinco de um mínimo de US\$ 750 por tonelada para um pico de US\$ 4.600. O cobre, de US\$ 3.500 por tonelada para o incrível preço de quase US\$ 33.000.

Todos esses governos tiveram um longo período de relativa estabilidade devido a dois fatores chave que estavam interrelacionados. Por um lado, a força do movimento das massas, que a classe dominante era incapaz de derrotar em um enfrentamento direto. As tentativas de golpe de Estado na Venezuela (2002), na Bolívia (2008) e no Equador (2010) foram derrotadas pela mobilização das massas. Isso estava também vinculado ao alto preço das matérias-primas que descrevemos, que permitia a ilusão de que se podia levar adiante importantes programas sociais que beneficiavam milhões de pessoas, evitando um choque direto com os limites do sistema capitalista.

O fim do boom das matérias-primas mergulhou toda a região em uma recessão em 2014-2015 e colocou um fim a essa ilusão. Esse é o motivo econômico de fundo das derrotas eleitorais que mencionamos anteriormente. Além disso, o fim do crescimento econômico jogou à luz e fez mais relevantes todas as limitações desses governos: o burocratismo nas organizações, a cooptação dos movimentos, as concessões à burguesia, ao imperialismo e às multinacionais.

Longe de uma situação em que as massas da classe trabalhadora tenham dado uma guinada à direita e passaram a votar em partidos reacionários, o que vimos na realidade foi um aumento da apatia, do ceticismo e da abstenção do eleitorado que havia mantido esses governos no poder. Seguiam falando de “socialismo do século XXI”, de “revolução cidadã”, de “processo

de mudanças”, entre outras coisas, mas cada vez mais havia uma distância maior entre essas grandes frases e a realidade concreta.

A burguesia, que nunca se reconciliou com esses governos pelos vínculos que tinham na imaginação das massas com os processos revolucionários que, de maneira distorcida, levaram-nos ao poder, decidiu que era o momento de passar à ofensiva. Queriam tomar o controle direto do poder político novamente, por meio de seus representantes diretos, para viabilizar uma política de contrarreformas e ataques mais aberta.

Contudo, é totalmente errado falar de uma “onda conservadora”. Os novos governos reacionários eleitos não contam com uma base de apoio sólida entre as massas. Foram alçados ao poder com maiorias muito estreitas ou mediante subterfúgios (como no caso de Lenín Moreno). E quando começaram a aplicar seu programa de ataques, o programa que a burguesia necessita para fazer os trabalhadores pagarem pela crise, enfrentaram as mobilizações massivas contrárias. Longe de serem governos estáveis, assentados sobre uma suposta guinada à direita das massas, são governos extremamente instáveis e que ameaçam abrir novamente crises revolucionárias como as que vimos no início deste século.

Talvez o caso mais emblemático é o do governo de Macri na Ar-

gentina. Quando tratou de aplicar o ataque nas pensões e aposentadorias em dezembro de 2017, teve que enfrentar uma enorme onda de protestos e enfrentamentos que o fez abandonar a ideia de aplicar a contrarreforma trabalhista. O governo de Macri enfrentou cinco greves gerais e, não fossem as eleições em outubro de 2019, possivelmente teria sido derrubado por um levante revolucionário. Os líderes sindicais e kirchneristas se empenharam muito para impedir isso e desviar todo o descontentamento para a via eleitoral. Isto não é exatamente o que se poderia entender por uma “onda conservadora”.

Mesmo no Brasil, onde a classe dominante perdeu o controle direto dos acontecimentos depois do impeachment de Dilma e com a eleição de um demagogo reacionário como Bolsonaro, com uma maioria nas urnas, isso não significou uma sólida base para uma política de ataques abertos. A chegada de Bolsonaro ao poder não representa a “vitória do fascismo”, como muitos na esquerda pensaram. É, obviamente, um governo reacionário, profundamente contrário aos trabalhadores e antidemocrático. Mas não é um governo forte que se assenta sobre uma massa enlouquecida da pequena-burguesia e sobre a supressão física das organizações dos trabalhadores. Ao contrário, em poucos meses de sua eleição o aspirante a Bonapar-



Os “governos progressistas”

te enfrentou uma enorme mobilização espontânea de centenas de milhares encabeçada pela juventude estudantil e uma greve geral de milhares em defesa da Previdência Social. Esse movimento foi derrotado pelo papel nefasto da direção sindical, mas revelou a autêntica correlação de forças potenciais existente. Um governo dividido internamente, com forte queda de sua popularidade, enfrentando um movimento que poucos meses após sua eleição já levantava a palavra de ordem “Fora Bolsonaro”.

Essa é a autêntica situação em que nos encontramos na América Latina, com diferenças e particularidades nacionais. Sim, é o fim de uma etapa. Mas não é o início de nenhuma onda conservadora. A ilusão de que era possível gerir o frágil e dominado capitalismo latino-americano concedendo reformas sociais ao mesmo tempo se desvaneceu. Entramos numa fase de aprofundamento da luta de classes, de ataques brutais às condições de vida das massas e, como consequência, de mobilizações massivas e mesmo explosões revolucionárias como as que presenciámos nos últimos meses.

CARACTERÍSTICAS REVOLUCIONÁRIAS

É necessário analisar esses levantes, examinar suas características mais importantes e extrair conclusões dos mesmos. Não há dúvida de que tanto no Equador como no Chile podemos observar importantes atributos insurreccionais e revolucionários.

O que é uma revolução? Em seu prefácio à “História da Revolução Russa”, León Trotsky⁴ afirma que:

“A característica mais indubitável de uma revolução é a interferência direta das massas nos eventos históricos. Em tempos comuns, o Estado, seja monárquico, seja democrático, eleva-se a si mesmo acima da nação, e a História é feita por especialistas nesse tipo de negócios – reis, ministros, burocratas, parlamentares,

jornalistas. Porém, naqueles momentos cruciais, quando a velha ordem não se torna mais resistente às massas, essas rompem as barreiras que as excluem da arena política, derrubam seus representantes tradicionais e criam por sua própria iniciativa o ponto de partida para um novo regime. [...] A história de uma revolução é para nós, antes de tudo, a história da entrada violenta das massas no domínio de decisão de seu próprio destino.”

Lênin⁵, em 1915, também cuidava de identificar os sintomas de uma situação revolucionária:

“[...] Quais são, de maneira geral, os indícios de uma situação revolucionária? Estamos certos de não nos enganarmos se indicarmos os três principais pontos que seguem: 1) impossibilidade para as classes dominantes manterem sua dominação de forma inalterada; crise da “cúpula”, crise da política da classe dominante, o que cria uma fissura através da qual o descontentamento e a indignação das classes oprimidas abrem caminho. Para que a revolução estoure não basta, normalmente, que “a base não queira mais” viver como outrora, mas é necessário ainda que “a cúpula não o possa mais; 2) agravamento, além do comum, da miséria e da angústia das classes oprimidas; 3) desenvolvimento acentuado, em virtude das razões indicadas acima, da atividade das massas, que se deixam, nos períodos “pacíficos”, saquear tranquilamente, mas que, em períodos agitados, são empurradas tanto pela crise no seu conjunto como pela própria “cúpula” para uma ação histórica independente.”

EQUADOR

No caso do levante de outubro no Equador podemos ver claramente atributos revolucionários na situação. O que provoca a explosão é o pacote econômico de Lenín Moreno. Quando as massas entram em cena, o governo trata de esmagar o movimento com uma combinação de repressão brutal,

que inclui o Estado de sítio e o toque de recolher, com concessões (a retirada do decreto sobre o corte de subsídio ao combustível feito há poucos dias). Mas isso não funciona. Pelo contrário, neste caso, a repressão incita o movimento das massas. Toda a raiva contida aflora à superfície.

Nesse momento e de maneira muito significativa começam a surgir elementos de duplo poder. As massas mobilizadas desafiam o poder estabelecido das instituições burguesas e os grupos de homens armados que as defendem.

O governo decreta o estado de exceção, ao que a Conaie⁶, que teve papel principal na direção do movimento, responde declarando seu próprio estado de exceção em que afirma que nem a polícia nem o exército são bem-vindos em suas comunidades. E isto não é uma simples declaração, mas que se colocou em prática. Em várias comunidades, tropas de elite do exército e a polícia foram sequestrados pela população e só puderam deixar as comunidades após negociações com seus dirigentes.

Em várias províncias se produzem também ocupações das sedes do governo. Quer dizer, o povo organizado desafia o governo e toma as instituições. No momento alto da insurreição, o governo de Moreno é obrigado, quase fisicamente, a fugir do palácio do governo e abandonar a capital Quito para se refugiar em Guayaquil. Não somente isto, as massas mobilizadas tomaram brevemente o edifício da Assembleia Nacional com a ideia de instalar uma Assembleia do Povo, quer dizer, seu próprio organismo de poder em oposição ao poder da burguesia.

Claramente os milhares que marcharam das províncias para a capital não vão somente dialogar com o governo, mas vão, num primeiro momento, impor suas exigências e depois, quando a repressão brutal causar já mais de uma dezena de mortos, derrubar o governo. A palavra de ordem central

que gritavam dezenas de milhares nas ruas era “Fora Moreno, fora”.

Não só as massas mobilizadas estabeleciam, de maneira embrionária, seu próprio poder, mas no transcorrer dos enfrentamentos com as forças de repressão, chegaram a levantar organismos de autodefesa sob a forma da guarda indígena ou guarda popular. Armada de maneira rudimentar com escudos, estilingues e morteiros caseiros, a guarda se encarregava de defender os manifestantes da repressão, repelir os ataques da polícia e permitir o avanço dos manifestantes. A guarda estava, além disso, de uma maneira ou de outra, sob o controle das organizações, particularmente da Conaie.

Também durante o levante no Equador vimos sintomas de fissuras no próprio aparato repressivo do Estado burguês, outro elemento que é um atributo de uma situação revolucionária. Diante do impulso irresistível do movimento, alguns setores da polícia e do exército se negavam a intervir contra os manifestantes. Assim aconteceu quando o governo mandou o exército levantar bloqueios das rodovias nos primeiros dias do levante. Em algumas províncias, os soldados ao invés de reprimir se limitaram a escoltar os manifestantes que marchavam para a capital. Inclusive em Guayaquil, no ápice do movimento, houve um embate entre soldados e policiais, quando os primeiros impediram que os segundos atacassem um grupo de manifestantes violentos.

É importante destacar que as intenções do governo de mobilizar a reação nas ruas para fazer frente ao movimento fracassaram totalmente. Nem sequer em Guayaquil, feudo tradicional da oligarquia, conseguiram mobilizar as camadas médias reacionárias de maneira significativa. A intenção de organizar uma manifestação armada dos pequenos comerciantes para enfrentar “os índios revoltosos” fracassou estrondosamente.

Desse modo, os campos esta-

vam claramente delimitados. De um lado os trabalhadores, o povo indígena pobre, os camponeses, a juventude estudantil e operária. Do outro lado o governo de Lenín Moreno, completamente alienado pelo imperialismo dos Estados Unidos, o FMI, a oligarquia capitalista equatoriana e todos seus representantes políticos (Noboa, Nebot, Mahuad, entre outros). Porém eram as massas que estavam na ofensiva e o governo contra as cordas.

Em 10 de outubro se produziu uma extraordinária Assembleia do Povo na Ágora da Casa de Cultura de Quito. Ali o movimento, que havia capturado e desarmado a um grupo de policiais, obrigou o Estado a entregar os corpos de vários dos mortos pela repressão, a transmitir a assembleia ao vivo para todo o país pelos meios de comunicação e se fixou como objetivo marchar à Assembleia Nacional para instalar lá a Assembleia do Povo. Nesse momento tínhamos potencialmente uma situação de duplo poder. A questão a ser considerada era: quem governa o país? Lenín Moreno ou a Conaie?

Contudo, dois dias depois a crise revolucionária foi resolvida com uma negociação com o governo, a retirada das massas das ruas e a restauração da ordem burguesa. O que falhou? O que faltou?

O que faltou foi justamente uma direção revolucionária que estivesse à altura das tarefas pretendidas. Apesar de ter considerado a questão do poder, lançando a ideia de uma Assembleia do Povo, a direção da Conaie nunca levantou a palavra de ordem “Fora Moreno” e se concentrou, especificamente, em exigir somente a retirada do pacote econômico do FMI. Na assembleia da Ágora da Casa de Cultura se considerou como condições prévias para qualquer negociação a demissão dos ministros responsáveis pela repressão e a revogação do decreto que colocava fim aos subsídios ao combustível. No final negociaram sem condições, os mi-

nistros seguem em seus postos e não se esclareceram as responsabilidades pelos mortos da repressão. A única coisa que conseguiu foi a revogação do decreto sobre o combustível. E sobre essa base se desmobilizou as massas.

Perante a acusação lançada pelo governo e pelos meios de comunicação de que a Conaie queria derrubar o governo e, portanto, “estava fazendo o jogo do correísmo”⁷, a direção da Conaie respondeu que não se passava isso e procedeu tomando medidas que garantiam justamente a manutenção do governo.

Nisso desempenhou um papel importante o sectarismo da direção da Conaie em relação ao correísmo. Durante o governo de Correa houve desencontros e enfrentamentos entre a direção campesino-indígena e o governo e também entre o governo e diferentes organizações de trabalhadores. Em alguns casos, sem dúvida, a política do governo era incorreta e ia contra os interesses da classe trabalhadora.

Porém, em várias ocasiões, isso levou a direção da Conaie (e também a de algumas organizações de trabalhadores e da esquerda) a apoiar Moreno e as forças reacionárias contra o governo de Correa, algo totalmente inadmissível.

À acusação de que queria derrubar o governo e que eram correístas, a direção da Conaie devia ter respondido: “não somos correístas, mas qualquer que esteja contra este governo e seu pacote econômico é bem-vindo à luta. E sim, caso o governo não retire o pacote econômico contra os trabalhadores, o povo vai impor a vontade da maioria, derrubar Moreno e estabelecer um governo dos trabalhadores”.

Mas a direção da Conaie não tinha uma perspectiva revolucionária e ao final, para se defender da acusação de querer derrubar o governo, terminou apoiando-o para que não caísse, justamente quando já estava por um fio. Em outras palavras, o que faltou foi o fator subjetivo.

Como era esperado, o governo prometeu muito na mesa de negociação. Não tinha outra escolha para não ser derrubado, ainda que tenha concedido bem pouco, apenas a retirada do decreto. O que mais lhe interessava era que as massas deixassem as ruas, onde eram fortes e ameaçavam seu poder, e regressassem a suas casas, onde são frágeis.

Uma vez que se desmobilizou as massas, o governo, pouco a pouco, começou a recuperar terreno e atacar os próprios dirigentes que lhe haviam salvado. Dirigentes da Conaie foram acusados de rebelião em várias províncias. Políticos da oposição foram presos. Era de se esperar.

No entanto, isto não é o final da história. O governo de Moreno, mais cedo ou mais tarde, vai passar novamente à ofensiva. A crise do capitalismo e o papel que um país como o Equador desempenha na mesma não lhe deixa nenhuma alternativa. A carta de intenções que assinou com o FMI permanece e se não se produz cortes nos subsídios ao combustível, isto se dará em outro parte. Em um momento ou outro isso provocará um novo movimento e uma nova insurreição. A tarefa urgente é aprender as lições e preparar uma direção à altura das circunstâncias.

CHILE

A explosão chilena que começou em outubro é extremamente significativa. Esse é um país que era considerado como um “modelo de êxito do neoliberalismo” e um “oásis de paz social” em um continente sacudido pela revolução. Esse país produziu justamente a maior explosão revolucionária do período recente. Por trás dessa vitrine de paz e estabilidade social o que havia era uma sociedade extremamente desigual, com uma concentração enorme da riqueza às custas da exploração da maioria. O “êxito” chileno foi construído sobre a base de uma política de pri-

vatização e destruição de direitos e proteções que começou sob a bota da ditadura, mas que se prolongou nos anos da chamada “transição”.

Essa situação provocou uma acumulação de descontentamento ao longo de anos que começou a se expressar em toda uma série de movimentos de massas, iniciando pela juventude secundarista. O mais destacável é que essa situação provocou uma profunda crise de legitimidade de todo o regime, incluindo os partidos de “centro-esquerda” da Concertación⁸, que o geriram durante vinte anos.

Essa crise de legitimidade do regime, que se agravou com a resposta do mesmo à explosão revolucionária, é a que alimenta e sustenta o movimento de protesto ao longo do tempo. Sua profundidade é o que impediu ao regime restabelecer o equilíbrio nem com a repressão mais brutal (milhares de presos e feridos, centenas desses com perda de visão, abusos sistemáticos dos direitos humanos), nem com as aparentes concessões (inclusive a mentira de uma assembleia constituinte).

Uma das palavras de ordem da explosão foi “não são 30 pesos, são 30 anos”. Refletia de maneira precisa a origem do movimento e

anunciava seu caráter de contestação de todo o sistema.

A mais recente pesquisa de opinião, publicada pelo CEP⁹ em janeiro, é um reflexo dessa afirmação. Segundo a pesquisa, 47% dos chilenos pensam que a democracia no Chile funciona mal ou muito mal, contra apenas 6% que pensa que funciona bem ou muito bem. Quando se pergunta por diferentes instituições, a porcentagem que diz ter muita ou bastante confiança é muito pequena e se colapsou como resultado do movimento em todos os casos. As instituições que sofreram maior queda em sua confiança, em comparação com 2015, são justamente os Carabineros¹⁰ (de 57% para 17%) e as Forças Armadas (de 50% para 24%), os canais de televisão (de 24% para 8%), os jornais (de 25% para 11%) e também a Igreja Católica (de 31% para 14%). Quer dizer, o aparato repressivo e o aparato ideológico do Estado burguês estão totalmente desprestigiados.

Por sua vez, as instituições de representação política da democracia burguesa, que já estavam desacreditadas, caem a porcentagens mínimas históricas. O governo de 15% para 5%, o congresso de 6% para 3% e os partidos políticos de



Linha de Frente

6% há dois anos para 3% agora. Há 10 anos, 42% da população se identificavam ou simpatizavam com algum partido político. Agora são apenas 14%.

A explosão que começou, como sabemos, com uma faísca quase accidental – o aumento da passagem de metrô em Santiago – converteu-se em um levante espontâneo contra todo o regime, uma enorme raiva a partir de baixo que destruiu tudo pelo caminho.

Também no Chile a palavra de ordem central é “Fora Piñera assassino”¹¹. Nesse caso, o movimento de massas, mesmo tendo uma série de demandas concretas (salário, previdência, saúde, educação), dirige-se contra o governo em seu conjunto e, além disso, contra todo o sistema.

Desde o primeiro momento vimos o surgimento de organismos por meio dos quais as massas tratavam de se organizar e que tinham o potencial de se converter em organismos de poder dual. As assembleias territoriais e os conselhos autoconvocados que surgiram nos bairros das grandes cidades nos primeiros dias da explosão, inclusive, tomaram medidas para proteger os pequenos comércios contra os saques e organizar o abastecimento, recuperando tradições revolucionárias dos anos 1970.

No transcorrer da luta também surgiram organismos de autodefesa do movimento. De maneira espontânea, por necessidade e com uma aprendizagem sobre a marcha, com a juventude à frente, surgiu a Primeira Linha. Igualmente à Guarda Indígena no Equador, a Primeira Linha (com este ou outro nome) defendeu o movimento contra a repressão com meios rudimentares, mas cada vez mais sofisticados, enfrentou a brutalidade dos Carabineros, garantiu a possibilidade de se manifestar na Praça Itália, agora rebatizada como Praça Dignidade. O governo mergulhou em uma batalha de semanas para recuperar o controle das ruas e nunca conseguiu por completo.

A Primeira Linha estava acompanhada por uma segunda, terceira e quarta linhas, que se encarregavam da atenção médica, do fornecimento de projéteis, entre outras coisas.

Em Antofagasta, como iniciativa do Colégio de Professores e outras organizações que se coordenavam na luta, criou-se um Comitê de Emergência e abrigo, que se encarregava de tarefas de autodefesa e de atenção médica aos feridos da repressão.

Também no Chile pudemos observar, mesmo que de maneira muito embrionária, elementos de quebra dentro dos grupos de homens armados. O caso de um soldado que se negou a se mobilizar em Santiago para a repressão é o mais conhecido, mas não há dúvida que houve outros e este caso refletia um ambiente mais extenso entre os soldados rasos. Sem dúvida esse foi um fator que obrigou Piñera a retirar o exército das ruas e deixar o trabalho com os Carabineros, um grupo herdado diretamente da ditadura sem caráter algum e treinado para realizar o trabalho de repressão mais brutal.

O governo estava realmente contra as cordas. Nem o exército na rua, nem a repressão brutal detinham o movimento. Nem o anúncio de concessões e medidas sociais conseguiram aplacar os protestos. A popularidade do governo estava em novembro com as menores porcentagens históricas e em queda livre. A imensa maioria da população apoiava os protestos e uma porcentagem muito grande havia participado de marchas ou panelaços. A greve geral convocada pela Unidade Social¹² poderia ter sido o ponto de inflexão.

Além disso, todos as intenções do regime de mobilizar sua base social e recuperar a iniciativa, usando, por exemplo, a desculpa dos “saques” e da “violência”, fracassaram retumbantemente. De fato, uma maioria dos eleitores dos partidos da direita se declaravam a favor das marchas.

Contudo, o governo segue no poder. O que o salvou? Em primeiro lugar foi salvo pela oposição, que firmou o Acordo pela Paz e a Nova Constituição. Em segundo lugar, foi salvo pelas próprias limitações dos líderes sindicais, que nunca quiseram a tarefa de derrubar o governo.

Nisso o papel da Frente Ampla¹³ foi muito importante. A Frente ampla representava, justamente, ainda que de maneira distorcida, a expressão política das grandes ondas do movimento estudantil de 2011 a 2013. Havia se convertido em um fator na política nacional que representava, de uma maneira ou de outra, a oposição ao sistema fortemente bipartidarista da transição. No momento decisivo, seus dirigentes principais salvaram o governo de Piñera. Boric, particularmente, desempenhou um papel crucial negociando com os partidos da direita e se assegurando que a imensa maioria das forças parlamentares estivessem na foto do Acordo Nacional.

O acordo, claro, era uma armadilha. Apoiando-se em uma reivindicação do movimento, uma nova constituição, o que na realidade fazia era tratar de desviar o movimento insurrecional contra o regime para as águas seguras do constitucionalismo burguês, e ainda assim de caráter muito limitado e controlado. Em um momento em que o governo estava encurralado e todas as instituições da democracia burguesa se encontravam enormemente desprestigiadas, oferecia um caminho para sua relegitimação.

A QUESTÃO DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O fato de que no Chile esteja em vigor a constituição de 1980, feita na ditadura, é um exemplo gráfico e sangrento da farsa que foi a transição à democracia, um pacto por cima para evitar uma derrubada por baixo que deixou todas as estruturas do capitalismo intactas e a ditadura impune.

Entretanto, o que impulsionava a explosão não era a necessidade ou não de mudar um pedaço de papel, mas a luta por salários decentes, por uma previdência digna, pela educação gratuita, pela saúde. Todas as pesquisas de opinião realizadas nos últimos meses demonstram isso. Por exemplo, quando a pesquisa do CEP perguntou “quais são os três problemas aos quais o governo deveria dedicar o maior esforço para solucionar?”, a resposta foi a seguinte: aposentadoria 64%, saúde 46%, educação 38%, salários 27%. A reforma constitucional aparece somente em décima primeira posição, com 11% das menções.

Devemos ter clareza sobre esta questão que se converteu em central no Chile. Para as massas mobilizadas, a assembleia constituinte é entendida como o mecanismo para mudar tudo. Converteu-se em uma expressão de rejeição a todo o regime.

Mas é dever dos revolucionários dizer as coisas como são. Uma mudança na constituição não resolveria os problemas da aposentadoria, da saúde, dos salários... A constituição burguesa mais democrática do mundo segue sendo o marco legal da defesa da propriedade privada dos meios de produção. No Chile, o problema não é que não exista democracia. Já há eleições nas quais se elegem deputados e senadores. Certo o sistema eleitoral chileno não é o mais democrático, inclusive do ponto de vista da democracia burguesa formal. Mas o problema central, o que provocou um levante insurrecional que questiona tudo, não é a falta de democracia formal, mas os problemas materiais que afetam a maioria, a classe trabalhadora. E esses não são resolvidos com alguns constituintes reunidos numa sala elaborando uma nova constituição, mas expropriando a classe dominante e colocando seus recursos nas mãos da classe trabalhadora para planificar a economia democraticamente em benefício da maioria.

O perigo da palavra de ordem de assembleia constituinte, como ad-

vertimos desde o início, é que poderia ser usado pelo regime para desviar o movimento, como cuidaram de fazer com o Acordo de Paz.

Isso quer dizer que os marxistas rejeitam as reivindicações democráticas? Não, de maneira alguma. Nós estamos a favor dos direitos democráticos mais amplos, contra as leis repressivas e certamente contra a farsa da Constituição de 1980, para que a classe trabalhadora possa usar esses direitos democráticos para se organizar e lutar contra o sistema capitalista. Contudo, devemos advertir contra qualquer ilusão de que uma nova constituição vá resolver algum dos problemas fundamentais que a explosão levantou.

A “transição” espanhola produziu uma constituição que, ainda que restritiva em muitos aspectos (monarquia, negação do direito à autodeterminação, entre outros), contém palavras muito bonitas sobre o direito à moradia, à saúde, à educação, ao trabalho... Entretanto, no marco de um sistema capitalista em crise, todas essas promessas ficam no papel. Centenas de milhares são despejados de suas moradias, são feitos cortes brutais na saúde e na educação e mais de 90% dos novos empregos são em condições precárias.

Além disso, a palavra de ordem de assembleia constituinte, em um momento em que o que se estava pretendendo era derrubar o governo e realizar um duro golpe contra todo o regime, era na realidade uma distração do objetivo central. Na prática estavam se exigindo as mesmas instituições democrático-burguesas totalmente desprestigiadas e sem legitimidade alguma com a convocação de uma assembleia constituinte. O único resultado disso foi justamente o que aconteceu com o Acordo de Paz: uma farsa constituinte totalmente controlada.

A Assembleia Constituinte acordada, como já sabemos, está totalmente amarrada, com algumas regras de funcionamento desenhadas para que nada de fundamental mude: o método de eleição que favorece os partidos existentes (com

a confiança de apenas 2% da população!), uma maioria necessária de dois terços (que na realidade significa o direito de veto de uma minoria de um terço) e uma prazo de funcionamento prolongado (calculando a desmobilização das massas).

Inclusive desse dispositivo constituinte se distanciam os partidos da direita agora que o movimento nas ruas recuou parcialmente.

A palavra de ordem que tinha que ser levantada nesse momento era, na realidade, uma que ajudasse o movimento a entender a questão central pretendida: a do poder. Quer dizer: “fora Piñera”, a palavra de ordem que já estava nas bocas de milhões nas ruas; “Por uma Convenção Nacional de Assembleias e Conselhos”, isto é, que o movimento seja o que decida e tome controle da situação em suas próprias mãos; e “por um governo dos trabalhadores”, ou seja, que a alternativa a Piñera e seus amigos capitalistas seja a classe trabalhadora a governar.

A respeito da questão da constituição, uma demanda justa e sincera, era necessário explicar que, uma vez tirado Piñera e seu governo do caminho, que fosse a classe trabalhadora, o povo organizado que governasse, então poderíamos nos dar a constituição que quiséssemos e, além disso, teríamos os meios (mediante a expropriação dos capitalistas e das multinacionais) para colocá-la em prática.

O principal problema foi que no momento chave ninguém considerou de maneira clara a questão do poder, tampouco um plano de luta adequado para a sua realização. Inclusive os líderes do Partido Comunista e da Unidade Social, que corretamente rejeitaram o Acordo Nacional, não consideraram, na realidade, alternativa alguma. Em nenhum momento levantaram nem sequer a palavra de ordem “Fora Piñera”.

Os dirigentes do Partido Comunista, por exemplo, nas primeiras semanas do movimento insistiram na ideia do julgamento político de Piñera. Quer dizer, no lugar de con-

siderar que sejam as massas que lhe derrubem nas ruas, colocar o foco em um mecanismo parlamentar (do mesmo parlamento totalmente desprestigiado) que permita tirá-lo por uma via legal e institucional. Na realidade, independentemente de suas intenções objetivas, estavam fazendo propostas que ajudavam essas instituições burguesas desprestigiadas a voltar a adquirir legitimidade em vez de levantar palavras de ordem que ajudassem a derrubá-las de uma vez por todas. Para chamar as coisas pelo seu nome, os dirigentes do Partido Comunista não tinham uma perspectiva revolucionária.

Na realidade, a Unidade Social, ao invés de dirigir o movimento, ia a reboque dele. A primeira convocação de greve geral, em 21 de outubro, partiu de baixo. Depois, para não ficar atrás, os dirigentes da Unidade Social fizeram uma série de convocações, mas somente por cima, sem colocar os meios nem organizar as assembleias nos postos de trabalho necessárias para que a greve fosse exitosa. As convocações de qualquer maneira não eram parte de um plano de luta claro que tivesse como objetivo derrubar o governo e se convertiam, portanto, em um ritual regular que não ajudava a fortalecer o movimento e o fazer avançar.

Assim como no Chile e no Equador, o que faltou foi uma direção revolucionária que tivesse podido canalizar a energia insurrecional das massas para a vitória. Em sua História da Revolução Russa, Trotsky explica a importância da direção em uma situação revolucionária com a seguinte analogia:

“Apenas na base de um estudo dos processos políticos nas próprias massas se pode entender o papel dos partidos e líderes, que nós, menos que outros, estamos inclinados a ignorar. Constituem um elemento não independente, mas não obstante muito importante no processo. Sem uma organização dirigente, a energia das massas se dissiparia como um vapor não encerrado numa caldeira com bombas de pistão. Entretanto, o que move as máquinas não é nem o pis-

tão, nem a caldeira, mas o vapor.”

No Chile, não se chegou a acabar com a crise revolucionária da mesma maneira que no Equador (onde os dirigentes da Conaie chamaram a desmobilização). O certo é que inevitavelmente a explosão recuou desde seu ponto mais alto, por volta da greve geral de 12 de novembro. As massas não podem se manter nas ruas de maneira indefinida, particularmente diante das ausências de uma perspectiva clara de para onde ir e como.

Mas isso não quer dizer que as águas voltaram às suas margens. Nem o governo nem as instituições burguesas restabeleceram sua legitimidade. Pelo contrário, seu desprestígio se aprofundou.

Inevitavelmente, um ou outro fator acidental que não podemos prever com precisão voltará a provocar uma nova explosão do movimento. A explosão deixou marcas profundas na consciência de milhões, cuja compreensão política avançou a passos largos. Isso teve um impacto, mesmo que não de maneira direta, sobre as organizações existentes, cujo programa foi posto a prova. Temos visto divisões e cisões na Frente Ampla, que talvez seja a organização que mais saiu golpeada, mas também até mesmo no Partido Socialista. Haverá mais no próximo período.

É importante que os setores mais avançados se agrupem sobre a base de uma discussão de fundo das principais lições da explosão para construir uma corrente marxista revolucionária que se prepare para a próxima onda de lutas.

PERSPECTIVAS E TAREFAS PARA OS REVOLUCIONÁRIOS

Para os revolucionários é importante estudar em detalhe as lições do Equador e do Chile (e também as dos acontecimentos contrarrevolucionários na Bolívia) para se preparar para as próximas batalhas. Equador e Chile, como destacamos, não são dois exemplos isolados, mas são a vanguarda que anuncia o novo período de aprofundamento da luta de

classes em que entramos na América Latina e em todo o mundo.

A América Latina, que se recuperou relativamente rápido da recessão mundial de 2008 (graças ao puxão da China), sofreu de maneira muito profunda a desaceleração da economia chinesa a partir de 2014. Na realidade, os últimos seis anos foram de estagnação econômica. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), o período de 2014-2020 será o de menor crescimento econômico em sete décadas, ou seja, pior até mesmo que a década perdida de 1980. O ano de 2019 terminou com um crescimento econômico de apenas 0,1% na América Latina e no Caribe, o que na América do Sul foi uma contração de 0,1%, fortemente lastreado pela recessão na Argentina (-3%).

Esse período de estagnação foi pago, como sempre, pelas famílias operárias e pobres. O PIB per capita na região encolheu 4% entre 2014 e 2019, de acordo com os números oficiais. Essa é a base econômica de fundo dos processos que estamos analisando. E depois desse período de sete anos de estagnação, o continente se prepara para enfrentara próxima recessão capitalista em condições de extrema debilidade.

Esta situação de estagnação econômica e de aumento da desigualdade depois de um período de crescimento provocou uma erosão muito forte do prestígio das instituições da democracia burguesa em todo o continente. Segundo o Latinbarómetro, a confiança nos governos, que entre 2006 e 2010, superava 40% em todo o continente havia caído já em 2018 a pouco mais de 20%. O Economist Intelligence Unit, comentando as perspectivas para a América Latina, assinala:

“Isso, por sua vez, criou a impressão entre vastas parcelas da população de que a elite política tradicional da América Latina possa contornar as regras do jogo com impunidade.

Os cidadãos da região agora consideram que o sistema político é parte do problema, não parte da solução, e

veem os protestos públicos como uma necessidade para conseguir qualquer tipo de concessão daqueles no poder.” (EIU. Wherenextandnext for Latin America? 2019).

Neste período veremos mais levantes insurrecionais e explosões revolucionárias. Os países não são compartimentos estanques. As massas de um país observam o que acontece em outros e tiram lições. Não há dúvida de que o levante no Equador teve um impacto na explosão chilena. E está claro que o movimento de greve nacional que se iniciou em 21 de novembro na Colômbia estava fortemente influenciado pela explosão chilena. A ideia de que só serve a luta massiva, na rua, contra todo o regime está caindo em um terreno fértil. Vimos em Bogotá como se criava uma Primeira Linha de auto-defesa para as marchas, diretamente copiada da experiência chilena.

A Argentina é outro candidato para uma explosão social, que na verdade já teria acontecido não fosse o canal eleitoral para o qual os

dirigentes sindicais e kirchneristas desviaram toda a raiva acumulada. Mas também o Brasil está na esteira de saída dos movimentos revolucionários que vamos presenciar na América Latina no próximo período. Colômbia, onde o governo de Duque acumula níveis sem precedentes de rejeição, tampouco fica atrás.

O mesmo informe do Economist Intelligence Unit destaca que “existe uma grande possibilidade de que 2020 seja outro ano volátil para a América Latina” e desenvolve um “mapa de risco de instabilidade política” no qual a maioria dos países está classificada como de risco “moderado ou alto de volatilidade renovada em 2020”. A conclusão geral do informe, é uma que compartilhamos com estes analistas da classe dominante: “A América Latina enfrenta importantes desafios econômicos e políticos e as sementes estão aí para renovados distúrbios em 2020”.

A questão, portanto, não é se haverá explosões sociais no próximo período na América Latina, mas sim

como os revolucionários se prepararam para elas. São três as principais lições do outubro revolucionário de 2019. Um, o caráter tão profundo da crise do regime e o desprestígio das instituições da democracia burguesa. Dois, a enorme capacidade e vontade de luta das massas, que não recuam nem com a repressão, nem com as promessas de concessões. Três, apesar da correlação de forças tão favorável, existe uma destacada ausência do fator subjetivo, de uma direção revolucionária que possa fazer avançar a classe trabalhadora para a tomada do poder.

Nossa tarefa é a de resolver justamente essa última questão mediante a construção de uma poderosa corrente marxista inserida no movimento da classe trabalhadora com uma perspectiva internacionalista que possa intervir nas explosões que inevitavelmente vão se produzindo para mudar o curso dos acontecimentos e conseguir, em um país ou outro, uma vitória que transformaria todo o continente e o mundo inteiro.

NOTAS

¹ Partido Socialista Unido da Venezuela, partido de Hugo Chávez e do atual presidente Nicolas Maduro, principal força política da revolução bolivariana, que reunia os camaradas da seção venezuelana da Corrente Marxista Internacional, a Corriente Marxista del PSUV – Lucha de Clases, que deixaram o partido após as ações reformistas e de conciliação de classes operadas por Maduro (Nota do Tradutor – N.T.).

² *Movimiento al Socialismo* – Movimento para o Socialismo, partido fundado em 1987 pelo empresário David Añez Pedrazaco como Movimento para o Socialismo-Unzanguista, ao qual Evo Morales entrou como deputado em 1999, eleito, inicialmente, pelo Izquierda Unida (IU – Esquerda Unida), a que havia se filiado juntamente com um grupo que havia tentado formalizar a Assembleia pela Soberania dos Povos (ASP), partido de iniciativa de organizações camponesas em 1995, mas que não havia conseguido número de assinaturas suficiente para se formalizar (N.T.).

³ Levante revolucionário de 2001 após a decretação do corralito (“cercadinho” em espanhol), o congelamento dos valores depositados em pesos nos bancos argentinos realizado no governo de Fernando de la Rúa, semelhante ao confisco das poupanças feito por Collor em 1990 no Brasil (N.T.).

⁴ TROTSKY, León. História da Revolução Russa. Tomo I. 2 ed. São Paulo: Sundermann, 2017. p. 11-12 (N.T.).

⁵ LENIN, Vladimir Ilyich. A falência da II Internacional. São Paulo: Kairós, 1979. p. 27-28 (N.T.).

⁶ *Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador* – Confederação de Nações Indígenas do Equador, criado em 1986 (N.T.).

⁷ Em referência a Rafael Correa, que presidiu o Equador de 2007 a 2017 (N.T.).

⁸ *Concertación de Partidos por la Democracia* – Coalizão de Partidos pela Democracia, coalizão eleitoral formada principalmente pelo Partido Demócrata Cristão (PDC), Partido pela Democracia (PPD), Partido Radical Social Democrata (PRSD) e Partido Socialista (PS), este último da Michelle Bachelet. Esteve na presidência do Chile de 1990 a 2010 (N.T.).

⁹ *Centro de Estudios Públicos* – Centro de Estudos Públicos (N.T.).

¹⁰ Instituição nacional de segurança pública do Chile, similar à Polícia Militar no Brasil (N.T.).

¹¹ Atual presidente do Chile, de direita (N.T.).

¹² Agrupamento de movimentos e organizações sociais (N.T.).

¹³ Coalizão política formada por partidos e movimentos políticos de esquerda, liberais igualitários e cidadãos (N.T.).

Outubro vermelho no Equador

Jorge Martín

5 DE OUTUBRO DE 2019: PACOTE DE AUSTERIDADE DO GOVERNO PROVOCA UM LEVANTAMENTO DE MASSAS

O anúncio em 1º de outubro, por parte do governo de Lenín Moreno, de um pacote de contrarreformas econômicas no valor de US\$ 2,2 bilhões deu lugar a manifestações e greves em massa. O governo, que teme perder o controle da situação, respondeu com repressão policial brutal e, em 3 de outubro, declarou o estado de emergência durante 60 dias.

O pacote de Lenín Moreno incluiu o fim dos subsídios aos preços do combustível, cortes no gasto público, um ataque aos direitos adquiridos dos funcionários públicos e dos trabalhadores do setor público (redução de férias pagas de 30 para 15 dias ao ano, uma contribuição especial de um dia de salário e a renovação dos contratos temporários com uma perda salarial de 20%), um plano para demissões em massa no setor público e uma contrarreforma integral dos contratos de trabalho.

A maior parte das medidas anunciadas afetará os trabalhadores e pobres e está acompanhada de medidas que favorecerão os capitalistas. Entre elas, encontram-se uma redução nas tarifas para a importação de bens de capital e de consumo, a abolição do pagamento antecipado do imposto sobre a renda e a abolição do imposto sobre a exportação de divisas.

O pacote brutal de medidas faz parte do acordo alcançado no início deste ano com o FMI em troca de um empréstimo multilateral de US\$ 10 bilhões (dos quais o FMI aportará US\$ 4,2 bilhões). O empréstimo foi negociado pelo ministro da Fazenda, Ricardo Martínez, que foi nomeado em março de 2018 diretamente pela presidência do Comitê Empresarial Equatoriano. Sabemos, portanto, a quem interessam suas políticas. Os objetivos declarados do paco-



te são: transformar o déficit fiscal de 0,9% do PIB, em 2018, em um enorme superávit de 3,8% do PIB no próximo ano; reduzir a dívida do país de 46,1% do PIB, em 2018, para 36,6% e duplicar as reservas de divisas de US\$ 5,1 para US\$ 11,4 bilhões em 2021. Segundo as próprias estimativas do FMI, esse programa afundará o país na recessão este ano, com uma queda de 0,5% no PIB.

Algumas das medidas (reformas fiscais e trabalhistas) necessitam da aprovação do Congresso, mas a abolição dos subsídios ao combustível entrou em vigor imediatamente, com um aumento no diesel de US\$ 1,03 por galão para US\$ 2,27 e da gasolina de US\$ 1,85 por galão para US\$ 2,30. Por certo, esta medida provocou enorme raiva, já que terá um efeito indireto nos preços do transporte e dos bens de consumo.

MOVIMENTO DE MASSAS CONTRA O PACOTE

Tão logo foram anunciadas as medidas na terça-feira, houve manifestações espontâneas na capital Quito contra o pacote. Os motoris-

tas de ônibus, táxis e caminhões declararam uma interrupção nacional na quinta-feira e a eles se uniram organizações estudantis e sindicatos que convocaram manifestações e greves. O movimento foi particularmente grande em Quito, mas afetou a maioria das províncias do país. Em algumas cidades, como Cuenca e Imbabura, os manifestantes assediaram o governo regional e tentaram se apoderar dele. Houve manifestações em massa combinadas com bloqueios de vias e barricadas em todo o país e, em Guayaquil, houve casos de pilhagens.

O governo respondeu com brutal repressão policial, disparando gás lacrimogêneo contra os manifestantes e, em seguida, avançando sobre eles com veículos blindados. Só na capital, mais de 200 pessoas foram presas durante o dia. O exército saiu às ruas de várias cidades para enfrentar os manifestantes. Nada disso amorteceu o estado de ânimo dos manifestantes, que gritaram palavras de ordem como “Fora Moreno”, “Ou se vai o pacote ou se vai o governo”, “*El pueblo no se ahueva, carajo*” e marcharam para o palácio presidencial.

Em uma reunião ampliada de urgência do Gabinete de Ministros, houve divisões sobre o caminho a seguir. Alguns sugeriram suspender a abolição dos subsídios ao combustível para apaziguar os protestos. Outros temiam que isso só alentaria o movimento contra todo o pacote. O ministro da Fazenda, Martínez, ameaçou renunciar se fossem feitas concessões.

As divisões no topo são o reflexo da força do movimento na base. Supunha-se que o presidente Lenín Moreno devia fazer uma transmissão pública em cadeia nacional, mas esta logo foi postergada, em seguida cancelada e finalmente substituída por um vídeo pré-gravado de três minutos elogiando as virtudes do pacote, manifestando que não há recuo nem espaço para negociações e advertindo aos manifestantes que “enfrentarão as consequências”. Na realidade o presidente havia fugido para Guayaquil, de onde declarou o estado de exceção durante 60 dias, suspendendo assim a liberdade de organização e reunião. Claramente, o tamanho e o caráter furiosos dos protestos abalaram o governo, que temia, com toda a razão, ser derrubado. O presidente preferiu a segurança de Guayaquil a ficar no palácio de Carondelet.

Para hoje, sexta-feira, 4 de outubro, foram convocadas mais manifestações às 4 horas da tarde e se fala de uma greve geral que será convocada para a próxima semana. A polícia recorreu ao procedimento de deter os líderes dos trabalhadores do transporte e de outras organizações em várias regiões, mas isso não deteve o movimento. O dia começou com bloqueios de vias e com a paralisação do transporte na maioria das regiões.

Não sabemos até onde esse movimento chegará. Certamente tem o potencial de derrubar esse odiado governo. No entanto, uma coisa é clara, a sublevação no Equador é outro prego no ataúde da chamada “onda conservadora” na América Latina, que os comentaristas bur-

gueses aplaudiram e sobre a qual os intelectuais e acadêmicos de “esquerda”, céticos e cínicos, teorizaram. Os outros pregos nesse ataúde foram cravados pelo movimento estudantil e pela greve geral contra Bolsonaro no Brasil, pelas greves gerais e pela derrota de Macri na Argentina, pelo levantamento que derrubou o odiado governador em Porto Rico, pelo movimento de massas em Honduras contra JOH, pelo levantamento em curso no Haiti contra Jovenel Moïse etc.

LIÇÕES DE LEVANTAMENTOS ANTERIORES

Lenín Moreno chegou ao poder em 2017, quando ganhou as eleições como candidato oficial da Alianza País, o partido do ex-presidente Rafael Correa, e do qual era visto como sucessor. Durante sua presidência, Correa aproveitou os altos preços do petróleo para realizar programas sociais, incorrendo na ira da oligarquia. Correa também se alinhou com a Revolução Bolivariana da Venezuela, rompeu com o FMI, enfrentou o imperialismo estadunidense e a Colômbia e expulsou os EUA da base militar de Manta.

No entanto, rapidamente se tornou evidente que Moreno não tinha a intenção de continuar com as mesmas políticas de seu predecessor, ao qual havia servido como vice-presidente. Moveu-se para a implementação de um programa de austeridade fiscal, introduzindo cortes no gasto social, demitindo milhares de trabalhadores do setor público etc. Também se alinhou estreitamente com Trump, mesmo antes de ser eleito.

A oligarquia, esse punhado de famílias capitalistas e latifundiárias muito ricas que governaram o Equador durante a maior parte de quase 200 anos, deu a Moreno pleno respaldo em suas políticas. Como parte de seu realinhamento com o imperialismo estadunidense, Moreno entregou Julian As-

sange, que havia recebido asilo na embaixada equatoriana no Reino Unido e a cidadania equatoriana sob o governo de Correa.

Os trabalhadores, camponeses e jovens equatorianos têm uma orgulhosa tradição revolucionária e, nos últimos 20 anos, derrubaram governo após governo através de levantamentos em massa contra suas tentativas de introduzir pacotes de austeridade: Abdalá Bucaram em 1997, Jamil Mahuad na revolução de 2000 e Lucio Gutierrez em 2005. As massas entraram novamente em cena em 2007 através da eleição de Rafael Correa e mais uma vez em 2010, quando derrotaram uma tentativa da oligarquia de dar um golpe de Estado contra ele. Em alguns desses casos (Bucaram e Gutierrez), governos que foram eleitos com o apoio popular dos trabalhadores e camponeses que buscavam uma mudança fundamental foram derrubados por insurreições populares quando os traíram. É possível que Lenín Moreno siga o mesmo caminho.

O movimento atual contra Lenín Moreno certamente beneficiará o ex-presidente Rafael Correa e seu partido Revolución Ciudadana e poderia trazê-lo de volta ao poder. Se for esse o caso, é necessário aprender dos erros do governo de Correa. Embora se tratasse de um governo progressista realizando programas sociais, nunca desafiou fundamentalmente o poder econômico da oligarquia capitalista. Portanto, quando o preço do petróleo começou a cair em 2014, a economia do país se viu severamente afetada. O desemprego e a pobreza aumentaram e a popularidade do governo começou a cair.

QUE CAMINHO SEGUIR?

As massas de trabalhadores e camponeses no Equador têm que se armar com um programa que ultrapasse as limitações do sistema capitalista apodrecido e dependente. Somente com a expropriação da riqueza do punhado de famílias

poderosas que controlam a economia do país pode-se começar a resolver os problemas enfrentados pelos trabalhadores e camponeses equatorianos.

Embora tenha sido possível aplicar, temporariamente, políticas de redistribuição da riqueza dentro dos limites do capitalismo enquanto os preços do petróleo eram altos, isso não é mais possível, particularmente em um momento em que o capitalismo mundial está se movendo rapidamente para uma nova recessão. O único caminho a seguir para os trabalhadores e camponeses no Equador é o socialismo.

É claro que a classe dominante tentará sufocar o movimento atual através da repressão. Se isso falhar, poderão tentar fazer concessões temporárias para desativar o movimento. Se o movimento continuar, então poderiam decidir eliminar Lenín Moreno e substituí-lo por outro político burguês que realize as mesmas políticas.

O movimento dos trabalhadores, camponeses e jovens precisa se unificar em torno das palavras de ordem “Abaixo o pacote e fora Lenín”. Isso só se pode lograr avançando-se

para uma greve geral que paralise o país. É necessário estabelecer comitês de ação em cada fábrica, local de trabalho, escola secundária e faculdade e em todas as comunidades camponesas. Só a ação independente da classe trabalhadora pode trazer uma solução à crise em benefício dos trabalhadores.

Abaixo o pacote! Abaixo Lenín Moreno!

Comitês de ação em todos os lugares! Greve Geral!

Trabalhadores e camponeses, confiem unicamente em suas próprias forças!

8 DE OUTUBRO DE 2019: LEVANTAMENTO OPERÁRIO-CAMPONÊS, O GOVERNO ABANDONA A CAPITAL

O movimento no Equador contra o pacote de Lenin Moreno e do FMI, iniciado em 2 de outubro, alcançou proporções insurrecionais. O estado de exceção declarado na sexta-feira e a utilização da polícia e do exército (resultando em um morto, dezenas de feridos, centenas de detidos) não parou o movimento de trabalhadores, jovens e camponeses. Em algumas províncias, as governadorias foram assaltadas e a poderosa organização indígena Conaie declarou o seu próprio estado de exceção. Ontem, segunda-feira, 7 de outubro, ante a chegada das colunas indígenas à capital Quito, Lenín Moreno se viu obrigado a evacuar o palácio presidencial e a mudar o governo para Guayaquil. Trabalhadores e camponeses se preparam para a greve geral de quarta-feira, 9 de outubro. O governo está pendurado por um fio.

O que começou como um protesto contra o pacote de medidas do governo e do FMI evoluiu para uma insurreição nacional. O anúncio do governo de um acordo com os trabalhadores do transporte foi uma declaração vazia. Nos últimos dias vimos o Estado perder parcialmente o controle da situação. A brutal repressão por parte da polícia e, desde a declaração do estado de exceção, tam-



bém do exército, longe de deter os protestos, ativaram ainda mais as chamas da rebelião.

Todo movimento genuinamente revolucionário tende a romper o aparato do Estado em linhas de classe e, no Equador, estamos começando a ver exemplos disso nos últimos dias. Em primeiro lugar, a declaração do estado de exceção por parte da Conaie é um desafio direto ao poder do Estado e ao seu monopólio da violência. A Conaie anunciou que nem a polícia, nem o exército eram bem-vindos em suas comunidades e que, se entrassem, seriam enfrentados. E assim aconteceu em, pelo menos, três casos.

Em Otavalo, província de Imbabura, ao norte de Quito, as comunidades detiveram na sexta-feira 10 policiais do Grupo de Intervenção e Resgate, que não foram liberados até o dia seguinte depois de negociações. No cantão Nizag, Alausí, província do Chimborazo, a leste de Guayaquil, a comunidade capturou 47 militares da Brigada de Cavalaria Blindada Galápagos e 10 policiais por terem lançado garrafas de gás lacrimogêneo contra a população. Finalmente foram liberados e resgatados por helicópteros na segunda-feira. Em Latacunga, província de Cotopaxi, ao sul de Quito, a União de Comunidades Indígenas e Camponesas de Cotopaxi

também reteve no domingo um grupo de policiais e militares que tentavam deter jovens manifestantes. Em outros povoados, a polícia e o exército se retiraram, incapazes de levantar os bloqueios de vias.

Há imagens de policiais enviados para reprimir que terminaram escoltando as colunas indígenas e camponesas que avançavam para convergir na capital Quito. Alguns soldados rasos seguramente simpatizam com os protestos de seus irmãos, esposas e mães. Outros decidiram que não tinha sentido ser atacados por defenderem esse governo. São ainda casos isolados, mas muito significativos.

No domingo à noite, Lenín Moreno fez um apelo ao diálogo a “nossos irmãos indígenas”, em um tom muito diferente do que utilizou quando da declaração do estado de exceção na quinta-feira à noite. Então, falava que as medidas não eram negociáveis e ameaçava os manifestantes de que “haveria consequências”. “A violência e o caos não vão ganhar. Não vou recuar porque o correto não tem matizes”, havia declarado. Agora, via-se forçado, superado pelos acontecimentos, a oferecer um “diálogo sincero”. Tarde demais. A palavra de ordem do movimento em seu início era “ou cai o pacote ou cai o governo”, agora já é uma questão de derrubar o governo para derrubar o pacote.

A segunda-feira amanheceu com o governo paralisado e perdendo o controle da situação. De madrugada, veículos blindados transportavam tropas com boinas vermelhas para proteger o palácio presidencial. O dirigente da Conaie, Jaime Vargas, respondeu à oferta de negociações dizendo que davam por encerrado o diálogo com o governo da fome e da repressão e que se dirigiam à capital. Colunas indígenas de todo o país já marchavam para Quito e nada podia detê-las. Em todas as vias de acesso houve batalhas e enfrentamentos entre manifestantes, de um lado, e a polícia e o exército, de outro. Não pu-

deram deter o povo em movimento. Em uma das entradas da cidade, os manifestantes incendiaram um dos veículos blindados.

Nos últimos dias produziram-se pilhagens em várias cidades e durante as manifestações da segunda-feira, na capital, houve atos de vandalismo. A Conaie respondeu que eram obra de provocadores infiltrados e que iam utilizar a guarda indígena para resguardar as manifestações.

As colunas de trabalhadores e camponeses na capital iam rompendo todas as barreiras em sua passagem e avançaram para o palácio de Carondelet, que se encontrava militarizado. Um grupo de manifestantes tratou de tomar o prédio da Assembleia Nacional. Finalmente, o governo teve que suspender a coletiva de imprensa anunciada e evacuar os jornalistas do palácio presidencial. Numa aparição televisada, flanqueado pelo vice-presidente, pelo ministro da defesa e por generais do exército, Lenín Moreno anunciou que trasladava a sede do governo para Guayaquil. O poder executivo fugia apavorado diante da ofensiva dos trabalhadores, camponeses e estudantes e se via obrigado a abandonar a capital do país!

Em seu discurso, Lenín Moreno utilizou o velho truque de tratar de desprestigiar o protesto dizendo que se tratava de um complô por parte de Maduro e Correa. Uma afirmação duplamente ridícula, pois, obviamente, foram o FMI e o próprio Moreno que desenharam o pacote de ajuste antipopular e, por outro lado, as principais organizações implicadas na mobilização são, já há algum tempo, opositoras de Correa. As acusações de Moreno são uma tentativa desesperada para diminuir a legitimidade do protesto. Na realidade, o pacote de outubro foi só a fagulha que fez explodir o levantamento nacional, cujo combustível se havia acumulado durante dois anos de ataques e medidas anti-trabalhistas do governo de Moreno.

O movimento deu importantes passos à frente. Grande parte do país está paralisada devido aos bloqueios de vias. Os indígenas passaram de bloquear vias a marchar para Quito. O poder do Estado foi parcialmente desafiado. O levantamento obrigou o governo a abandonar a capital. A Assembleia Nacional suspendeu suas sessões. No entanto, não se conseguiu ainda a vitória. O governo continua no poder, o pacote não foi retirado. A Conaie declarou uma Assembleia dos Povos em Quito e, para a quarta-feira, 9 de outubro, uma coalizão de organizações de trabalhadores, camponeses e estudantes convocou uma greve geral em todo o país.

Por outro lado, a oligarquia e o imperialismo agrupam suas forças. O prefeito de Guayaquil, Nebot, que em um primeiro momento e de forma hipócrita havia criticado as medidas de Moreno, fez hoje um apelo “à unidade para defender a democracia, a paz, a liberdade, as cidades, as famílias e os bens”. A Nebot, um representante da rançosa oligarquia equatoriana e dirigente do burguês Partido Social Cristão, o que interessa defender sob o manto da “democracia” e da “paz” são “os bens”, ou seja, a propriedade burguesa. Os EUA também correram para apoiar o seu fantoche com um comunicado em que denunciavam “a violência como forma de protesto”. A imprensa da oligarquia mente e manipula sobre o caráter do movimento.

O movimento avança e ganha força. Já existem na situação elementos insurrecionais: detenção de efetivos policiais e militares, rompimento dos bloqueios do exército e da polícia, atuação da guarda camponesa, fuga do governo da capital, formação da Assembleia dos Povos. É necessário fortalecê-los e disseminá-los. As organizações de trabalhadores, camponeses e estudantes devem formar um comando unitário de luta. Há que se ampliar a Assembleia dos Povos com delegados eleitos e revogáveis

das fábricas, das comunidades, das universidades e escolas secundárias para que se converta em um organismo de luta e de poder. Há que se ampliar a guarda camponesa, formando organismos de auto-defesa operária e camponesa para defender as mobilizações.

A aliança operário-camponesa no Equador no passado derrubou pelo menos dois governos que aplicaram pacotes de austeridade: o de Bucaram, em 1997, e o de Mahuad, em 2000. O potencial para que esse desenlace se repita está implícito na situação. No entanto, é

importante também aprender com as lições desses acontecimentos. Em ambos os casos, o movimento revolucionário das massas derrubou o governo burguês, mas não chegou a tomar o poder em suas próprias mãos. Como resultado, outro governo burguês tomou o poder e, quando o movimento de massas retrocedeu, voltou a aplicar as mesmas políticas contra o povo trabalhador.

A conclusão que se deve tirar é a seguinte: é necessário derrubar o governo de Lenín Moreno para derrubar o seu pacote. Mas não

basta fazer isso. O pacote não é o resultado de “pura corrupção e ineptidão”, como diz Correa. É o resultado do impacto da crise do capitalismo no Equador, uma economia subjugada ao imperialismo e exportadora. Os trabalhadores e camponeses devem tomar o poder em suas próprias mãos para que os recursos do país sejam utilizados em benefício da maioria. Não basta derrubar o governo, deve-se tirar da oligarquia vendida ao imperialismo o seu poder político e expropriar o seu poder econômico.

13 OUTUBRO DE 2019: ABAIXO MORENO E O FMI – TODO O PODER À ASSEMBLEIA DO POVO!

O que começou como um protesto contra o pacote do FMI imposto pelo presidente Lenin Moreno se converteu em uma insurreição nacional que coloca a questão de quem governa o país. A enorme mobilização de massas obrigou o governo a fugir da capital Quito, a fechar a assembleia nacional e começou a produzir rachaduras nas forças armadas. Para avançar, o movimento deve colocar a questão do poder.

Esta semana, a segunda da insurreição operário-camponesa, terminou com 5 mortos (pelo menos), centenas de feridos e detidos e uma repressão brutal como não se via no Equador há décadas, mas que não logrou deter o movimento. Nem o estado de emergência, nem

o toque de recolher, nem as mentiras da mídia, nem as falsas ofertas de negociação, nem o exército nas ruas. O governo de Lenín Moreno, com o respaldo de toda a oligarquia capitalista, do imperialismo dos EUA, de todos os governos reacionários da região, não pôde esmagar o movimento decidido dos camponeses, indígenas, trabalhadores e estudantes. Na quarta-feira, dia 9, uma poderosa greve geral paralisava o país. Em Quito, a capital abandonada pelo governo, uma enorme marcha de 50 a 100 mil manifestantes se dirigia novamente ao Palácio de Carondelet, abandonado a toda pressa no dia anterior. Por uns breves momentos o movimento tomou o controle da também abandonada Assembleia

Nacional, com a intenção de instalar a Assembleia do Povo.

Em Guayaquil, a oligarquia dirigida pela prefeita Viteri e seu mentor Nebot agitavam uma turba pequeno-burguesa racista contra os “índios”. “Que fiquem no Páramo”, gritava o empresário e banqueiro Nebot, dirigente social-cristão, agitando o espectro da “tomada da capital” por parte do movimento indígena: “não merecem pisar o solo de Guayaquil, vêm para destruir”. Mas sua capacidade de mobilização foi pequena, apenas uns milhares. Foi necessária uma grande quantidade de efetivos policiais e militares, além de caminhões de obras públicas, para fechar a Ponte da Unidade Nacional que liga a populosa Durán a Guayaquil para impedir a passagem de milhares de manifestantes contra o governo.

Dentro da própria cidade de Guayaquil também houve manifestações contra o pacote, silenciadas com a cumplicidade da mídia. E foi precisamente aí que se produziu um incidente muito significativo. Um grupo de policiais motorizados chegou à Avenida 9 de Outubro com a intenção de atacar um reduzido grupo de manifestantes antigovernamentais. Um grupo de soldados impedia a passagem dos manifestantes, mas, diante da arremetida dos motorizados, os mi-



litares os protegeram enfrentando fisicamente os policiais.

Um pequeno incidente, mas que se soma a outros incidentes pequenos que indicam que a insurreição popular, por um lado, e a repressão brutal do Estado estão começando a produzir efeitos entre os soldados rasos, que também são de extratos populares.

No mesmo dia, 9 de outubro, em Quito, o exército e a polícia foram empregados a fundo contra a enorme marcha pacífica que percorreu a capital. Gases lacrimogêneos, agressões físicas, veículos blindados lançados contra a multidão. A repressão engolia igualmente a todos, mulheres e crianças incluídos. No fim do dia, a polícia lançou gases lacrimogêneos dentro do recinto de duas universidades em Quito onde dormem os indígenas que se deslocaram à capital em número de dezenas de milhares. Havia planos de atacar a Ágora da Casa da Cultura, o centro logístico e dirigente do movimento.

O saldo: cinco mortos. Um deles, Inocencio Tucumbí, dirigente indígena de Cotopaxi, por impacto direto de uma granada de gás na cabeça. Três jovens mortos ao cair de uma ponte em San Roque, durante enfrentamentos corpo a corpo com a polícia. Testemunhas presentes afirmam que a polícia os empurrou da ponte.

O governo, na realidade toda a classe dominante que se uniu por trás do pacote e contra a insurreição, combinava a repressão mais brutal com informações falsas sobre uma suposta negociação, com mediação das Nações Unidas e da Igreja Católica. Na realidade, estão falando com “dirigentes” sindicais e indígenas de organizações que não representam ninguém e que não são as que dirigem o movimento. O governo pretende comprar o movimento com umas poucas migalhas para “desenvolvimento”, com parte do dinheiro poupado com a abolição do subsídio ao combustível (US\$ 1,3 bilhão). Mais de uma vez, a Conaie desmentiu a existência de tais negociações.

O dia 10, oitavo da insurreição, foi de raiva e luto. A mídia e o governo continuavam mentindo, desinformando, apresentando os manifestantes como violentos. Cada vez mais imagens compartilhadas nas redes sociais davam conta da brutalidade policial do dia anterior. Policiais motorizados golpeando duas mulheres indígenas que estavam tranquilamente em uma esquina, a um jovem que já estava imobilizado etc.

Milhares se reuniram em uma assembleia extraordinária na Ágora da Casa da Cultura em Quito para deliberar e tomar decisões sobre os passos a serem dados. No estrado, oito policiais que estavam patrulhando a área externa do prédio e foram desarmados pelo movimento. Os dirigentes locais do movimento, um depois do outro, se dirigiam à assembleia reunida. Foi anunciado que se sabia ao certo de dois mortos na jornada da greve nacional e que se havia exigido das autoridades a entrega de seus corpos.

O movimento já não só pede e reivindica, começa também a tomar decisões. Foi dada instrução à mídia presente para que transmitissem a assembleia ao vivo para todo o país, coisa que fizeram (parcialmente). Foram guardados dois minutos de silêncio pelos mortos e se obrigou aos policiais detidos a tirar os capacetes e jalecos à prova de balas, em sinal de respeito.

Em dado momento, chegou o rumor de que a polícia preparava o assalto à Ágora com gases lacrimogêneos. Os dirigentes que presidiam a assembleia obrigaram os policiais a chamar seus superiores no exterior para garantir que não iam entrar. E foi assim.

Alguns propuseram marchar até a Assembleia Nacional para tomá-la, com os policiais na frente, desarmados, “para que saibam o que é a repressão”. O ambiente era de raiva e muita indignação. A palavra de ordem “Fora Moreno, fora” estava em todas as bocas e a assembleia a repetia em uníssono.

A liderança nacional da Conaie, que está um passo atrás do ambiente geral das bases, ainda não a tornou sua de maneira oficial, não aparece em nenhum dos comunicados.

Outro dos eixos de quase todas as intervenções era a exigência às forças armadas para que deixassem de obedecer ao governo. Um apelo claro a uma derrubada do regime. Também se anunciou que outras três governorias provinciais haviam passado às mãos do povo na região amazônica. Dali iam chegando a Quito mais colunas de milhares de indígenas para fortalecer o movimento.

Finalmente, depois de trazer o féretro (sobre os ombros dos policiais e de dirigentes indígenas) de Inocencio Tucumbí e de realizar uma cerimônia oficial em honra de sua memória, o movimento marchou pela capital para entregar os agora já 10 policiais detidos às Nações Unidas.

No dia seguinte, 11 de outubro, mais uma vez a insurreição operário-camponesa marchou para a Assembleia Nacional com o objetivo de tomá-la. A marcha de dezenas de milhares foi pacífica e chegou até a frente do prédio, fortemente resguardado por policiais e militares. Depois de um tempo de espera tensa, alguns militares retrocederam de suas posições. O movimento fez uma pausa. Foi organizada a alimentação, que também foi oferecida às forças da ordem. Há uma política clara e correta de utilizar todas as oportunidades para confraternizar com suas bases.

À traição e sem aviso prévio, a polícia utilizou essa pausa para reagrupar forças e lançar uma nova vaga de repressão com gases lacrimogêneos e tiros de escopeta contra a multidão pacífica e desarmada que estava se alimentando no parque do Arbolito. A multidão resistiu, evacuando os feridos, fazendo um corredor para tirar os mais vulneráveis, construindo barricadas. Um cenário de autêntica guerra civil, guerra de classes.

Enquanto isso, o cínico Moreno aparecia na televisão oferecendo “diálogo”, que novamente foi rejeitado rotundamente pela Conaie em um duro comunicado. As condições do movimento são: derrogação do decreto do combustível, demissão da ministra de Governo e do ministro da Defesa, responsáveis pela repressão, antes de que haja qualquer negociação.

Mas mesmo isso se tornou insuficiente. O que o movimento aspira agora é a derrubada de Moreno. “Quem se vai de Quito, perde o seu banquito” gritam nas ruas. Inclusive a ideia de pressionar a Assembleia Nacional para que chame novas eleições se contradiz com as ações práticas do movimento que trata de tomar o prédio da Assembleia para instalar a Assembleia do Povo, ou seja, um governo alternativo. A questão de quem governa o país é colocada com clareza. Os ricos ou os pobres; a oligarquia e o FMI ou o povo trabalhador; os capitalistas e banqueiros ou os operários e camponeses.

Na prática, a insurreição equatoriana já controla grande parte

da capital (com exceção dos prédios oficiais abandonados) e várias províncias do interior. Começa a se organizar, tem sua própria Guarda Indígena e toma decisões em assembleia que logo são postas em prática.

A situação é insustentável desde o ponto de vista da burguesia e do imperialismo. Seu poder está por um fio. Daí o empenho em impedir a entrada dos manifestantes na Assembleia Nacional. Não é simplesmente um prédio vazio (já se fala em trasladar sua sede para Guayaquil), mas um símbolo do poder.

O levantamento tem a seu favor a coragem, a determinação e a audácia de milhares, dezenas de milhares de jovens, trabalhadores, camponeses e mulheres que se bateram nas ruas contra Moreno e o FMI. Falta ainda uma compreensão clara das tarefas a serem enfrentadas e de como realizá-las.

É urgente proclamar a Assembleia do Povo como poder legítimo e ampliá-la para todo o país. Deve-se desenvolvê-la como um autêntico organismo democrático de direção do movimento, com delegados

eleitos nas barricadas, nos bairros populares, nas fábricas e universidades, nas comunidades indígenas. Os elementos de autodefesa que já existem devem ser coordenados e desenvolvidos. A Guarda Indígena deve ser ampliada e suas fileiras organizadas em milhares de combatentes. Diante da repressão brutal da polícia e do exército deve-se organizar a defesa. Isso deve estar combinado com o aprofundamento do trabalho de confraternização com os soldados, o que já começa a dar resultados.

O momento é decisivo. A batalha pelo poder está colocada, mas ainda não resolvida. Se o movimento não avançar com passos decisivos, há o risco de que o cansaço e a falta de perspectivas comecem a ser prejudiciais. Nessas condições, o governo pode utilizar a repressão seletiva ao lado de concessões superficiais para debilitar o movimento ainda mais. Se se avançar com decisão e com objetivos claros, a derrubada do governo é totalmente possível. Pode-se tomar o céu por assalto. O momento é agora.

16 OUTUBRO DE 2019: ANTE O RISCO DE UMA DERRUBADA REVOLUCIONÁRIA, O GOVERNO REVOGA O DECRETO 883

Em 14 de outubro, o governo equatoriano de Lenín Moreno revogou o decreto 883. Depois de 12 dias de lutas e mobilizações que haviam alcançado proporções insurrecionais, Moreno se viu obrigado a fazer uma concessão importante diante do risco de ser derrubado de forma revolucionária. O levantamento dos trabalhadores, camponeses e estudantes havia conseguido uma primeira vitória, ainda parcial, à custa de oito mortos, 1.340 feridos e 1.192 detidos.

Esta é, sem dúvida, uma vitória muito importante. Uma peça chave do pacote que Moreno anunciou no dia 2 de outubro foi revogada. Isso demonstra que a luta serve e, neste caso, o bloqueio de vias, a tomada de governadorias, a marcha

a Quito, a greve geral e a paralisação nacional conseguiram fazer o governo e o FMI recuarem. No entanto, é importante insistir: esta é apenas uma vitória parcial.

O pacote de Lenín Moreno, resultado da assinatura de uma carta de intenções com o Fundo Monetário Internacional, se compunha também de outras seis medidas econômicas e 13 contrarreformas trabalhistas e tributárias. Essas medidas representam um ataque brutal à classe trabalhadora e uma enorme transferência de recursos à classe capitalista. Moreno continua comprometido com os objetivos fixados nessa carta de intenções, incluindo a redução da dívida pública, a redução do déficit fiscal, a “flexibilização” do mercado de trabalho, a redução da massa salarial

do setor público, a privatização de empresas públicas etc.

Com o fim dos subsídios ao combustível, o governo previa economizar US\$ 1,2 bilhão. A intenção de Moreno é modificar essa medida de forma que dessa poupança se possa dedicar uma parte em transferências diretas ou em subsídios específicos a setores camponeses ou indígenas. Na realidade, se trataria de atirar algumas migalhas à Conaie para que aceite o objetivo central do governo de eliminar o subsídio.

Está claro que, de uma forma ou de outra, o governo de Moreno vai lançar um assalto brutal às condições de vida da classe trabalhadora. Dessa forma, faz recair o peso da crise capitalista nas costas dos mais desfavorecidos. No entan-

to, depois do levantamento de outubro, o governo tenderá a calcular muito bem os seus movimentos, ante o temor de voltar a acender a chama da insurreição.

A vitória do movimento também deixa um certo sabor agridoce. Na realidade, o que começou como um movimento contra o pacote havia se convertido, sobretudo desde a greve geral de 9 de outubro, em um levantamento para derrubar o governo de Moreno e assim dar um fim ao pacote e à repressão brutal.

No entanto, os dirigentes mais destacados do movimento, sobretudo na Conaie, foram relutantes a todo momento em assumir esse objetivo. Inclusive quando a Assembleia do Povo na Casa da Cultura de Quito gritava a uma só voz “Fora Moreno” e quando esse era o grito com que os bairros populares da capital desafiavam o toque de recolher e a militarização.

Ante a acusação do governo de que, na realidade, o movimento era uma tentativa de golpe “correista”, os dirigentes da Conaie se afastavam não só do correísmo, mas também do objetivo de derrubar o governo. Aqui o sectarismo desempenhou um papel nefasto. O governo utilizou o espantinho do correísmo, de “agitadores pagos por Maduro”, de “terroristas guerrilheiros das FARC” e outros para tratar de dividir o movimento.

Os dirigentes da Conaie deviam ter respondido a essas provocações assinalando claramente que, embora não fossem correistas, todos os que estivessem contra o pacote eram bem-vindos ao movimento. E que, realmente, ante a brutal repressão do governo, que governa para a oligarquia capitalista seguindo instruções do FMI, o objetivo do movimento era derrubá-lo e substituí-lo por um governo de trabalhadores e camponeses através da tomada do poder por parte da Assembleia do Povo.

Além disso, o resultado é que, havendo desativado o protesto nas ruas, agora o governo de Moreno se lançou numa caça às bruxas con-

tra representantes do correísmo, incluindo deputados da assembleia nacional e outros cargos eletivos. No próprio dia 14 de outubro foi decretada a prisão preventiva contra a prefeita de Pichincha, Paola Pabón, detida em uma operação policial em sua casa pelo suposto delito de “rebelião”, um delito que sanciona “a quem promova, ajude ou sustente qualquer movimento armado para alterar a paz do Estado”. Ou seja, foi detida em conexão com o levantamento popular e para tratar de amedrontar a todos os que participaram do mesmo ou os que pensem participar de outros protestos no futuro. Também se produziram outras detenções e sete dirigentes da Revolução Cidadã de Correa se refugiaram na embaixada do México, incluindo quatro parlamentares.



Se a direção da Conaie pensa que esses atropelos não dizem respeito a eles, uma vez que o governo está atacando os correistas, estão muito equivocados. A repressão contra o correísmo hoje se alimentará amanhã contra qualquer dirigente ou ocupante de cargo público que se oponha, através da mobilização de massas, às medidas de ajuste do governo.

Pode-se dizer que o levantamento inconcluso de outubro foi um ensaio geral. É importante aprender as lições para o próxi-

mo ato, que não vai demorar. Os insurretos demonstraram organização e valentia na luta. Utilizaram métodos de mobilização de massas para paralisar o país. Obrigaram o governo e a assembleia nacional a fugir da capital. Formaram sua própria autodefesa armada, a Guarda Indígena, para enfrentar os provocadores e a violência policial. Levantaram a ideia de uma Assembleia do Povo que, na realidade, não podia ser outra coisa além de um poder alternativo ao do Estado burguês.

Nem a repressão policial, nem o estado de emergência, nem o toque de recolher, nem a militarização, nem os franco-atiradores conseguiram esmagá-los. Lograram uma mobilização ampla de muitos setores da população, mulheres, jovens, trabalhadores, estudantes, em torno de um objetivo comum. Mas o movimento também teve algumas debilidades que é necessário assinalar. A ausência de uma unidade mais firme entre o movimento indígena e o movimento dos trabalhadores, e o sectarismo com relação ao correísmo o debilitaram.

Faltaram também as estruturas democráticas de liderança, através de delegados eleitos nas barricadas, nos bairros, nas fábricas e nas comunidades que teriam dado conteúdo à Assembleia do Povo. Faltou no momento decisivo lançar a palavra de ordem da tomada do poder.

Os operários e camponeses se retiraram das ruas, por enquanto. Mas, tendo obtido uma primeira vitória, demonstraram e se deram conta de sua própria força. Os trabalhadores e camponeses do Equador deram um exemplo de luta e de heroísmo que servirá de inspiração para as massas de todo o continente que enfrentam políticas similares. Sem dúvida, voltarão às ruas quando o governo voltar à carga com o seu pacote do FMI. A próxima vaga do levantamento operário-camponês deve fixar como objetivo derrubar o governo e tomar o poder.



A eclosão do outubro chileno e o fim da transição

Carlos Cerpa

18 DE OUTUBRO DE 2019: CHILE DESPERTA

O 18 de outubro de 2019 ficará marcado como o dia no qual foram derrubadas as ilusões democráticas no regime de “transição”, que no fundo sustentou a herança da ditadura por 30 anos. A rebelião que o Chile está vivendo é a maior da sua história. As gerações da luta contra a ditadura e a geração sem medo da “transição democrática” despertaram para uma oportunidade única de transformar tudo.

Supostamente a “explosão” aconteceu na sociedade chilena pois havia um acúmulo de fatores, combustíveis ou explosivos, que sob certas condições levaram a uma mudança qualitativa da subjetividade das massas. Esse poder

chegou a tal ponto - traduzido na esmagadora maioria da sociedade nas ruas e em como parte do debate nacional - que agora é apresentado como um fator objetivo na situação em questão. Você não pode mais retornar ao estado anterior.

Por um lado, encontramos as contradições de um modelo implementado na ditadura e protegido pela constituição de 1980, que mercantiliza profundamente todos os aspectos da vida no Chile. Junto a isso, há o trauma intergeracional que a ditadura significa e a impunidade da “justiça na medida do possível”, a frase do primeiro presidente da transição, o democrata cristão Patricio Aylwin¹, que durante o governo da Unidade Popular foi uma figura chave do golpismo no Congresso. Por outro lado, no

último período, houve incerteza econômica nacional e internacional, greves e movimentos sociais.

A direita interpretou sua vitória eleitoral em 2017 como um voto de rejeição às reformas de Bachelet. Sentia que tinha carta branca para seu programa patronal, demonstrado na verborragia com que semanalmente o empresário e o governo presenteavam os trabalhadores com frases “infelizes”, mas muito transparentes do desprezo que sentem pela classe trabalhadora. No entanto, a poucas semanas do início do mandato, em março de 2018, estoura o Maio Feminista - um movimento de ocupações de universidades e colégios, que denuncia o abuso sexual, a educação sexista e o machismo. Embora muitas ativistas

façam parte de organizações relacionadas à Frente Ampla, as federações dirigidas por elas foram, em geral, dominadas pelos métodos radicais da juventude.

É catalogada como a maior rebelião de mulheres da história de Chile. O 8 de março de 2019 que comemora o dia internacional da mulher trabalhadora, teve outra convocação histórica a nível nacional organizada pela Coordenadora Feminista 8M². O processo molecular de organização dos explorados e oprimidos dá cada vez mais lugar a estes momentos “históricos”. A rebelião portuária no final de 2018 abriu métodos de combate numa formidável greve nacional em solidariedade à Unión Portuária de Chile, sindicato que se posicionou lutando contracorrente dos sindicatos amarelos³. Em julho de 2019, o desemprego de professores marca outro momento “histórico” da mobilização docente, uma nova geração que desde a Rebelión de las Bases (Rebelião das Bases) em 2014⁴ mostra disposição de lutar em defesa da educação pública. Em novembro de 2018 o assassinato do jovem mapuche Camilo Cattrillanca pelo Comando Selva convoca marchas em várias cidades, mostrando uma solidariedade crescente com o povo-nação Mapuche.

Supõe-se que a direita foi eleita, em parte, por sua superioridade técnica para administrar a economia nacional e desta maneira trazer maior bem-estar. Esta ideia desvaneceu-se nos primeiros meses de governo, com o fechamento de várias empresas nacionais. O desemprego chegou até 7%. A dívida dos lares chilenos chegou a 75% dos rendimentos, um número histórico. Só em 2019 houve um aumento do custo da energia elétrica de 19,7%. A gota d'água foi o aumento do transporte público, que custava 830 pesos por tarifa em horário de pico (mais que um dólar, o mais caro de América Latina), resultando em, aproximadamente, 50.000 pesos mensais. Uma despesa importante se considera-

mos que a metade dos trabalhadores ganha menos de 350.000 pesos líquidos.

Em todo caso, de acordo com as pesquisas mensais do Pulso Ciudadano (Pulso Cidadão), o item Transporte, que aparentemente mais apavora a população, é demarcado como uma das menores preocupações durante o último ano. As principais preocupações são as Aposentadorias, Saúde e Desigualdade.

No Chile, 1% da população concentra 26,5% da riqueza. Enquanto para metade da população apenas 2,1% está distribuído. O secretário nacional da Faculdade de Medicina do Chile explicou a desigualdade no sistema de saúde. Os gastos públicos são divididos em 50/50 entre os setores público e privado. Mas 80% da população está na FONASA⁵, o órgão público, e 17% no ISAPRE, as entidades privadas. Acrescente a isso os determinantes sociais em saúde, onde quanto maior a pobreza, maior a tendência a adoecer e gastar em saúde. Em junho de 2019, mais de 1,5 milhão de pessoas estavam na lista de espera do sistema público. Mais de 200.000 desses pedidos de atendimento aguardam dois anos.

Tudo isso traz à tona o abismo entre os privilégios da classe dominante e os abusos sofridos pelo povo trabalhador. A revolução no Chile está em completa sintonia com o cenário mundial de radicalização política.

Os estudantes secundaristas acenderam a fagulha realizando evasões em massa em estações de metrô do centro de Santiago contra o aumento da tarifa. Isso, por sua vez, desencadeou uma série de provocações pelas autoridades. A repressão de Forças Especiais batia nos jovens que defendiam os interesses da maioria. A atitude prepotente de políticos famosamente corruptos acendeu os ânimos e incitou a solidariedade em massa da população. Agora os protestos atingem a setores periféricos que usualmente não se viam afetados

pelas manifestações políticas que periodicamente enchiam a Alameda, principal avenida da capital. À noite os painéis e as aglomerações em todos os bairros acabaram por desencadear uma jornada de mobilização histórica do povo, abrindo caminho à rebelião mais profunda da história do Chile.

O balanço indica que só durante a noite de sexta-feira, em 18 de outubro, foram destruídas ao menos 41 de 136 estações do metrô. A isso se somaram saques e incêndios a lugares simbólicos que representam os abusos contra o povo: pedágios de estradas privadas, redes farmacêuticas, supermercados e bancos, que por anos conspiram contra a classe trabalhadora. A altas horas da noite o governo decreta o estado de emergência.

O Chile viveu 17 anos de ditadura com gravíssimas violações aos Direitos Humanos, em sua maioria impunes. A paisagem de tanques e soldados nas ruas evoca uma carga emotiva muito forte para a população chilena. A direita tem as mãos manchadas com sangue e continuará sendo lembrada por seu histórico antidemocrático e criminoso. O governo dos empresários no Chile literalmente declarou guerra aos trabalhadores e os pobres. Decretou-se o estado de emergência e toque de recolher nas principais cidades, uma medida que não se via desde 1987, na ditadura. Frente à magnitude dos protestos no sábado à noite, anunciou-se a anulação do aumento da tarifa. Tarde demais, pois o levante tomou escala nacional, enquanto o toque de recolher é amplamente desobedecido. Em 25 de outubro, a maior marcha do Chile convoca mais de 1 milhão de pessoas só em Santiago, exigindo a renúncia de Piñera. Será a combatividade das massas quem derrota, de fato, nas ruas, o estado de emergência e o toque de recolher, que será levantado uma semana depois. Anuncia-se também uma mudança de gabinete.

O governo responde a este “despertar” chileno mutilando os olhos

de centenas de pessoas. O relatório do Alto Comissionado de Direitos Humanos da ONU (dirigido pela ex-presidente Michelle Bachelet) tem sido contundente. Assinalam-se violações sistêmicas dos direitos humanos por parte do Estado do Chile - violações graves, em massa e sustentadas ao longo do tempo. Fatos que incluem torturas e violência sexual. Estas violações afetam principalmente jovens e adolescentes.

Junto ao 18 de outubro, outro marco é a greve geral do 12 de novembro, convocada pelo Bloco Sindical da Mesa de Unidade Social⁶. Neste agrupamento participam várias dezenas de sindicatos e organizações sociais, como a CUT, a Coordenadoria do No Más AFP⁷, CONFECH (Confederação dos Estudantes de Chile), SINTEC (Sindicato dos Trabalhadores da Construção), MODATIMA (Movimento em Defesa da Água, da Terra e do Meio Ambiente) etc.

Apesar do fato do Chile ter aproximadamente 20% de trabalhadores sindicalizados, essa greve conseguiu mobilizar trabalhadores não sindicalizados por meio de diversas ações em 35 cidades. Trata-se da paralisação mais efetiva desde 1990. Os convocantes estimam que 2 milhões de pessoas participaram ativamente das mobilizações. Muito importante tem sido a União Portuária e a paralisação de 90% dos portos. A ANEF⁸ estima em 90% a adesão no setor público. A Confederação de Sindicatos Bancários e Afins estima a adesão nacional de 40%. Nos estabelecimentos educativos houve 80% de participação, segundo o Colégio de Professores. Agrega-se a isso a mobilização dos estudantes. É importante a mobilização dos trabalhadores do setor saúde, com 95% de adesão, excetuando-se os plantões. A situação do setor de mineração tem sido mais preocupante, sobretudo considerando a posição estratégica do cobre na economia. Têm paralisado de fato os sindicatos



Ocupação da Universidade do Chile em 2006

dos terceirizados, enquanto os trabalhadores das grandes minas, ainda que apoiando as demandas, têm tido um papel mais passivo. Outros setores que também tiveram uma participação importante, são mais difíceis de quantificar, como é o comércio e construção civil (Balanço CIPSTRA)⁹.

O protagonismo da classe operária no processo alarmou a classe dominante, realizando em três dias um acordo entre os partidos do regime em crise. Em 15 de novembro todos os partidos do governo e oposição assinaram o Acordo pela Paz e a Nova Constituição, com a exceção do Partido Comunista e dissidências dentro da FA (Frente Ampla)¹⁰. Propõe-se um plebiscito para abril de 2020, a eleição de uma Convenção Constituinte em Outubro e a ratificação da nova constituição dentro de um ano através de outro plebiscito (ou seja, em 2021). O Congresso deverá também ratificar o documento. O quórum requerido será de dois terços, isto é, igual ao da constituição atual, onde uma minoria de um terço é capaz de preservar os interesses da classe dominante no parlamento. Isto é uma verdadeira “cozinha constituinte” cujo objetivo em todo o caso fica claro na primeira parte: *“Os partidos que subscrevem este acordo vêm garantir seu compromisso com a restauração da paz e a ordem pública no Chile e o total respeito aos direitos humanos e a institucionalidade democrática*

vigente”. Querem adormecer o país e tirar o movimento das ruas.

O mau chamado “Acordo pela Paz” tinha o objetivo de salvar o governo de Piñera, que o movimento de massas tinha colocado contra a parede. Para sobreviver, ele precisava do apoio de toda a oposição, incluindo o PS (Partido Socialista) e o FA, que vergonhosamente se prestaram para esse papel.

Há pouco mais de dois meses, a direita em bloco rejeitou o acordo por uma nova constituição, alegando que o contexto nacional não dá garantias democráticas para o processo. Um argumento ridículo de quem valida a constituição antidemocrática de 1980, feita num contexto sem liberdade de expressão, nem de imprensa, nem de associação, nem partidos políticos.

O acordo serviu ao governo e à oposição “responsável”, para encher as manchetes sobre a “violência” e criminalizar o protesto, sem tocar um centímetro nas mordomias dos donos do Chile. A solução que propõem variadas organizações sociais e políticas, é uma Assembleia Constituinte “verdadeira”. São adicionados apêndices como “Popular”, “Livre e Soberana”, “Paritária e Plurinacional”, muitas vezes seguida de frases explicativas. Mas nenhuma destas consignas prepara a classe trabalhadora para enfrentar as grandes tarefas que se aproximam para realizar as mudanças que o povo pede.

O presidente Piñera não tem nenhum problema cognitivo para entender o que exige a esmagadora maioria do país, simplesmente defende os interesses do empresariado e da oligarquia chilena, utilizando tanto os meios do aparelho repressivo estatal, como a manipulação da comunicação. As transformações radicais das quais o Chile precisa não serão decididas imediatamente por uma nova constituição ou por alguma fórmula que estabeleça cotas para mulheres e povos indígenas. Estas formalidades o regime é capaz de conceder e flerta continuamente com elas.

O ponto chave do momento histórico que vive o país é a capacidade de mobilização e organização dos milhões de pessoas que sustentam esta luta. As demandas começam a convergir num só programa. No Más AFP; Saúde e Educação Pública, Gratuita e de Qualidade; Jornada de 40 horas e um Salário Mínimo de 500 mil pesos; Estatização do Cobre, da Água, do Lítio e do Mar; Fim à Militarização do Wallmapu e Autodeterminação do Povo Mapuche. Tudo isto tomando forma concreta em Conselhos (de cidadãos) e Assembleias Territoriais. É a entrada na cena da história de quem normalmente deixam as grandes decisões nas mãos dos governantes, da elite corrupta de empresários e dos políticos profissionais. Hoje o povo trabalhador procura decidir sobre seu próprio destino. Por isso o regime em crise entrou em pânico com a greve geral e apressaram o acordo de 15 de novembro.

Apostavam que o verão traria uma trégua e poderiam encaminhar tranquilamente a cozinha constituinte tutelada pelo Congresso. Mas a festa de Ano Novo foi uma tremenda celebração popular contra o governo e a presença policial é rejeitada até nos balneários pelos veranistas. Algumas organizações têm abandonado a Unidade Social. Em novembro, a ACES (Assembleia Coordenadora de Estudantes Secundaristas) e a Coordenadoria do

8M, em janeiro, denunciando a disposição daquela em chegar a acordos com o regime e validar sua institucionalidade. No último período, estas duas organizações são fortes referências da luta contra o governo, a primeira boicotando a Prova de Seleção Universitária (PSU)¹¹ e enfrentando a criminalização e a segunda construindo um plano de Greve Geral para o 8 de Março.

Com todas as limitações da direção da Mesa de Unidade Social, a erupção social propicia a articulação de dezenas de organizações que conseguem romper as amarras da legislação trabalhista e mobilizar milhares de pessoas num plano de ação. Esta unidade é uma conquista preciosa de todo o movimento e as demissões de líderes conciliadores não devem confundir o impulso de centenas de milhares de trabalhadores de base.

No entanto, as limitações da Unidade Social são principalmente duas: uma organizativa e outra política. A primeira reside no fato de que a Mesa da Unidade Social é simplesmente uma coordenação de representantes de organizações, ao invés de um organismo democrático de representação. Para responder realmente ao movimento, deveria estar composta por representantes eleitos em assembleias territoriais, conselhos autoconvocados, representantes de sindicatos eleitos em assembleias de trabalhadores e, também, que os mandatos fossem revogáveis em qualquer momento por aqueles que os elegeram.

A segunda é o fato de que os dirigentes sindicais e de movimentos na Mesa de Unidade Social, ainda que tenham corretamente se negado a assinar o Acordo de Paz, nunca tomaram como sua a bandeira central de luta do movimento: “Abaixo Piñera”. O movimento propôs a questão do poder, quem governa o Chile, no entanto a Unidade Social ficou dentro da margem das instituições burguesas existentes (enormemente desprestigiadas) e portanto propunha exigências ao

governo, ao invés de lutar por derubá-lo e propor que sejam os trabalhadores os que governem.

No atual avanço repressivo do governo, que paira particularmente sobre os estudantes secundaristas, e com a greve que se prepara em março, a unidade e a solidariedade na ação são o ponto chave. A ACES negou-se a ceder diante do clima de normalidade que quer ser imposto depois da cozinha constituinte. Tem feito chamados a mobilização e ao boicote da PSU, que reproduz a desigualdade social e a educação de mercado. Devido a isto o governo de Piñera volta a atacar os secundaristas, invocando a Lei de Segurança Interior do Estado contra 34 dirigentes. A nova equipe do Ministério do Interior procura os louros de uma vitória, provocando o ator social mais prestigiado desta revolução.

A situação política que reivindica décadas de injustiças se expressa em milhões de histórias pessoais que fazem consciente aquilo que alguns querem negar. O porta-voz da ACES, Víctor Chanfreau, é neto de um dirigente estudantil, detido pela ditadura e desaparecido em 1974. Certamente as leis de Pinochet estão manchadas com sangue e esta geração tem muitas dívidas a cobrar da atual constituição e seus defensores.

A Assembleia Constituinte representava para as massas a ideia de ruptura com este regime e, como queremos explicar mais abaixo, chegar a esta conclusão tem sido um longo período cheio de aprendizagens. Mas, dado que o processo de plebiscito do fim da ditadura no fundo preservou o legado ditatorial, de forma análoga outro gesto nas urnas deste regime não é garantia de uma transformação radical do sistema capitalista.

A LUTA DOS ESTUDANTES PELA EDUCAÇÃO GRATUITA

A “Concertación”, coalizão formada principalmente pelo Partido Pela Democracia (PPD) (funda-

dor), Partido Socialista (PS) e a Democracia Cristã (DC), à qual em 2013 se somou também o Partido Comunista (PC), administrou as aspirações democráticas do povo chileno após 17 anos de ditadura. Mas não fizeram mais que governar com o mesmo legado ditatorial. O enorme movimento de rejeição à ditadura, no qual o movimento operário jogou um papel decisivo, foi canalizado para dentro dos limites seguros da democracia burguesa. Mudar todo para que nada mude. Houve muitas reformas cosméticas mantendo e aprofundando a desregulamentação e o saqueio do país. A educação, a saúde, a moradia, a previdência e os recursos naturais foram tomados pelo negócio privado. Um período prolongado, cujos ataques à classe trabalhadora que antes já haviam sido aplicados sob a bota da ditadura se mantinham. A propriedade privada dos meios de produção ficava assegurada. A impunidade dos crimes da ditadura ficava estabelecida e as forças armadas e os carabineros que executaram as violações de direitos humanos sob Pinochet se mantiveram intactos e sem julgamentos.

O preço das taxas das universidades públicas em Chile figura como o mais caro entre os países da OCDE, ao ajustar o indicador para o poder de compra real. Liderando este ranking, o Chile é seguido por Estados Unidos, Coréia do Sul, Japão e o Reino Unido. No meio da desregulamentação das taxas, o endividamento em massa é a solução que oferece o sistema capitalista para que os jovens curssem a educação superior. Segundo a Fundação Sol, entre 2010 e 2015 o número de estudantes endividados quase triplicou, passando de 272.787 e atingindo 686.797. O montante total da dívida atinge mais de 2,5 bilhões de pesos.

A constituição de 1980 e as reformas que afetaram a educação pública vieram a dismantelar décadas de desenvolvimento de uma institucionalidade centralizada,

baseada no papel do Estado como agente responsável de financiar e promover a educação, o Estado Docente. A mudança mais radical pode-se encontrar na reforma de 1981, quando a Lei Geral de Universidades abriu o caminho à privatização da educação universitária. Entre outras medidas, dividiu-se a rede nacional de universidades públicas, a Universidade de Chile e a Universidade Técnica do Estado em 16 estabelecimentos diferentes.

Implantou-se um Estado Subsidiário que promove a iniciativa privada para abrir universidades, Institutos Profissionais (IP) e Centros de Formação Técnica (CFT). Ao reduzir a contribuição fiscal direta e condicionar outra contribuição indireta de acordo com o mérito individual dos alunos matriculados, os estabelecimentos de ensino dependiam mais da contribuição privada ou, melhor dizendo, familiar. A educação pública foi posta em crise, com uma redução severa em sua capacidade de admissão. Isto preparou as condições para fazer da educação um bem de consumo, em vez de um direito social e um bem público.

A nova constituição de 1980 consagrou a “Liberdade de Ensino”, não deixando mais nenhuma restrição a não ser aquelas “impostas pela moral, os bons costumes, a ordem pública e a segurança nacional”, e qualquer indivíduo podia abrir uma escola como um “empreendedor” privado.

O Estado não assegura mais um acesso igualitário à educação e passou a administração de escolas públicas para as mãos dos municípios, corporações patronais e detentores privados de estabelecimentos subsidiados. Os subsídios foram concedidos de acordo com a frequência média dos alunos, gerando um mercado de matrículas em vez de oferecer educação universal como um direito.

Com a municipalização da educação, as próprias condições de trabalho dos professores foram alienadas do serviço público, sen-

do estes precariamente empregados sob a lei trabalhista que regia o setor privado. É importante notar que até então os municípios estavam controlados pelo Ministério do Interior, que nomeava arbitrariamente os prefeitos. Justo antes de abandonar o comando em 1990, a ditadura cívico-militar amarrado cuidadosamente o negócio educativo à Constituição, através da Lei Orgânica Constitucional do Ensino (LOCE), que requeria um alto quórum no Congresso Nacional para ser modificada. Esta lei não proibiu explicitamente o lucro nos IP e nem no CFT.

As reformas comentadas criaram um crescimento explosivo do setor privado na educação universitária e pós-secundária. Antes do golpe de estado de 1973, haviam 8 universidades; em 1990 eram 60 universidades, de um total de 302 estabelecimentos. Para o 2011, o total diminuiu a 176, devido a uma redução acentuada de CFT's. Houve um importante aumento na cobertura, mas pelas condições desreguladas em que esse processo ocorreu, graves contradições foram incubadas.

Durante os mandatos consecutivos da Concertación fizeram-se algumas reformas para aumentar as bolsas e subsídios às universidades. Mas o núcleo do sistema desregulado e mercantilizado ficou intacto, danificando evidentemente a qualidade da educação que estava sendo dada. As condições precárias das escolas públicas eram uma bomba de relógio.

As históricas mobilizações estudantis de 2011 foram precedidas, em 2006, pela chamada “Revolução Pingüina”¹². Os estudantes secundaristas lançaram-se às ruas pedindo a derrubada da LOCE, pondo o governo contra a parede. Os jovens estudantes eram a vanguarda de uma nova geração que veio desafiar um dos pilares do sistema capitalista chileno. Isto foi uma evolução política muito importante no seu discurso, que se desenvolveu ao longo dos anos



torando-se conhecido por toda a população. Ao mesmo tempo, denunciavam as raízes ditatoriais e antidemocráticas do sistema de educação privada e escancaravam o papel sujo jogado pelos partidos que administraram a “Transição à Democracia” após 1990.

O salto em cena de uma geração jovem, enérgica e criativa, com métodos combativos e participação em massa, colocaram em xeque os atores tradicionais dos partidos de esquerda. Sacudiram o andamento das organizações dos trabalhadores, abrindo um período de crescentes greves legais e extralegais, revoltas regionais, movimentos de mulheres e lutas setoriais.

2006: A “REVOLUÇÃO PINGÜÍNA”

Os estudantes chilenos têm lutado durante anos contra o sistema de educação baseado num mercado educacional de imensas dívidas, subsídios estatais e associações imobiliárias corruptas. Desde 2006 encontramos uma continuidade de lutas e descontentamento social sobre a questão do financiamento da educação, com a principal e histórica demanda dos estudantes: Educação pública, gratuita e de qualidade.

Ao menos desde o “Mochilazo”, em 2001, os estudantes secundários mobilizaram-se em torno de demandas isoladas como o preço do transporte, o acesso à universidade, a jornada escolar completa, infraestrutura, bolsas de alimentação, etc. Nestes anos, diferentes organizações e coletivos de estudantes com experiência de ativismo local e princípios de democracia direta foram formando uma tendência agrupada na Assembleia Coordenadora de Estudantes Secundários (ACES).

Atualmente a ACES mantém-se como uma das vozes mais críticas ao papel conciliador jogado por algumas organizações na direção do movimento, durante o outubro chileno, como, por exemplo, a Mesa de Unidade Social. Como afirma-se acima, não foi só a ascensão, mas, sobretudo, a repressão aos secundaristas que lutavam pela dignidade de todo o povo, juntamente com a aplicação de lei de segurança interna do Estado, o que provocou a ira popular.

Em 2005 o governo de Ricardo Lagos legisla para a criação do Crédito com Aval do Estado (CAE). Este ajudaria estudantes a obter crédito bancário para pagar as mi-

lionárias taxas das universidades. Argumentava-se que os estudantes mais pobres precisavam desta oportunidade para ingressar na educação superior e que estes em sua maioria estavam em estabelecimentos privados. Mas, por sua vez, o sistema de crédito promovia o endividamento em massa sem nada questionar, melhor seria dizer aprofundando, os vícios estruturais da educação mercantilizada. Esta tem sido a marca inequívoca das reformas da “Concertación”. Apresentar reformas cosméticas com maior apoio do governo a estudantes individuais para pagar suas taxas e desta maneira continuar enriquecendo os empresários da educação, legitimando o modelo de livre mercado elaborado na ditadura. Assim, os estudantes são considerados meros clientes e não sujeitos de um direito que deveria ser assegurado pelo Estado.

Os estudantes manifestaram-se contra o CAE, que também se aplica a empréstimos com estabelecimentos privados. Secundaristas e Universitários mobilizaram-se nacionalmente, com demandas mais articuladas contra a educação mercantilizada. Um grupo de secundaristas elaborou um documento publicado em novembro de 2005, que continha demandas e propostas que atacam a raiz constitucional e ditatorial do sistema de educação, da LOCE e da Municipalização. Em 2006, o recém empossado governo de Michelle Bachelet (PS) não prestou muita atenção ao que pareciam ser as tradicionais revoltas estudantis, com mobilizações todo início do ano por mensalidades, bolsas, tarifas de transporte etc. Ignorando dessa maneira o avanço político no conteúdo das demandas.

Embora as mobilizações tenham começado em abril devido a demandas locais, o conflito aumentou no início de maio e tomou maior força nos liceus “emblemáticos” da capital. Estima-se que mais da metade dos colégios de todo o Chile curvaram-se às mobilizações,

incluindo estabelecimentos particulares e subsidiados. Houve um apoio significativo da sociedade aos pingüiños. Quantas vezes escutamos que os jovens não se interessam por política, que não querem votar nas eleições. Pois nesse episódio vemos que a juventude queria realmente participar do debate nacional, mas não sob a mesma estratégia conformista imposta pelos partidos tradicionais.

O governo criminalizou e reprimiu com violência os jovens, menores de idade que enfrentavam nas ruas o aparelho repressivo do Estado. No tradicional balanço público do 21 de maio, em Valparaíso, a presidente sequer citou as demandas dos estudantes. Isto causou indignação e os secundaristas responderam radicalizando seus métodos. Ocuparam suas escolas, recebendo um apoio generalizado de professores e pais. Para o dia 30 de maio declarou-se Greve Nacional Indefinida com participação de meio milhão de secundaristas e universitários. Grandes jornadas de luta de rua e repressão aconteceram. Mas o movimento se desgastava e o governo propôs uma mesa de diálogo para mudar a LOCE. Os parlamentares demonstraram todas suas habilidades para desviar a luta que fizeram os estudantes. Em 2009 foi promulgada a

nova Lei Geral de Educação (LGE) que não respondia às demandas básicas da “Revolução Pingüiña”.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 2011

O ano de 2011 começou com mobilizações na Universidade Central, que denunciavam o lucro do estabelecimento privado e a transferência dos edifícios para empresas imobiliárias. Nessa turva associação entre universidade e uma empresa imobiliária estavam envolvidos políticos da Democracia Cristã (DC). Estes conluios entre o setor imobiliário e estabelecimentos de ensino são frequentes no Chile.

Em 28 de abril do 2011, a Confederação de Estudantes Universitários de Chile (CONFECH) convocava a primeira marcha do ano, a qual participaram 8.000 universitários. No princípio, as bandeiras que as federações, majoritariamente dirigidas pelas Juventudes Comunistas (JJCC), pretendiam levantar foram as das taxas diferenciadas, pedindo contenção. É uma característica destas mobilizações serem protagonizadas pelas demandas dos universitários. Para a segunda marcha, já no dia 12 de maio, sob a bandeira de “Recuperar a Educação Pública”, a convocação dobrou e chegou a 15.000 estudantes,

com participação dos secundaristas da ACES. Estes últimos, além de denunciar a repressão policial, criticavam a CONFECH por “estarem dispostos a negociar” e por sentirem-se excluídos do debate.

O período da “Transição à Democracia” agora apresentava um giro, já que após 20 anos de governos da Concertación, a direita ganhava as eleições presidenciais em 2010. Seria o primeiro mandato de Sebastián Piñera. O empresário-presidente Sebastián Piñera é dono de um capital de 2,8 milhões de dólares, segundo a Forbes. É atualmente o quinto milionário mais rico do país, um dos donos de Chile. O porta-voz do governo foi seu primo Andrés Chadwick, quadro da UDI, partido que agrupou o braço civil da ditadura. Hoje está inabilitado de ocupar cargos públicos por 5 anos devido a sua responsabilidade como ministro do Interior nas violações aos direitos humanos no 18 outubro de 2019. Como ministro de Educação desse primeiro mandato foi nomeado Joaquín Lavín, figura da direita pinochetista e da Opus Dei, além de fundador da Universidade do Desenvolvimento. Essa situação acarretou um conflito de interesses já que ele estava pessoalmente envolvido num negócio de ensino. Não termina o ano como ministro.



O discurso de balanço público do 21 de maio, em Valparaíso, quase sempre marca um momento importante do debate nacional. O presidente Piñera não só não citou as demandas de educação pública e de qualidade dos estudantes, como numa atitude desafiadora criminaliza as manifestações e propõe uma reforma dentro da mesma linha mercantilizada do sistema.

Para o primeiro de junho, convocava-se uma marcha que contou com o apoio da ANEF e o Colégio de Professores. Os secundaristas radicalizaram suas mobilizações, ocupando liceus emblemáticos de Santiago. Várias universidades foram também ocupadas. Depois os estudantes passam a tomar a Casa Central da Universidade do Chile, localizada na principal avenida da capital. Na Casa Central agrupam-se diferentes atores sociais que acabam ganhando maior visibilidade no decorrer dos acontecimentos. Na fachada do edifício pendurou-se a bandeira histórica do movimento estudantil: **Educação Pública, Gratuita e de Qualidade**.

Para o 16 de junho convocou-se a Greve Nacional pela Educação, que teve uma convocação em massa de cerca de 100.000 pessoas em Santiago e o dobro dessa cifra ao redor do país. Ocorre então do movimento estudantil tomar a posição de fenômeno de massas mais importante desde as manifestações contra a ditadura. Crescem as ocupações em universidades privadas como meio de mobilização e organização, pois lá se encontram a grande maioria dos estudantes e os mais precarizados. O governo respondeu propondo mais recursos para as universidades estatais, ao mesmo tempo que impunha a repressão policial para desalojar os estabelecimentos.

Além das ocupações que se massificaram ao longo do país, os estudantes se mobilizavam de maneira criativa e lúdica, tanto que cativaram a atenção da mídia e da sociedade em geral. Carnaval, batucadas, flashmobs, beijaços, a

dancinha do “Thriller pela Educação”, um pedido de “Genki Dama” etc. As pesquisas indicavam o apoio de mais de 80% às demandas estudantis. No início de julho o presidente Sebastián Piñera comunicou em cadeia nacional o acordo “GANHE” (Grande Acordo Nacional pela Educação), que anunciava US\$ 4000 milhões para a educação. Ele foi rejeitado vigorosamente. No dia 18 de julho, o governo depôs o ministro Lavín para nomear Felipe Bulnes ao MINEDUC, que parecia ceder falando de uma reforma pela “qualidade” da educação. No dia 01 de agosto, Bulnes propõe seus “21 Pontos sobre Educação”, onde não há solução às demandas. O governo estava com níveis históricos de desaprovação e só com 26% de apoio. Por sua vez o ministro Bulnes também não chegará até o fim do ano na cadeira da educação.

A jornada de 4 de agosto foi o ponto mais alto no desenvolvimento das mobilizações do 2011 e no confronto com o governo. Os secundaristas tinham convocado uma manifestação para as 10h da manhã, enquanto a CONFECH e o Colégio de Professores tinham sua convocação as 18h30, mostrando a distância entre os líderes das principais organizações. A indignação foi generalizada quando chega a público os números de centenas de menores de idade feridos e detidos durante a manhã, além das ruas cheias de carabineros que impediam o direito ao livre trânsito. Implantou-se de fato um estado de sítio na cidade. No meio de uma verdadeira batalha campal, os estudantes se reagrupavam nos edifícios ocupados.

Os dirigentes da CONFECH reuniram-se de forma extraordinária. Podiam sentir a forte pressão dos delegados mais combativos das regionais, das bases e da mídia. Alguns líderes estudantis estavam tentando enfrentar a luta histórica que acontecia nas ruas do país, chamando a “avançar com todas as forças que sejam necessárias”, mas o principal organismo de di-

reção dos estudantes universitários nunca assinalou concretamente um plano a longo prazo, uma estratégia para vencer diante de um governo cambaleante.

A dirigente estudantil comunista Camila Vallejo denunciou a proibição do direito a manifestar-se e ao livre trânsito, que mais lembrava os sombrios anos da ditadura. Através de sua conta no Twitter chamou um “panelaço contra a repressão” para as 21h. Enquanto ainda não estava claro como ia terminar a noite, o esmagador apoio popular ao movimento estudantil foi sentido nessa hora. Famílias inteiras fizeram parte do panelaço nas ruas do centro, manifestando seu repúdio ao governo, além de validar, de certo modo, os métodos mais radicais com os quais se defendiam os estudantes nas barricadas. Por alguns momentos a polícia pareceu desaparecer. Os confrontos ainda aconteceriam por algumas horas. O saldo de detentos durante a jornada chegou a 874 só em Santiago. A mídia internacional denunciou a repressão e a Comissão Interamericana de Direito Humanos (CIDH) pronunciou-se em relação às detenções e ao uso desproporcional da força policial para os jovens.

Com a tática do governo de procurar dialogar com os atores separadamente, a ACES distanciou-se do diálogo com as autoridades, enquanto a CONES e a CONFECH apresentam-se ao Senado para expor seu plano para acabar com o lucro na educação.

Mais mobilizações acontecem, que constituem atos isolados, muito midiáticos, mas nenhuma batalha decisiva. Em 18 de agosto reúnem-se sob a chuva umas 100.000 pessoas só em Santiago, no que seria depois conhecida como a “Marcha dos Guarda Chuvas”. Realiza-se o “Domingo Familiar pela Educação”, organizado junto com professores e pais, reunindo no parque O’Higgins até 1.000.000 de pessoas, segundo os organizadores, numa jornada pacífica de música e recreação.

A Central Unitária de Trabalhadores (CUT) convocou uma Greve Nacional para o dia 24 e 25 de agosto. Durante a noite do 25, o estudante de 16 anos, Manuel Gutiérrez, que observava as manifestações em companhia de seu irmão na comuna de Macul, morre por uma bala de metralhadora Uzi disparada por carabineros.

Nos últimos meses do ano as mobilizações caem, em meio a mesas de diálogo, discussões sobre o orçamento de 2012 e preparativos para as eleições das federações universitárias.

BANCADA ESTUDANTIL: FRENTE AMPLA

A questão não foi resolvida completamente, nem através da vitória decisiva por parte do movimento, nem através do governo e empresários derrotando fatalmente os estudantes. Notoriamente, a geração de líderes universitários mostrava um caráter burocrático e diletante, confundindo suas bases em mesas de diálogo que davam respiro ao governo enquanto os estudantes se desgastavam em marchas e ocupações. Teve aproximações com a classe trabalhadora, por exemplo, pois soava forte a bandeira de reestatização do cobre para financiar a educação. Mas não conseguiu estabelecer um programa que estendesse as reivindicações ao conjunto da sociedade.

O duopólio manteve-se, como já dito, em parte devido à incapacidade do movimento e suas direções de dar forma a um programa contra as raízes ditatoriais da educação de mercado reproduzida pela transição democrática. Era necessário uma corrente política armada com um programa socialista de transformação radical da sociedade, que além disso soubesse incorporar o melhor das experiências organizativas da luta estudantil, as assembleias de delegados baseadas na democracia direta, a unidade operário-estu-

dantil, os métodos combativos de luta de rua das massas, barricadas e ocupações.

As condições eram adequadas para uma orientação política audaz para a classe trabalhadora, como demonstra o aumento do conflito trabalhista desde 2013, por salários e condições de trabalho e notadamente desde 2016 por pensões (Dados do Observatório de Greves Trabalhistas).

A oposição concertacionista volta-se para a reeleição de Michelle Bachelet à presidência (seu segundo período em 2014). Desta vez o ex-Concertación, junto com o Partido Comunista, formavam uma nova coalizão de governo chamada agora Nova Maioria. Além de outras reformas moderadas, mas muito sinceras, como o aborto por três motivos, parte importante da demanda pela gratuidade foi assimilada pelo governo e parlamentares. A gratuidade atingiu cerca de 25% da matrícula de graduação em 2017. De toda maneira, a estrutura mercantil da educação mantém-se ao subsidiar o estudante individualmente e sustentar o negócio privado. A gratuidade injeta mais dinheiro em instituições privadas, preparando novas contradições que não dão solução real à crise da educação pública no Chile. Hoje está à vista de todos até que ponto esta reforma foi capaz de desmobilizar uma nova geração que almeja acabar com a herança pinochetista.

Por sua vez, vários ex-dirigentes estudantis entram em 2013 na carreira parlamentar, Camila Vallejo e Karol Cariola pelo Partido Comunista, Giorgio Jackson como fundador da Revolução Democrática, e Gabriel Boric de Esquerda Autónoma. Aparece assim a chamada “Bancada estudiantil”.

Depois de 2011, o Partido Comunista perde a direção de várias federações universitárias, dando lugar a novos grupos de esquerda em diversas coalizões. Muitos destes grupos universitários, ainda que não exclusivamente, conformarão a Frente Ampla oficialmen-

te em 2017. Esta nova esquerda - através de um período de pico de mobilização estudantil, de radicalização de conflitos trabalhistas e de revoltas regionais - em geral repetiu o treinamento das direções burocráticas, sob a premissa da “acumulação de forças” e “ganhos concretos”, iniciando carreiras políticas ou como servidores públicos do estado. O ascenso eleitoral da Frente Ampla em 2017, obtendo 20% dos votos nas presidenciais e ganhando 20 deputados e 1 senador, parecia indicar o fim do rótulo de grupo “estudantil”. Parte importante do eleitorado expressava seu anseio de terminar com a política concertacionista, a lógica dos acordos e das cozinhas parlamentares.

Nesse despertar chileno - sem dúvida um dos momentos mais marcantes da luta de classes que se tem visto no Chile - lamentavelmente as “posições” da direção da Frente Ampla têm sido em realidade um ponto de apoio para salvar o regime e não uma posição dos explorados para irradiar sua energia nacionalmente e aumentar a confiança em suas próprias forças. O Acordo pela Paz e a Nova Constituição foi uma vil manobra da classe dominante, que a Frente Ampla pensava utilizar em seu benefício. Dado o caráter espontâneo e inorgânico do movimento, a Frente Ampla caracterizava que devia se apressar uma saída institucional e se mostrar como atores “responsáveis”, algo que projetasse seus integrantes como alternativa de governo num próximo período.

OS PILARES DO SISTEMA

Apesar dos limites dados pela direção das organizações estudantis, dos desvios reformistas no parlamento e da violenta repressão, o movimento estudantil conseguiu pôr suas demandas no centro do palco político nacional durante vários anos. Os estudantes acumularam uma rica experiência diante dos olhos de todo o país e se abre um ciclo de ques-

tionamento aos pilares do modelo de livre mercado implantado durante a ditadura de Pinochet e sua constituição antidemocrática.

As aposentadorias miseráveis que o sistema privatizado de pensões dá são mencionadas pela população como o problema principal do Chile na atualidade. As Administradoras de Fundos de Pensões (AFP) são um mecanismo de poupança obrigatório de 10% do salário através de empresas privadas. Foi um sistema criado em 1980 pelo ministro do Trabalho, José Piñera, irmão do atual presidente Sebastián Piñera. Numerosos ministros da ditadura (e também políticos da Concertación) têm feito parte da administração das AFP. José Piñera também desenhou a legislação trabalhista, que acaba com a negociação por categoria e impõe uma normativa antissindical. Além disso, como Ministro de Mineração, permitiu a concessão plena a entidades privadas o que dá lugar a “privatização” do cobre, legislação que posteriormente se estende a outras empresas estatais. Isto é parte de um esquema de modernização profunda do sistema econômico, implantado pela ditadura e aprofundado durante a transição. São os pilares ideológicos e econômicos do sistema.

As AFP têm tido a alta rentabilidade, 8% por média anual, e o valor do fundo de poupança chega até os US\$ 200.000 milhões. As AFP privatizam os ganhos e socializam as perdas, entregando aposentadorias de fome. Em dezembro de 2018, metade das pensões por velhice são menores que 151.000 pesos. Para se ter uma ideia, 75% das pensões estão abaixo do salário mínimo (30.1000 pesos). E 44% abaixo da linha da pobreza. Tal como no mercado trabalhista, este sistema discrimina as mulheres. No entanto, as forças armadas mantiveram-se no antigo sistema de segurança social, na forma de Caixas

Previsionales (CAPREDENA e DIPRECA), sendo que estas funcionam como um sistema de partilha. Militares recebem em média aproximadamente um milhão de pesos em pensões e Oficiais recebem em média 2 milhões de pesos. A Coordenadoria Nacional de Trabalhadores No Más AFP vem desde 2016 realizando convocações gigantescas contra as AFP e, notavelmente, em 2017, 2 milhões de pessoas se manifestaram pacificamente em todo Chile. Propõem acabar com as AFP e dar lugar a um sistema de partilha solidário e de administração pública. Segundo a pesquisa Pulso Ciudadão, em outubro, novembro e dezembro de 2019, nos meses de pisco desde o estopim, as Pensões lideram a tabela como a maior preocupação dos chilenos. A ela seguem-se Saúde e Desigualdade.

Outra parte escandalosa das legislações vindas da ditadura en-

contra-se no Código de Águas de 1981. Resulta hoje em dia em uma normativa muito polêmica, onde a cessão de direitos gratuitos, transferíveis e perpétuos, sem necessidade de justificativa de usos e separado legalmente da terra, tornou a água uma mercadoria comercializável. O artigo 19 N° 24 da Constituição de 1980 indica que “os direitos dos particulares sobre as águas, reconhecidos ou constituídos em conformidade a lei, outorgarão a seus titulares a propriedade sobre eles”. Convertendo efetivamente a água em propriedade privada ao invés de um bem público. Em 8 de janeiro de 2020 recusou-se no Senado a reforma constitucional que procurava garantir o acesso a água como um bem público, regulando que as concessões sejam temporárias e com fins específicos. A reforma teve 12 votos da direita na contramão, em frente a 24 a favor (precisavam-se 29 votos para



aprovação). O polêmico quórum de dois terços permite à direita resguardar os interesses dos ricos, ainda que estes votem em minoria.

O setor agrícola é o maior consumidor de uso de águas residuais no Chile (entendido como o aproveitamento total da água, sem necessidade de devolver ao meio no qual foi capturada), cerca do 75% do uso total. Como muitas outras regiões do mundo, o Chile vive uma crise hídrica. Por exemplo, especial preocupação é a comunidade de Petorca, na região de Valparaíso. Aproximadamente 20.000 toneladas de abacates são exportadas anualmente desta região ao Reino Unido. Estima-se que para produzir um quilo de abacate são necessários ao menos 1.000 litros de água. A descoberta de 65 tubulações ilegais pela Direção Geral de Águas (DGA, 2011) acendeu o alarme de toda uma população que acusa a usurpação de águas subterrâneas. A província de Petorca deve conviver não só com a seca por causas climáticas, como a falta de precipitações que afeta a região há anos, mas também por uma situação de escassez hídrica devida à apropriação ilegal de água pela grande agroindústria.

Outra legislação da ditadura que beneficia a concentração de poder nos ricos tem relação com a indústria florestal. Em 1974, o D.L. N°701, Lei de Fomento Florestal, entrega subsídios a empresas florestais para cobrir entre 75% e 90% dos custos de administração, manejo e plantio florestal. Os grupos Matte e Angelini têm sido os principais beneficiários. Ao mesmo tempo os investimentos das AFP são capitalizados nas empresas desses grupos. As empresas estatais foram fechadas e mesmo assim os subsídios foram concedidos. Como se isso não bastasse, a empresa CMPC, do grupo Matte, conspirou por mais de 10 anos para controlar os preços do papel higiênico e outros derivados. Os grandes grupos econômicos do Chile fazem um verdadeiro “saque” da natureza e do trabalho humano.

Hoje latifundiários aliam-se às empresas florestais, hidroelétricas e mineradoras, para aterrorizar ao povo nação mapuche. Juntamente com uma rede de juízes racistas, carabineros e da direita mais poder, eles têm estabelecido um bastião reacionário na Araucanía. Ao mesmo tempo a região tem os mais altos índices de pobreza nacional. O decreto de lei N° 701 permitiu uma “contrarreforma” agrária que restituiu à oligarquia as terras recuperadas por chilenos e comunidades mapuches. Atualmente os grupos Matte e Angelini concentram em torno de 1.700.000 hectares, enquanto a totalidade das comunidades mapuche ocupam 400.000ha. No último censo de 2017, 1.745.147 pessoas identificaram-se como Mapuche, correspondente a 10% da população.

O povo-nação Mapuche reivindica seu território ancestral, o Wallmapu, que compreende pelo menos 10 milhões de hectares. Estas terras são reconhecidas em tratados com os espanhóis, produto da resistência militar mapuche. Posteriormente têm sido sucessivamente usurpadas pelos estados chileno e argentino a serviço das oligarquias terratenientes criollas. O povo mapuche existe há mais de mil anos com uma continuidade de práticas, organização, formas de pensamento e língua própria (o mapudungun). A diversidade de suas expressões em um variado território reafirmam sua característica principal, uma sociedade em relação dinâmica e estreita com o meio natural. Assim, a presença milenária do Wallmapu está presente na consciência coletiva mapuche, que reivindicam seu direito à autodeterminação (Escucha Winka).

A celebração dos “500” anos em 1992, deu lugar a um debate importante nas organizações mapuche. Cria-se o Conselho de Todas as Terras, que se distancia do caminho institucional da maior parte das organizações que seguem a política da Concertacion no que será a Corporação Nacional de Desen-

volvimento Indígena (CONADI). A pobreza das comunidades que contrasta com o negócio das florestais, o impulso de jovens dirigentes e a influência de outros movimentos indígenas, como o levante zapatista, abrem um ciclo de mobilizações em 1997. Principalmente diante da incapacidade da lei indígena e da Conadi de assegurar o acesso a recursos básicos, como à água e à terra, fundamentais para a continuidade da cultura mapuche. Nasce o que é conhecido como “conflito mapuche”, onde comunidades reclamam contra projetos hidroelétricos, contra as empresas florestais e pela restituição de suas terras ancestrais. Neste processo vai tomando forma um projeto de autonomia e reconstrução nacional mapuche. Em 2002, no governo de Ricardo Lagos, aplica-se pela primeira vez na “democracia” a Lei Antiterrorista, contra dirigentes mapuche, lei criada em 1984 durante a ditadura. Desde então tem sido repetidamente aplicado a ações em demanda por terra e direitos indígenas, que observadores internacionais têm explicado que não constituem delitos terroristas. Dezenas de mapuche, alguns muito jovens, são assassinados por carabineros e colonos. Em todos os casos com obstrução das investigações, que resultam em impunidade.

A militarização que o Chile tem vivido durante o estado de emergência e a repressão violenta de carabineros é uma realidade que as comunidades mapuche têm enfrentado há anos. Sua resistência tem sido exemplar para o povo chileno que hoje levanta a bandeira mapuche, pois esta ideia oferece um mundo diferente dos valores superficiais do sistema capitalista. Desde o estopim da revolução, milhões de pessoas identificaram-se com os historicamente oprimidos e seu espírito guerreiro e não com o conto de uma classe média “empreendedora”. Deve-se levar até o final a luta do povo-nação mapuche, expulsando as empresas florestais e todas as



Foto: Colectivo 2+ / Carlos Vera M.

empresas que têm abusado do seu território por décadas.

A NECESSIDADE DAS ASSEMBLEIAS PARA PASSAR À OFENSIVA

A constituição de 80 é a expressão do poder que concentra a elite corrupta de empresários. As bases ideológicas, legais e econômicas do poder do sistema financeiro e os grupos econômicos no Chile foram estabelecidas como consequência da derrota histórica da classe operária no 11 de setembro de 1973. É na luta de classes onde se encontra a verdadeira relação de forças, para saber quem governa. Infelizmente, não há atalhos para resolver a contradição fundamental que confronta os proprietários do Chile e a maioria trabalhadora. Talvez possa-se ignorar este fato um tempo e deixar que políticos profissionais se arranjam por décadas dentro deste sistema. Mas em algum momento têm-se que abrir os olhos.

A revolução no Chile será um longo processo, mas a verdade é que o processo já começou. Meta-de da população não se identifica com nenhuma coalizão política. O presidente tem menos de 10% de aprovação, próximo já ao erro estatístico, e este é o nível mais

baixo da história do Chile. No meio da crise de representatividade desde o 18 de outubro têm brotado as Assembleias Territoriais e os Conselhos Autoconvocados. Seu grau de organização e preparação é variado, mas no momento de pico da mobilização representavam, de maneira embrionária, ou tinham o potencial para converter-se em, organismos de poder operário. Além disto iniciaram-se os organismos de autodefesa de massas. A juventude valente da Primeira Linha, as Comissões de Segurança e Resguardo. O que faltou nesse momento foi uma direção revolucionária à altura da situação. A disputa era pelo poder: quem governa, Piñera e as instituições burguesas oficiais, ou o povo mobilizado nas ruas? Essa era a questão que estava posta. Para resolvê-la a favor da classe trabalhadora era necessário avançar na coordenação de Assembleias e Conselhos já existentes para que estes se transformem num poder alternativo que proponha varrer o regime burguês.

No entanto, inclusive partidos de “esquerda” como o PS, ou a maioria da Frente Ampla, apostaram por um acordo pactuado por cima no dia 15 de novembro, para

desmobilizar esta energia criadora nas ruas e assembleias. A bandeira da Assembleia Constituinte jogou neste contexto um papel negativo. O regime apropriou-se dela como uma maneira de canalizar o levante revolucionário para os canais seguros do constitucionalismo burguês e, ainda assim, de forma muito limitada. Na realidade não se tratava, ou não somente, de mudar a constituição, mas de varrer todo o regime. O necessário seria uma Assembleia Popular Revolucionária e um Governo dos Trabalhadores.

Mas não apenas isto, mas também a direção da Unidade Social e do Partido Comunista, que corretamente recusou o Acordo pela Paz, têm sempre direcionado suas demandas ao governo. Em vez de exigir a renúncia de Piñera, como pedem milhões nas ruas, sempre olham em direção a uma saída institucional. Não têm nenhuma confiança na capacidade nem na inteligência da classe trabalhadora. E isto têm dado um respiro vital à totalidade do regime. Têm encaixotado o debate nacional em argumentos mesquinhos, próprios dos partidos desacreditados, das maquinarias eleitorais e da aritmética parlamentar. Os políticos “responsáveis” correm para denunciar a violência das manifestações, enquanto há milhares de prisioneiros, mortos e feridos pela repressão.

Que diferente seria se ao invés de dialogar com o regime em crise, houvesse sido convocada uma grande Assembleia Nacional do Povo Trabalhador, preparada minuciosamente em todas as assembleias territoriais, organismos autoconvocados e sindicatos. Com delegados eleitos pelas bases e com mandatos revogáveis a qualquer momento. Que seja discutido em larga escala, sobre todos os temas, este despertar chileno. Sobre o salário e as pensões que não bastam, sobre a educação gratuita. Inundar o debate nacional com ideias sobre projetos educativos e desportivos, sobre um seguro nacional de saúde e o bem-estar da infância e dos

idosos. Debater ideias para combater a ideologia machista e abordar um plano para frear a morte de mulheres. Debates de arte, cultura e ciência, que estejam à altura das inquietudes desta juventude. Compartilhar as experiências de auto-organização, de autodefesa e segurança. E um longo etcétera. Isto com a maior liberdade de debate de todas as tendências políticas que simpatizam com a revolução.

Mas em vez disto, os partidos do regime querem que falemos da paz, da carreira presidencial, de paridade, tudo para canalizar o movimento dentro do sistema, suas instituições e para a normalidade podre que nos haviam acostumados.

Às vezes, dá a impressão de que alguns propõem as Assembleias Territoriais como orga-

nismos defensivos, um tipo de discussão sobre como ventilar e preparar uma retirada. Na realidade, é crucial de que estes organismos possam conceber-se como um ponto de apoio, como uma estrutura de luta, para lançar uma grande ofensiva e derrotar os limites impostos pela “cozinha constituinte”. Março será um mês de atividade febril em todas as frentes. Todas as forças devem apontar para uma grande greve geral no 8 de Março que coloque a classe trabalhadora à frente.

Mas inclusive no meio do turbilhão febril da atividade e da luta, de combater a repressão e avançar nas reivindicações, é necessário encontrar o tempo para discutir e refletir, para armarmos politicamente. Temos que

entender o caráter profundo do estopim do 18 de outubro, que questiona os alicerces do regime burguês construído no Chile desde a transição. O movimento podia ter ido bem mais além, mas faltou uma direção revolucionária. Uma corrente que apontasse à necessidade de estender, fortalecer e coordenar todas as experiências de organização da classe operária e da juventude. Que propusesse que a única maneira de resolver as demandas mais sentidas do movimento (pensões, salário, saúde, educação) era mediante a derrubada do regime, a expropriação dos capitalistas e as multinacionais e um governo dos trabalhadores. Construir essa corrente marxista é tarefa urgente para garantir a vitória final de nossa classe.

NOTAS

- ¹ Patricio Aylwin foi o primeiro presidente eleito no período pós-ditadura no Chile, em 1990. Foi um dos quatro governos consecutivos da *Concertacion de Partidos por la Democracia*, coalizão de partidos de esquerda e centro, que governaram o Chile nesse período, mas que mantiveram intocada a mesma estrutura econômica e política criada anteriormente pela ditadura. Michelle Bachelet foi a última eleita pela coalizão, antes de Sebastian Piñera chegar ao poder entre 2010-2014. Bachelet retoma a presidência entre 2014-2018, até que Piñera chega novamente ao poder em março de 2018.
- ² Grupo feminista chileno que se autodenomina como um “espaço que articula, a partir de um horizonte feminista, múltiplas e diversas organizações sociais, políticas e individuais”, segundo a página na web que mantém ativa.
- ³ Sindicatos patronais ou reformistas.
- ⁴ Rebelião das Bases foi o nome dado à greve de professores que durou cerca de 3 meses, de outubro a dezembro de 2014, à qual aderiram cerca de 40.000 docentes espalhados em várias regiões do Chile, contra a vontade da direção do *Colegio de Profesores*, sindicato nacional da categoria.
- ⁵ FONASA – *Fondo Nacional de Salud* é o programa de seguro de saúde gerido pelo governo que atende à população chilena, criado na ditadura. Não existe no Chile um sistema universal de saúde público e gratuito que atenda a todos como o nosso SUS. FONASA na verdade cobra uma taxa de 7% dos empregados assalariados e atende à população de acordo com seus rendimentos. Só possuem atendimento gratuito quem recebe até 1,46 salário mínimo. Os demais trabalhadores pagam pelo serviço médico prestado. Ou seja, mesmo você sendo pobre é obrigado a pagar por usar o seguro público.
- ⁶ *Unidad Social* é um agrupamento de diversas entidades sindicais, incluindo a CUT, movimentos sociais e outros grupos políticos, que surge em meados de 2019, no bojo das manifestações, tendo como principal bandeira uma assembleia constituinte.
- ⁷ AFP é a sigla de Administradoras de Fondos de Pensão, instituições financeiras que administram os fundos de pensões privados que foram criadas desde 1980, em plena ditadura, acabando com o antigo sistema de *Cajas de Pensiones*, que funcionava a partir da partilha das arrecadações dos trabalhadores ativos de cada categoria. No Más AFP é uma organização que luta pelo fim do sistema de pensões privadas no Chile, criada em 2016.
- ⁸ ANEF: Associação Nacional dos Empregados Públicos.
- ⁹ CIPSTRA: Centro de Pesquisa Político Social do Trabalho.
- ¹⁰ Frente Ampla: junção de partidos de esquerda chilenos, surgida em 2017.
- ¹¹ PSU: Prova de Seleção Universitária é um tipo de prova que cria um ranking de aprovações para entrada no ensino superior chileno.
- ¹² Pingüiño: apelido dado aos estudantes secundaristas por causa do uniforme escolar típico chileno: paletó e calça preta, gravata e camisa branca.

As tradições revolucionárias dos EUA

John Peterson

Para os marxistas, estudar a história não é um trabalho acadêmico. Estudamos o passado para melhor compreender o presente e para nos preparar para as lutas de nossa classe no futuro. Cada nação tem sua história e tradições, seus métodos e ritmos particulares de luta de classes – isso inclui os EUA.

Como marxistas, somos internacionalistas. Não temos uma postura inflexível ou nacionalista quanto à revolução mundial nem quanto aos trabalhadores norte-americanos – nem mesmo quanto aos trabalhadores atrasados que atualmente apoiam Trump. Não aceitamos a mentira de que os EUA são um bloco reacionário.

A verdade é que a luta de classes se aplica aos EUA como a qualquer outro país dominado pelo capitalismo: não pode haver uma classe capitalista exploradora sem que exista uma classe trabalhadora a ser explorada. A realidade é que os trabalhadores norte-americanos estão entre os mais explorados do mundo. Com um nível extremamente alto de produtividade do trabalho, eles criam enormes quantidades de riqueza para os capitalistas e recebem somente uma pequena proporção do que produzem em forma de salários e outros benefícios.

Os EUA certamente são a força mais reacionária do mundo. Mas dialeticamente também são o país com maior potencial revolucionário. Afinal, tudo se transforma em seu contrário. Por exemplo, os EUA já foram uma colônia britânica, mas lideraram a primeira revolução colonial vitoriosa contra aquela que na época era a potência mais poderosa do mundo. Mais tarde se transformaram no contrário: a potência mais exploradora e opressiva que o mundo jamais viu. Mas nada dura para sempre.



Rebelião de Bacon, por Howard Pyle

Outro exemplo pode ser visto na Constituição dos Estados Unidos. Ela é a mais antiga do mundo em vigor e serve de modelo para muitas outras no planeta. Mas mesmo esse pedaço de papel tem seus limites. Ela já não consegue abarcar as mudanças econômicas e sociais ocorridas desde que entrou em vigor em 1789, ainda que tenha sido emendada 27 vezes. A crise do regime capitalista norte-americano se expressará inevitavelmente em uma crise constitucional – isso já pode ser visto, por exemplo, com as acusações contra Trump.

Conhecer e explicar o passado revolucionário dos EUA também é importante para mostrar que a revolução não é uma ideia “anti-americana”. Nada mais distante da realidade. Os EUA viveram duas revoluções verdadeiramente inspiradoras. Elas são experiências ricas em lições para os marxistas, mas a classe dominante tem obtido grande êxito em enterrar essa história e semear confusões. Por isso devemos reviver essas ideias e trazê-las à consciência dos trabalhadores e jovens do mundo, começando com nossos próprios camaradas. Porque se pudermos

fazer uma revolução vitoriosa nos EUA, podemos fazer em todo o mundo.

A COLÔNIA

Sendo um país jovem, a história dos EUA e sua ascensão à dominação mundial se concentra em poucos séculos muito intensos. O país mais rico do mundo pode agradecer, em parte, à sua posição geográfica e a seus vastos recursos naturais por seu êxito. É claro que roubar metade do México também ajudou um pouco.

Mas, sobretudo, o país se construiu sobre os ombros de milhões de escravos, servos por dívida, agricultores, trabalhadores e artesãos indígenas, africanos e europeus. Os EUA também se beneficiaram de um fluxo aparentemente interminável de refugiados políticos e econômicos de todo o mundo que buscavam o “sonho americano” em suas terras.

Ainda que tenham existido culturas indígenas muito ricas e avançadas, foram os europeus que trouxeram as classes sociais e o capitalismo embrionário – com alguns resquícios de feudalismo às terras que um dia viriam a se organizar como os Estados Unidos da América.

A aniquilação de milhões de indígenas e a escravização de milhões de africanos tiveram parte na acumulação do capital na Europa e nos EUA. Mas muitos dos primeiros europeus que se estabeleceram na costa nordeste do continente norte-americano foram democratas revolucionários burgueses. Eles fugiam da perseguição religiosa e política após a derrota de lutas revolucionárias em locais como Holanda, Inglaterra e Escandinávia.

Eles trouxeram consigo ideias que eram revolucionárias em sua época: assembleias e milícias populares e certos direitos democráticos como a liberdade religiosa, a liberdade de expressão e a liberdade de organização. Essas ideias fincaram raízes.

Já no final do século XVII, os ingleses haviam estabelecido um controle bastante firme na América do Norte, tendo superado holandeses, suecos, finlandeses, alemães e outros que haviam se estabelecido naquele canto do Novo Mundo. Com o tempo, a base econômica das colônias britânicas americanas se fortaleceu.

Nas décadas anteriores à primeira revolução, os norte-americanos se consideravam como súditos leais à coroa britânica. É possível que tivessem um ou outro desacordo com a metrópole ao longo dos anos, mas viam-se acima de tudo como ingleses, especialmente em relação aos franceses que ainda ocupavam grande parte do continente. Na verdade, em 1750 os franceses controlavam mais ou menos cinco vezes mais território que os britânicos.

Mas as condições de vida dos colonos levaram desde o princípio à criação de instituições sociais, culturais, políticas, religiosas e legais únicas. Com o tempo, elas se separaram cada vez mais das instituições da metrópole. Além de ingleses, os futuros norte-americanos se identificavam cada vez mais como homens de Massachusetts ou virginianos.

Também com o tempo, as instituições peculiares desenvolvidas para se adaptarem ao novo mundo deixaram sua marca no caráter do país e de seu povo. O “individualismo” e o “bairrismo” típico de muitos norte-americanos têm suas raízes nesse período. Como havia muita terra disponível, era cada vez mais difícil manter homens e mulheres livres como mão de obra barata quando eles podiam se mudar mais a oeste e estabelecer suas próprias propriedades, apesar das dificuldades que isso implicava.

Isso levou a maior dependência dos escravos e dos servos por dívida. Inevitavelmente isso levou a tensões ainda maiores entre as classes nas décadas anteriores à primeira revolução.

Por exemplo, em 1676 houve a Rebelião de Bacon na Virgínia, na qual escravos, pequenos agricultores da fronteira oeste e servos por dívida se uniram através das linhas raciais para lutar contra o governo estatal e incendiaram a capital do estado, Jamestown. Como resposta, intensificou-se a tática de dividir para conquistar baseada no racismo antinegro – implementada conscientemente para romper a unidade entre os explorados e oprimidos.

A PRIMEIRA REVOLUÇÃO

Durante séculos, os homens ricos das colônias se beneficiaram da relação com o Império Britânico não apenas em termos econômicos, mas também militares com a ameaça dos franceses tão próxima. No entanto, assim como em outros países, o embrião de uma classe dominante nativa cresceu dentro da velha sociedade colonial. Após a Guerra dos Sete Anos, com a derrota da França, a burguesia emergente das 13 colônias americanas já não queria dividir suas riquezas com o rei da Inglaterra do outro lado do Atlântico.

Por fim, após décadas de crescimento de tensões, houve uma ruptura revolucionária contra os antigos governantes imperiais. De um lado, os colonos: a nascente burguesia norte-americana e os escravocratas do sul. De outro, a burguesia aristocrática e semifeudal britânica e seus representantes locais.

Muita gente de esquerda nega que esta tenha sido uma revolução “verdadeira”. Frequentemente se fala da luta pela independência como pouco mais que uma luta de poder entre dois grupos de homens brancos e ricos, com a eventual vitória dos carreiristas coloniais, que simplesmente assumiram as rédeas do poder político e econômico e, com um ou outro ajuste superficial, estabeleceram-se como a nova classe dominante. Alguns à esquerda chegam a chamá-la de “revolta



A Rendição do Lord Cornwallis, por John Trumbull

de proprietários de escravos” – ou seja, se colocam ao lado do Império Britânico.

Contudo, há um elemento de verdade nisso tudo – somente à superfície. Nossa tarefa como materialistas históricos é examinar por baixo da superfície, desenterrar e compreender as contradições internas, as forças fundamentais, os processos e lutas de classe que motivaram e impulsionaram a revolução. A característica chave para nós, ao definir uma revolução, é a entrada ativa das massas trabalhadoras no cenário da história. Isso aconteceu aos montes nas colônias americanas.

Na década de 1760, amplos setores da sociedade colonial se uniram gradualmente contra os britânicos para buscar uma mudança – mas por diferentes razões de classe. A pergunta chave era a seguinte: que tipo de mudança e a interesse de quem? Os ricos, sentindo-se claustrofóbicos dentro do império, queriam a liberdade de obter ganhos ainda maiores em seus próprios termos. As massas trabalhadoras, descontentes com a sua condição de vida, identificaram um inimigo naquilo que sentiam cada vez mais como uma ocupação estrangeira em seu país.

Assim, por um tempo, os interesses dos ricos e dos pobres coin-

cidaram e a ira se dirigiu contra o inimigo exterior. Esse foi o caso durante o movimento contra os impostos da Lei do Selo em 1765.

Mas como os interesses fundamentais desses grupos não eram nada iguais, as divisões eram inevitáveis e essa unidade temporária foi finalmente destruída pela crescente polarização de classes na sociedade. Esse foi um exemplo clássico de reformismo versus revolução, de mudanças aparentes versus uma transformação profunda, de jacobinos contra girondinos, de bolcheviques contra mencheviques.

Além disso, as formas pelas quais as diferentes camadas da sociedade expressaram suas frustrações foram muito diferentes. Enquanto os ricos somente queriam negociar melhores termos com os britânicos, as massas de trabalhadores urbanos e pequenos agricultores rurais tomaram cada vez mais as coisas em suas próprias mãos. Ainda que os ricos no início quisessem incitar as massas para usá-las como instrumento contra a coroa, os protestos tomaram vida própria e frequentemente se tornaram violentos. Os boicotes econômicos provocaram distúrbios e a destruição por parte das massas de propriedades comerciais, queima de prédios do governo e violência

contra funcionários e colonos que apoiavam a coroa.

Como em todo processo revolucionário, a consciência das massas se transformou rapidamente. Passando do reformismo para a revolução, as reivindicações se tornaram mais claras e os programas políticos e líderes impulsionados pelo movimento foram colocados à prova pelos acontecimentos, à medida que as massas se orientavam cada vez mais para a esquerda. Não apenas as massas urbanas – artesãos, trabalhadores, pequenos comerciantes e advogados –, mas também os pequenos agricultores do campo.

Muitos proprietários de plantações escravocratas no sul do país, que enfrentavam a ruína econômica devido às suas dívidas, também contribuíram com a luta. Como costumavam viver distantes dos centros urbanos e governavam seus escravos através do terror, muitos proprietários escravocratas foram surpreendentemente audazes em sua agitação contra os britânicos.

Foram realizadas assembleias populares em tavernas, pousadas, igrejas e espaços públicos, principalmente na Nova Inglaterra, que se converteram em focos de agitação revolucionária. Houve elementos de duplo poder nessas assem-

bleias que aconteceram em todas as colônias, uma vez que as massas se expressavam diretamente e tomavam decisões que desafiavam os governadores e leis impostas pelos britânicos.

A impressão e circulação de documentos e panfletos radicais, como o *Senso Comum*, de Thomas Paine, também aumentaram fortemente à medida que a sede de ideias das massas crescia exponencialmente. Esse é um claro exemplo da necessidade e do papel da imprensa revolucionária, de difundir ideias revolucionárias e unificar a luta nacionalmente.

Ainda que personagens como George Washington e Thomas Jefferson tenham desempenhado um papel chave, a força motriz fundamental da história é a luta de classes das massas e foi assim também na revolução americana. Com o tempo, as reivindicações e ações das massas se tornaram cada vez mais coerentes e passaram a se fundir em um programa e uma organização cada vez mais radicais, ao redor de um certo Sam Adams, de Boston.

Foi Sam Adams que organizou o motim do chá em Boston, coordenou o boicote massivo de produtos britânicos e de comerciantes e norte-americanos que vendiam esses produtos, pediu a convocação do Congresso Continental e foi o estrategista e agitador chave nos bastidores. Adams organizou os Filhos da Liberdade e os Comitês de Correspondência, uma rede de radicais que se estendia a partir da Nova Inglaterra, ajudando a unificar e coordenar a rebelião em todas as colônias. Apenas em Massachusetts havia cerca de 300 Comitês de Correspondência, um estado que na época tinha apenas 450 mil habitantes.

Isso foi o mais próximo de uma vanguarda ou partido revolucionário de que podemos encontrar nessa época de revolução. Sam Adams havia passado toda a sua vida se preparando para esse momento. Ele entendeu a necessidade

de uma direção audaz e com visão de futuro, de um programa revolucionário, de disciplina e organização. Também entendeu melhor que ninguém a necessidade de conectar as ideias revolucionárias com o movimento das massas e foi incrivelmente hábil nisso. Como disse Adams, “nossa tarefa não é impulsionar os acontecimentos, mas melhorá-los sabiamente”.

Na Revolução Americana, como em todas as revoluções burguesas, não foram os burgueses que levaram a cabo a maior parte da luta e que morreram pelos ideais de “vida, liberdade e busca da felicidade”, mas as pessoas simples e comuns que formaram a coluna vertebral, a força impulsora da revolução: os pequenos agricultores, o protoproletariado, os escravos, os servos por dívida e os nativos americanos, ainda que ao final não tenham obtido o que esperavam com seus sacrifícios.

Isso porque claramente os benefícios políticos e econômicos ficaram com os banqueiros, os mercadores, advogados e grandes proprietários de terras e plantações escravocratas. Durante os sete anos de guerra, as forças de Washington estavam infestadas de doenças, fome, deserções, lideranças inúteis, corrupção e um Congresso Continental que as privava de recursos e suprimentos.

Os soldados também se amotinaram em várias ocasiões diante dos maus tratos e das condições que suportavam, enquanto Washington e companhia passavam os invernos em relativo luxo e comodidade. Porém os colonos independentistas seguiram adiante com o apoio de camadas importantes das massas e finalmente receberam o apoio de milhares de tropas e da marinha francesa.

Mas nesse processo as coisas não foram preto no branco. Como todas as guerras revolucionárias, essa não foi somente uma guerra entre nações ou classes dominantes antagônicas, mas também uma guerra civil, uma guerra entre classes e en-

tre camadas de classes. Não foi algo tão claro como “os bons colonos” de um lado e os “maus britânicos” de outro. Estima-se que cerca de 400 mil norte-americanos tenham servido nas forças armadas durante o conflito, mas cerca de 50 mil deles serviram do lado britânico.

Muitos colonos eram indiferentes à independência e simplesmente queriam paz, tranquilidade e estabilidade, sem se importar com quem estava no cargo. Estima-se que aproximadamente um terço dos colonos era favorável à independência, um terço era a favor da coroa e um terço hesitava entre os dois polos. Foi uma luta de forças vivas, com muitos fluxos e refluxos, e o resultado não era facilmente previsível.

Havia também muitas outras dinâmicas, como a chamada “instituição especial” da escravidão, que introduziu muitos elementos contraditórios na revolução e em suas consequências. Entre uma população de 2,5 milhões na colônia naquele momento, 500 mil eram afrodescendentes escravos e livres. O primeiro mártir da revolução, assassinado no massacre de Boston de 1770, foi um escravo negro fugitivo com sangue nativo americano e branco. Uma verdadeira mescla norte-americana.

Porém, em última instância, a história estava do lado dos colonos. Em 19 de outubro de 1781, em Yorktown, Virginia, o general Cornwallis se rendeu a Washington com seus 8 mil homens. Ele estava cercado por uma força conjunta franco-americana de 14 mil soldados e não tinha saída. Enquanto as tropas britânicas e mercenários alemães marchavam para a rendição, as bandas britânicas tocavam uma canção da revolução inglesa chamada “O mundo virado de cabeça para baixo”. E realmente o mundo estava de pernas para o ar.

Como disse Lenin em sua “Carta aos trabalhadores norte-americanos”: “A história da América moderna e civilizada se abriu com uma dessas grandes, realmente li-

bertadoras, realmente revolucionárias guerras das quais há tão poucas em comparação com a grande quantidade de guerras de conquista que, como a guerra imperialista atual, foram causadas por disputas entre reis, generais ou capitalistas pela divisão de terras usurpadas ou riquezas obtidas ilegalmente.

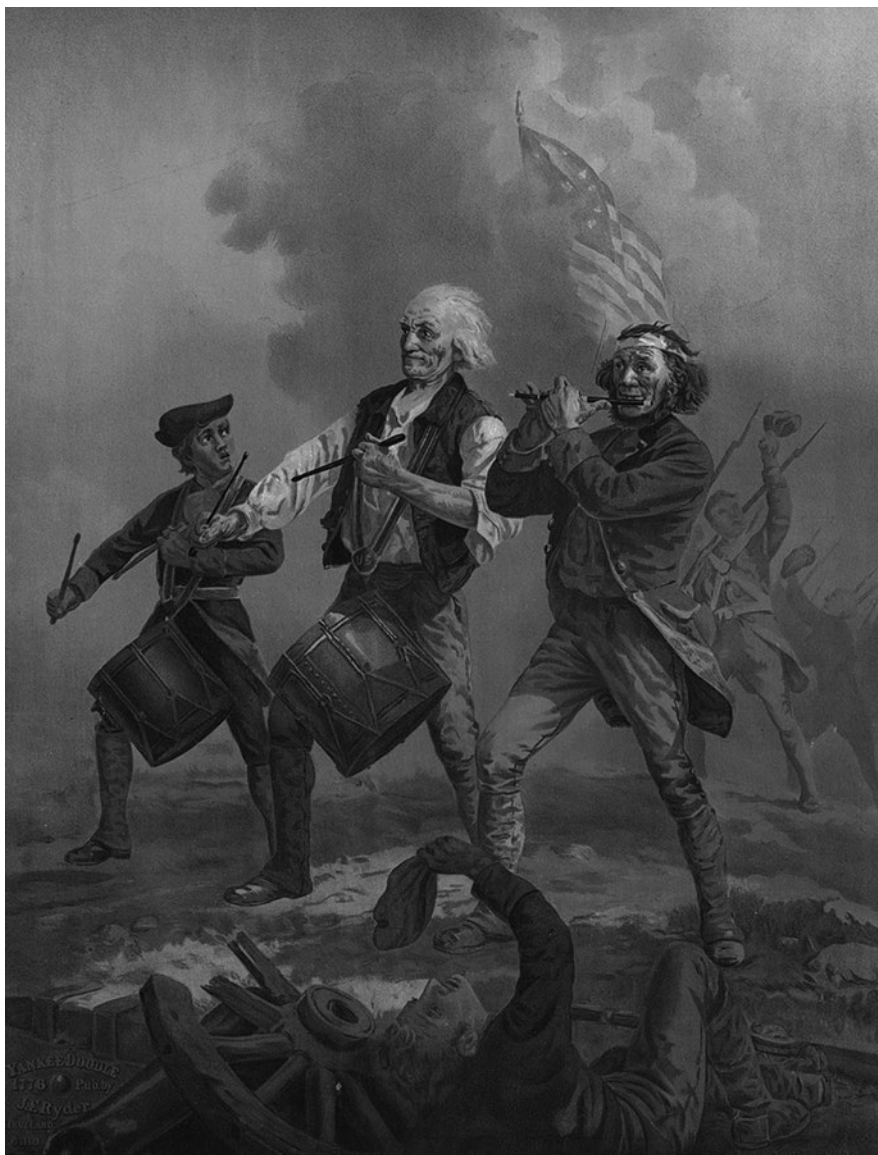
“Essa foi a guerra que o povo norte-americano realizou contra os ladrões britânicos que oprimiram os Estados Unidos e os mantiveram em escravidão colonial da mesma maneira que esses sanguessugas ‘civilizados’ hoje oprimem e mantêm em escravidão colonial centenas de milhões de pessoas na Índia, no Egito e em todas as partes do mundo”.

E é exatamente por essa razão que os historiadores da classe dominante têm despojado a Revolução Americana de seu verdadeiro conteúdo de classe. Não querem que lembremos que, como em todas as revoluções sociais, foram as massas que impulsionaram o processo em cada etapa. Tampouco querem que nos lembremos das massivas expropriações de propriedades privadas, ou dos ataques contra o poder e os privilégios da classe dominante que a revolução desencadeou.

Fica muito claro que no fundo foi muito mais que uma rebelião colonial.

As transformações sociais que resultaram da guerra revolucionária e suas consequências foram significativas. Foi uma verdadeira revolução social e não simplesmente uma revolução política. Os colonos americanos levaram a cabo a revolução democrática burguesa em uma escala e um grau jamais visto na história. Em relação ao tamanho da economia e da população, a Revolução Americana resultou em uma das maiores expropriações de propriedade privada da história mundial.

No estado de Nova Iorque, todas as terras e arrendamentos da coroa e mais de 2,5 milhões de acres de propriedades senhoris foram expropriadas, incluindo



O Espírito de 76, por Archibald MacNeal Willard

uma que possuía dois terços do tamanho do atual estado de Rhode Island. Na Carolina do Norte, a fazenda de Lord Granville, que abarcava um terço de toda a colônia, também foi expropriada. O mesmo aconteceu em estados como Pensilvânia e Virgínia, onde se expropriou a propriedade Fairfax, com 6 milhões de acres.

Essas propriedades se dividiram em milhares de pequenos lotes, uma reforma agrária de grande alcance, uma das bases da revolução democrático-nacional. Isso deu lugar ao surgimento de uma grande classe de pequenos agricultores independentes. Milhões de dólares de outras formas de propriedade

também foram expropriados sem compensação.

Foram relaxados os requisitos de propriedade para obter voto. As igrejas oficiais que existiam em algumas colônias também foram excluídas dos fundos estatais uma vez que a separação entre igreja e estado finalmente havia se convertido em lei.

Ainda que a escravidão tenha ressurgido depois da invenção da máquina de fiar algodão no início do século seguinte, ela foi abolida em seis colônias de imediato e milhares de escravos obtiveram sua liberdade também nos estados sulistas. Além disso, o comércio de escravos foi proibido por lei, ainda

que na prática tenha continuado por décadas.

Uma nova riqueza e uma nova classe dominante surgiram quase que da noite para o dia quando advogados, hábeis artesãos, comerciantes e banqueiros ocuparam rapidamente o vazio deixado pelos funcionários coloniais britânicos e pelos conservadores que apoiavam a coroa.

Estima-se que ao menos 100 mil conservadores, e talvez até 200 mil, tenham fugido do país principalmente para o Canadá e alguns para a Grã-Bretanha. Em relação à população do país, foi uma das maiores migrações políticas e econômicas da história moderna, dez vezes mais per capita do que os que fugiram da França durante o “Reino do Terror” em 1790.

Mas nem tudo foram flores para a nova classe dominante. Após a guerra, seguiu-se uma profunda crise econômica. Isso levou a um intenso conflito interno de classe. Em cada uma das 13 antigas colônias britânicas, pequenos agricultores economicamente arruinados e veteranos da guerra revolucionária tomaram o caminho da luta para estabelecer uma sociedade mais igualitária.

Acreditavam *“que a propriedade dos Estados Unidos foi protegida da confiscação da Grã-Bretanha pelos esforços conjuntos de todos, portanto deve ser propriedade comum de todos e aquele que tentar se opor a essa crença é um inimigo da igualdade e da justiça e deve ser banido da face da terra”*.

Isso lembra muito o tipo de linguagem utilizada por pessoas como Emiliano Zapata e Manuel Palafox na Revolução Mexicana. A Rebelião de Shays, um levante massivo de agricultores descontentes de Massachusetts, foi o caso mais emblemático. As pessoas de Shays incendiaram edifícios judiciais, libertaram seus camaradas presos por dívida e chegaram a planejar marchar a Boston e queimá-la para acabar com o poder político dos odiados bancos e grandes

comerciantes. Mas a rebelião acabou fracassando.

Contudo, essa onda de lutas contra a nova aristocracia econômica teve uma grande influência sobre o tipo de constituição e governo que posteriormente se estabeleceu nos Estados Unidos. Conduziu a uma constituição e a um sistema federal mais centralizado que o previsto originalmente pelos “pais fundadores” e permitiu a criação de um exército permanente para enfrentar a dissidência interna.

Quando posteriormente irrompeu a Rebelião do Whisky no oeste da Pensilvânia entre 1791 e 1794, o governo federal se movimentou decisivamente para sufocá-la enviando 13 mil soldados, com o próprio George Washington à frente do exército. Estavam decididos a mandar uma mensagem clara de que os levantes populares não seriam tolerados.

A jovem burguesia norte-americana agora tinha o poder firmemente em suas mãos e começou a estabelecer estruturas, leis e instituições para enriquecer e defender seus interesses. Utilizou o poder do Estado para erradicar os restos do antigo sistema e construir bases sólidas para sua eventual ascensão à liderança mundial.

Estabeleceram-se as bases para o desenvolvimento dos meios de produção em maior escala e para o eventual surgimento do domínio do capital industrial e financeiro. Com todo um continente para ocupar, conquistar e explorar, havia muito espaço para aumentar o país e o sistema capitalista em que ele se baseava.

O INTERLÚDIO

Porém havia um pequeno detalhe. A escravidão havia sobrevivido à revolução. Por exemplo, a constituição contava os escravos como 3/5 de um ser humano na hora de contar a população para votar. Isso deu aos estados escravistas muito mais poder político no governo

federal em relação ao número de cidadãos com voto nesses estados

Nas décadas anteriores à Guerra Civil de 1861–1865, as tensões entre escravistas e os crescentes capitalistas do norte aumentaram. Para manter o status quo, uma série de acordos se realizaram.

Mas a revolução industrial avançava muito mais rapidamente no Norte. Tanto o Sul quanto o Norte produziam para os mercados capitalistas mundial e doméstico. A escravidão e o imperialismo estavam profundamente entrelaçados. Na verdade, o lugar mais rentável para o comércio de escravos era a cidade de Nova Iorque, em Wall Street, ainda que a escravidão fosse ilegal no estado.

Anteriormente, os interesses do Norte e do Sul haviam coincidido em sua luta contra os britânicos, contra Shays e outras rebeliões internas. Ambos puderam compartilhar o poder em conjunto no mesmo Estado nacional durante um período de décadas. Mas com o tempo, à medida que a economia se desenvolvia, os grandes burgueses do Norte e do Oeste passaram a querer mais poder político. Como vimos, o Sul tinha um poder político muito maior do que merecia por sua população ou indústria. A fase em que ambos se beneficiavam se transformou no contrário. O recipiente da Constituição original alcançou seu limite e transbordou.

Os escravos eram a mercadoria número um nos Estados Unidos. Valiam US\$ 3,5 milhões – mais que todas as ferrovias, fábricas e bancos. Em 1860, os escravos nos EUA produziam 80% do algodão do mundo. Ele era chamado de “rei algodão”. A mão-de-obra escrava representava um uso ineficiente da terra e da força de trabalho, um obstáculo para maior expansão do capital industrial e financeiro e para a exploração de trabalhadores assalariados. Mas poucos esperavam o cataclisma que estava por vir.

Antes da guerra civil as rebeliões de escravos foram bastante

comuns, como, por exemplo, o levantamento de Nat Turner em 1831 e, quiçá a mais importante, a tentativa de John Brown de libertar escravos para desencadear uma guerra civil em 1859. Isso conduziu à organização de milícias armadas e preparativos para a guerra no Sul.

Pouco depois, Abraham Lincoln foi eleito presidente em 1860. Lincoln era pessoalmente contrário à escravidão, mas não a favor de que ela fosse abolida – porque era legal segundo a Constituição. Ele desejava apenas evitar que ela se estendesse a novos estados e territórios. Mas mesmo isso era demais para os escravistas do Sul, pois apesar do valor dos escravos e do algodão, estava claro que com o tempo o Norte dominaria totalmente o governo federal como já dominava a economia. Essa era uma ameaça mortal para o chamado “modo de vida” do Sul.

Mesmo antes que Lincoln assumisse o cargo, a Carolina do Sul já

se separava. Por fim, 11 estados do Sul se separaram e logo começaram a ocupar e atacar propriedades federais. A princípio, o Norte lutou somente para sufocar a “rebelião” e restabelecer a união mais ou menos nos limites antigos.

O plano do Sul era abandonar a União e constituir um vasto império de escravos conquistando Cuba e o restante do Caribe, o México e mesmo partes da América do Sul.

A guerra se tornou a única forma possível de resolver a contradição entre dois conceitos de liberdade, dois conceitos de trabalho, dois conceitos de propriedade. Trabalho assalariado ou escravo? Propriedade em capital e industrial ou propriedade em escravos? Liberdade da escravidão ou liberdade de possuir escravos?

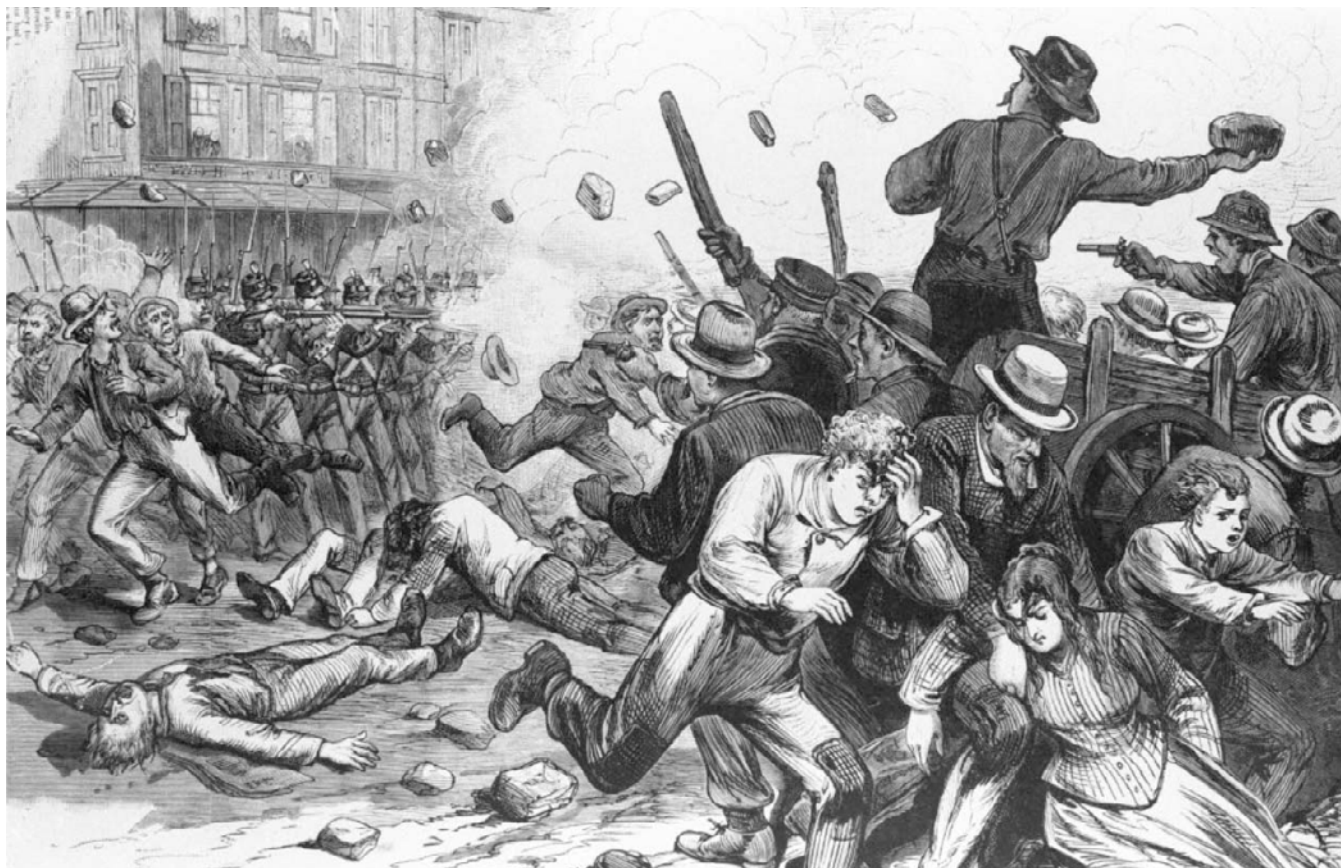
A SEGUNDA REVOLUÇÃO

A Guerra Civil Americana foi um dos exemplos mais dramáticos da luta de classes em toda a histó-

ria humana. Foi a Segunda Revolução Americana. Em essência, foi uma guerra revolucionária entre o capitalismo do Norte, que naquele momento era um sistema historicamente progressista, e o sistema de plantações escravista do Sul. Como disse Lincoln: “Não espero que a União se dissolva, não espero que a casa caia, mas espero que deixe de se dividir. Tudo se transformará ou em uma coisa ou em outra”.

Marx, Engels e a Primeira Internacional foram partidários entusiastas de Abraham Lincoln e o incentivaram a realizar uma guerra impiedosa contra a escravidão. Marx descreveu a república norte-americana como “um farol de liberdade para toda a humanidade”. Também disse que a Guerra Civil norte-americana era “o maior evento desta época”.

Mais uma vez, os que lutaram em ambos os lados eram trabalhadores comuns, pequenos agricultores, ex-escravos e imigrantes. Locais de trabalho inteiros no Nor-



As tradições revolucionárias dos EUA: St. Louis, 1877

te fecharam durante a guerra e se uniram ao exército da União para lutar contra a escravidão. Muitos revolucionários da Europa, incluindo alemães que haviam trabalhado próximo a Marx e Engels, também se uniram ao Exército da União.

Os processos revolucionários expressam contradições profundas e necessidades históricas. Não se trata da vontade subjetiva de indivíduos, ainda que o papel específico do indivíduo na história seja inquestionável e deixe sua marca nos acontecimentos, podendo até mesmo determinar o resultado em um momento crucial. Lincoln começou com um enfoque legalista, o de sufocar a rebelião regional, deter a secessão e defender a propriedade federal. Mas a partir dos acontecimentos, se transformou em uma guerra revolucionária para destruir e expropriar a questão fundamental e principal coluna de sustentação da revolta no Sul: a escravidão. Dizia-se inclusive – e diz-se até hoje – que se tratava dos direitos dos estados e da “liberdade” do Sul contra a tirania do Norte.

Esse é outro exemplo clássico de como uma luta por reformas menores pode se converter em uma luta revolucionária completa. Esse foi o grande mérito de Lincoln: ele poderia ter se limitado à luta para reformar somente a aparência superficial do status quo, e certamente teria fracassado nisso. Ao princípio da guerra, Lincoln havia declarado que não queria que o conflito “desencadeasse uma luta revolucionária violenta e implacável”. Ele afirmou que não se realizariam ataques à propriedade, inclusive a propriedade de escravos. Mas as condições, a consciências e as pessoas mudam.

Uma vez que havia se comprometido a seguir o curso da história, ele o impulsionou à sua maneira e a transformou em uma luta revolucionária, por exemplo, armando centenas de milhares de ex-escravos. Como explicou Lincoln: *“Não digo que controlei os acontecimentos, mas confesso claramente que os acontecimentos me controlaram”*.

Essa foi a primeira guerra “moderna”, não uma de manobras táticas. Houve enormes avanços tecnológicos com enormes perdas de vidas em ambos os lados. Engels se referiu a ela como “a primeira grande guerra da história contemporânea”. Em última análise, o Norte tinha a história do seu lado, ou seja, a economia. Por exemplo, o Norte tinha mais que o dobro da população, 18 milhões de pessoas. O Sul tinha 9 milhões de pessoas, mas quase 4 milhões destas eram escravos. A capacidade industrial somente do estado de Nova Iorque era 4 vezes maior que de todo o Sul. Havia 38,6 mil quilômetros de ferrovias no Norte e mais 6,4 mil foram construídos durante a guerra. O Sul tinha apenas 14,4 mil e construíram apenas 400 mais.

A princípio, o Norte, na prática, não tinha exército. O exército da União em 1860 tinha somente 16 mil soldados e a maioria dos oficiais ficou com a Confederação do Sul. Mas com sua população e base industrial, rapidamente agregou 75 mil soldados e chegou até 1 milhão. Em poucos anos, os Estados Unidos tinham os maiores, mais bem treinados e melhor equipados exército e marinha do mundo.

Outro ponto importante foi a luta dos próprios escravos. Centenas de milhares de escravos se negaram a trabalhar ou sabotaram a economia do Sul. Meio milhão se auto expropriaram ao escapar para as fronteiras da União, onde a princípio foram tratados como “contrabando de guerra”. Mas ao final da guerra, cerca de 170 mil haviam lutado nos exércitos da União.

Houve mais de 10 mil batalhas documentadas durante a Guerra Civil e 237 batalhas principais. A Batalha de Gettysburg, em julho de 1863, foi a maior batalha que já havia acontecido no hemisfério ocidental. Participaram dela 160 mil soldados, houve o maior bombardeio por canhões da história do Ocidente, a maior batalha de cavalaria etc. Em 3 dias de luta houve

mais de 50 mil mortos, feridos e desaparecidos.

Algumas batalhas tiveram um nível de baixas entre 10% e 30%. Na Batalha de Antietam houve mais vítimas em um dia que em todas as guerras norte-americanas anteriores juntas: 23 mil mortos, feridos e desaparecidos em um só dia, quatro vezes mais que durante a invasão da Normandia na Segunda Guerra Mundial. Ao todo, durante a guerra morreram 750 mil soldados – aos quais devem-se adicionar as vítimas civis. Outras centenas de milhares foram feridos e mutilados. Morreram 2,4% da população de 1860. Isso seria equivalente a 7,5 milhões de mortos hoje em dia. Mais ou menos o equivalente a toda população do estado de Jalisco (México) ou do Paraguai.

A Guerra Civil representou a segunda etapa da revolução nacional-democrática norte-americana. A libertação de 3 milhões de escravos foi um enorme ato de expropriação. Assim, não devemos aceitar de forma alguma que seja “antiamericano” armar a população e usar a força para expropriar a riqueza de um punhado de ricos. Incrivelmente, todos os escravos poderiam ter sido comprados pela metade do custo da guerra. Mas não houve vendedores dispostos no Sul até que fosse tarde demais para eles.

O Sul ficou na pobreza. A guerra acabou com 2/3 de sua riqueza, 2/5 de seu gado e mais da metade de seu maquinário agrícola. Entre 1860 e 1870, a riqueza do Norte aumentou em 50% e a riqueza do sul caiu 60%. Muitos estados do Sul sofreram baixas de 25% da população de homens brancos em idade militar. E aqui um dado surpreendente: em 1866, um ano após o fim da guerra, cerca de 20% do orçamento estatal do Mississippi foi gasto com próteses para amputados.

A ÉPOCA DA RECONSTRUÇÃO

Mas uma vez que a economia escravista foi destruída, o cenário

estava preparado para o florescimento implacável e impiedoso do capitalismo em todo o continente, a começar pelo Sul. Essa época é conhecida como a reconstrução.

Os antigos escravos agora eram “livres” – para vender sua força de trabalho por um salário – e podiam trabalhar como arrendatários (que era praticamente como a servidão medieval). Também eram livres para serem presos por crimes menores, como o “crime” de não ter casa ou propriedade. Livres para serem encarcerados como criminosos e ter que trabalhar como escravos penais. Certamente, até o dia de hoje o trabalho escravo segue legal nos EUA para quem é condenado por um crime.

Nesse momento começou uma migração massiva e milhões de ex-escravos emigraram do SUL para escapar dos horrores do sistema Jim Crow de segregação, semelhante ao Apartheid, do terror da KuKluxKlan e em busca de trabalho nas indústrias em rápida expansão no Norte e Oeste.

Mas o fim da escravidão significou que as fronteiras da luta de classes nos Estados Unidos se tornaram mais claras do que nunca. A luta de classes se transformou em uma batalha titânica entre a classe operária em rápido crescimento e a classe capitalista cada vez mais rica, com as camadas médias cada vez mais marginalizadas. Dada a feroz ofensiva dos patrões, os trabalhadores se viram obrigados a se organizar coletivamente para defender seus interesses.

Nas décadas posteriores à Guerra Civil, o movimento operário ganhou impulso. Por exemplo, 1877 uma onda massiva de greves nas ferrovias se estendeu por todo o país e levou até mesmo à criação de uma comunidade de trabalhadores na cidade de St. Louis, Missouri, durante a qual conselhos de trabalhadores eleitos e milícias de trabalhadores controlaram essa importante cidade. Em cidades ao redor de Chicago, os jornais burgueses estavam aterrorizados e ad-

vertiam para o risco de uma Comunidade de Paris norte-americana.

Milhares de trabalhadores morreram trabalhando em condições bárbaras em fins do século XIX e princípios do século XX, condições muito familiares aos trabalhadores de toda a América Latina na atualidade. Formaram-se enormes sindicatos no calor de violentas batalhas de classes e muitos ativistas operários foram martirizados, como Joe Hill.

Na década de 1930 houve muitas lutas importantes e o surgimento de um novo tipo de sindicalismo, o sindicalismo industrial do Congresso de Organizações Industriais (CIO), em oposição ao antigo sindicalismo de ofícios.

Greves heroicas de mineiros no Oeste, de trabalhadoras da confecção no Nordeste, de trabalhadores têxteis no Sul, de operários do setor automotivo no Meio-Oeste, aí inclusas as greves de Flint, Michigan, e, claro, a greve dos caminhoneiros dirigida pelos trotskistas em Minneapolis em 1934. Todas as lutas contêm muitas lições e vale a pena estudar essa história em detalhes.

O PÓS-GUERRA E A SITUAÇÃO ATUAL

A Segunda Guerra Mundial e o auge do pós-guerra podaram esses movimentos. Mas é preciso reconhecer que a maior onda de greves na história dos Estados Unidos aconteceu imediatamente após a guerra. Mais de 5 milhões de trabalhadores cruzaram os braços em 1946.

Nos anos 1950 e 1960 vemos o inspirador movimento pelos Direitos Civis, o surgimento de grupos como os Panteras Negras e o movimento contra a guerra no Vietnã. Mais recentemente, vimos os milhões que se opuseram às guerras no Iraque e no Afeganistão, o movimento massivo pelos direitos dos imigrantes entre 2005 e 2006, o movimento Occupy que começou em Wall Street, Black Lives Matter e o movimento ao redor de Bernie

Sanders e as históricas manifestações contra Trump.

Dessa forma, a história dos Estados Unidos é muito semelhante à história do restante do mundo: uma história de luta de classes. A tendência ao longo dos séculos tem sido a concentração crescente de riqueza por um lado e uma concentração da classe trabalhadora de outro. Hoje vivemos em uma época de austeridade, guerra, crise, revolução e contrarrevolução e os Estados Unidos estão no coração desse processo.

O capitalismo está em um beco sem saída em escala mundial e já não pode desenvolver os meios de produção nem melhorar a qualidade de vida da maioria das pessoas.

A decadência é evidente. O sistema está estagnado, fundamentado no parasitismo e na especulação, e representa uma ameaça existencial para a sobrevivência da espécie humana. A base econômica do imperialismo norte-americano está desequilibrada e, como resultado, já não é a força monolítica que antes parecia ser.

A classe dominante está profundamente dividida sobre o que fazer. Como explicou Lenin, um dos primeiros sinais de que se aproxima uma época de revolução social é quando a classe dominante já não consegue mais governar como antes. A vitória de Donald Trump representa um claro exemplo disto.

Agora estamos diante de uma nova geração que não conhece nada além do mundo posterior a 2008: austeridade, cortes, crise e traições. Houve uma surpreendente transformação na consciência – e isso é só o começo.

A campanha presidencial de 2016 de Bernie Sanders ofereceu uma válvula de escape para a frustração acumulada e para o interesse pelo socialismo. Ela mudou a política dos EUA para sempre. Agora milhões de pessoas se consideram socialistas.

Aqui alguns dados de pesquisas recentes:

- 70% dos norte-americanos entre 18 e 29 anos, os chamados

“millennials”, dizem que votariam por um candidato socialista;

- Somente um em cada dez adultos concorda que o sistema bipartidário funciona “muito bem”;

- Seis em cada dez norte-americanos é a favor de um terceiro partido político;

- 36% dos millennials consultados dizem favoráveis ao comunismo, um aumento de 28% em relação a 2018;

- Os millennials constituem 30% da população dos Estados Unidos. Isto é, 75 milhões de pessoas, e um terço deles diz aprovar o comunismo e o marxismo. Isso representa 25 milhões de contatos potenciais para a CMI no coração do capitalismo;

- Em seguida aos millennials vem a “Geração Z”. Essa geração mais jovem representa cerca de 25% da população, está ainda menos presa ao passado e é ainda menos leal aos partidos e instituições existentes. Isso representa outros milhões de contatos em potencial!

- Portanto, contando com os millennials, o socialismo tem o apoio majoritário de 60% da população, principalmente entre a parcela mais importante da população, a juventude.

- Incrivelmente, entre aqueles que têm uma opinião “muito favorável” em relação ao socialismo, quase a metade (47%) diz que a ação violenta contra os ricos é “às vezes justificada”.

No país da “ameaça vermelha” e do macarthismo a maioria das mulheres e das gerações mais jovens está a favor do socialismo.

É verdade, claro, que a maioria dessas pessoas não entende o que realmente é o socialismo. Mas quem pode negar que esse é um sintoma de extrema importância?

Há claramente uma base material para essas mudanças de consciência que, em última instância, têm suas raízes na economia.

Mais dados interessantes:

- Nas últimas três décadas, a riqueza do 1% mais rico aumentou em US\$ 21 bilhões, enquanto os 50% mais pobres tiveram queda de

US\$ 900 milhões em seu patrimônio líquido;

- Os lucros empresariais do ano passado foram de US\$ 2,3 bilhões. Isso é literalmente o dobro do PIB do México!

- O 0,1% mais rico dos EUA agora possui tanta riqueza quanto os 90% restantes da população;

- Três indivíduos têm em suas mãos mais riqueza que os 160 milhões de norte-americanos mais pobres – mais que toda a população do México.

- Enquanto isso, quase 80% vivem de salário em salário;

- O salário mínimo federal é de US\$ 7,25 a hora. Um trabalhador com salário mínimo precisa de 2,5 empregos de tempo integrais para poder pagar por um apartamento na maioria das cidades do país. Isso significa trabalhar 100 horas por semana;

- Uma em cada seis crianças norte-americanas vive na pobreza – 12 milhões de crianças.

Essa é a situação real dos EUA. Ainda que a miséria não chega ao mesmo grau que em muitas partes da América Latina, milhões de norte-americanos vivem em condições semelhantes às do mundo subdesenvolvido.

E não esqueçamos que esses são tempos de “bonança”. Uma crise econômica ainda mais profunda é apenas questão de tempo. Tecnicamente, essa é a maior recuperação econômica da história dos EUA.

Os burgueses sérios vêm o ressurgimento do socialismo como uma ameaça potencial à existência de seu sistema. Eles estão certos de se preocupar e têm lançado todo tipo de ataques contra o socialismo. Trump inclusive declarou que os Estados Unidos nunca serão um país socialista. Esse é um sinal de medo e debilidade, não de força.

A decadência do capitalismo se manifesta de várias formas. Há uma epidemia nacional de heroína e opioides. Nacionalmente, as overdoses de drogas triplicaram desde 1990 e agora overdose e suicídio representam mais mor-

tes que os acidentes de trânsito. Os massacres por armas de fogo já são tão comuns que as pessoas quase não percebem.

Mas isso tudo também tem um lado oposto. Por exemplo, o movimento estudantil contra as mudanças climáticas é um desenvolvimento incrível e importante no qual os marxistas dos Estados Unidos têm intervindo energicamente. Também vemos o início do ressurgimento do movimento operário após várias décadas muito difíceis.

Depois de alcançar 34,8% em 1954, hoje somente 10,5% dos trabalhadores norte-americanos estão afiliados a um sindicato, e no setor privado a cifra é de apenas 7,2%. Na década de 1970, houve uma média de 269 greves por ano. Em 2017, houve somente sete greves. Mas por baixo da superfície, a toupeira da história continuava cavando.

Aparentemente do nada, 35 mil professores da Virgínia do Oeste fizeram uma greve em janeiro de 2018 pedindo um aumento salarial de 1%. A greve fechou todas as escolas públicas do estado durante uma semana até que os legisladores aceitaram dar um aumento de 5% e congelar as mensalidades do seguro-saúde temporariamente. Isso num estado tradicionalmente conservador que votou massivamente em Trump.

Essa vitória provocou uma reação em cadeia de greves de professores que se estendeu desde Oklahoma até o Arizona, Califórnia e outros estados. Em fins de 2018, o número de trabalhadores norte-americanos envolvidos em paralisações de trabalho, que incluem greves e bloqueios patronais, foi o mais alto desde 1986.

Há aproximadamente 130 milhões de trabalhadores nos Estados Unidos, sem contar os membros não trabalhadores de suas famílias. Certamente, ainda que tenham representado somente um terço de 1% da força de trabalho dos EUA, os grevistas de 2018 transformaram o panorama da luta de classes.

Outros milhares participarão de greves e lutas menores que não se refletem nos números oficiais. E a tendência tem continuado.

Não é apenas o crescimento nas greves que traz diversas implicações para o futuro. A posição dos trabalhadores e jovens quanto aos sindicatos e a crescente consciência do que significa pertencer à classe trabalhadora também. Há um ressurgimento da consciência de classe e do interesse em se organizar em sindicato. A pressão está aumentando sobre a AFL-CIO, principal central sindical, que durante décadas tem sido um bastião do conservadorismo e da covarde colaboração de classe.

A principal federação sindical do país representa 12,5 milhões de trabalhadores ativos e aposentados em 55 sindicatos nacionais e internacionais. A força potencial dessa organização para mobilizar milhões de trabalhadores em greves, greves de solidariedade e até mesmo greves gerais é inegável. Claro que isso é a última coisa que deseja a direção.

Mas em 2021 haverá eleições na AFL-CIO e já existe uma candidatura em potencial muito interessante. Sara Nelson, líder dos comissários de bordo e das aeromoças, um setor bastante estratégico. Em princípios de 2019, ela convocou uma greve geral para por fim ao bloqueio governamental iniciado por Trump por causa do conflito quanto ao muro na fronteira com o México. Tanto a convocação da greve e quanto uma onda de “doentes” entre os trabalhadores do controle de tráfego aéreo puseram fim rapidamente ao bloqueio. Como disse Nelson: “Somente a ação direta, não a ameaça de ação, pode mover o patrão”.

Tudo isso se desenvolverá no contexto das eleições presidenciais de 2020. Se a próxima crise econômica realmente eclodir nos próximos meses, tudo ficará em suspenso.

A luta de classes e a polarização da sociedade norte-americana po-

dem se acelerar mais rapidamente do que se espera. Os eventos inspiradores no Sudão, Argélia, Hong Kong, Equador, Chile e outros países são uma prova de que os trabalhadores do mundo estão em luta e os trabalhadores norte-americanos não estarão muito atrás. O “processo molecular da revolução” de que falava Trotsky também afeta o coração do capitalismo.

Podemos antecipar um aumento das greves, campanhas de organização e tendências combativas de luta de classes nos sindicatos. À medida que as lutas econômicas não sejam suficientes para deter a austeridade e queda das condições de vida da maioria, essa energia eventualmente, de uma forma ou de outra, vai retroalimentar a luta para construir um partido de massas da classe trabalhadora. O interesse pelo socialismo continuará crescendo e haverá uma compreensão cada vez mais clara do que ele realmente é.

Os acontecimentos internacionais e o ciclo econômico também desempenharão um papel importante na consciência das massas. A verdade é que as condições materiais para a transformação socialista da sociedade estão mais do que maduras nos Estados Unidos, talvez mais maduras que em qualquer outro país do mundo. A própria experiência de vida sob o capitalismo será a melhor escola e os trabalhadores e jovens já estão aprendendo rapidamente.

A classe trabalhadora é esmagadora maioria nos EUA. Os efeitos da greve até mesmo de uma pequena parcela dos trabalhadores norte-americanos seriam devastadores para os lucros dos capitalistas.

Por exemplo, apenas 36 mil estivadores sindicalizados carregam e descarregam todos os navios na costa oeste dos Estados Unidos. Cada container importado que chega da Ásia e de outros países à costa do Pacífico dos EUA precisa passar primeiro pelas mãos de um pequeno punhado de trabalhadores sindicalizados.

Uma greve de um dia desses trabalhadores provocaria a perda de milhões de dólares para os capitalistas. Esse é um indício claro do poder colossal da classe trabalhadora norte-americana. O mesmo se aplica às manufaturas, comunicações, transporte, educação, serviços médicos etc.

CONCLUSÃO

Como marxistas entendemos que uma revolução vitoriosa em qualquer parte do mundo transformará a situação em que estamos. Da sua posição econômica, militar e, sobretudo, a força de sua classe trabalhadora, a vitória da revolução socialista norte-americana significará em última instância a libertação de toda a humanidade.

Como escreveu o camarada Leon Trotsky ao comentar sua breve estadia na cidade de Nova Iorque antes de voltar para a Rússia em março de 1917: “[Os Estados Unidos são] a fundição em que se forjará o destino dos homens”.

A Primeira Revolução Americana foi uma inspiração para a Revolução Francesa, Simón Bolívar e muitos outros movimentos revolucionários pela libertação nacional e pela independência. A Segunda Revolução Americana, a Guerra Civil, também inspirou a muitos – inclusive pessoas como Fidel Castro. A revolução socialista norte-americana também transformará os EUA em uma inspiração para os trabalhadores de todo o mundo.

Devemos ter confiança na classe trabalhadora mundial assim como temos confiança nas ideias do marxismo. É provável que, antes da Guerra Civil, muita gente dissesse que os norte-americanos eram um bando de reacionários racistas e escravistas. Mas tudo neste mundo se transforma em seu contrário – estejamos atentos!

Dezembro de 2019

Uma escola de estratégia revolucionária (2ª parte)

Leon Trotsky

AS TENDÊNCIAS CENTRISTAS NO SOCIALISMO ITALIANO

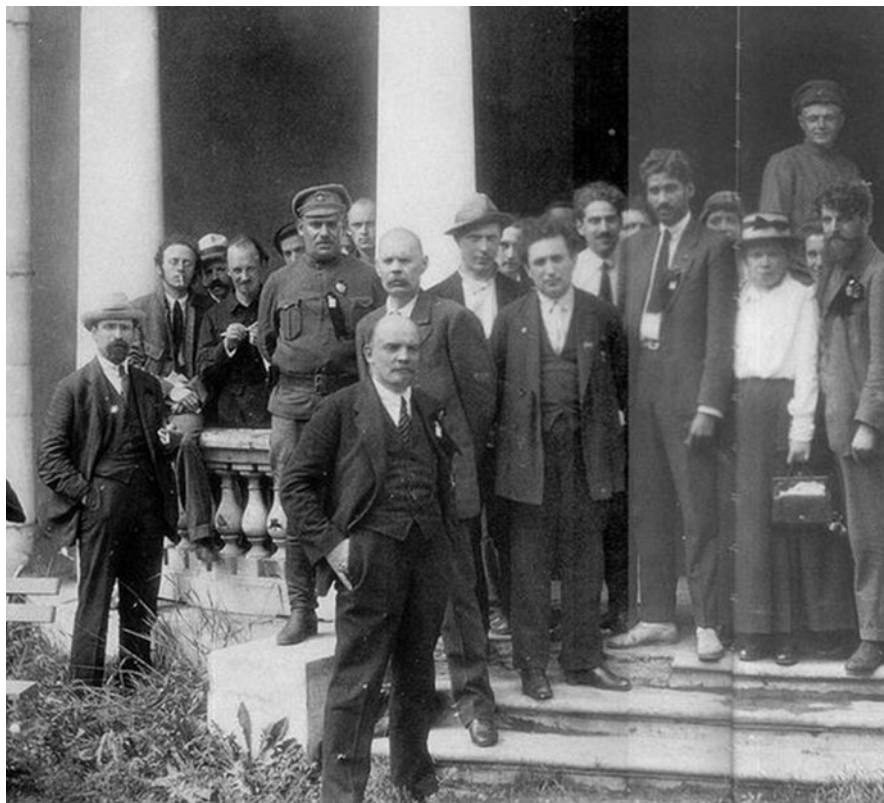
Os problemas da luta contra os elementos centristas e semicentristas aparecem claramente no assunto do Partido Socialista Italiano, colocado na ordem do dia. Vocês já conhecem a história dessa questão. Uma luta interna e uma ruptura ocorreram no Partido Socialista Italiano antes da guerra imperialista. Desembarçou-se, dessa forma, dos piores patrioteiros. Ademais, a Itália entrou na guerra nove meses depois dos outros países. Esse fato facilitou para o Partido Socialista Italiano sua política contra a guerra. O partido não se deixou arrastar pelo patriotismo e conservou a atitude crítica com relação à guerra e ao governo. Graças a isso, foi possível que participasse na conferência antimilitarista de Zimmerwald, mesmo que seu internacionalismo tivesse um aspecto amorfo. Mais tarde, a vanguarda da classe trabalhadora italiana empurrou os círculos dirigentes do partido mais à esquerda do que eram seus desejos e o partido se encontrou no seio da Terceira Internacional com um Turati que busca demonstrar com seus discursos e seus escritos que a Terceira Internacional não é mais do que uma arma diplomática nas mãos do poder dos soviets, o qual, sob o pretexto do internacionalismo, luta pelos interesses “nacionais” do povo russo.

Não é monstruoso ouvir semelhante opinião de um (não sei como o chamo assim!) “camarada” da Terceira Internacional? Até que ponto era anormal a entrada do Partido Socialista Italiano, sob sua velha forma, na Internacional Comunista? Caso se pergunta como e por que o partido retrocedeu e capitulou no outono do ano

passado, durante a greve geral e a ocupação das fábricas, oficinas etc. pelos trabalhadores, se pergunta o que constituía a traição: se o reformismo mal compreendido, a irresolução, a ligeireza política ou qualquer coisa, seria difícil achar uma resposta. O Partido Socialista Italiano encontrava-se depois da guerra sob a influência da Internacional Comunista, como correspondia ao gosto das massas trabalhadoras, mas sua organização encontrava principalmente o seu poder no centro e na direita. À força de fazer a propaganda para a ditadura do proletariado, para o poder dos soviets, para a foice e o martelo, para a Rússia dos soviets etc., a classe trabalhadora italiana, em seu conjunto, toma todas essas palavras a sério e empreende o caminho da luta abertamente re-

volucionária. Em setembro do ano passado, ocuparam-se oficinas, fábricas, minas e grandes propriedades agrárias. Mas, precisamente nesse momento, em que o partido deve tirar todas as conclusões políticas e práticas de sua propaganda, tem medo de suas responsabilidades, retrocede, deixa a retaguarda do proletariado sem cobertura, e as massas trabalhadoras caem sob as hordas fascistas.

A classe trabalhadora pensou e esperou que o partido que a chamou à luta consolidaria o desenvolvimento de seu ataque. E assim devia-se fazer. A esperança do proletariado estava bem fundamentada: o poder da burguesia estava se desmoralizando e paralisando, e não havia confiança nem no exército nem na polícia. Portanto, era natural (em meu juízo) que a classe



Participantes da Conferência de Zimmerwald

trabalhadora pensasse que o partido tinha o dever de levar até o fim o combate iniciado. No entanto, no momento mais crítico, o partido retrocedeu, privando a classe trabalhadora de seus chefes e de parte de suas forças. Aqui se vê claramente que na Internacional Comunista não havia lugar para semelhantes políticos. O Comitê Executivo da Internacional Comunista decidiu (depois de consumada a cisão que ocorreu no partido italiano) que só a sua ala comunista de esquerda representava uma seção da Internacional Comunista. Pela mesma razão, o partido de Serrati, ou seja, a fração dirigente do ex-Partido Socialista Italiano, foi arrojado da Internacional Comunista. Desgraçadamente, e isso se explica pelas condições particularmente desfavoráveis, pelo acaso, por erros de nossa parte, desgraçadamente, repito, o Partido Comunista Italiano recebeu em suas fileiras (no momento de sua fundação) menos de 50 mil filiados, enquanto que o partido de Serrati conservava quase 100 mil membros, entre os quais se contavam 14 mil reformistas determinados, formando uma fração organizada (têm sua conferência em Reggio-Emilia). Não vamos dizer que os 100 mil trabalhadores que constituem o Partido Socialista sejam nossos adversários. Se até agora não os temos em nossas fileiras, a culpa é de nossa responsabilidade. Prova quão justa é tal observação o fato de que o Partido Socialista Italiano, embora excluído da Internacional Comunista, enviou três representantes ao nosso congresso. Que significa isso? Os dirigentes do partido se colocaram, por sua política, fora da Internacional, mas as massas trabalhadoras os obrigam a bater em suas portas.

Os trabalhadores socialistas demonstraram que seus sentimentos eram revolucionários e que queriam estar conosco. Mas nos enviaram pessoas que demonstram, por sua conduta, que não assimilaram nem as ideias nem os métodos do comunismo. Os trabalhadores ita-

lianos pertencentes ao partido de Serrati também demonstraram que eram revolucionários em sua maioria, embora não possuíssem ainda uma clara visão política das coisas. Vimos o velho Lazzari em nosso congresso. Do ponto de vista pessoal, é uma figura atraente, um velho lutador inegavelmente honrado, um homem sem mácula, mas ainda não comunista. Encontra-se totalmente sob a influência das ideias democráticas, humanitárias e pacifistas. Contou-nos no congresso: *“Vocês exageram a importância de um Turati. Exageram, em geral, a importância de nossos reformistas. Pedem-nos que os excluamos, mas como vamos fazer isso se eles obedecem à disciplina do partido? Se nos dessem o exemplo de um fato que pudesse provar sua oposição aberta ao partido, se tivessem participado em um governo, apesar de nossas resoluções, se tivessem votado o orçamento de guerra apesar de nós, então poderíamos excluí-los, mas não foi assim”*. Citamos então a Lazzari artigos de Turati dirigidos contra o ABC do socialismo revolucionário. Lazzari nos respondeu que aqueles artigos não constituíam fatos, que em seu partido existia liberdade de opinião etc. No entanto, lhe dissemos: *“Se, para excluir Turati, é preciso que haja um ‘fato’, ou seja, que ele aceite, por exemplo, uma pasta ministerial das mãos de Giolitti, é indubitável que Turati, que é um político inteligente, não o fará nunca, visto que não se trata de um arri- vista de baixo estofa que aspire uma pasta. Turati é um colaboracionista provado, inimigo irreductível da revolução, mas, ao seu jeito, um político hábil. Ele quer, custe o que custar, salvar a ‘civilização’ democrática e burguesa e remontar, para este fim, a corrente revolucionária da classe trabalhadora. Quando Giolitti lhe oferece uma pasta, e isso deve ter ocorrido mais de uma vez, Turati lhe responde mais ou menos o seguinte: ‘Se aceito a pasta, isso constituirá o ‘fato’ de que fala Lazzari. Desde que aceite a pasta, me pegará com o ‘fato’ e me expulsará do partido e,*

uma vez que me tenha expulsado do partido, não terá mais necessidade de mim, compadre Giolitti, pois se agora necessitas de mim é porque pertenço a um grande partido operário. De modo que, tão logo eu seja excluído do partido, tu me expulsarás, por tua vez, do ministério. Eis aqui porque não aceitarei tua carteira ministerial nunca, para não dar a Lazzari o ‘fato’ e ser o verdadeiro chefe do partido socialista”.

Deve ter sido este, de forma aproximada, o raciocínio de Turati e tem razão: é mais perspicaz que o idealista e pacifista Lazzari. *“Vocês exageram a importância do grupo de Turati”*, dizia-nos Lazzari. *“É um grupo pequeno, o que em francês se chama de quantidade desprezível”*. Ao que respondemos: *“Sabe você que neste exato momento, enquanto aqui, na tribuna da Internacional em Moscou, você nos pede para ser admitido em nossas fileiras, Giolitti pergunta a Turati por telefone: ‘Sabes, meu amigo, que Lazzari está em Moscou e que, por acaso, pode fazer ali, com os bolcheviques, alguns acordos perigosos em nome de teu partido?’ Você sabe o que responde Turati? Pois seguramente isto: ‘não dê importância, amigo Giolitti; nosso Lazzari não passa de uma quantidade desprezível’*”. E, certamente, nisto tem muito mais razão do que Lazzari.

Tal foi o nosso diálogo com os tímidos representantes de uma parte considerável dos trabalhadores italianos. No final, ficou decidido apresentar aos socialistas italianos um ultimato: convocar no prazo de três meses um congresso do partido, excluir desse congresso todos os reformistas (que causaram o seu próprio afastamento ao se reunirem na Conferência de Reggio-Emilia) e unir-se aos comunistas na base das resoluções do Terceiro Congresso. Quais serão os resultados práticos imediatos dessa decisão? É tão difícil prevê-los exatamente? Virão conosco todos os serratianos? Duvido. Ademais, não o desejamos. Há homens entre eles dos quais não temos necessidade.

O passo dado por nosso congresso foi justo. Seu objetivo é recuperar os trabalhadores levando a ruptura às fileiras dos chefes que vacilam.

O COMUNISMO ITALIANO, SUAS DIFICULDADES E TAREFAS

Entre os delegados do Partido Comunista Italiano, bem como entre os representantes da juventude, encontram-se, no entanto, as críticas mais acerbadas a esta decisão. Os comunistas italianos, sobretudo os de esquerda, reprovaram muito particularmente o congresso por “haver aberto a porta” aos serratianos, aos oportunistas e aos centristas. Estas palavras: “*Abriam as portas da Internacional Comunista*” foram repetidas milhares de vezes. Nós os explicamos: “*Camaradas, tens ao vosso lado 50 mil trabalhadores; os serratianos têm quase 100 mil. Não se pode estar feliz com esses resultados*”. Compararam as cifras e afirmaram que um grande número de membros já havia abandonado o partido socialista, o que seria possível; mas o seu argumento principal é este: “*Toda a massa do partido socialista, e não só os chefes, é reformista e oportunista*”. Perguntamos: “*De que modo, pois, por que razão e a título de quem enviaram então para aqui, em Moscou, a Lazzari, Maffi e Riboldi?*”. Os jovens comunistas italianos não me deram uma resposta clara: “*Veja: é que a classe trabalhadora, em seu conjunto, gravita na direção de Moscou e para ali se inclina o partido oportunista de Serrati*”. Esse argumento foi puxado pelos cabelos. Se, verdadeiramente, a coisa se apresentava assim; se a classe trabalhadora em massa se inclinava na direção de Moscou, a porta de Moscou lhe seria aberta: esta porta é o Partido Comunista Italiano, que pertence à Internacional. Por que a classe trabalhadora italiana escolhe um caminho tão indireto para Moscou, apoiando-se no partido de Serrati, em vez de entrar simplesmente no Partido

Comunista da Itália? É demasiado evidente que todas essas negativas dos comunistas de esquerda eram errôneas e tinham sua força em uma compreensão insuficiente da tarefa fundamental: a necessidade de conquistar a vanguarda operária e, inicialmente, os trabalhadores que permanecem nas fileiras do Partido Socialista Italiano, não sendo os piores. O erro das “esquerdas” tem sua origem na impaciência revolucionária tão acentuada que impede de se ver as tarefas prévias, as mais importantes e que tanto prejudica os interesses da causa. Certos comunistas “de esquerda” acreditam que para sua tarefa direta, que consiste em derrubar a burguesia, é inútil se deter no caminho, entrar em conversações com os serratianos, abrir a porta aos trabalhadores que seguem Serrati etc. E, no entanto, é esta a nossa principal tarefa, e não é tão simples como se pode acreditar. Também necessitamos de conversações, tanto ou mais que lutas, exortações e novos acordos e, por acaso, novas cisões. Alguns camaradas impacientes queriam simplesmente dar as costas a essas coisas e, conseqüentemente, aos próprios trabalhadores socialistas. Os que queiram pertencer à Terceira Internacional (dizem eles) que adiram diretamente a nosso partido comunista. Essa é, aparentemente, a solução mais fácil do problema; mas, na realidade, equivale a colocar a questão nos termos mais essenciais: como, por quais métodos atrair os trabalhadores socialistas ao partido comunista? Fechando automaticamente a porta da Internacional não obteremos resposta. Os trabalhadores italianos sabem muito bem que o partido socialista também pertenceu à Internacional Comunista. Os chefes do Partido Socialista Italiano pronunciaram discursos revolucionários chamando à luta, reclamaram o poder dos soviets e levaram os trabalhadores à greve do mês de setembro e à ocupação das oficinas e fábricas. Em



Trotsky, 1925

seguida, capitularam sem aceitar a batalha enquanto os trabalhadores lutavam. A vanguarda do proletariado italiano está em situação de digerir este fato em sua consciência. Os trabalhadores veem a minoria comunista se separar do partido socialista e se dirigir a eles com os mesmos, ou quase mesmos, discursos com que o partido de Serrati se dirigia a eles ontem. Os trabalhadores dirão para si mesmos: “*Temos que esperar, ver o que significa; temos que estudar a coisa...*”. Em outras palavras, pedem, talvez com pouca consciência, mas com verdadeiro afã, que o novo partido, o comunista, deixe-se conhecer ativamente, que seus chefes mostrem que foram feitos de outra massa e que estão ligados sem falhas às massas em suas lutas, por mais duras que sejam as conseqüências dessas lutas. É preciso conquistar com os atos e as palavras, com as palavras e os atos, a confiança de dezenas de milhares de trabalhadores socialistas que ainda se encontram no cruzamento dos caminhos, mas que queiram estar em nossas fileiras. Se voltarmos tranquilamente as costas, movidos pelo desejo de derrubar imediatamente a burguesia, causaremos um grande prejuízo à revolução, e, no entanto,

é precisamente na Itália onde as condições estão muito favoráveis para uma revolução vitoriosa do proletariado em futuro próximo.

Imaginemos por um instante, só a título de exemplo, que os comunistas italianos, admitamo-lo, tenham chamado em maio deste ano a classe trabalhadora da Itália para uma nova greve geral e para uma insurreição. Se se dissessem: “O partido socialista que abandonamos sucumbiu em setembro e nós, os comunistas, devemos agora, custe o que custar, assumir esta tarefa e conduzir, em seguida, a classe trabalhadora a uma batalha decisiva”. Julgando superficialmente, pode-se acreditar que fosse esse o dever dos comunistas; mas, na realidade, não é assim. A estratégia revolucionária elementar nos diz que tal apelo, nas condições atuais, seria uma loucura e um crime, pois a classe trabalhadora, que no mês de setembro foi cruelmente fogueada por seguir os dirigentes do partido socialista, não teria acreditado que se pudesse repetir com êxito a operação em maio, sob a direção do partido comunista, que ela ainda não conhecia suficientemente. A culpa fundamental do partido socialista consiste em ter chamado a revolução sem tirar as conclusões necessárias, ou seja, sem realmente se preparar para a revolução, sem explicar à classe trabalhadora as questões para a tomada do poder, sem limpar suas fileiras dos que não querem o poder, sem escolher nem educar seus militantes, sem criar os núcleos de assalto capazes de manejar armas e brandi-las no momento preciso... Em uma palavra, o partido socialista chamava a revolução, mas sem se preparar para ela. Se os comunistas italianos tivessem lançado agora um simples chamado à rebelião, teriam repetido o erro dos socialistas e, além disso, em condições incomparavelmente mais difíceis. A tarefa de nosso partido irmão na Itália é preparar a revolução, ou seja, conquistar antes de tudo a maioria da classe trabalhadora e organizar como for possível a sua vanguarda.

Aquele que lutasse contra a partida impaciente dos comunistas italianos e dissesse: “Antes de chamar à insurreição, tratem de conquistar os trabalhadores socialistas, purifiquem os sindicatos, ponham em postos responsáveis os comunistas em vez dos oportunistas; conquistem as massas”, quem tivesse falado assim, embora parecesse deixar os comunistas para trás, o que na realidade havia feito é indicar o caminho que leva à vitória da revolução.

OS TEMORES E SUSPEITAS DOS EXTREMISTAS DE ESQUERDA

Tudo o que acabamos de dizer é elementar do ponto de vista da experiência revolucionária. No entanto, certos elementos “de esquerda” de nosso congresso acreditaram ver em semelhante tática uma inclinação à “direita”, e alguns jovens camaradas revolucionários, sem experiência, mas cheios de energia e prontos para a luta e para os sacrifícios, sentiram que seus cabelos se eriçavam ao ouvir os primeiros discursos críticos e prudentes pronunciados pelos camaradas russos. Alguns desses jovens revolucionários, segundo dizem, haviam beijado a terra dos soviets quando atravessaram a fronteira. E, embora trabalhemos ainda muito mal nossa terra para que seja digna desses beijos, compreendemos, no entanto, o entusiasmo revolucionário de nossos jovens amigos estrangeiros. Parece vergonhoso tal atraso e não haver ainda realizado a revolução. Com esses sentimentos entram nas salas do Palácio Nicolau. Que veem ali? Os comunistas russos sobem a colina e não somente não exigem o apelo imediato à insurreição, como também, pelo contrário, os colocam em guarda contra as aventuras e insistem para que sejam atraídos os trabalhadores socialistas, que se conquiste a maioria dos trabalhadores e que, com cuidado, se prepare a revolução!

Certos extremistas de esquerda concordaram que o negócio não

se apresentava muito claro. Elementos semi-hostis, tais como os delegados da organização chamada “Partido Operário Comunista da Alemanha” (este grupo faz parte da Internacional com voz consultiva), raciocinam da seguinte maneira: “O poder soviético não esperou que a revolução estourasse na Europa para estabelecer sua política. Perdeu, assim, por meio de seu Commissariado do Comércio Exterior, um grande comércio mundial. E o comércio é um negócio sério, que requer relações serenas e pacíficas. Sabe-se há muito que os tumultos revolucionários prejudicam o comércio. Por essa razão, colocando-nos no ponto de vista do commissariado do camarada Krasin, estamos interessados, como vês, em retardar a revolução o máximo possível” (risos). Camaradas, sinto infinitamente que vossa risada unânime não possa ser transmitida pelo rádio a vários camaradas da extrema-esquerda da Alemanha e da Itália. A hipótese de nossa oposição aos tumultos revolucionários, oposição que tem sua fonte em nosso Commissariado do Comércio Exterior, é tão curiosa pelo fato de que em março deste ano, ao se desenvolverem na Alemanha os trágicos combates de que falarei mais tarde, os jornais burgueses e socialdemocratas alemães e, por trás deles, a imprensa mundial, gritaram que a insurreição de março foi provocada por uma ordem de Moscou, que o poder soviético, que vivia nessa época jornadas difíceis (rebeliões de camponeses, Kronstadt etc.), havia lançado, para sua própria salvação, a ordem de organizar as insurreições independentemente da situação particular de cada país. Que difícil é imaginar uma bobagem tão grande! Não obstante, os camaradas delegados de Roma, de Paris, de Berlim apenas tiveram tempo de chegar em Moscou quando uma nova teoria foi forjada no outro extremo, o da esquerda: a teoria segundo a qual não somente “não damos ordens” para organizar as insurreições imediatas e independentemente das

circunstâncias exteriores, como também que, pelo contrário, interessados no magnífico desenvolvimento de nosso comércio, só nos preocupamos com uma coisa: atrasar a revolução. Qual das duas bobagens, uma contrária à outra, é maior? É difícil julgar. Se somos culpáveis das faltas cometidas em março (supondo que se possa falar de culpa), também o é neste sentido a Internacional em seu conjunto e, em consequência, também o nosso partido, porque ainda não educou suficientemente às massas no que concerne à tática revolucionária, tornando assim possível os atos e os métodos errôneos. Mas seria ingênuo sonhar que jamais se cometam erros.

OS ACONTECIMENTOS DE MARÇO NA ALEMANHA

A questão dos acontecimentos de março ocupou, em certo sentido, um lugar preferencial em nossos debates do congresso e isso não é casual: de todos os partidos comunistas, o da Alemanha é um dos mais poderosos e dos mais preparados do ponto de vista teórico e, quanto à sua capacidade revolucionária, a meu parecer a Alemanha está em primeiro lugar. Com respeito à situação interna, sendo a Alemanha um país vencido, é um dos mais propícios à revolução. É natural, pois, que os métodos de luta do Partido Comunista Alemão adquiram importância internacional. Sobre o solo alemão os mais importantes acontecimentos da luta revolucionária se desenvolvem diante de nossos olhos desde 1918, e é por isso que podemos estudar, como exemplo vivo, suas vantagens e seus inconvenientes.

E em que consistiram os acontecimentos de março? Os proletários da Alemanha Central, operários da região industrial e de mineração, representavam até há pouco, inclusive durante a guerra, uma das frações mais atrasadas da classe trabalhadora. Seguiam, em sua maioria, não aos sociais-democratas, mas a

quadrilhas patrióticas, burguesas e clericais; eram fiéis ao imperador etc. As condições de suas vidas e de seu trabalho eram excepcionalmente pesadas. Ocupavam, com relação aos operários de Berlim, o mesmo lugar que entre nós ocupavam os distritos atrasados dos Urais com relação aos operários de Petrogrado. Durante um período revolucionário, ocorre mais de uma vez que uma parte, a mais oprimida e atrasada classe trabalhadora, desperta pela primeira vez com o estrondo dos acontecimentos e aporta à luta a maior energia e está pronta para combater sem condições e, frequentemente, sem contar com as circunstâncias nem com as possibilidades de vencer; ou seja, com as exigências da estratégia revolucionária. Assim, enquanto os trabalhadores de Berlim e da Saxônia, por exemplo, depois da experiência dos anos 1919-1920 se tornaram mais circunspetos, o que une suas vantagens e inconvenientes, os trabalhadores da Alemanha Central, por sua vez, continuavam se manifestando energicamente, realizando greves e tumultos, tirando os capatazes das oficinas em carretas, organizando reuniões durante as horas de trabalho etc. É evidente que tal gênero de ação é incompatível com

as tarefas sagradas da República de Ebert. Não surpreende que essa república conservadora e policial, na pessoa de seu agente de polícia, o social-democrata Hoersing, tenha decidido por certa “depuração”, ou seja, afastar os elementos mais revolucionários, prender certos comunistas etc.

O Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha pensou, exatamente nessa época (meados de março), que era necessário fazer uma política revolucionária mais ativa. O partido alemão, segundo podemos recordar, foi criado um pouco antes pela união das antigas agrupações espartaquistas e da maioria dos independentes e, por essa razão, tiveram que resolver na prática o problema da ação de massas. A ideia de que havia de se realizar uma política mais ativa era perfeitamente justa. Mas como levá-la à prática? Ao mesmo tempo em que se publicava a ordem do policial social-democrata Hoersing, pedindo aos trabalhadores o que, em vão e mais de uma vez, haviam pedido o Governo Kerensky: não organizar reuniões nas horas de trabalho, considerar a propriedade das fábricas como sagrada etc.; o comitê central do Partido Comunista lançou um apelo à greve geral para apoiar os trabalhado-



Voluntários do Exército Vermelho do Ruhr

res do centro da Alemanha. Uma greve geral não é coisa que a classe trabalhadora empreende de forma ligeira, à primeira indicação do partido, sobretudo quando sofreu anteriormente uma série de derrotas e ainda mais em um país onde há, junto ao partido comunista, outros dois partidos sociais-democratas, e onde a organização sindical está contra nós. No entanto, se nos fixarmos no órgão central do partido comunista, Rote Fahne, durante todo esse período, dia após dia, nos daremos conta de que o apelo à greve geral não foi bem preparado. Na Alemanha se efetivou mais de uma sangria quando a revolução, e a resistência à ofensiva policial contra o centro desta nação, não pôde abarcar toda a classe trabalhadora. Uma ação séria de massas devia ser precedida, evidentemente, de uma agitação enérgica e generalizada, com palavras de ordem dirigidas ao mesmo fim; tal agitação teria podido levar apelos definitivos à ação somente no caso de que se pudesse averiguar até que ponto as massas estavam preparadas e dispostas para avançar pelo caminho da revolução. É esse o princípio elementar de toda estratégia revolucionária e é precisamente esse o princípio que não foi levado em conta durante os acontecimentos de março. Os batalhões policiais não tinham ainda tempo de alcançar as fábricas e minas da Alemanha Central se nelas houvesse desencadeado uma greve geral. Já falei que os trabalhadores do centro da Alemanha estavam dispostos a uma luta imediata, e que a indicação do comitê foi seguida. Mas as coisas não se passaram da mesma forma no restante do país. A situação da Alemanha, tanto interna quanto externa, não favorecia a passagem brusca à ação. As massas simplesmente não compreenderam o apelo.

No entanto, certos teóricos muito influentes do Partido Comunista da Alemanha, em vez de reconhecerem que o apelo era um erro, emitiram, para explicá-lo, a

teoria segundo a qual devíamos, durante a época revolucionária, fazer exclusivamente uma política ofensiva, isto é, de ataque revolucionário. Desse modo, apresenta-se às massas a ação de março como uma ofensiva. Experimentem, apreciem a situação em seu conjunto. Na realidade, o primeiro assalto foi realizado pelo policial socialdemocrata Hoersing. Há que se aproveitar para reunir todos os trabalhadores para a defesa, resistência; o contra-ataque mais restrito. Se as condições forem propícias, se a propaganda encontrar eco favorável, pode-se passar a uma greve geral. Se os acontecimentos se desdobrarem mais, se as massas se sublevarem, se a união entre os trabalhadores se reafirmar e aumentar o seu moral, enquanto no campo dos adversários aparecem a indecisão e a desordem, então pode-se ordenar passar à ofensiva. Pelo contrário, se a decisão não é favorável, se as condições e o moral das massas não se prestam a obedecer, há que se tocar a retirada, recuar o máximo possível de forma ordenada às posições anteriores, obtendo assim a vantagem de não haver sondado a massa trabalhadora, reforçado sua união anterior e, o que é mais importante, de haver aumentado a autoridade do partido, que se revelará como um chefe judicioso em todas as situações.

Mas o que faz o centro dirigente do partido alemão? Parece aproveitar a primeira ocasião e, antes que ela seja compreendida pelos trabalhadores, o comitê central chama à greve geral. Ainda antes que o partido tenha conseguido sublevar os trabalhadores de Berlim, Dresden, Munique para apoiar os trabalhadores do centro da Alemanha (o que se poderia conseguir no espaço de dias, se as massas tivessem sido conduzidas energicamente depois de um plano bem concebido e sem pular os acontecimentos), antes que o partido tivesse rea-

lizado esse trabalho proclama-se nossa ação como um ofensiva. Isso significa malbaratar o assunto e paralisar o avanço do movimento. É evidente que, nesse período de luta, a iniciativa do movimento estava nas mãos do inimigo. Era necessário explorar o elemento moral da defesa e chamar o proletariado de todo o país em socorro aos trabalhadores do centro da Alemanha. As formas desse socorro podiam, a princípio, ser variadas antes que o partido pudesse lançar diretivas mais amplas. A tarefa da agitação consistia em sublevar as massas, concentrar sua atenção sobre os acontecimentos da Alemanha central, romper politicamente a resistência da burocracia operária e assegurar, dessa forma, o caráter geral da greve como base possível para o desenvolvimento ulterior da luta revolucionária. E que temos em troca? Uma minoria revolucionária e ativa do proletariado se opôs na ação à maioria antes que esta maioria pudesse se inteirar do sentido dos acontecimentos. O partido, ante a passividade e irresolução da classe trabalhadora, resolveu por ela. Os elementos impacientes ensaiaram, aqui e ali, não por meio da propaganda, mas por procedimentos mecânicos, lançar às ruas a maior parte dos trabalhadores. É verdade que, se a maioria dos trabalhadores se pronunciam a favor da greve, podem forçar a minoria e fechar fábricas para realizar a greve geral. Mais de uma vez ocorreu assim e assim será sempre, e só os imbecis podem protestar contra tais procedimentos. Mas a esmagadora maioria da classe trabalhadora não se dá conta do movimento, ou não simpatiza com ele ou não crê em sua eficácia; a minoria, pelo contrário, decide-se a avançar e experimentar, através de procedimentos mecânicos, a incitar os trabalhadores à greve. Essa minoria impaciente, representada pelo partido, pode se de-

cidir a agir contra a hostilidade da classe trabalhadora e assim quebrar a cabeça.

A ESTRATÉGIA DA CONTRARREVOLUÇÃO ALEMÃ E OS AVENTUREIROS DE ESQUERDA

Estudaremos desde este ponto de vista toda a história da revolução alemã. Em novembro de 1918, a monarquia foi derrubada e o problema da revolução proletária está na ordem do dia. Em janeiro de 1919, ocorreram os sangrentos combates revolucionários da vanguarda proletária contra o regime da democracia burguesa, os quais se repetem em março de 1919. A burguesia se orienta rapidamente e elabora seu plano estratégico: combate o proletariado enquanto o divide. Os melhores chefes da classe trabalhadora, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, são assassinados. Em março de 1920, depois da tentativa de golpe de Estado contrarrevolucionário de Kapp, rompido por uma greve geral, estoura a insurreição parcial: a luta armada dos trabalhadores da bacia do Ruhr. O movimento termina em novo fracasso, causando vítimas inumeráveis. Enfim, em março de 1921, ainda temos uma guerra civil parcial e uma nova derrota.

Quando, em janeiro e março de 1919, parte dos trabalhadores alemães se rebelaram e perderam seus melhores chefes, dissemos: “São as jornadas de julho do Partido Comunista Alemão”. Recordem as jornadas de julho na Petrogrado de 1917. Petrogrado adiantou-se ao país, lançou-se sozinha à batalha, a província não a sustentou suficientemente e ainda se contava no exército de Kerensky com regimentos atrasados para afogar o movimento. Mas na própria Petrogrado, a maioria do proletariado já era nossa. As jornadas de julho foram o preâmbulo das de outubro. É certo que em julho cometemos alguns erros; mas não os transformamos em um sistema. Consideramos os combates de janeiro e março

como um “julho” alemão. Embora este “julho” na Alemanha não tenha sido acompanhado de um “outubro”, mas de um março de 1920, ou seja, de uma nova derrota, sem falar dos fracassos parciais e do assassinato sistemático dos melhores chefes locais da classe trabalhadora alemã. Quando vimos o movimento de março de 1920 (digo eu) e, em seguida, o de março de 1921, não pudemos dizer menos que: Não, há demasiadas jornadas de julho na Alemanha, queremos um “outubro”.

Sim, há que se preparar um “outubro” alemão, uma vitória da classe trabalhadora alemã e é aqui que os problemas da estratégia revolucionária se nos apresentam em toda a sua amplitude. É perfeitamente claro e evidente que a burguesia alemã, ou sua quadilha dirigente, leva sua estratégia contrarrevolucionária ao extremo: provoca certas frações da classe trabalhadora, as induz à ação, isola-as em regiões especiais, observa as armas que levam em suas mãos e aponta para suas cabeças, a dos melhores representantes da classe trabalhadora. Na rua ou no calabouço de castigo, em combate aberto ou sob a lei das fugas, por decreto de uma corte marcial ou pela mão de criminosos, perecem indivíduos, dezenas, centenas, milhares de comunistas, que personificam a mais alta experiência proletária; é esta uma estratégia rigorosamente calculada, friamente realizada e que se apoia na experiência da classe dominante.

E, nessas condições, quando a classe trabalhadora alemã, em seu conjunto, sente instintivamente que não poderá dar conta de tal inimigo com as mãos desarmadas, que o entusiasmo não é suficiente, mas que se necessita do cálculo frio, da visão clara das coisas, de uma preparação séria, e quando espera tudo de um partido, grita-se para ela: nosso dever é não aplicar mais do que uma estratégia ofensiva, ou seja, atacar a todo momento, pois, como veem, entramos em

um período revolucionário. É como se um comandante de exército dissesse: *“Posto que começamos a guerra, nossa obrigação é atacar sempre e por todos os lados”*. Tal chefe seria infalivelmente derrotado, embora dispusesse de forças realmente superiores. Ainda pior: existem teóricos, tais como o comunista alemão Maslow, que chegam a dizer, a propósito dos acontecimentos de março, as seguintes aberrações: *“Nossos adversários (diz Maslow) nos reprovam pelo de março, o que consideramos como um mérito nosso. A saber: que o partido, entrando na luta, não tenha abordado a questão de que seria seguido ou não pela classe trabalhadora”*. Essa citação é quase literal. Do ponto de vista dos revolucionários subjetivos ou dos socialistas revolucionários de esquerda, é perfeito. Mas, do ponto de vista marxista, é simplesmente monstruoso!

AS TENDÊNCIAS AVENTUREIRAS E... A QUARTA INTERNACIONAL

Nosso dever revolucionário nos obriga a recomeçar a ofensiva contra os alemães, declararam os socialistas revolucionários de esquerda em julho de 1918. Seremos derrotados? Não importa! Nosso dever é marchar à frente. Não o querem as massas trabalhadoras? Bom, pode-se lançar uma bomba contra Mirbach para obrigar os trabalhadores russos a continuar a luta na qual devem perecer infalivelmente. Tais raciocínios estão muito espalhados na agrupação chamada de Partido Comunista Operário da Alemanha (KAPD). Esse é um pequeno grupo de socialistas revolucionários proletários de esquerda. Nossos socialistas revolucionários de esquerda recrutam, ou recrutavam, seus partidários principalmente entre intelectuais e camponeses; tal é a sua característica social, mas seus métodos políticos são os mesmos: trata-se de um revolucionarismo histórico, disposto a todo momento a aplicar medidas e métodos extremos sem contar com as mas-



Último discurso de Karl Liebknecht, diante do Ministério do Interior em Berlim, 4/11/1919

sas nem com a situação geral; é a impaciência no lugar do cálculo; uma embriaguez devida à fraseologia revolucionária; tudo isso é o que caracterizou tão plenamente o Partido Comunista Operário da Alemanha. No congresso, um dos oradores, que falava em nome desse partido, expressou-se dessa forma: “*Que querem vocês? A classe trabalhadora alemã está imbuída (ele falou *verseucht*, “contaminada”) de uma ideologia de filisteus, de burgueses e pequeno-burgueses. Que querem que se faça? Não poderão levá-la à rua sem se recorrer a uma sabotagem econômica*”. E, quando lhe foi perguntado o que significavam suas palavras, explicou: “*Quando os trabalhadores começam a viver um pouco melhor, já não querem revolução. Mas se turvamos o mecanismo da produção, se atacarmos as fábricas,*

estradas de ferro etc., a situação da classe trabalhadora piora e, portanto, se torna mais apta para a revolução”. Não esqueçam que isto foi dito por um representante do partido “operário”. É de um ceticismo absoluto! Deduz-se que, se aplicarmos o mesmo raciocínio ao campo, os camponeses mais conscientes da Alemanha devem incendiar suas aldeias, soltar o galo vermelho por todo o país para revolucionar dessa forma os moradores do campo. Não se pode deixar de lembrar aqui que, durante o primeiro período do movimento revolucionário na Rússia, por volta de 1860, quando os revolucionários intelectuais eram ainda incapazes de qualquer ação, encerrados como estavam em seus pequenos cenáculos, obstinando-se na passividade das massas trabalhadoras, então certos grupos (como os par-

tidários de Netachaiiev) chegaram a pensar que o fogo e os incêndios constituíam um verdadeiro elemento revolucionário da evolução política russa. É evidente que tal sabotagem, dirigida, por sua própria essência, contra a maioria da classe trabalhadora constitui um meio antirrevolucionário que cria um conflito entre a classe trabalhadora e um partido “operário”, cujo número de membros resulta difícil de precisar, mas não pode passar de três a quatro dezenas de milhares quase sempre, enquanto que o Partido Comunista unificado conta, como vocês sabem, com cerca de 400 mil filiados.

O congresso colocou em sua ordem do dia o assunto do KAPD em toda a sua agudeza, pedindo a essa organização que convoque, no prazo de três meses, um congresso e que se una ao Partido Comunista Unificado, ou que se coloque definitivamente fora da Internacional Comunista. Pode-se acreditar que o KAPD, tal como está representado por seus atuais chefes aventureiros e anarquistas, não se submeterá à decisão da IC e, encontrando-se fora dela, experimentará, provavelmente com outros elementos “extremistas de esquerda”, formar uma Quarta Internacional. Nossa camarada Kollontai soprou um pouco na mesma trombeta no decorrer de nosso congresso. Não é segredo para ninguém que nosso partido constitui, no presente, a alavanca da IC. No entanto, a camarada Kollontai apresentou o estado das coisas em nosso partido de tal forma que poderia parecer que as massas trabalhadoras, com a camarada Kollontai à cabeça, se verão obrigadas, um mês antes ou depois, a fazer a “terceira revolução”, a fim de estabelecer um “verdadeiro” regime dos soviets. Mas por que uma terceira revolução e não uma quarta, quando a terceira revolução feita em nome do “verdadeiro” regime soviético já teve lugar em fevereiro, em Kronstadt? Ainda há extremistas de esquerda na Holanda, quiçá também em ou-

tros países. Ignoro se levaram em consideração. Desde que não seja muito nutrido o seu número, pois este seria um risco que ameaçaria a IV Internacional, se fosse fundada por casualidade. Verdadeiramente, este seria o risco de perder até um pequeno grupo de bons militantes trabalhadores que se encontra, sem dúvida, em seu seio. Mas, se essa cisão dos sectários deve ser realizada, logo teremos, não só a Internacional Segunda e Meia à nossa direita, como também a de número quatro à nossa esquerda, na qual o subjetivismo, a histeria, o espírito de aventura e a fraseologia revolucionária estarão muito bem representados. Também disporemos de um espantinho de “esquerda”, do qual nos serviremos para ensinar estratégia à classe trabalhadora. Todas as coisas, como se pode ver, têm duas caras: uma positiva e outra negativa.

O ERRO DAS ESQUERDAS E A EXPERIÊNCIA RUSSA

No entanto, mesmo dentro do Partido Comunista Unificado, existiam tendências antimarxistas que saem à luz de forma assombrosa em março e depois de março. Já citei o surpreendente artigo de Maslow. Mas Maslow não estava sozinho. Publica-se em Viena a revista *Kommunismus* (órgão da Internacional Comunista em língua alemã). Na edição de junho dessa revista, encontramos um artigo que estuda a situação na internacional e na qual, em síntese, lemos isto: “*A principal característica do atual período revolucionário é que devemos, nas lutas parciais, até as puramente econômicas, tais como as greves, lutar com as armas nas mãos*”. Eis aqui, camaradas, uma estratégia invertida! Enquanto a burguesia nos provoca para combates parciais e sangrentos, alguns de nossos estrategistas querem fazer desse gênero de batalha uma regra. Não é monstruoso?

Na Europa, a situação objetiva é profundamente revolucionária.

A classe trabalhadora sabe disso e durante todo esse período de pós-guerra lança-se, antes de mais nada, a lutar contra a burguesia. Em nenhuma parte, salvo na Rússia, obtém a vitória. Então começa a compreender que tinha diante de si uma tarefa difícil e se dedica a forjar uma arma para a vitória: o partido comunista; esteve neste caminho, andou pela Europa no decorrer do ano passado, passos de sete léguas. Temos agora verdadeiros partidos comunistas de massas na Alemanha, na França, na Tchecoslováquia, na Iugoslávia, na Bulgária. Uma verdadeira erupção! E em que consiste nossa tarefa imediata? Consiste em que os partidos conquistem no prazo mais breve a maioria dos trabalhadores industriais e a maior parte dos trabalhadores agrícolas e até os camponeses pobres, como nós os conquistamos antes de outubro; ademais, sem esta conquista não teríamos obtido nossa vitória em outubro. No entanto, certos falsos estrategistas dizem que, sendo essa uma época revolucionária, nosso dever é encarar a luta a cada momento, inclusive a luta parcial, usando métodos de revolução armada. Mas a burguesia não deseja mais do que isto! No momento em que o partido comunista se desenvolve com extraordinária rapidez e estende cada vez mais suas asas por cima de toda a classe trabalhadora, a burguesia provoca a parte mais impaciente e combativa dos trabalhadores para uma luta prematura, sem o apoio da grande massa trabalhadora, a fim de derrotar o proletariado, dividindo-o, e de minar dessa forma sua fé em sua capacidade de vitória sobre a burguesia. Nessas condições, a teoria da ofensiva contínua e das lutas parciais, dirigidas pelo método da insurreição armada, é água no moinho da contrarrevolução. Por essa razão, no III Congresso o Partido Russo, sustentado pelos elementos mais conscientes, disse com voz firme aos camaradas da ala esquerda: “*Vocês são excelen-*

tes revolucionários, vão combater e morrer pelo comunismo; mas isto não basta. Não basta lutar. Há que se vencer”. E, para isso, há que se aprender a arte da estratégia revolucionária.

Penso, camaradas, que a verdadeira marcha da revolução proletária na Rússia e, até certo ponto, na Hungria é uma das causas mais sérias do desdém para com as dificuldades da luta revolucionária e da vitória na Europa. Tivemos entre nós, na Rússia, uma burguesia historicamente atrasada, politicamente débil, submetida ao capital europeu e com débeis raízes políticas no povo russo. Por outro lado, tivemos um partido revolucionário com um longo passado de trabalho clandestino, educado e temperado nos combates, que soube se aproveitar conscientemente de toda a experiência da luta revolucionária europeia e universal. A situação dos camponeses russos com relação à burguesia e ao proletariado, o caráter e o estado de espírito do exército russo depois da derrota militar do czarismo, tudo contribuiu para tornar inevitável a Revolução de Outubro, facilitando enormemente a vitória revolucionária (embora esta não nos tenha livrado das dificuldades ulteriores, e sim que, pelo contrário, as tenha preparado em proporções gigantescas). Vista a relativa facilidade da Revolução de Outubro, a vitória do proletariado russo não aparece, diante dos dirigentes dos trabalhadores europeus, em seu autêntico valor como problema político e estratégico e não foi bem compreendida.

O seguinte ensaio para apoderar-se do poder foi feito pelo proletariado em menor escala, mais próxima da Europa ocidental, na Hungria; ali as condições eram de tal natureza que o poder caiu em mãos comunistas quase sem luta revolucionária. Razão por que os problemas da estratégia revolucionária, no momento da luta pelo poder, foram reduzidos, naturalmente, ao mínimo.

Depois da experiência da Rússia e da Hungria, não só as massas trabalhadoras, como também os partidos comunistas de outros países compreenderam, antes de tudo, que a vitória do proletariado era inevitável e passaram em seguida ao estudo direto das dificuldades que surgem da vitória da classe trabalhadora. No que diz respeito à estratégia da luta revolucionária para o poder, parece muito simples e, por assim dizer, evidente. Não é por casualidade que certos eminentes camaradas húngaros, apreciados pela Internacional, demonstram tendências à simplificação excessiva dos problemas da tática proletária em época revolucionária, substituindo esta tática por apelos à ofensiva.

O Terceiro Congresso disse aos comunistas de todos os países: a marcha da revolução russa é um exemplo histórico muito importante, mas não uma regra política. E ainda mais: só um idiota pode negar a necessidade de uma ofensiva revolucionária; mas só um simples de espírito pode reduzir à ofensiva toda a estratégia revolucionária.

MOTIVOS DA FORÇA E DA DEBILIDADE DO PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS

Nossos debates sobre a política do Partido Comunista Francês foram menos tormentosos do que os que sustentamos com relação à política alemã, pelo menos no próprio congresso; mas nas sessões do comitê executivo teve lugar, em certa ocasião, uma discussão muito violenta durante um estudo dos problemas do movimento francês dos trabalhadores. O Partido Comunista Francês foi criado sem conflitos internos e externos, como os que acompanharam a fundação do partido alemão. Por essa razão, sem dúvida, as tendências centristas e os velhos métodos do socialismo parlamentar estão tão arraigados no partido francês. O proletariado francês não conduziu nenhuma luta revolucionária recente que pudesse reanimar suas velhas tra-

dições rebeldes. A burguesia francesa saiu vitoriosa da guerra, o que lhe permitiu até há pouco, à custa da Alemanha (a quem saqueava), fazer de vez em quando algumas concessões às frações privilegiadas da classe trabalhadora. Em consequência, pouco se produziu de luta revolucionária de classes na França. Antes de se lançar a uma batalha decisiva, o Partido Comunista Francês tem a possibilidade de estudar e de utilizar a experiência revolucionária da Rússia e da Alemanha. Basta recordar que a guerra civil chegou ao paroxismo na Alemanha quando os comunistas eram representados por um punhado de espartaquistas; enquanto, na França, quando ainda não havia ocorrido (antes da guerra) nenhuma batalha claramente revolucionária, o partido comunista já tinha reunido em suas fileiras 120 mil trabalhadores. Se incluirmos na conta da França os sindicalistas revolucionários que não “reconheciam” o partido, mas sustentavam a luta pela ditadura do proletariado; se nos lembrarmos que a organização do partido nunca foi, na França, tão forte quanto na Alemanha, veremos claramente que esses cento e vinte mil comunistas organizados valem para a França, por acaso, mais do que os 400 mil para a Alemanha. Isto nos parece muito mais verdadeiro, uma vez que vemos na Alemanha, à direita dos 400 mil citados, os partidos independentes e socialdemocratas que contam, juntos, muitos mais membros e partidários do que os comunistas, enquanto na França não existe, à direita dos comunistas, mais do que um reduzido grupo de dissidentes, partidários de Longuet e de Renaudel. No movimento sindicalista francês, o detalhe numérico das forças é, em geral, mais favorável à ala esquerda, sem dúvida. Pelo contrário, o informe da força das classes na Alemanha é, certamente, desfavorável a uma rebelião vitoriosa. Em outros termos: a burguesia se apoia, na França, ainda sobre sua própria

organização: sobre o exército, polícia etc. Na Alemanha, baseia-se principalmente na social-democracia e na burocracia sindical. O Partido Comunista Francês dispõe da possibilidade de tomar em suas mãos totalmente a direção do movimento dos trabalhadores antes que cheguem os acontecimentos decisivos.

Mas é necessário para este fim que o comunismo francês se desembarace definitivamente dos hábitos políticos e das flutuações, que são muito mais difundidos na França do que em qualquer outro lugar. O partido francês necessita de uma atitude mais enérgica diante dos acontecimentos, de uma propaganda mais enérgica e intransigente no tom e no caráter; de uma atitude mais severa para com as manifestações da ideologia democrática e parlamentar, do individualismo intelectual, do arrivismo dos advogados. Na crítica à política do partido francês no seio do Comitê Executivo da Internacional Comunista, foi dito que o partido havia cometido tais e quais erros, que os deputados comunistas, às vezes, “falavam” demais no parlamento com seus adversários burgueses, em vez de se dirigirem às massas por cima de suas cabeças; que a imprensa do partido deveria utilizar uma linguagem mais clara, mais rude do ponto de vista revolucionário, a fim de que os trabalhadores mais oprimidos e desmoralizados ouvissem um eco de seus sofrimentos, de suas reivindicações e de suas esperanças. Durante esses debates, um jovem camarada francês subiu à tribuna e, em um discurso apaixonado aprovado por parte da assembleia, criticou a política do partido de outro ponto de vista. “Quando o governo francês [disse esse representante da juventude] teve a intenção de arrebatá-los aos alemães a bacia do Ruhr, no início deste ano, e mobilizou a classe de 19 anos de idade, o partido não aconselhou aos mobilizados a resistir e aprovou sua debilidade”. “Perguntamos: que tipo de



resistência? O partido não indicou a classe de recrutamento de 19 anos que deixasse de se submeter à ordem de mobilização. Continuamos a perguntar: que entende você por insubmissão? Não se submeter quer dizer não se apresentar voluntariamente no quartel e esperar que venha nos buscar um gendarme ou um policial, ou oferecer resistência ativa, armas nas mãos, contra a polícia e o gendarme?”. Esse jovem camarada, que causou em nós impressão tão grata, gritou em seguida: “Certo. É preciso ir até o fim, resistir com as armas na mão...”. Então compreendemos até que ponto são confusas e obscuras as ideias sobre a luta revolucionária de alguns camaradas. Pusemo-nos a discutir com nosso jovem contraditor: vocês têm agora na França, sob a bandeira tricolor do exército imperialista, várias camadas de recrutamento. Vosso governo acha necessário chamar ainda mais uma vez os jovens de 19 anos. Esta leva conta no país com quase 200 mil homens, dos quais, admitamos, são três mil ou cinco mil comunistas. Os quais estão dispersos no campo e nos povoados. Admitamos, por um momento, que o partido os aconselha a resistir, armados. Ignoro quantos agentes da

burguesia cairiam mortos por este motivo; por outro lado, não é difícil que todos os comunistas da classe revolucionária fossem separados da massa dos recrutas e aniquilados. Por que não chama você as outras classes, que já se encontram sob as bandeiras, para organizar a rebelião e que, estando reunidas nas fileiras do exército, já possuem os fuzis? Porque você entende, sem dúvida, que o exército não disparará sobre os contrarrevolucionários e que a classe trabalhadora, em sua maioria, não estará disposta a lutar pelo poder até muito depois que tenha estalado a revolução proletária. Como pode você pedir que se faça a revolução não pela classe trabalhadora em seu conjunto, mas somente pela camada de recrutas de 19 anos? Se o partido comunista tivesse ordenado semelhante coisa, isso equivaleria a dar um presente a Millerand, a Briand, a Barthou, a todos esses candidatos ao papel de estranguladores da insurreição proletária. Pois fica evidente que, se a parte mais ardorosa da juventude é aniquilada, a parte mais atrasada da classe trabalhadora se assustaria, o partido ficaria isolado e sua influência rompida não durante meses, mas durante

anos. Com procedimentos semelhantes, aplicando com excessiva impaciência as formas mais agudas da revolução, sob condições ainda não maduras para um encontro decisivo, só se podem esperar resultados negativos e, mais do que um parto, um aborto revolucionário.

A tentativa de greve geral em maio de 1920 apresenta o exemplo clássico de uma imitação da ação conjunta, imitação que não foi bem pensada. Como se sabe, a ideia dessa greve foi sustentada de forma traidora pelos sindicalistas reformistas. Seu objetivo era o de não deixar escapar o movimento de suas mãos para torcer o seu pescoço na primeira oportunidade. Acertaram plenamente. Mas, tratando-se de acordos, esses homens não foram fiéis a sua própria natureza. Tampouco podia-se esperar outra coisa. No entanto, por outro lado, os sindicalistas revolucionários e os comunistas não prepararam em vão o movimento. A iniciativa partiu do sindicato dos ferroviários, onde se agrupavam, pela primeira vez, elementos de esquerda, Monmousseau à cabeça. Antes de ter a oportunidade de se reforçar um pouco e de assegurar as posições necessárias, antes de se

orientar, como era necessário, em sua situação, veem-se obrigados a convidar as massas a uma ação definitiva, com palavras imprecisas e confusas, “sustentadas” de forma traidora pela direita. Sob todos os aspectos, foi esse um ataque não preparado. Os resultados são conhecidos: uma minoria pouco importante, sozinha, entrou em movimento, os colaboracionistas impediram o desenvolvimento da greve, a contrarrevolução explorou a fraqueza evidente da esquerda e afirmou de forma extraordinária sua própria situação.

Na ação, semelhante improvisação é inadmissível. Há que se avaliar com muito mais seriedade a situação, há que se preparar o movimento com obstinação, com energia, com espírito de continuidade sob todos os aspectos, a fim de conduzi-lo com firmeza e decisão até o fim. Para esse propósito é preciso dispor de um partido comunista, fiel guardião da experiência proletária em todos os terrenos da luta. É verdade que só a presença do partido não nos coloca ainda ao abrigo dos erros, mas a ausência dessa vanguarda dirigente torna inevitáveis os erros, transformando toda a luta em uma série de improvisações, de aventuras e de experiências de tipo empírico.

O COMUNISMO E O SINDICALISMO NA FRANÇA

As relações do partido comunista com a classe trabalhadora na França são, como disse, mais favoráveis que na Alemanha. Mas a influência política do partido sobre a classe trabalhadora, aumentada graças a uma virada brusca à esquerda, não toma ainda na França uma forma precisa, sobretudo no que se refere à organização. Isso se nota perfeitamente no que se refere à questão sindical.

Os sindicatos representam na França, em medida mais limitada que na Alemanha e nos países anglo-saxões, uma organização que abarca milhões de trabalhadores.

Na França, o número de trabalhadores sindicalizados também aumentou enormemente no decorrer dos últimos anos.

As relações entre o partido e a classe trabalhadora encontram sua expressão na atitude do partido para com os sindicatos. Essa forma simples de abordar o assunto já nos demonstra até que extremo é injusta, antirrevolucionária e perigosa a teoria da neutralidade acima citada, da total “independência” dos sindicatos com relação ao partido etc. Se os sindicatos, por sua tendência, são organizações da classe trabalhadora em seu conjunto, como vão manter uma verdadeira neutralidade com relação ao partido ou se manterem “independentes”? Mas isso seria equivalente à neutralidade, ou seja, a sua completa indiferença à revolução. E, portanto, no que concerne ao problema fundamental, o movimento dos trabalhadores franceses sofre de falta de clareza e a mesma clareza falta dentro do próprio partido.

A teoria da divisão do trabalho absoluta entre o partido e os sindicatos e de sua independência mútua é, sob sua forma definitiva, o produto da evolução política francesa por excelência. O oportunismo mais puro está no fundo dessa teoria. No longo período em que uma aristocracia operária organizada nos sindicatos realiza contratos coletivos, e em que o partido socialista defende as reformas no parlamento, são ainda mais impossíveis uma divisão do trabalho e uma neutralidade mútua. Mas tão logo a verdadeira massa proletária entra na luta e o movimento começa a adquirir caráter genuinamente revolucionário, o princípio da neutralidade degenera em uma escolástica reacionária. A classe trabalhadora não pode ganhar mais do que se tivesse à sua frente uma organização que represente sua história, sua experiência viva, generalizada do ponto de vista da teoria e que dirige na prática toda a luta.

Graças ao próprio significado de sua tarefa histórica, o partido não pode manter em suas fileiras mais do que a minoria mais consciente e ativa da classe trabalhadora; por sua vez, os sindicatos buscam organizar a classe trabalhadora em sua totalidade. Quem admitir que o proletariado necessita da direção política de sua vanguarda organizada em partido comunista admitirá, pela mesma razão, que o partido deve se converter em força dirigente no interior dos sindicatos; isto é, no seio das organizações de massas da classe trabalhadora. E, no entanto, existem no partido francês alguns camaradas que ignoram esta verdade tão elementar e que, como Verdier, por exemplo, lutam com intransigência para evitar qualquer influência do partido nos sindicatos. É evidente que tais camaradas entraram no partido por equívoco: um comunista que nega os problemas e deveres do partido comunista com relação aos sindicatos não é comunista.

Não quer dizer que isso significa que a subordinação dos sindicatos ao partido, seja exteriormente, seja do ponto de vista da organização. Desse ponto de vista, os sindicatos são independentes. O partido goza, no seio dos sindicatos, da influência que conquistou com seu trabalho, com sua atitude espiritual, com sua autoridade. É por isso que afirmamos que deve aumentar no que for possível a sua influência desde fora os sindicatos, estudar todas as questões inerentes ao movimento sindical e dar respostas claras, fazendo prevalecer o seu ponto de vista por meio dos comunistas que trabalham nos sindicatos, sem prejuízo de sua autonomia com respeito à organização.

Vocês não ignoram que a tendência conhecida sob o nome de sindicalismo revolucionário exercia uma influência considerável nos sindicatos. O sindicalismo revolucionário, ao não reconhecer o partido, no fundo não era mais do que um partido antiparlamentar da classe trabalhadora. A fração sindi-

calista sempre levou à frente uma luta enérgica para manter sua influência sobre os sindicatos e nunca reconheceu a neutralidade ou a independência dos últimos no que diz respeito à teoria e prática da fração sindicalista. Se abstrairmos os erros teóricos e as tendências extremistas do sindicalismo francês, é indubitável que esta essência não encontrou seu pleno desenvolvimento no comunismo.

O núcleo do sindicalismo revolucionário na França foi constituído por homens agrupados em torno da *Vie Ouvrière*. Mantém uma relação íntima com aquele grupo durante a guerra. Monatte e Rosmer constituíam o centro; à sua direita se achavam Merrheim e Dumoulin. Os dois últimos logo renegaram. Rosmer passou, como resultado de uma evolução natural, do sindicalismo revolucionário ao comunismo. Monatte mantém, até hoje, uma posição indefinida

e, depois do Terceiro Congresso da Internacional Comunista e do congresso dos sindicatos vermelhos, deu um passo que me inspira vivas inquietações. Com Monmousseau, secretário do sindicato dos ferroviários, Monatte publicou um protesto contra a resolução da Internacional Comunista sobre o movimento sindical e se recusou a aderir à Internacional Sindical Vermelha. Há que se dizer que o texto do protesto de Monatte e Monmousseau oferece o melhor argumento contra sua posição indefinida: Monatte declara que ele deixa a Internacional Sindical de Amsterdã por causa de sua íntima união com a Segunda Internacional. É muito justo. Mas o fato de que a esmagadora maioria dos sindicatos se tenha unido à II ou à III Internacional nos mostra perfeitamente que não existe, que não pode existir sindicato neutro e apolítico em geral e, sobretudo, em época revolucionária. Quem aban-

dona Amsterdã e não adere a Moscou arrisca-se a criar uma Internacional Sindical Segunda e Meia.

Espero firmemente que essa incompreensão desapareça e que Monatte ocupe o posto a que lhe leva todo o seu passado: no Partido Comunista Francês e na Internacional de Moscou.

É muito compreensível e justa a atitude prudente e suavizante mantida pelo Partido Comunista Francês com relação aos sindicatos revolucionários, buscando se aproximar deles. O que não entendemos é a indulgência com que o partido tolera uma oposição à política da Internacional Comunista por parte de seus próprios membros, como Verdier. Monatte representa a tradição do sindicalismo revolucionário; Verdier, a confusão.

No entanto, acima dessas questões de grupos e personalismos, situa-se o problema da influência dirigente do partido sobre os sindicatos. Sem prestar a menor atenção à sua autonomia, totalmente determinada pela necessidade de um trabalho prático constante, o partido deve acabar com as discussões e vacilos e demonstrar à classe trabalhadora francesa que ela possui, afinal, um partido revolucionário que sabe dirigir a luta de classes em todos os terrenos. Com esse propósito, as resoluções do Terceiro Congresso, quais sejam os tumultos e conflitos temporários que possam surgir nos meses próximos, terão imensa influência, fecunda no maior grau sobre toda a marcha ulterior do movimento dos trabalhadores franceses. Somente com base nessas resoluções serão estabelecidas as relações entre o partido e a classe trabalhadora, sem as quais nenhuma revolução do proletariado alcançaria a vitória.

NÃO É UMA VIRADA À DIREITA, MAS UMA PREPARAÇÃO SÓLIDA PARA A CONQUISTA DO PODER

Não falarei dos partidos comunistas de outros países: o objetivo de meu informe não era o de ca-



Logo da Internacional Sindical Vermelha

racterizar todas as organizações pertencentes à Internacional Comunista. Somente quis, camaradas, expor as linhas fundamentais de sua política, da forma como foram desenvolvidas e definidas por nosso último congresso. Por isso, estudei os partidos que mais contribuíram para estabelecer a linha tática da Internacional Comunista para o futuro imediato.

É desnecessário dizer que o congresso não se propôs “interromper”, como acreditaram sem fundamento alguns camaradas de esquerda, a luta contra os centristas e semicentristas. Toda a luta da Internacional Comunista contra o regime capitalista se opõe aos obstáculos reformistas e colaboracionistas. É necessário que nos sintamos seguros, antes de tudo. Ademais, é impossível combater as internacionais segunda e segunda e meia sem limpar nossas próprias fileiras comunistas das tendências e do espírito centrista. Isso é indubitável.

Mas esse combate contra a direita, que faz parte de nossa luta fundamental contra a sociedade burguesa, só pode ser sustentado com êxito sob a condição de se vencer no prazo mais curto possível; os erros da esquerda provêm da falta de experiência e da impaciência que às vezes adotam o caráter de aventuras sérias e perigosas. O Terceiro Congresso realizou, nesse sentido, um verdadeiro trabalho educativo que o transformou (como disse) em escola superior, em academia de estratégia revolucionária.

Martov, Otto Bauer e outros estrategistas de salão da burguesia, a respeito de nossas resoluções, falam da decomposição do comunismo, do fracasso da Terceira Internacional etc. Esses discursos só merecem o desprezo. O comunismo nunca foi um programa dogmático, estabelecido segundo as datas do calendário. O comunismo constitui um exército proletário ativo, crescente, que manobra e que, enquanto opera, observa as condições variáveis da

batalha, comprova suas armas, torna a afiá-las quando se oxidam e submete toda a sua ação à necessidade de preparar a derrota do regime burguês.

O que estudamos de forma tão atenta, intensa e concreta sobre os problemas de tática no Terceiro Congresso constitui, por si mesmo, um grande passo à frente: prova que a Terceira Internacional saiu do período de formação quanto a ideias e organização e se situou como organismo vivo e dirigente das massas frente aos problemas da ação revolucionária direta.

Se algum de nossos camaradas mais jovens e inexperientes dos aqui presentes tirou de meu informe uma conclusão pessimista no sentido de que a situação da Internacional Comunista não é favorável e que é difícil vencer a burguesia por culpa dos conceitos e métodos errôneos que ainda existem nos partidos comunistas, tirou uma conclusão falsa. Durante um período de mudanças bruscas na política mundial, durante um período de abalos universais profundos, em uma palavra, durante o período revolucionário que estamos vivendo, a educação dos partidos revolucionários se realiza com extraordinária rapidez, sobretudo sob a condição de que troquem mutuamente suas experiências, de que se controlem mutuamente e de que se submetam a uma direção central comum da qual é expressão nossa Internacional. Não esqueçamos que os partidos comunistas mais poderosos da Europa contam com meses de existência. Em nossa época, um mês vale um ano e às vezes até duas décadas.

Embora não tenha pertencido, neste Congresso, à ala chamada de “direita” e tenha participado da crítica à esquerda chamada revolucionária, que, como demonstrei, é muito perigosa para o desenvolvimento real da revolução proletária, saio deste congresso muito mais otimista do que quando entrei. As impressões que tirei da troca de notícias com os delegados dos par-

tidos irmãos da Europa e do mundo inteiro podem ser assim resumidas: no curso do ano passado, a Internacional Comunista deu um grande passo à frente, tanto nas ideias quanto em termos de organização.

O Congresso não deu, nem pode dar, a pauta de uma ofensiva geral. Definiu a tarefa dos partidos comunistas como tarefa de preparação da ofensiva e, principalmente, como uma tarefa de conquista espiritual da maioria dos trabalhadores da cidade e do campo. O que não quer dizer que se tenha “diferido” a revolução em uma série de longos anos; de forma alguma, nós precipitamos a revolução e nos asseguramos de sua vitória mediante uma preparação cuidadosa, profunda e completa.

A verdade é que não se pode reduzir ao mesmo denominador comum a política revolucionária da classe trabalhadora e a ação militar do Exército Vermelho; já o sabemos e, para mim, é particularmente “arriscado” fazer uma comparação nesse sentido, visto o risco quase tradicional, para mim, de ser suspeito de “militarismo”. Os Cunow alemães e os Martov russos decidiram há muito que tendo a substituir a política e a economia da classe trabalhadora por “ordens” transmitidas pelo poder de uma “organização” militar; não obstante, depois de haver tomado minhas precauções, graças a este pequeno prefácio, arrisco uma comparação militar que não me parece inútil para esclarecer também a política revolucionária do proletariado e a ação do Exército Vermelho.

Quando, em uma de nossas numerosas frentes, vimo-nos forçados a preparar operações decisivas, enviamos ali regimentos comunistas recém-criados mobilizados pelo partido, munições etc. Sem suficientes meios materiais não se podia travar uma luta resoluta contra Kolchak, Denikin, Wrangel ou outros.

Mas eis que as condições materiais para uma ação decisiva se realizam mais ou menos. Chegados à frente, sabemos que o alto comando decidiu empreender um ataque geral, admitamos que em 5 de maio, em três dias. Na reunião do soviete militar revolucionário da frente, em seu estado-maior, em seu departamento político, pomo-nos a estudar as condições dos combates decisivos que estão sendo preparados. Vemos que temos certa superioridade quanto ao número de baionetas, sabres, canhões e que, por seu lado, o adversário dispõe de uma aviação superior à nossa, embora, no geral, as vantagens materiais estejam de nosso lado. Os soldados estão mais ou menos bem calçados e vestidos, nossas linhas de comunicação estão seguras. Assim, o assunto se apresenta favorável. *“E como fazer a propaganda antes do ataque? Em quanto tempo a fizeram? Sob que formas e com que exigências? Quantos comunistas foram enviados aos destacamentos para dirigir a propaganda? Mostrem-nos vossas proclamações, tratados, os artigos de vossos jornais da frente, vossas caricaturas. Cada soldado de vosso exército, de vossa frente sabe quem é Wrangel, com quem está unido, quem se encontra por trás dele, de onde obtém ele sua artilharia e seus aviões?”*. Recebemos respostas insuficientes. É verdade que se fazia propaganda; foram dadas aos soldados explicações referentes a Wrangel. Mas alguns dos regimentos não chegaram até a antevéspera ou véspera desde o centro ou das demais frentes, e não se possuía ainda nenhum dado sobre o seu moral e seu espírito político. *“Como vocês distribuíram esses milhares de comunistas, mobilizados pelo partido, entre as divisões e os regimentos? Vocês contaram com o seu caráter e com a composição de cada destacamento particular, enviando ali elementos comunistas? Fizeram o trabalho*

preliminar necessário com os próprios comunistas? Explicaram a cada grupo de que destacamento formará parte, quais são as particularidades desses destacamentos e quais são as condições especiais do trabalho político? Enfim, vocês estão seguros da presença, em cada companhia, de um núcleo comunista disposto a combater até o final e apto a conduzir os demais?”.

Comprovamos que esse trabalho havia sido realizado apenas de forma superficial, sem dar atenção às condições concretas e às particularidades da propaganda política no exército em geral e em cada regimento em particular. A propaganda carecia do caráter concentrado e intenso que correspondia à preparação combativa imediata. Isso se notava nas proclamações e nos artigos de jornal. No total, havia-se comprovado o pessoal dos comissariados e do alto comando? Terminados os combates, vários comissários foram mortos e substituídos pelos homens disponíveis. Os comissários são suficientes? Onde estão os chefes? Gozam da confiança necessária? Há perto dos chefes poucos comissários conhecidos e enérgicos que disponham de autoridade suficiente? Não há entre os chefes ex-oficiais czaristas homens cujas famílias se encontrem no território ocupado por Wrangel ou no estrangeiro? É muito natural que tais chefes façam esforços para serem tomados prisioneiros, o que seria funesto para o resultado de algumas operações. Foram renovados, reforçados? Não? Então, para trás! O ataque fracassará. Do ponto de vista material, o momento é propício, nossas forças são superiores, nosso adversário não concluiu sua concentração. Não há nenhuma dúvida. Mas ocorre que a preparação moral não é menos importante do que a preparação material. E, no entanto, esta preparação moral foi feita

de forma negligente e superficial. Em tais condições, vale mais abandonar ao inimigo uma parte do território, retroceder vinte ou trinta quilômetros, ganhar tempo, deixar para atacar duas ou três semanas depois e levar até o fim a campanha de preparação política e organização. Então o êxito estará assegurado.

Aqueles de vocês, camaradas, que trabalharam no exército, e são numerosos, devem saber que este exemplo não é imaginação minha. Realizamos mais de uma vez retiradas estratégicas unicamente porque o exército não estava bem preparado para o combate definitivo do ponto de vista moral e político. Não obstante, o exército é uma organização da violência, está obrigado a combater. Uma repressão militar muito dura ameaça os recalitrantes. Nenhum exército pode existir de outra maneira. Mas, em um exército revolucionário, a principal força motriz é sua consciência política, seu entusiasmo revolucionário, a compreensão por parte da maioria do exército do problema militar que existe e da vontade de resolvê-lo.

Quão importante é isto para as lutas decisivas da classe trabalhadora! Não há o direito de se forçar a ninguém a fazer uma revolução. Não existem instrumentos de repressão. O êxito não se baseia em mais nada além da vontade da maior parte dos trabalhadores em intervir direta ou indiretamente na luta para ajudar a vencê-la. O Terceiro Congresso parecia indicar que a Internacional Comunista, representada por seus chefes, ia partir para a frente do movimento mundial dos trabalhadores e travar combates decididos para a conquista do poder. O congresso pediu: “Camaradas comunistas alemães, italianos, franceses e demais! Conquistaram a maioria da classe trabalhadora? Lograram que cada trabalhador compreenda as razões da luta?

Explicaram-lhes com palavras simples, claras e terminantes o quanto era necessário explicar às massas trabalhadoras, inclusive as mais atrasadas? Que empreenderam para se convencerem de que os compreenderam? Querem nos mostrar seus jornais, impressos, proclamações?

“Não, camaradas, isto ainda não é suficiente. Ainda não se ouve a linguagem que testemunhe vossa união com os milhões de trabalhadores. Que empreenderam para distribuir de forma ordenada as forças comunistas nos sindicatos? Dispõem de núcleos seguros em todas as organizações importantes da classe trabalhadora? Que fizeram para por à prova o estado do Alto Comando nos sindicatos; para livrar as organizações dos trabalhadores dos duvidosos e, o que é ainda mais importante, dos traidores? Organizaram um serviço de informação no próprio interior do campo inimigo? Não, camaradas; sua preparação é insuficiente e, sob certos aspectos, não abordaram como deviam os problemas da preparação”.

Significa isso que tenhamos de atrasar por muito tempo a luta definitiva? De forma alguma! A preparação para uma ofensiva militar pode ser feita no espaço de quinze ou vinte dias, até em menos tempo. Divisões deslocadas, espíritos vacilantes, chefes e comissários duvidosos podem ser transformados no espaço de dez ou quinze dias, graças a um trabalho de preparação intensa, em um poderoso exército unido pela união da consciência e da vontade. É incomparavelmente mais difícil unir milhões de proletários para uma batalha definitiva. Mas toda a nossa época facilita enormemente este trabalho, na condição de que não vacilemos nem à direita, nem à esquerda. Parece bobo querer adivinhar se necessitamos, para o trabalho preparatório, de apenas uns meses, um ano ou dois



Lenin fala no Terceiro Congresso da Internacional Comunista

anos. Isso depende de numerosas circunstâncias. É indubitável que, na atual situação, uma das condições mais importantes para aproximar a hora da revolução e alcançar o triunfo é nosso trabalho de preparação. Vão até as massas! (disse a Internacional Comunista a seus partidos). Penetrem-nas de forma ampla e profunda! Estabeleçam entre elas e vocês uma aliança indestrutível! Enviem comunistas a todas as massas trabalhadoras, aos postos mais responsáveis e perigosos! Que conquistem a con-

fiança das massas! Que as massas unidas a eles arrojem de suas fileiras aos chefes oportunistas, vacilantes e arrivistas! Aproveitem cada minuto para preparar a revolução! A época nos ajuda. Não temam que a revolução lhes escape. Organizem-se, reafirmem-se e então se aproximará a hora do ataque decisivo, verdadeiro, e então o partido lhes dirá não somente “à frente”, como também levará a ofensiva até a vitória.

Julho de 1921

Ciência contra o misticismo

Introdução à "Dialética da Natureza"

Friedrich Engels

A investigação moderna da Natureza, a única que levou a um desenvolvimento científico, sistemático, e completo, em oposição às geniais intuições de filosofia natural dos Antigos e às descobertas dos Árabes, altamente significativas, mas esporádicas e, na maior parte, desaparecidas sem resultados — a investigação moderna da Natureza data, como toda a história moderna, daquela época poderosa a que nós, alemães, segundo a infelicidade nacional que então nos atingiu, chamamos Reforma, os franceses Renaissance e os italianos Cinquecento, mesmo que nenhum destes nomes reflita com toda plenitude o seu conteúdo. É a época que começa com a segunda metade do século XV¹.

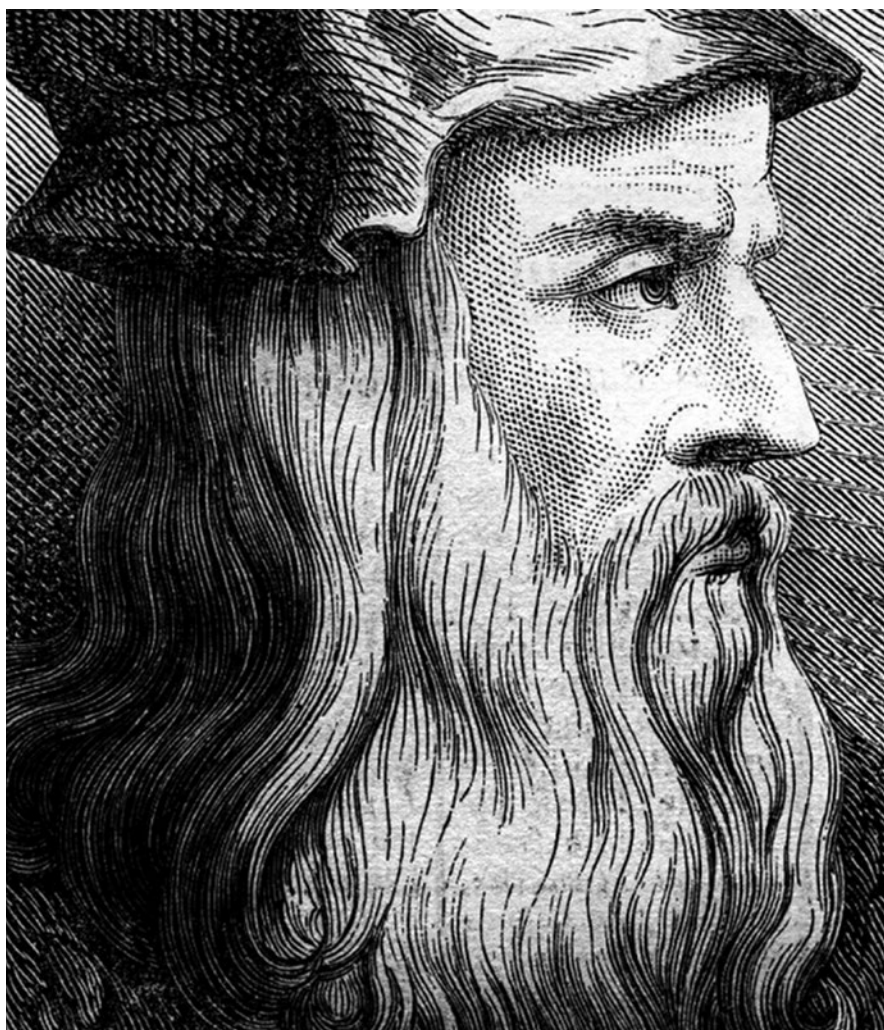
A realeza, apoiando-se nos burgueses das cidades, quebrou o poder da nobreza feudal e fundou as grandes monarquias baseadas essencialmente no princípio nacional, no seio das quais as nações europeias modernas e a sociedade burguesa moderna chegaram ao desenvolvimento; e, enquanto burgueses e nobreza ainda ajustavam contas, a guerra alemã dos camponeses apontava profeticamente para lutas de classes futuras, na medida em que trazia para a cena não apenas os camponeses sublevados — o que já não era novo — mas, por detrás deles, os começos do proletariado atual, com a bandeira vermelha na mão e a reivindicação da comunidade de bens nos lábios.

Nos manuscritos salvos da queda de Bizâncio, nas estátuas antigas desenterradas das ruínas de Roma, abriu-se ao Ocidente atônito um mundo novo: a Antiguidade grega; ante as suas figuras luminosas desvaneciam-se os espectros da Idade

Média; a Itália ascendeu a um florescimento inesperado da arte que parecia como uma reverberação da Antiguidade clássica e que nunca mais voltou a ser alcançado. Na Itália, na França, na Alemanha, surgiu uma nova literatura, a primeira literatura moderna; a Inglaterra e a Espanha viveram logo depois a sua época clássica da literatura.

Os limites da velha *orbis terrarum*² foram quebrados, a Terra foi agora propriamente descoberta pela primeira vez e foi assente o fundamento para o ulterior comér-

cio mundial e para a transição da oficina para a manufatura que formou, de novo, o ponto de partida para a grande indústria moderna. A ditadura espiritual da Igreja foi quebrada; os povos germânicos, na sua maioria, rejeitaram-na diretamente e adotaram o protestantismo, enquanto, entre os românicos, um alegre livre-pensamento, tomado dos Árabes e alimentado pela filosofia grega recentemente descoberta, cada vez mais deitava raízes e preparava o materialismo do século XVIII.



Leonardo da Vinci

Foi o maior revolucionamento progressivo que a humanidade até então tinha vivido, um tempo que precisava de gigantes e engendrou gigantes — gigantes em força de pensamento, paixão e caráter, em multilateralidade e erudição. Os homens que fundaram a dominação moderna da burguesia eram tudo menos burguesemente limitados. Pelo contrário, o caráter de aventura do tempo soprou mais ou menos sobre eles. Não há quase nenhum homem significativo que então vivesse que não tivesse feito viagens longínquas, que não falasse quatro a cinco línguas, que não brilhasse em várias especialidades.

Leonardo da Vinci era não só um grande pintor, como também um grande matemático, mecânico e engenheiro, a quem os mais diversos ramos da física devem importantes descobertas; Albrecht Dürer era pintor, gravador, escultor, arquiteto e, além disso, inventou um sistema de fortificação que já contém muitas das ideias bastante mais tarde retomadas por Montalembert e pela [ciência da] fortificação alemã moderna. Maquiavel era estadista, historiógrafo, poeta e, ao mesmo tempo, o primeiro escritor militar dos tempos modernos digno de ser nomeado. Lutero, não só limpou os estábulos de Augias da Igreja, como também os da língua alemã, criou a prosa alemã moderna e compôs o texto e a melodia daquele coral certo da vitória que se tornou a Marseillaise do século XVI³.

Os heróis daqueles tempos ainda não eram escravos da divisão do trabalho, cuja influência na atividade dos homens, como podemos observar em muitos de seus sucessores, lhes dá um caráter limitado e unilateral. O que mais caracteriza os referidos heróis é que quase todos eles viviam plenamente os interesses de seu tempo, participavam de maneira ativa na luta política, aderiam a um ou outro partido e lutavam, uns com a palavra e a pena, outros com a espada, e outros com ambas as

coisas ao mesmo tempo. Daí a plenitude e a força de caráter que fazem deles homens de uma só peça. Os sábios de gabinete eram nessa época uma exceção: eram homens de segunda ou terceira linha, ou prudentes filisteus que não desejavam sujar os dedos.

Nessa altura, a investigação da Natureza movia-se também no meio da revolução geral e era ela própria, de uma ponta à outra, revolucionária; tinha, contudo, de lutar pelo direito à existência. De braço dado com os grandes italianos, de quem data a filosofia moderna, forneceu os seus mártires às fogueiras e às prisões da Inquisição. E é assinalável que os protestantes tenham ultrapassado os católicos na perseguição à investigação livre da Natureza. Calvino mandou queimar Servet quando este estava a ponto de descobrir o curso da circulação do sangue, e isto deixando-o assar vivo durante duas horas; a Inquisição, pelo menos, contentou-se simplesmente em queimar Giordano Bruno.

O ato revolucionário pelo qual a investigação da Natureza declarou a sua independência, e por assim dizer, repetiu a queima da bula por Lutero⁴, foi a publicação da imortal obra em que Copérnico — apesar de timidamente e por assim dizer só no leito de morte⁵ — desafiou a autoridade eclesiástica em coisas naturais. De então data a emancipação da investigação da Natureza face à teologia, se bem que a discriminação das pretensões singulares recíprocas se arraste até aos nossos dias e, em muitas cabeças, ainda esteja longe de se ter completado. Mas, a partir de então, o desenvolvimento das ciências avançou também com passos de gigante e ganhou em força, bem se pode dizer, na proporção do quadrado da distância (em tempo) desde o seu ponto de partida. Era como se fosse necessário demonstrar ao mundo que a partir de então regia para o produto supremo da matéria orgânica - o espírito humano - uma lei do movimento

inversa à lei do movimento que vigorava para a matéria inorgânica.

O trabalho principal no primeiro período da ciência da Natureza, que então começava, foi dominar a matéria o que já estava próximo. Na maioria dos domínios, tinha de se começar tudo desde o mais elementar. A Antiguidade tinha legado o sistema solar de Euclides e de Ptolomeu, os Árabes a notação decimal, os começos da álgebra, os números modernos e a alquimia; a Idade Média cristã, nada. Nesta situação, necessariamente que a ciência da Natureza mais elementar, a mecânica dos corpos terrestres e celestes, tomou o primeiro lugar e, ao lado dela, a serviço dela, a descoberta e o aperfeiçoamento dos métodos matemáticos. Aqui, muito foi alcançado.

No fim do período, que foi assinalado por Newton e Lineu, vemos estes ramos da ciência levados a um certo auge. Os métodos matemáticos mais essenciais estão fixados nas suas linhas fundamentais; a geometria analítica, sobretudo, por Descartes, os logaritmos por Neper, o cálculo diferencial e o cálculo integral por Leibniz e, talvez, Newton. O mesmo vale para a mecânica dos corpos sólidos, cujas principais leis foram claramente expostas de uma vez por todas. Finalmente, na astronomia do sistema solar, Kepler tinha descoberto as leis do movimento dos planetas e Newton as tinha apreendido sob o ponto de vista de leis universais do movimento da matéria.

Os outros ramos da ciência da Natureza estavam eles próprios muito afastados deste apogeu preliminar. A mecânica dos corpos fluidos e gasosos só pelo fim do período foi mais trabalhada⁶. A física propriamente dita não tinha ainda ultrapassado os primeiros começos, se excetuarmos a ótica, cujos progressos excepcionais foram provocados pelas necessidades práticas da astronomia. A química mal começava a emancipar-se da alquimia pela teoria flogística⁷. A geologia ainda não tinha ultra-

passado o estágio embrionário da mineralogia; a paleontologia não podia, portanto, existir ainda. Finalmente, no domínio da biologia, ocupava-se essencialmente com o colecionamento e primeira triagem do imenso material, tanto do botânico e zoológico, como do anatômico e propriamente fisiológico. Ainda não podia ser questão da comparação das formas de vida entre si, da investigação da sua distribuição geográfica, das suas condições de vida climatológicas, etc. Aqui, a botânica e a zoologia só alcançaram uma estruturação relativamente acabada com Lineu.

Mas, o que caracteriza particularmente este período é a elaboração de uma visão de conjunto peculiar cujo ponto central é formado pela perspectiva da absoluta imutabilidade da Natureza. Como quer que a própria Natureza se tenha feito: uma vez dada, permanece tal como era, enquanto subsistir. Os planetas e os seus satélites, uma vez postos em movimento pelo misterioso «primeiro impulso» giram sem parar nas elipses que lhes estão prescritas para toda a eternidade ou, em qualquer caso, até ao fim de todas as coisas. As estrelas repousam para sempre fixas e imóveis nos seus lugares, sustentando-se neles umas às outras pela

«gravitação universal». A Terra havia permanecido imutavelmente a mesma desde todos os tempos ou também (segundo a opinião) desde o dia da sua criação.

As «cinco partes do mundo» atuais subsistiram sempre, tiveram sempre as mesmas montanhas, vales e rios, o mesmo clima, a mesma flora e fauna, a menos que pela mão do homem tivesse tido lugar [alguma] mudança ou transplantação. As espécies das plantas e dos animais foram fixadas de uma vez por todas no seu nascimento, o mesmo engendrou continuamente o mesmo, e já foi muito quando Lineu admitiu que, aqui e além, podiam possivelmente gerar-se novas espécies por cruzamento.

Em oposição à história da humanidade, que se desenvolve no tempo, era atribuído à história da Natureza apenas um desdobramento no espaço. Era negada toda a mudança, todo o desenvolvimento, na Natureza. A ciência da Natureza, no começo tão revolucionária, estava de repente perante uma Natureza, de uma ponta à outra, conservadora, na qual tudo ainda hoje era tal como era desde o começo e na qual — até ao fim do mundo ou para a eternidade — tudo devia permanecer tal como desde o começo tinha sido.

A ciência da Natureza da primeira metade do século dezoito estava tão acima da Antiguidade grega em conhecimento, e mesmo quanto à sistematização dos dados, quanto estava abaixo no que se referia à sua interpretação, à concepção geral da natureza. Para os filósofos gregos, o mundo era essencialmente algo saído do caos, algo que tinha se desenvolvido, algo que tinha a ser. Para os investigadores da Natureza do período de que tratamos, ele era algo ossificado, algo imutável, para a maior parte deles, algo feito de um só golpe. A ciência mergulhava ainda profundamente na teologia. Acima de tudo, ela procura e encontra, como [instância] última, um impulso a partir de fora, que não há que explicar a partir da própria Natureza.

Mesmo que a atração, batizada de maneira pomposa por Newton de gravitação universal, seja apreendida como propriedade essencial da matéria, de onde vem a força tangencial inexplicada que primeiro dá origem às órbitas dos planetas? Como surgiram as inúmeras espécies de plantas e animais? E, acima de tudo, como surgiu o homem, acerca do qual está, contudo, estabelecido que não existe desde a eternidade?

A semelhantes perguntas a ciência da Natureza só respondia demasiado frequentemente tornando o criador de todas as coisas responsável por isso. Copérnico, no começo do período, escreve à teologia uma carta de recusa; Newton fecha-o, com o postulado do primeiro impulso divino. O pensamento geral mais elevado a que esta ciência da Natureza se alçou foi o da conformidade a fins dos dispositivos da Natureza, a teleologia superficial de Wolff, em que os gatos foram criados para comer os ratos, os ratos para serem comidos pelos gatos, e a Natureza toda para manifestar a sabedoria do criador. Devem ser assinalados dois grandes méritos da filosofia da época que, apesar da limitação das ciên-



Lutero

ciências naturais contemporâneas, não se desorientou e - começando por Spinoza e acabando pelos grandes materialistas franceses - esforçou-se tenazmente para explicar o mundo partindo do próprio mundo e deixando a justificação detalhada dessa ideia para as ciências naturais do futuro.

Incluo ainda os materialistas do século dezoito neste período, porque não tinham qualquer outro material científico-natural à sua disposição do que o acima descrito. O escrito de Kant, que fez época, permanecia para eles um segredo e Laplace veio muito depois deles⁸. Não esqueçamos que esta visão antiquada da Natureza, apesar de esburacada por todos os lados pelo progresso da ciência, tinha dominado toda a primeira metade do século dezanove⁹ e ainda hoje, quanto ao principal, é ensinada nas escolas¹⁰.

A primeira brecha nessa concepção fossilizada da natureza não foi aberta por um naturalista, mas por um filósofo. Em 1755 apareceu a História Natural do Mundo e Teoria do Céu, de Kant. A questão do impulso inicial foi eliminada; a Terra e todo o sistema solar surgiram como algo que se desenvolve no transcurso do tempo.

Se a maioria esmagadora dos naturalistas não tivesse em relação ao pensamento a aversão que Newton exprimiu na advertência “Física, guarda-te da metafísica!”¹¹, a genial descoberta de Kant lhes teria permitido fazer deduções que poriam fim ao seu interminável extravio por sinuosos despenhadeiros e poupado o tempo e o esforço dissipados copiosamente ao seguir falsas direções, uma vez que a descoberta de Kant era o ponto de partida para todo progresso ulterior.

Se a Terra era alguma coisa que havia chegado a ser, alguma coisa que também havia chegado a ser era o seu estado geológico, geográfico e climático, assim como suas plantas e seus animais; a Terra não só devia ter sua história de coexistência no espaço, mas também de

sucessão no tempo. Se as ciências naturais houvessem continuado sem tardança e de maneira resoluta as investigações nesse rumo, estariam hoje muito mais adiantadas. Mas, que podia dar de bom a filosofia?

A obra de Kant não proporcionou resultados imediatos senão muitos anos depois, quando Laplace e Herschel desenvolveram o seu conteúdo e a fundamentaram mais detalhadamente, preparando assim, gradualmente, a admissão da “hipótese das nebulosas”. Descobertas posteriores deram, por fim, vitória a essa teoria. As mais importantes entre essas descobertas foram: a do movimento próprio das estrelas fixas, a demonstração de que no espaço cósmico existe um meio resistente e a prova, fornecida pela análise espectroscópica, da identidade química da matéria cósmica e a existência - suposta por Kant - de massas nebulosas incandescentes¹².

É, porém, permitido duvidar de que se a maioria dos investigadores da Natureza teriam chegado tão cedo à consciência da contradição de uma terra em transformação e a teoria da imutabilidade dos organismos que nela se encontram, se a nascente concepção de que a Terra não existe simplesmente, mas se encontra em processo de vir a ser e de mudança não fosse apoiada por outro lado. Nasceu a geologia e não só descobriu estratos geológicos formados uns depois de outros e situados uns sobre os outros, mas a presença neles de carcaças, de esqueletos de animais extintos e de troncos, folhas e frutos de plantas que hoje já não existem. Impunha-se reconhecer que não só a Terra, em seu conjunto, tinha sua história no tempo, mas que também a tinham a sua superfície e os animais e plantas nela existentes. A princípio isso não era reconhecido de bom grado. A teoria de Cuvier acerca dos cataclismos da Terra era revolucionária de palavra o reacionária de fato. Substituíam um ato único de criação divina por uma

série de atos de criação, fazendo do milagre a força motriz principal da natureza. Lyell foi o primeiro a introduzir o senso comum na geologia, substituindo as revoluções repentinas, disfarce do criador, pelo efeito gradual de uma lenta transformação da Terra¹³.

A teoria de Lyell era mais incompatível com a admissão da constância das espécies orgânicas do que todas as teorias anteriores. A ideia da transformação gradual da crosta terrestre e das condições de vida nela existentes levava de modo direto à teoria da transformação gradual dos organismos e de sua adaptação ao meio em transformação, levava à teoria da variabilidade das espécies. Contudo, a tradição é uma força poderosa, não só na Igreja Católica, mas também nas ciências naturais. Durante longos anos o próprio Lyell não surpreendeu essa contradição, muito menos os seus discípulos. Isso foi resultado da divisão de trabalho que predominava então nas ciências naturais, em virtude da qual cada pesquisador se limitava, mais ou menos, à sua especialidade, sendo pouquíssimos os que não perderam a capacidade de abarcar o todo com o seu olhar.

Entretanto, a física tinha feito progressos poderosos, cujos resultados foram reunidos, quase ao mesmo tempo, por três homens diversos, no ano de 1842, que fez época para este ramo da investigação da Natureza. Mayer, em Heilbronn, e Joule, em Manchester, demonstraram a conversão do calor em força mecânica e da força mecânica em calor. O estabelecimento do equivalente mecânico do calor colocava este resultado fora de questão. Pela mesma altura, Grove — que não era nenhum investigador da Natureza de profissão, mas um advogado inglês — demonstrou, por simples elaboração dos resultados físicos isolados já alcançados, o fato de que todas as chamadas forças físicas — força mecânica, calor, luz, eletricidade, magnetismo — e mesmo a chama-



Antoine-Laurent de Lavoisier

da força química, sob determinadas condições se convertem umas nas outras, sem que tenha lugar qualquer perda de força e, assim, demonstrou, posteriormente por via física, a proposição de Descartes segundo a qual a quantidade de movimento presente no mundo é constante.

Graças a essa descoberta, as diferentes forças físicas, essas “espécies” constantes, por assim dizer, da física, diferenciaram-se em variadas formas do movimento da matéria, que se transformavam umas em outras de acordo com leis determinadas. Desterrou-se da ciência a casualidade da existência de tal ou qual quantidade de forças físicas, mas ficaram demonstradas suas interconexões e transições. A física, como antes a astronomia, chegou a um resultado que indicava necessariamente o ciclo eterno da matéria em movimento como a última conclusão da ciência.

O desenvolvimento maravilhosamente rápido da química a partir de Lavoisier, e sobretudo a partir de Dalton, atacou por outro flanco as velhas concepções da natureza. A obtenção, por meios inorgânicos, de compostos que até então só haviam sido produzidos nos organismos vivos, demonstrou que as leis da química tinham

a mesma validez tanto para os corpos orgânicos como os inorgânicos e superou em grande parte o pretenso abismo entre a natureza inorgânica e a orgânica, abismo que Kant considerava insuperável pelos séculos dos séculos.

Finalmente, também na esfera das pesquisas biológicas as viagens e expedições científicas organizadas de modo sistemático a partir de meados do século passado, o estudo mais metucioso das colônias europeias em todas as partes do mundo pelos especialistas que ali vivem e, ademais, as realizações da paleontologia, a anatomia e a fisiologia em geral, sobretudo desde que começou a ser sistematicamente usado o microscópio e se descobriu a célula; tudo isso acumulou tal quantidade de dados que se tornou possível - e necessária - a aplicação do método comparativo.

De um lado, a geografia física comparada permitiu determinar as condições em que vivem as diferentes floras e faunas; de outro lado, foram comparados diferentes organismos, uns com os outros, segundo seus órgãos homólogos, e por certo não só no estado de maturidade, mas em todas as fases de seu desenvolvimento. E quanto mais profunda e exata era essa pesquisa, tanto mais se esfumava o

rígido sistema que supunha a natureza orgânica imutável e fixa. Não só se iam tornando mais difusas, as fronteiras entre as diferentes espécies vegetais e animais, como foram descobertos animais, como o anphioxus e o lepidosiren, que pareciam burlar de toda a classificação existente até então; finalmente, foram encontrados organismos dos quais nem sequer se pode dizer se pertencem ao mundo animal ou ao vegetal.

As lacunas nos anais da paleontologia iam sendo preenchidas uma após outra, o que forçava os mais obstinados ao reconhecimento do assombroso paralelismo existente entre a história do desenvolvimento do mundo orgânico em seu conjunto e a história do desenvolvimento de cada organismo em separado: o fio de Ariadne que devia indicar a saída do labirinto no qual a botânica e a zoologia pareciam cada vez mais perdidas. Observe-se que quase ao mesmo tempo em que Kant atacava a doutrina da eternidade do sistema solar, C. F. Wolff desencadeava, em 1759, o primeiro ataque contra a teoria da constância das espécies e proclamava a teoria da evolução. Mas, o que apenas antecipara brilhantemente tomou uma forma concreta nas mãos de Oken, Lemarck e Baer

e foi vitoriosamente implantado na ciência por Darwin, em 1859, exatamente cem anos depois¹⁴.

Quase ao mesmo tempo ficou estabelecido que o protoplasma e a célula, considerados até então como os únicos constituintes morfológicos de todos os organismos, eram também, formas orgânicas inferiores com existência independente. Todas essas realizações reduziram ao mínimo o abismo entre a natureza inorgânica e a orgânica e eliminaram um dos principais obstáculos que se erguiam ante a teoria da evolução dos organismos. A nova concepção da natureza achava-se já traçada em seus aspectos fundamentais: dissolveu-se toda rigidez, tudo o que era inerte adquiriu movimento, toda particularidade considerada como eterna passou a ser passageira, e ficou demonstrado que a natureza move-se num fluxo eterno e cíclico.

E assim voltamos à concepção que os grandes fundadores da filosofia grega tinham do mundo - a concepção de que toda a natureza, desde suas mais ínfimas partículas aos corpos mais gigantescos, desde o grão de areia até o Sol, desde o protista até o homem, acha-se em estado perene de nascimento e morte, em fluxo constante, sujeito a incessantes transformações e movimentos. Com a única diferença essencial de que o que fora para os gregos uma intuição genial é, em nosso caso, o resultado de uma rigorosa investigação científica baseada na experiência e que tem, por isso, uma forma mais definitiva e mais clara.

É certo que a prova empírica desse movimento cíclico não está isenta de lacunas, mas, estas, insignificantes em comparação com o que já se conseguiu estabelecer firmemente, são menores cada ano. Além do mais, como pode ser essa prova isenta de lacunas em alguns detalhes se levarmos em conta que os ramos mais importantes do saber - a astronomia transplanetária, a química, a geologia - contam apenas um século, que a fisiologia

comparada exista apenas há cinquenta anos e que a forma básica de quase todo desenvolvimento vital, a célula, foi descoberta há menos de quarenta anos?

A partir de massas de vapor incandescentes em turbilhão, cujas leis de movimento talvez sejam desvendadas depois das observações de vários séculos nos terem proporcionado claridade sobre o movimento próprio das estrelas, desenvolvem-se, por contração e arrefecimento, os inumeráveis sóis e sistemas solares da nossa galáxia, limitada pelos anéis estelares mais extremos da Via Láctea. Manifestamente, este desenvolvimento não progrediu por toda a parte de um

modo igualmente rápido. A existência de corpos escuros, não simplesmente planetares, portanto, de sóis calcinados, no nosso sistema estelar, impõe-se cada vez mais à astronomia (Mädler); por outro lado (segundo Secchi), uma parte das manchas nebulosas vaporiformes pertence ao nosso sistema estelar como sóis ainda não acabados, pelo que não está excluído que outras nebulosas, como Mädler afirma, sejam longínquas galáxias autónomas, cujo estágio relativo de desenvolvimento o espectroscópio terá de fixar.

Laplace demonstrou, minuciosamente e com mestria até hoje não superada, como um sistema



Isaac Newton

solar se desenvolve a partir de uma massa nebular independente; conquistas posteriores da ciência vieram provar, cada vez com maior força, que ele tinha razão.

Nos corpos Independentes formados dessa maneira - tanto nos sóis como nos planetas e seus satélites - prevaleceu a princípio a forma de movimento da matéria que chamamos calor. Não se pode falar de compostos de elementos químicos nem sequer à temperatura que tem atualmente o Sol; observações posteriores sobre o Sol demonstraram-nos até que ponto o calor se transforma em eletricidade ou em magnetismo; já se acha quase provado que os movimentos mecânicos que se operam no Sol são devidos exclusivamente ao conflito entre o calor e a gravidade.

Os corpos desprendidos das nebulosas esfriam-se mais rapidamente quanto menores são. Primeiro esfriam-se os satélites, os asteroides e os meteoritos, do mesmo modo que a nossa Lua há muito se esfriou. Nos planetas esse processo opera-se mais lentamente, e no astro central com maior lentidão ainda.

Paralelamente ao esfriamento progressivo começa a manifestar-se com força crescente a interação das formas físicas de movimento que se transformam umas em outras, até que, por fim, se chega a um ponto em que a afinidade química começa a deixar-se sentir, em que os elementos químicos antes indiferentes se diferenciam quimicamente, adquirem propriedades químicas e se combinam uns com os outros. Essas combinações alteram-se continuamente com a diminuição da temperatura - que influi de um modo diferente já não só em cada elemento, mas em cada combinação de elementos; mudam com a consequente passagem de uma parte da matéria gasosa primeiro ao estado líquido, depois ao estado sólido e com as novas condições assim criadas.

O período em que o planeta adquire sua crosta sólida e apare-

cem acumulações de água em sua superfície coincide com o período em que a importância do seu calor intrínseco diminui mais e mais em comparação com o que recebe do astro central. Sua atmosfera converte-se em palco de fenômenos meteorológicos no sentido que damos hoje a esta palavra, e sua superfície em palco de mudanças geológicas, nas quais os depósitos resultantes das precipitações atmosféricas vão ganhando cada vez maior preponderância sobre os efeitos, lentamente decrescentes, do fluído incandescente que constituiu um núcleo interior.

Finalmente, quando a temperatura desceu até tal ponto - pelo menos em uma parte importante da superfície que já não ultrapassa os limites em que a albumina é capaz de viver, forma-se, em semelhantes condições químicas favoráveis, o protoplasma vivo. Hoje, ainda não sabemos que condições são essas, o que não pode causar estranheza, já que até agora não se conseguiu estabelecer a fórmula química da albumina, nem sequer conhecemos quantos corpos albuminosos existem, e só há uns dez anos sabemos que a albumina completamente desprovida de estrutura cumpre todas as funções essenciais da vida: a digestão, a excreção, o movimento, a contração, a reação aos estímulos e a reprodução.

Transcorreram seguramente milhares de anos antes que se dessem as condições para o seguinte passo adiante, e da albumina informe surgisse a primeira célula, graças à formação do núcleo e da membrana. Mas com a primeira célula obteve-se a base para o desenvolvimento morfológico de todo o mundo orgânico; o que primeiro se desenvolveu, segundo podemos coligir levando em conta os dados fornecidos pelos - arquivos de paleontologia, foram inúmeras espécies de protistas acelulares e celulares - delas só chegou até nós o Eozoon canadense - que foram diferenciando-se até formar as primeiras plantas e os primeiros animais. E

dos primeiros animais desenvolveram-se essencialmente graças à diferenciação, incontáveis classes, ordens, famílias, gêneros e espécies, até chegar aos vertebrados e, finalmente, entre estes, à forma na qual o sistema nervoso alcança seu mais pleno desenvolvimento e em que a natureza adquire consciência de si mesma, o homem.

Também o homem surge em virtude da diferenciação, e não só como indivíduo - desenvolvendo-se a partir de um simples óvulo até formar o organismo mais complexo produzido pela natureza - mas também no sentido histórico. Quando, depois de uma luta de milênios, a mão por fim se diferenciou dos pés e se chegou à atitude ereta, o homem tornou-se diferente do macaco e ficou assentada a base para o desenvolvimento da linguagem articulada e para o poderoso desenvolvimento do cérebro, que desde então abriu um abismo infranqueável entre o homem e o macaco.

A especialização da mão implica o aparecimento da ferramenta, e esta implica atividade especificamente humana, a ação recíproca transformadora do homem sobre a natureza, a produção. Também os animais têm ferramentas no sentido mais estreito da palavra, mas só como membros de seu corpo: a formiga, a abelha, o castor; os animais também produzem, mas o efeito de sua produção sobre a natureza que os rodeia é igual a zero em relação a esta última.

Unicamente o homem conseguiu imprimir seu selo à natureza, e não só transportando plantas e animais de um lugar para outro, mas inclusive modificando o aspecto e o clima do lugar em que mora, modificando as próprias plantas e os animais a tal ponto que os resultados de sua atividade só podem desaparecer com a extinção geral do globo terrestre. E isso foi conseguido pelo homem valendo-se, antes de tudo e sobretudo, da mão.

Até a máquina a vapor, que é hoje sua ferramenta mais poderosa para a transformação da natureza,

depende, no final das contas, como ferramenta, da atividade das mãos. Contudo, paralelamente às mãos, foi desenvolvendo-se, passo a passo, o cérebro; ia surgindo a consciência, primeiro das condições necessárias para obter certos resultados práticos úteis; depois, sobre essa base, nasceu entre os povos que se achavam numa situação mais vantajosa a compreensão das leis da natureza que determinam os referidos resultados úteis. Ao mesmo tempo que se desenvolvia rapidamente o conhecimento das leis da natureza, aumentavam os meios de ação recíproca sobre ela; a mão só jamais teria conseguido criar a máquina a vapor se, paralelamente e em parte graças à mão, não se teria desenvolvido correlativamente o cérebro do homem.

Com o homem, ingressamos na história. Também os animais têm uma história, a de sua origem e desenvolvimento gradual até seu estado presente. Mas, os animais são objetos passivos da natureza, e quando participam nela, isso se dá sem seu conhecimento ou desejo. Os homens, ao contrário, à medida que se afastam mais dos animais no sentido estrito da palavra, em maior grau fazem eles próprios sua história, conscientemente, e tanto menor é a influência que exercem sobre essa história as circunstâncias imprevistas e as forças incontroladas, e tanto mais exatamente há uma correspondência entre o resultado histórico e os fins de antemão estabelecidos.

Mas, se aplicamos essa mesma escala à história humana, inclusive à história dos povos mais desenvolvidos de nosso século, veremos que mesmo aqui existe ainda uma colossal discrepância entre os objetivos propostos e os resultados obtidos, veremos que continuam prevalecendo as influências imprevistas, que as forças incontroladas são muito mais poderosas do que as postas em movimento de acordo com um plano.

E não será de outro modo enquanto a atividade histórica mais essencial dos homens, aquela que

os elevou do estado animal ao humano e forma a base material de todas as suas demais atividades - refiro-me à produção dos seus meios de subsistência, isto é, ao que chamamos produção social -- for particularmente subordinada à ação imprevista de forças incontroladas e enquanto o objetivo desejado for atingido só com exceção, e muito mais frequentemente se obtenham resultados diametralmente opostos.

Nos países industriais mais adiantados submetemos as forças da natureza, pondo-as a serviço do homem; graças a isso aumentamos incomensuravelmente a produção, de modo que hoje uma criança produz mais do que antes cem adultos produziam. Mas, quais foram as consequências desse incremento da produção?

O aumento do trabalho esgotador, uma miséria crescente das massas e uma crise imensa cada dez anos. Darwin não suspeitava que sátira tão amarga escrevia dos homens, em particular de seus compatriotas, quando demonstrou que a livre concorrência, a luta pela existência celebrada pelos economistas como a maior realização histórica, era o estado normal do mundo animal. Só uma organização consciente da produção social, em que a produção e a distribuição obedeçam a um plano, pode elevar socialmente os homens sobre o resto do mundo animal, do mesmo

modo que a produção em geral os elevou como espécie.

O desenvolvimento histórico torna cada dia essa organização mais necessária e mais possível. Ela é que dará nascimento à nova época histórica em que os próprios homens, e com eles todos os ramos de sua atividade, especialmente as ciências naturais, alcançarão êxitos em face dos quais será eclipsado tudo o que foi conseguido até agora.

Mas, "tudo o que nasce merece morrer" (Palavras de Mefistófeles no Fausto, de Goethe, parte I, cena 3, nota do editor). Talvez passem ainda milhões de anos, vão nascer e baixar à sepultura centenas de milhares de gerações, mas se aproxima inflexivelmente o tempo em que o calor decrescente do Sol já não poderá derreter o gelo procedente dos polos; a humanidade, cada vez mais amontoada em torno do equador, não encontrará nem sequer ali o calor necessário para a vida; irá desaparecendo paulatinamente todo sinal de vida orgânica, e a Terra, morta, convertida numa esfera fria, como a lua, girará nas trevas mais profundas, seguindo órbitas mais e mais reduzidas em volta do Sol, também morto, e sobre o qual, por fim, cairá.

Alguns planetas terão essa sorte antes da Terra, outros depois; e em lugar do luminoso e cálido sistema solar, com a harmoniosa disposição de seus componentes, restará tão só uma esfera fria e morta, que



Cena de Fausto, de Goethe. Ilustração de Eugène Delacroix

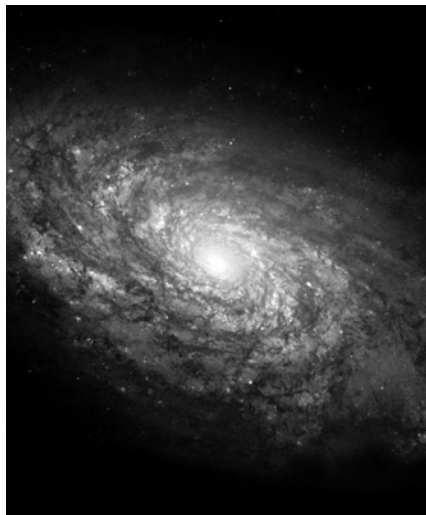
continuará ainda seu solitário caminho pelo espaço cósmico. Destino igual ao que aguarda o nosso sistema solar, será, antes ou depois, o de todos os demais sistemas de nossa galáxia, inclusive aqueles cuja luz jamais alcançará a Terra enquanto restar um ser humano capaz de percebê-la.

Mas o que se passará quando esse sistema solar houver terminado a sua existência, quando passar pela sorte de tudo o que é finito, a morte? Continuará o cadáver do Sol eternamente pelo espaço infinito, e todas as forças da natureza, antes infinitamente diferenciadas, em uma única forma do movimento, na atração?

“Ou - como pergunta Secchi - há na natureza forças capazes de fazer com que o sistema morto volte a seu estado original de nebulosa incandescente, capazes de despertá-lo para uma nova vida? Não o sabemos”.

Sem dúvida, não o sabemos no sentido em que sabemos que $2 \times 2 = 4$ ou que a atração da matéria aumenta e diminui na razão do quadrado da distância. Mas nas ciências naturais teóricas - que, na medida do possível, unem sua concepção da natureza em um todo harmonioso, e sem as quais o empírico mais limitado nada pode fazer em nossos dias -, temos com frequência que operar com magnitudes imperfeitamente conhecidas; e a consequência lógica do pensamento teve que suprir, em todos os tempos, a insuficiência de nossos conhecimentos.

As ciências naturais contemporâneas viram-se constrangidas a tomar da filosofia o princípio da indestrutibilidade do movimento; sem esse princípio as ciências naturais já não podem existir. Mas, o movimento da matéria não é unicamente tosco movimento mecânico, mera troca de lugar; é calor e luz, tensão elétrica e magnética, combinação química e dissociação, vida e, finalmente, consciência. Dizer que a matéria em toda a eternidade só uma vez - e isso por um Instante, em comparação com sua eternidade - pode diferenciar seu movimento e, com isso, desfraldar toda a riqueza



dele, e que antes e depois disso se viu limitada a simples deslocamentos de lugar - dizer tal coisa equivale a afirmar que a matéria é perecível e o movimento passageiro.

A indestrutibilidade do movimento deve ser compreendida não só no sentido quantitativo, mas também no sentido qualitativo. A matéria cujo simples deslocamento mecânico de lugar inclui a possibilidade de transformação, verificando-se condições favoráveis, em calor, eletricidade, ação química, vida, mas que é incapaz de produzir essas condições por si mesmo - essa matéria sofreu determinado prejuízo em seu movimento. O movimento que perdeu a capacidade de ver-se transformado nas diferentes formas que lhe são próprias, embora possua ainda *dynamis*, já não tem energia, e por isso se acha praticamente destruído. Mas é inconcebível que ocorram um e outro.

Está fora de dúvida, em todo caso, que houve um tempo em que a matéria de nossa galáxia convertia em calor uma quantidade tão grande de movimento - até hoje não sabemos de que gênero - que dele puderam desenvolver-se os sistemas solares pertencentes (segundo Mädler) pelo menos a vinte milhões de estrelas e cuja extinção gradual é igualmente indubitável. Como se operou essa transformação?

Sabemos disso tão pouco como o padre Secchi sabe se o futuro caput mortuum de nosso sistema solar se converterá de novo, algu-

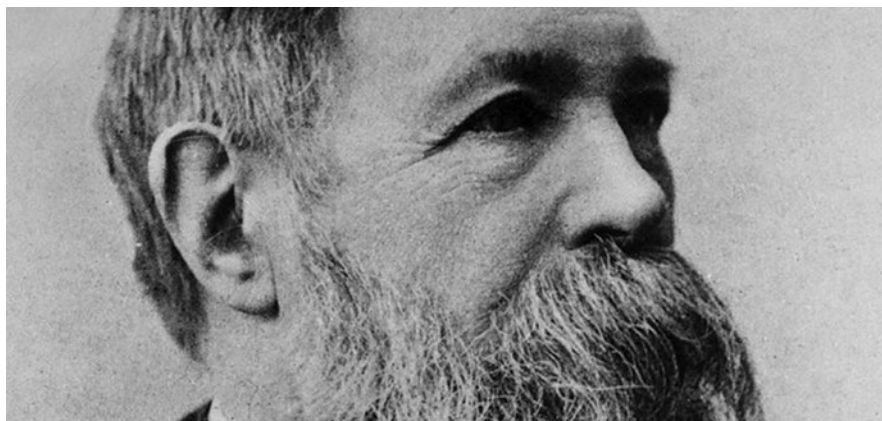
ma vez, em matéria-prima para novos sistemas solares. Mas aqui nos vemos obrigados ou a recorrer à ajuda do criador ou a concluir que a matéria-prima incandescente que deu origem aos sistemas solares de nossa galáxia produziu-se de forma natural, por transformações do movimento que são inerentes por natureza à matéria em movimento e cujas condições devem, por conseguinte, ser reproduzidas pela matéria, embora depois de bilhões de anos, mais ou menos acidentalmente, mas com a necessidade que é também inerente à casualidade.

Agora é cada vez mais admitida a possibilidade de semelhante transformação. Chega-se à convicção de que o destino final dos corpos celestes é cair uns sobre outros e se calcula inclusive a quantidade de calor que deve desenvolver-se em tais colisões. O aparecimento repentino de novas estrelas e o não menos repentino aumento do brilho de estrelas há muito conhecidas - sobre o que nos informa a astronomia - podem ser facilmente explicados por semelhantes colisões.

Ademais, deve-se ter em conta que não somente os nossos planetas giram em torno do Sol e que não só o nosso Sol se move dentro de nossa galáxia, mas que toda esta última se move no espaço cósmico, achando-se em equilíbrio temporário relativo com as outras galáxias, pois mesmo o equilíbrio relativo dos corpos que flutuam livremente pode existir só ali onde o movimento está reciprocamente condicionado; além disso, alguns admitem que a temperatura no espaço cósmico não é em toda parte a mesma.

Finalmente sabemos que, com exceção de uma porção infinitesimal, o calor dos inumeráveis sóis de nossa galáxia desaparece no espaço cósmico, procurando em vão elevar sua temperatura, ainda que seja em um milionésimo de grau centígrado. Que se faz de toda essa enorme quantidade de calor?

Perde-se para sempre em sua tentativa de esquentar o espaço cósmico, cessa de existir pratica-



Friedrich Engels

mente e continua existindo só teoricamente no fato de que o espaço cósmico se aqueceu em uma fração decimal de grau, que começa com dez ou mais zeros?

Essa suposição nega a indestrutibilidade do movimento; admite a possibilidade de que pela queda sucessiva dos corpos celestes uns sobre outros, todo o movimento mecânico existente se converterá em calor irradiado ao espaço cósmico, graças ao qual, a despeito de toda a “indestrutibilidade da força”, cessaria em geral todo movimento. (Vê-se por aqui, certamente, quanto é incorreta a expressão indestrutibilidade da força em lugar de indestrutibilidade do movimento). Chegamos assim à conclusão de que o calor irradiado ao espaço cósmico deve, de um modo ou de outro - chegará um tempo em que as ciências naturais se proporão a tarefa de averiguá-lo - converter-se em uma forma de movimento em

que tenha a possibilidade de concentrar-se uma vez mais e funcionar ativamente. Desaparece com isso o principal obstáculo que hoje existe para o reconhecimento da reconversão, dos sóis extintos em nebulosas incandescentes.

Ademais, a sucessão eternamente reiterada dos mundos no tempo infinito é apenas um complemento lógico à coexistência de inumeráveis mundos no espaço infinito. Esse é um princípio cuja necessidade indiscutível mesmo o cérebro antiteórico do ianque Draper¹⁵ foi forçado a reconhecer.

Esse é o céu eterno em que se move a matéria, um ciclo que unicamente encerra sua trajetória em períodos para os quais o nosso ano terrestre não pode servir de unidade de medida, um ciclo no qual o tempo de máximo desenvolvimento, o tempo da vida orgânica e, ainda mais, o tempo de vida dos seres conscientes de si mesmos e

da natureza, é tão precariamente medido como o espaço em que existem a vida e a autoconsciência; um ciclo no qual cada forma finita de existência da matéria - tanto um sol como uma nebulosa, um indivíduo animal ou uma espécie de animais, a combinação química ou a dissociação - é igualmente passageira e no qual nada existe de eterno além da matéria em eterno movimento e transformação e as leis segundo as quais se move e se transforma.

Mas, por mais frequente e inflexivelmente que esse se opere no tempo e no espaço, por mais milhões de sóis e terras que nasçam e morram, por mais que possam demorar em criar-se em um sistema solar e mesmo em um só planeta as condições orgânicas, por mais inumeráveis que sejam os seres orgânicos que devam surgir e perecer antes de se desenvolverem de seu meio animais com um cérebro capaz de pensar e que encontrem por um breve prazo condições favoráveis para sua vida, para ser logo também aniquilados sem piedade, temos a certeza de que a matéria será eternamente a mesma em todas; as suas transformações, de que nenhum de seus atributos pode jamais perder-se e que, por isso, com a mesma necessidade férrea com que há de exterminar na Terra sua criação superior, a mente pensante, há de voltar a criá-la em algum outro lugar.

SOBRE O TEXTO QUE PUBLICAMOS

Esta Introdução foi escrita por Engels em 1875/1876, mas publicada pela primeira vez somente em 1925. Esta versão que hoje publicamos não é uma tradução de apenas uma versão já publicada. Utilizamos diversas versões em espanhol, francês e inglês e também a tradução portuguesa da Marxist Internet Archives ([Link aqui](#)), que tem como base a edição soviética de 1952 feita a partir do manuscrito

em alemão. A maioria das Notas de rodapé, selecionadas e adaptadas, foram tiradas da versão portuguesa do texto, cedida ao MIA pela Editorial Avante – Edições Progresso Lisboa, Moscou, 1982.

Todas as versões são basicamente idênticas e corretas, entretanto, o linguajar, as expressões utilizadas, na maior parte das vezes não correspondem a uma versão clara e simples de se entender

hoje. Um exemplo: diversas versões traduzem a palavra alemã *Weltinsel* literalmente, o que dá “Ilha do mundo”, outros usam a expressão criada por William Herschel de “Nebulosa Espiral”, mas nos tempos de Engels a expressão consagrada era de “Universo Insular”, daí a palavra “*Weltinsel*” usada no manuscrito. Só mais tarde se convencionou adotar o termo “Galáxia”, que vem da mitologia gre-

ga para designar a galáxia em que vivemos mais ou menos como um “círculo leitoso”.

Enfim, a versão que publicamos recorre a inúmeras versões traduzidas do alemão para diferentes línguas. Ela é como um trabalho

coletivo internacional e não uma tradução individual. Acredito que este magnífico trabalho de Engels sobre a ciência e a história é ótimo começo para a leitura de seu livro. E também um feixe de luz poderoso nestes tempos em que o obscuran-

tismo e a trevas da Idade Média vão tomando passo a passo as mentes e os corações da atual classe dominante e seus políticos e religiosos criacionistas e terraplanistas.

O editor

NOTAS

¹ Período que se conhece como “Renascimento”.

² Expressão em latim, literalmente orbe das terras, isto é, globo terrestre. Expressão pela qual os romanos designavam a Terra.

³ Engels refere-se ao hino de Lutero *Ein feste Burg ist unser Gott* (Deus É a Nossa Cidadela). Na sua obra *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland* (Para a História da Religião e da Filosofia na Alemanha), tomo II, H. Heine chama a este hino “a Marselhesa da Reforma”.

⁴ Em 1520, Lutero queimou publicamente, em Wittenberg, a bula papal que o exortava a retratar-se.

⁵ Copérnico recebeu o primeiro exemplar do seu livro *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (Das Revoluções dos Círculos Celestes), no qual expunha o sistema heliocêntrico do mundo, a 24 de Maio (calendário juliano) de 1543, dia da sua morte.

⁶ Na margem do manuscrito, Engels anotou a lápis: “*Torricelli por ocasião da regulação das torrentes dos Alpes*”.

⁷ De acordo com as concepções reinantes na química do século XVIII, considerava-se que o processo de combustão era determinado pela existência de uma substância especial nos corpos, o flogisto, que provocava a combustão. O químico francês Lavoisier deu a explicação correta do processo de combustão como reação de combinação de um corpo combustível com o oxigênio.

⁸ Trata-se do livro de Kant *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* (História Universal da Natureza e Teoria do Céu), publicada anonimamente em 1755. Nesta obra era exposta a hipótese cosmogónica de Kant, segundo a qual o sistema solar se terá desenvolvido a partir de uma nebulosa originária. Laplace expôs pela primeira vez a sua hipótese sobre a formação do sistema solar no último capítulo da sua obra *Exposition du système du monde* (Exposição do Sistema do Mundo), tomos I e II, Paris, 1796.

⁹ Na margem do manuscrito, Engels fez a seguinte observação: “*A fixidade da velha visão da Natureza forneceu o terreno para a apreensão geral do conjunto da ciência da Natureza como um todo. Os enciclopedistas franceses, ainda puramente mecânicos, paralelamente; depois, simultaneamente, Saint Simon e a filosofia alemã da Natureza, completada por Hegel*”.

¹⁰ “*Quão inabalavelmente, ainda em 1861, um homem pode acreditar nesta perspectiva, [um homem] cujas realizações científicas forneceram material altamente significativo para a sua eliminação, mostram-no as seguintes palavras clássicas: Todos [os dispositivos no sistema do nosso Sol visam, na medida em que estamos em condições de o penetrar, a preservação do subsistente e a sua duração inalterável. Assim como nenhum animal, nenhuma planta, da Terra, desde os tempos mais antigos, se tornou mais perfeito ou, em geral, diferente, assim como nós em todos os organismos apenas encontramos estádios paralelos e não sucessivos, assim como o nosso próprio género, no que se refere ao corpo, sempre permaneceu o mesmo — assim também mesmo a maior diversidade de corpos celestes coexistentes não nos autoriza a admitir nessas formas simples estádios diversos de desenvolvimento; pelo contrário, todo o criado é igualmente perfeito] em si*” (Mädler, *Astronomia Popular*, Berlin 1861, 5. Aufl., S. 316). (Nota de Engels)

¹¹ Trata-se da ideia expressa por I. Newton na obra *Philosophiae naturalis principia mathematica* (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), livro III, Considerações Gerais. Ao referir-se a esta expressão de Newton, Hegel, na sua (*Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften* (Enciclopédia das Ciências Filosóficas), § 98, Zusatz (Aditamento) 1, observa: “*Newton... avisou expressamente a física para se guardar da metafísica...*”.

¹² Na margem, Engels fez a seguinte observação a lápis: “*Retardamento das rotações pelas marés, também de Kant, só agora entendido.*”

¹³ O defeito de visão de Lyell — pelo menos na sua primeira forma — estava em que ele concebia as forças que agem sobre a Terra como constantes, constantes segundo a qualidade e a quantidade. Para ele, não havia o arrefecimento da Terra; a Terra não se desenvolve numa direção determinada, transforma-se de uma maneira desconexa, casual. (Nota de Engels)

¹⁴ Em 1859 foi publicado em Londres o livro de Charles Darwin *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (Sobre a Origem das Espécies por meio da Seleção Natural, ou a Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Vida).

¹⁵ “*The multiplicity of worlds in infinite space leads to the conception of a succession of worlds in infinite time.*” Draper, *Hist. Int. Devel.*, vol. II, p. 325. (Nota de Engels)